

GARTH NIX

As Chaves do Reino

O Furioso Quinta-Feira



 FUNDAMENTO



Setembro de 2010, Editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento Capa e editoração eletrônica: Duilio David Scrok CTP e impressão: SVP — Gráfica Pallotti Tradução: E. Siegert e Cia. Ltda. (Edite Siegert Sciulli)

Produzido originalmente por Scholastic Press.

Copyright texto © Garth Nix, 2005.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nix, Garth

As Chaves do Reino: O Furioso Quinta-Feira/Garth Nix; [versão brasileira da editora] — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2010.

Título original: The Keys to the Kingdom: Sir Thursday 1. Literatura infantojuvenil L Título.
08-10813 CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura infantojuvenil 028. 5

2. Literatura juvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1. 825, de dezembro de 1907. Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Telefone: (41) 3015 9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna

GARTH NIX

As Chaves do Reino

O Furioso Quinta-Feira





Prólogo

O lado ocidental do Grande Labirinto terminava em uma fileira de montanhas. Com 4800 metros de altura, a cadeia de montanhas se misturava ao teto da Casa e não havia vale, abertura ou fenda que pudesse levar ao outro lado. Pois o que existia além da imensa barreira de rocha e gelo era o Nada. As montanhas eram uma parede da Casa, uma proteção e um contraforte contra os corrosivos efeitos do Vazio e os ataques dos Nadicas, criaturas que emergiam do Nada.

Havia apenas um lugar pelo qual os Nadicas podiam entrar na Casa. Há muito tempo, quando as montanhas foram criadas, um túnel foi construído também. Um túnel em arco de 11 quilômetros de comprimento, 3, 5 quilômetros de largura e 800 metros de altura, bloqueado por quatro enormes portões. O portão externo, ao lado da Casa, era revestido por uma camada de quase 3 centímetros de ouro e selado com metal por meio de forças Imateriais que não podiam ser rompidas facilmente por simples Nada ou por feitiçaria. O portão seguinte, 800 metros adiante, era folhado a prata. O terceiro, a outro tanto de distância, era de bronze. O quarto e último, o que levava ao Nada, era chamado de Portão Transparente. Ele era puramente Imaterial e totalmente translúcido, exceto por um bruxulear que era doloroso até para olhos imortais.

Apesar dessa dor, os Habitantes que guardavam o Portão Transparente olhavam através dele para a região estranha e em constante mudança que havia do outro lado, as terras transitórias onde parte da virtude da Casa ainda moldava o Nada, de modo a ter uma imagem de solidez. Era a periferia do Nada, mas o próprio Vazio nunca estava muito longe. Às vezes, o Nada quase tocava o Portão Transparente e, às vezes, ficava muito distante, fora de vista.

O objetivo do túnel era deixar entrar, em épocas específicas, uma quantidade controlada de Nadicas no Grande Labirinto. Esses Nadicas proporcionavam treinamento e entretenimento ao Glorioso Exército da Arquiteta, que estava baseado no Grande Labirinto.

A rotina para essas entradas nunca variava. Se uma pequena quantidade de Nadicas — apenas 1 ou 2 mil — era exigida, então o Portão Transparente era aberto apenas o tempo suficiente para deixá-los entrar. Em seguida era fechado e os Nadicas passavam pelo Portão de Bronze, que era fechado atrás deles. O processo era então repetido no Portão de Prata e no Portão de Ouro, de onde os Nadicas emergiam para entrar na Casa propriamente dita. A norma determinava que os quatro portões nunca deveriam ser abertos simultaneamente, por isso apenas duas vezes em toda a história da Casa três portões foram abertos ao mesmo tempo para admitir mais de cem mil Nadicas.

Os portões eram abertos e fechados por meio de um mecanismo de engrenagens gigantes que era posto em funcionamento por rios subterrâneos que serpenteavam entre as paredes das montanhas. Cada portão era operado apenas por uma alavanca e as quatro alavancas ficavam na sala dos comutadores do Forte da Fronteira, um complexo de salas e câmaras construídas na montanha acima do túnel. Entrava-se no forte por meio de uma série de rampas que ziguezagueavam montanha acima, todas pesadamente fortificadas por bastiões e revelins.

O Forte da Fronteira era defendido por um destacamento da Legião, da Horda, do Regimento ou da Companhia de Artilharia Moderadamente Honrada. A guarda mudava a cada século pelo Tempo da Casa.

Atualmente, pouco mais de dez mil anos após o desaparecimento da Arquiteta, o Forte da Fronteira era guarnecido por uma coorte da Legião comandada pelo coronel Trabizond Nage, 13. 338º em precedência dentro da Casa.

O coronel Nage estava em seu escritório, vestindo a couraça cerimonial prateada e o capacete emplumado de seu posto, quando um ordenança bateu na porta.

— O que foi? — perguntou. Ele estava um pouco distraído, pois em uma hora estaria comandando a abertura do Portão Transparente e permitindo a entrada de 10 mil Nadicas, a quantidade escolhida de inimigos para a 108. 217ª Campanha do Exército.

— Visitante do QG, senhor — o ordenança avisou. — E o tenente Corbie quer dar uma informação importante.

Nage franziu o cenho. Como todos os Habitantes superiores, ele era muito bonito e alto, e o franzir de testa mal alterava sua feição. Ele fez cara feia porque não tinha recebido nenhuma mensagem sobre um visitante do Quartel-General do Exército e nenhum alerta dos amigos e dos antigos camaradas de lá.

O coronel prendeu o barbicacho e apanhou sua cópia das Efemérides da 108. 217^a Campanha. Elas tinham sido ajustadas às suas mãos e explodiriam se outra pessoa as tocasse, motivo pelo qual sua capa de couro vermelho tinha gravado o seu nome com letras maiúsculas de 7 centímetros de altura. As Efemérides não apenas registravam quando os portões deveriam ser abertos e em que sequência, mas também eram um guia para a movimentação de alguns ladrilhos do Grande Labirinto.

Com a exceção de uns poucos locais, o Grande Labirinto era dividido em 1 milhão de ladrilhos de 1, 6 quilômetro quadrado. Ao pôr do sol, cada ladrilho se movia para um novo local, segundo o plano estabelecido pelo Furioso Quinta-Feira com um ano ou mais de antecedência. Para se chegar a qualquer lugar no Grande Labirinto, era preciso saber para onde o ladrilho de 1, 6 quilômetro estava indo — ou não. As Efemérides também revelavam o tipo de terreno e outras características de cada ladrilho, onde havia estoques de água, alimentos e munição ou qualquer outra informação especial.

Depois de enfiar suas Efemérides em um bolso parecido com uma algibeira na frente da longa túnica de couro, o coronel Nage pegou sua espada-selvagem e a introduziu em uma bainha revestida de bronze ao lado do corpo. Tratava-se de uma lâmina de serviço, uma das armas-padrão da Legião. Copiada das legiões romanas da Terra nos Reinos Secundários, ela se parecia com um gládio, mas tinha sido feita nas oficinas do Horrível Terça-Feira. Sua lâmina tinha o brilho gélido das estrelas e o cabo acastanhado, endurecido pela gravidade. Uma partícula enfeitiçada de Nada que envolvia o punho lhe dava vários poderes úteis, inclusive uma lâmina giratória.

Nage abriu a porta e pediu ao ordenança:

— Mande o visitante entrar. Vou ver Corbie daqui a alguns minutos.

O visitante era um major do estado-maior vestindo o uniforme da Cidadela que abrigava o Quartel-General (ou QG) do Furioso Quinta-Feira e era uma das regiões do Grande Labirinto que não se movia. Sua túnica vermelha com botões dourados e o chapéu preto envernizado na cabeça eram cópias de

originais usados no século 19 na Terra, aquele lugar apreciado que oferecia muitas ideias e objetos que os Habitantes da Casa podiam imitar. Ele levava uma bengala flexível debaixo do braço que provavelmente era uma espécie de arma enfeitiçada.

— Olá, coronel — o Habitante cumprimentou.

Ele ficou em posição de sentido e bateu uma continência muito elegante que Nage retribuiu batendo ruidosamente com a braçadeira do punho direito na couraça que lhe protegia o peito.

— Sou o major Pravuil. Trago mensagens do QG. Modificação nas suas Efemérides.

— Modificação? Isso nunca aconteceu antes!

— Mudança de planos para a campanha — Pravuil anunciou com tranquilidade. — O Furioso Quinta-Feira quer realmente testar os rapazes desta vez. Aqui está. Por favor, é só assinar no canto inferior direito, senhor, e depois colocar a página nas suas Efemérides.

Nage assinou o papel rapidamente, apanhou suas Efemérides e colocou a página em cima do livro. Ela permaneceu ali por um segundo e estremeceu como se uma brisa tivesse soprado pelo aposento. Enquanto os Habitantes olhavam, a página afundou no livro e desapareceu na encadernação como água em uma esponja.

Nage esperou alguns segundos, depois apanhou as Efemérides, abriu-as no dia atual e leu o que estava escrito duas vezes, voltando a franzir o cenho.

— Mas o que é isso? Os quatro portões abertos? Isso vai contra as ordens estabelecidas!

— Que foram ignoradas por ordens diretas do Furioso Quinta-Feira.

— Você sabe que não tenho uma guarnição completa aqui — Nage argumentou. — Estamos com falta de homens. Só tenho um grupo da Legião e uma tropa de Guardas da Fronteira. E se o forte for atacado enquanto os portões ainda estiverem abertos?

— O senhor vai defendê-lo — Pravuil respondeu. — Vai ser apenas a mesma turba de Nadicas de sempre, só que em número maior.

— Esse é o problema — Nage retrucou. — Os Guardas da Fronteira informaram que algo estranho está ocorrendo na zona de transição. Tem havido uma paisagem sólida lá durante os últimos meses e não se pode ver nem ao mesmo o Vazio do Portão Transparente. O último relatório informa

que existem colunas de Nadicas marchando de algum lugar para aquela região. Nadicas organizados.

— Nadicas organizados? — zombou Pravuil. — Os Nadicas são incapazes de se organizar. Eles surgem do Nada, lutam como idiotas (um contra o outro, se não conseguem entrar na Casa propriamente dita) e voltam para o Nada onde os matamos. Sempre foi assim e sempre vai ser.

— Perdoe-me, major, não é bem assim no momento — disse uma nova voz da porta.

Um Habitante usando a túnica cor de areia dos Guardas da Fronteira com um arco longo pendurado nas costas estava ali parado em posição de sentido. Ele exibia cicatrizes de vários ferimentos provocados pelo Nada no rosto e nas mãos, típicas de Habitantes que patrulhavam as regiões onde a Casa fazia fronteira com o Nada, não apenas no Grande Labirinto, mas também em outras regiões.

— Posso apresentar meu relatório, coronel? — perguntou ele.

— Claro, faça isso, Corbie — Nage pediu. Ele estendeu a mão por baixo da couraça e tirou um relógio de bolso, abrindo o estojo com uma das mãos. — Ainda temos quarenta minutos.

Corbie manteve a posição de sentido e falou para um ponto ligeiramente acima da cabeça de Nage como se houvesse uma plateia ali.

— No 17º instante, deixei a porta falsa do Portão Transparente com quatro Sargentos e seis Guardas da Fronteira comuns. As peneiras indicavam um nível muito baixo de Nada livre na região, e o próprio Vazio estava a pelo menos vinte quilômetros de distância, medidos pelo Não parelho. Não pudemos vê-lo, nem muita coisa mais, pois imediatamente tudo na frente do Portão Transparente ficou obscurecido por uma névoa totalmente incomum.

Ele continuou seu relato.

— Marchamos diretamente para dentro da névoa e descobrimos que ela tinha uns 30 metros de largura e que era gerada por meios desconhecidos, provavelmente feitiços. Ela se desprendia de colunas de bronze semelhantes a chaminés instaladas em intervalos numa fileira de 1,6 quilômetro de comprimento do lado oposto do Portão Transparente. Ao passarmos pela névoa, descobrimos que uma enorme planície forrada de grama tinha se formado do Nada, juntamente com um rio largo perto de nós. Do outro lado do rio, havia milhares de barracas, todas da mesma cor, arranjadas em fileiras de cem, com um estandarte no início de cada uma. Era completamente

diferente do acampamento rudimentar de Nadicas e notamos também que havia uma enorme praça de armas de terra batida além das barracas, onde uma força, que calculo ter entre 2 e 3 mil Nadicas, estava marchando em formação de batalha.

Corbie prosseguiu:

— Marchando, senhor! Nós nos aproximamos e, com meu telescópio, pude constatar que os Nadicas não só estavam usando uniformes, mas também eram dotados de atributos físicos notavelmente harmoniosos, com pequenas variações de forma insignificantes, como um tentáculo aqui e ali ou mandíbulas mais alongadas. Nesse momento, uma sentinela Nadica escondida na grama soou o alarme. Devo confessar que fiquei surpreso com a presença da sentinela e, com a rápida resposta, visto que uma força oculta emergiu imediatamente das margens do rio. Fomos perseguidos de volta ao Portão Transparente e conseguimos voltar bem a tempo de atravessar a porta falsa sem sofrer baixas.

Após respirar, ele concluiu:

— Fim do relatório, senhor!

Nage olhou para Corbie fixamente por um instante como se não pudesse acreditar no que ouvia. Por fim, piscou várias vezes e falou.

— Isso é muito perturbador! E obviamente muda os fatos. Não podemos abrir todos os quatro portões com tal exército de Nadicas esperando para atacar!

— O senhor pretende desobedecer as ordens diretas do Furioso Quinta-Feira? — Pravuil perguntou lentamente.

Ele bateu a bengala na palma da mão esquerda, fazendo com que pequenas faíscas roxas surgissem e se espalhassem entre seus dedos.

— O senhor sabe que deverei liberá-lo do comando caso isso aconteça.

— Não... não — Nage se apressou em responder. Ele olhou para o relógio.
— Ainda temos tempo. Vou chamar o general Lepter.

O coronel voltou para a escrivaninha e abriu uma gaveta. Em seu interior, havia meia dúzia de pequenos soldados de chumbo, cada um pintado com diferentes uniformes do Exército da Arquiteta. Nage selecionou um que usava um capacete com longas plumas e armadura dourada de um legado da Legião, um posto igual ao do general nos outros comandos do Glorioso Exército da Arquiteta.

Nage colocou seu soldadinho em um pedestal de marfim que parecia um tinteiro seco. Quando a figura entrou em contato com o pedestal, suas bordas se turvaram por um segundo antes de se transformar em uma minúscula duplicata do legado real, vivo e respirando. O pequeno soldado olhou para Nage e falou com voz aguda e penetrante como se estivesse no aposento com seu tamanho normal, e não com apenas 10 centímetros de altura.

— O que foi, Nage?

O coronel bateu no peito com o braçal antes de falar.

— Recebi uma mudança em minhas Efemérides por parte do QG, entregue por um major Pravuil. Ela determina que todos os quatro portões sejam abertos durante doze horas. Mas vimos uma força organizada de pelo menos 200 mil Nadicas disciplinados esperando na região de transição.

— E sua pergunta é...

— Quero ter certeza absoluta de que a mudança nas minhas Efemérides é autêntica, e não algum truque excepcional dos Nadicas.

— Conheço o major Pravuil — Lepter respondeu. — Ele é um dos muitos mensageiros que participam mudanças a todas as Efemérides dos oficiais. O Furioso Quinta-Feira deseja testar o Exército como não tem sido testado há milênios.

— Nesse caso, solicito reforços urgentes — Nage retrucou. — Não tenho certeza de que posso proteger um forte com um número insuficiente de soldados, se a força de Nadicas tentar um ataque.

— Não seja ridículo, Nage — zombou Lepter. — Esses Nadicas podem parecer organizados, mas vão se descontrolar assim que atravessarem o túnel. Uma dúzia de ladrilhos com abundante vida selvagem foi movida na noite passada do outro lado do Portão Dourado. Os Nadicas vão caçar como sempre fizeram e os ladrilhos vão movê-los para outro lugar ao cair da noite e separar suas forças. Estratégia tectônica, Nage! Falo com você mais tarde.

O pequeno legado congelou e era novamente uma figura de chumbo. Nage o tirou do pedestal e o jogou de volta na gaveta.

— A questão parece clara, coronel — Pravuil afirmou. — Não é melhor transmitir suas ordens para que todos os quatro portões sejam abertos?

Nage o ignorou. Foi até um pequeno armário revestido de nogueira encostado à parede, abriu a porta de vidro e puxou uma prateleira onde se encontrava um telefone. Apanhando o fone, ele falou no bocal.

— Chame Meio-Dia de Quinta-Feira. Assunto militar urgente.

Ouviram-se sussurros e estalidos no fone.

— Coronel Nage do Forte da Fronteira.

Mais sussurros e estalos e então uma voz retumbante encheu todo o aposento.

— Marechal Meio-Dia falando! É Nage, não é isso? O que você quer?

Nage repetiu rapidamente o que tinha dito ao general Lepter.

Antes que pudesse terminar, a voz estridente de Meio-Dia o interrompeu.

— Você recebeu as ordens, Nage! Obedeça e não fuja da hierarquia de comando novamente! Ponha Pravuil na linha.

Nage recuou, deixando o fone pendurado. Pravuil passou por ele e apanhou o telefone. Desta vez, a voz de Meio-Dia não encheu a sala. Ele falou baixinho com Pravuil por um minuto. Pravuil sussurrou de volta e depois se ouviu um clique muito alto quando o major desligou o aparelho.

— Devo voltar à Cidadela imediatamente — Pravuil avisou. — O senhor está pronto para seguir suas ordens, coronel?

— Estou — Nage confirmou. Ele tirou o relógio e o verificou novamente.

— Os Nadicas não vão levar muito tempo para atravessar o túnel, major. Pode se retirar.

— Tenho duas montarias esperando — Pravuil informou. Ele bateu nas Efemérides dentro da bolsa de lona que levava ao lado. — E tem um ladrilho a dez quilômetros de distância que vai me levar até o meio caminho da Cidadela ao anoitecer.

— Então, vá — Nage disse, sem tentar esconder o desdém por um oficial que partia diante de uma batalha iminente.

Ele esperou até que Pravuil deixasse a sala e disparou uma série de ordens ao tenente Corbie e ao ordenança que entrou no aposento.

— Corbie! Reúna seus homens e deixe o forte imediatamente. Você deve hostilizar e combater o inimigo assim que ele deixar o Portão Dourado, tentando atraí-lo para aqueles ladrilhos lotados de vida selvagem e para longe do forte. Você tem figuras de comunicação para qualquer um que esteja fora do forte?

— Só tenho meu superior imediato, o capitão Ferouk. Ele se encontra na fortaleza branca, não no QG.

Nage remexeu na gaveta da escrivaninha e entregou dois soldados de chumbo ao tenente, um usando um uniforme escarlata, o outro, um azul-claro.

A figura vestida de escarlate tinha um chapéu alto adornado com penas e a de uniforme azul usava um boné de couro achatado.

— Meus amigos, coronel Repton, do Regimento, e major Scaratt, da Artilharia. Os dois estão no QG e talvez possam ajudá-lo, tenente, se tudo sair tão errado quanto imagino. Agora, vá andando!

Corbie fez uma saudação, girou nos calcanhares e se afastou marchando. O ordenança se aproximou quando o guarda da Fronteira saiu. Ele tinha uma longa corneta ao lado do corpo, um instrumento de bronze de pelo menos 1, 20 m de comprimento.

— Toque o alerta geral — ordenou Nage. — É reunião de oficiais.

O ordenança levou a corneta aos lábios, apontando-a para a parede. Suas bochechas inflaram e ele soprou, mas nenhum som saiu da campana. Somente um segundo depois o repique chegou ao exterior, ecoando ali e em todas as partes do forte, mesmo nas partes mais distantes.

O corneteiro tocou dois chamados diferentes duas vezes. Quando os últimos repiques sumiram, ele baixou o instrumento e ficou em posição de sentido.

— Há quanto tempo servimos juntos, Hopell? — Nage quis saber.

— Oito mil quatrocentos e vinte e seis anos, senhor — o ordenança respondeu. — Esse é o tempo na Legião, sem contar a escola de Recrutas.

— Quantos da nossa classe de Recrutas ainda vivem?

— Acho que apenas seis. Ropresh acabou se curando daquele ferimento de Nada, mas ele não conta. Pois só realiza trabalhos leves, já que a perna dele derreteu...

— Você acha que vamos lutar tão bem sabendo que existe uma chance muito maior do que a normal de sermos mortos?

— O que quer dizer, senhor? — Hopell indagou. — Nós somos Legionários do Glorioso Exército da Casa. Estamos preparados para morrer, se for preciso.

— Estamos? — Nage não parecia ter tanta certeza. — Certamente estamos preparados para sermos feridos, mas poucos de nós morrem. E sempre vencemos. Temo que seja cedo para mudar. Quando os quatro portões forem abertos e o forte enfrentar uma batalha, nós vamos lutar contra Nadicas organizados e disciplinados pela primeira vez. Nadicas que talvez estejam conduzidos por alguém... ou alguma coisa... inteligente.

— Somos Legionários — Hopell retrucou impassível. — No fim, vamos vencer.

— Sim — Nage concordou —, nós vamos. Mas pode não ser o fim de que gostaríamos.

Passos pesados se fizeram ouvir do outro lado da porta, a cadência de uma dúzia ou mais de oficiais marchando pelo corredor, chamados a se apresentar ao coronel pelo toque da corneta.

— Não comente minhas dúvidas — Nage pediu depressa. — Foi um momento de incerteza, nada mais. Vamos lutar e vamos vencer. Os Nadicas vão cair diante do forte, assim como vão ser derrotados em outros lugares do Grande Labirinto por nosso Glorioso Exército.

— Sim, senhor! — Hopell gritou.

Ele bateu continência quando um dos oficiais entrou marchando, seguido de perto por vários outros.

— Reúnam os soldados — Nage disse depressa. — Não temos muito tempo e precisamos organizar a defesa. Recebi e confirmei a ordem de abrir os quatro portões. Sim, todos os quatro. Logo depois que isso acontecer, imagino que o forte vá ser atacado por vários milhares de Nadicas organizados. Precisamos nos defender por doze horas, quando temos ordens de fechar os portões novamente. Aconteça o que acontecer, não importa as baixas que soframos, a sala de comutadores precisa ser defendida e os portões precisam ser fechados na hora certa.

— Certamente não é tão ruim assim, senhor — sugeriu um dos centuriões com um risinho.

Ele tinha sido substituído recentemente e passara os últimos mil anos no QG. Sua couraça não exibia medalhas de heroísmo, mas tinha várias estrelas concedidas por lidar com a burocracia da Casa com eficiência.

— Assim que passarem pelo Portão Dourado, eles vão ter que subir as rampas sob uma chuva de lanças de força e de lava-fogo das máquinas nos bastiões, atravessar os portões do próprio forte... Vamos impedi-los com facilidade. E, seja como for, eles não vão continuar organizados. Nadicas sempre correm descontrolados...

— Fico satisfeito com a sua confiança, Centurião — Nage interrompeu. — Você vai ter a honra de comandar o Destacamento Especial que estou colocando na base da rampa.

O retinir do braçal do centurião ao aceitar suas ordens foi menos estridente do que deveria ter sido, pois até o toque do relógio do coronel era mais alto.

— Vinte minutos. Vou precisar de cinco para esboçar meus planos e então você vai voltar às suas unidades. Eu vou comandar da sala de comutadores. Nosso grito de guerra vai ser...

O coronel hesitou por um momento e disse:

— Morte e a Legião!

Suas palavras foram imediatamente repetidas pelos oficiais reunidos e o grito deles fez as xícaras de chá no aparador do coronel chacoalharem.

— Morte e a Legião!



Capítulo 1

— Depressa! — Artur Penhaligon gritou. — Temos que chegar à Porta da Frente antes que a Primeira Dama apareça e tente me convencer a não ir para casa.

— Está certo, está certo — Folha resmungou. — Eu só parei para olhar a paisagem.

— Sem tempo para isso — Artur replicou.

Ele continuou a mostrar o caminho para a Colina da Porta Aberta andando o mais rápido que sua perna envolta na tala de siri permitia. O osso quebrado ainda não estava totalmente solidificado.

Folha disparou atrás dele olhando por sobre o ombro. Eles tinham corrido diretamente para fora do elevador que os levara para baixo... ou para o outro lado... ou para um dos lados... de Porto Quarta-Feira nas margens inundadas do Mar Fronteiriço. Ela não tinha tido tempo de ver nada na Casa Inferior.

— Ali está a Porta da Frente! — Artur avisou, apontando a imensa porta independente instalada no topo da colina, sustentada por dois pilares de pedra brancos separados por uma distância de aproximadamente 9 metros e com 12 metros de altura.

— Isto é uma porta? — surpreendeu-se Folha. — Deve ser difícil de abrir.

— Ela não abre exatamente — Artur explicou. — É só entrar. Mas não olhe os desenhos que estão nela por muito tempo.

— Por que não?

— Você fica doida — Artur contou. — Ou fica presa enquanto olha.

— Você sabe que agora vou ter que olhar — Folha retrucou. — Se não tivesse dito nada, provavelmente eu não me preocuparia com isso.

— Não tem mesmo como não olhar — Artur respondeu, balançando a cabeça. — Só não olhe por tempo demais.

— Para que lado vamos? — Folha indagou quando estavam a somente alguns metros de distância. — E precisamos bater?

— O lado não importa — Artur afirmou. Ele tentou afastar o olhar dos arabescos e desenhos de ferro batido na porta, mas não teve muito êxito. Após um segundo, as formas estremeceram e começaram a mudar, cada imagem fixando-se em sua cabeça antes de se transformar em outra diferente.

Artur fechou os olhos e estendeu a mão cegamente para Folha com a intenção de segurar o cotovelo ou as costas da camisa dela. Mas ele estava muito mais perto do que imaginara e seus dedos incertos espetaram o rosto dela.

— Ai! Puxa... obrigada.

Artur virou a cabeça para o lado oposto da porta e abriu os olhos.

— Acho que estava ficando vidrada — Folha disse ao esfregar o nariz.

Ela manteve os olhos longe da porta, preferindo observar o alto teto abobadado de metal prateado cujo topo subia a várias centenas de metros diretamente acima deles. Era noite na Casa Inferior e a única luz vinha de estranhas nuvens que emitiam um brilho roxo e alaranjado e pairavam sobre a superfície de prata.

Quando Folha olhou para o alto, um feixe de luz disparou para baixo, marcando o trajeto de um elevador de outra parte da Casa, rapidamente seguido por mais dois feixes que vinham de cima.

— Então, vamos bater? — Folha perguntou de novo.

— Ainda não — Artur respondeu.

Ele olhou para o rastro dos feixes de luz dos elevadores que desaparecia enquanto falava. Artur tinha plena consciência de que eles provavelmente tinham transportado a Primeira Dama e seu séquito e de que ela vinha lhe criar dificuldades, apesar de imaginar que ela já estivesse na sua frente, usando a Placa de Transferência.

— Primeiro esperamos o Tenente Guardião da Porta da Frente.

A Primeira Dama iria querer que Artur ficasse, ou pelo menos que lhe entregasse a Terceira Chave, que supostamente era necessária para manter o Mar Fronteiriço sob controle. Mas ele não queria se desfazer da única arma de que dispunha. Finalmente tinha aceitado que teria que lutar contra os Dias Seguintes, evitar esse fato não era uma opção. Nenhum integrante da gangue do Furioso Quinta-Feira, da Madame Sexta-Feira, de Sábado Superior e de Lorde Domingo o deixaria em paz. Eles iriam interferir com resultados destrutivos em seu mundo ou em qualquer outro, iriam ferir e matar qualquer pessoa que quisessem, fariam o que achassem que os ajudaria a conservar suas

Chaves e sua autoridade sobre a Casa. A única forma de impedir os Dias Seguintes era derrotá-los.

Artur sabia que teria que lutar, mas queria fazê-lo conforme suas condições. Naquele exato momento, queria ver a família e se certificar de que tudo estava bem em seu mundo. Depois voltaria a Casa e faria o que tinha que ser feito para libertar a Quarta Parte do Testamento das mãos do Furioso Quinta-Feira e reivindicar a Quarta Chave.

Ele aguardou na frente da Porta durante alguns minutos, observando as espiras, as torres e os telhados abaixo. Quando Artur tinha visto a cidade pela primeira vez, ela estava encoberta por névoa, mas não havia névoa naquele momento e ele podia ver vagamente alguns Habitantes vagando pelas ruas. Enquanto olhava, um grande grupo saiu de um dos prédios mais próximos, andou em círculos durante alguns segundos e então se dirigiu às ladeiras cobertas de grama recém-cortada da Colina da Porta Aberta.

— Talvez devêssemos bater — ele disse. — Ali vem a Primeira Dama e toda a turma dela.

Ele deu um passo em direção à Porta e, ainda desviando o olhar, bateu rapidamente na superfície estranha. A Porta não parecia ser de madeira, de ferro ou, para falar a verdade, de nada sólido. A mão dele afundou nela como se tivesse batido em algo com a consistência de gelatina e, ao mesmo tempo, ele sentiu um formigamento nos nós dos dedos que subiu pelo pulso e pelo cotovelo.

Mas ela emitiu o som de uma batida, um barulho oco e longo que Artur ouviu ecoando do outro lado da Porta com vários segundos de atraso, como se o som tivesse viajado um longo caminho antes de retornar.

Momentos depois, a batida foi seguida por uma voz que Artur conhecia muito bem. A fala do Tenente Guardião era profunda, lenta e sólida, mas desta vez estranhamente distante.

— Um momento, um momento. Tem problemas nas encruzilhadas.

Artur viu a Primeira Dama liderando um grupo de Habitantes já no pé da colina. Era difícil não vê-la com seus mais de 2 metros de altura e o vestido verde-claro com uma longa cauda que emitia uma fluorescência azulada. Com ela, estavam Meio-Dia de Segunda-Feira (que antes era Crepúsculo) e um Habitante vestido de preto que ele não reconheceu de imediato, até se dar conta de que era o novo Crepúsculo de Segunda-Feira (que antes era Meio-

Dia). Eles eram seguidos por uma multidão de auxiliares, Sargentos Comissionários, Visitantes da Meia-Noite e outros Habitantes.

— Artur! — a Primeira Dama gritou enquanto erguia a saia e começava a subir a colina. — Espere! Tem uma coisa que você precisa saber!

— Depressa! Depressa! — Artur murmurou para a Porta. Ele realmente não estava disposto a discutir com a Primeira Dama.

— Pensei que você tivesse dito que eles estavam do seu lado — Folha argumentou. — Quem é a mulher alta usando as roupas bacanas?

— Eles estão do meu lado — Artur confirmou. — Aquela é a Primeira Dama. Ela é o Testamento. As duas primeiras partes, pelo menos. Provavelmente três partes agora, visto que a Carpa certamente acaba de alcançá-la. Acho que isso explica o vestido verde. E ela *é* mais alta, e seus olhos ficaram meio saltados...

— Artur! Você não deveria estar aqui!

Artur se virou. O Tenente Guardião tinha saído da Porta da Frente. Ele não parecia tão calmo e controlado como sempre. Seus longos cabelos brancos estavam despenteados; seu casaco azul estava sujo de lama e de manchas de um azul mais escuro que podia ser sangue de Habitantes. Em vez das botas até os joelhos normalmente brilhantes, ele estava usando botas impermeáveis encharcadas que lhe chegavam até as coxas. Sua espada estava desembainhada na mão, com a lâmina cintilando uma luz gelada azul-clara que feriu os olhos de Artur e fez Folha desviar o olhar e proteger o rosto.

— Não deveria estar aqui? — Artur protestou. — Eu não quero estar aqui! Folha e eu precisamos ir para casa imediatamente.

O Tenente Guardião balançou a cabeça e guardou a espada em uma bainha que surgiu do ar.

— Você não pode voltar para o seu mundo, Artur.

— O quê?!

— Você já está lá. Ou, melhor, uma cópia sua. Um Comedor de Espíritos. Eu fiquei curioso quando o vi passar pela Porta muito depressa sem me cumprimentar. Mas quem quer que tenha enviado o Cocigrue planejou sua travessia com cuidado, pois eu estava distraído por uma repentina subida da maré no Mar Fronteiriço e por várias aberturas ilegais.

— Não entendo — Artur replicou. — Uma cópia minha voltou ao meu mundo? Do que você a chamou?

— Um Cocigrue, um Comedor de Espíritos.

— Isso não parece bom — Folha ajuntou. — O que essas criaturas fazem?
— Não posso ficar e conversar — o Tenente Guardião respondeu. —
Ainda existem viajantes ilegais deste lado da Porta. Boa sorte, Artur!

Antes que o garoto pudesse protestar, o Habitante se virou e, atravessando a Porta, empunhou a espada novamente. O contorno da arma era formado pelos enfeites em ferro fundido antes de se dissolver em um complexo rendilhado de rosas trepadeiras.

Artur puxou o braço de Folha, pois ela estava novamente hipnotizada pelos desenhos.

— Opa! Desculpe, Artur. Acho que agora você vai ter que falar com a grande mulher verde.

— Acho que sim — Artur concordou de mau humor. — É melhor que isso não seja um truque planejado por ela para me manter aqui.

Ele se virou para observar a Primeira Dama e colidiu com alguém que se materializou bem na frente dele, saindo de uma fina placa de porcelana com desenhos amarelos e brancos. Os dois caíram e Artur instintivamente desferiu um golpe antes de se dar conta de que a pessoa que tinha aparecido era sua amiga Suzy.

— Ai! Preste atenção!

— Desculpe — respondeu Artur.

— Vim o mais depressa que pude. — Suzy se levantou com um estrépito, revelando que os bolsos de seu casaco comprido e encardido estavam entulhados de Placas de Transferência amarelo e branco. — Dei um jeito de trazer todas as Placas de Transferência para a Colina da Porta Aberta, mas a Velha Primeirona está vindo, por isso é melhor você atravessar depressa...

Artur apontou em silêncio colina abaixo. Suzy parou de falar e olhou por cima do ombro. A Primeira Dama e seu séquito estavam a apenas uns dez metros de distância, a personificação do Testamento olhava carrancuda para Suzy.

— Primeira Dama — Artur chamou antes que o Testamento pudesse começar a repreender Suzy ou lhe dar um sermão. — Eu só quero ir para casa para uma rápida visita e depois volto direto para cá. Mas parece que tem um problema.

A Primeira Dama parou diante de Artur e fez uma reverência. Quando falou, inicialmente pareceu uma mulher normal. Logo sua voz se tornou baixa e grave com algo do tom retumbante e convencido da Carpa.

— De fato, tem um problema. Muitos problemas. Devo lhe pedir, lorde Artur, que volte para a Sala de Estar de Segunda-Feira. Precisamos realizar um conselho de guerra.

— Isso não é nenhum tipo de truque, é? — Artur indagou desconfiado. — Não foi você quem pôs uma cópia minha em casa, foi?

A Primeira Dama respirou fundo chocada.

— Nunca! É totalmente proibido criar esse tipo de Comedor de Espíritos. E, seja como for, não tenho o conhecimento nem a experiência para criar tal coisa. Está claro que essa é a mais recente manobra dos Dias Seguintes contra você, Artur, e contra nós. Uma das muitas ações que precisamos discutir.

Artur apertou e abriu os punhos.

— Posso usar os Sete Relógios para voltar?

Certa vez, Artur tinha voltado ao mundo dele usando a feitiçaria contida em um estranho aposento com carrilhões conhecidos como os Sete Relógios. Ele sabia que esse era o outro portal que os Habitantes usavam para deixar a Casa Inferior e entrar nos Reinos Secundários.

— Não — a Primeira Dama disse. — Pelo que sei, o Comedor de Espíritos ocupou o lugar que deveria ser seu no Mundo Secundário por meio de feitiçaria. Caso você também volte, a sua interação com o Nadica causaria uma erupção de Nada que provavelmente o destruiria e, se pensarmos no assunto, também o seu mundo.

— Então o Comedor de Espíritos é um tipo de Artur antimatéria? — Folha indagou.

A Primeira Dama inclinou a cabeça e olhou para Folha, fungando com desdém.

— Acho que não fomos apresentadas, jovem senhorita.

— Esta é minha amiga Folha — Artur esclareceu. — Folha, esta é a Primeira Dama.

Folha acenou relutante. A Primeira Dama baixou o queixo um pouquinho.

— O que esse Comedor de Espíritos vai fazer — Artur quis saber —, além de impedir que eu volte?

— Este não é um bom lugar para discutir tais assuntos — a Primeira Dama respondeu. — Devemos voltar para a Sala de Estar de Segunda-Feira.

— Está bem — Artur concordou. Ele olhou para a Porta da Frente por um momento e em seguida desviou o olhar. — Então, vamos.

— Espere! — Folha interrompeu. — E eu? Quero voltar. Não me leve a mal, Artur, mas preciso de um tempo em casa para... não sei... só para ser normal.

— Folha pode voltar, não pode? Artur indagou cansado.

— Ela pode e *deve* voltar — a Primeira Dama respondeu. — Mas é melhor que seja pelos Sete Relógios. O Tenente Guardião fechou a Porta até cuidar dos intrusos. Venha, vamos voltar para a Sala de Estar de Segunda-Feira. Você também, Suzana. Espero que não tenha quebrado nenhuma placa.

Suzy resmungou alguma coisa sobre umas poucas lascas e rachaduras não fazerem mal a ninguém, mas não alto o suficiente para que a Primeira Dama lhe desse atenção.

Ao descerem a Colina da Porta Aberta, Artur notou que havia um cordão de Comissionários de Metal e Sargentos Comissionários em volta deles, todos observando o chão e o céu. Visitantes da Meia-Noite, os servos vestidos de negro de Crepúsculo de Segunda-Feira, vagavam pelo ar acima deles, acompanhados por seus longos chicotes. Eles também procuravam algo com os olhos, constantemente virando as cabeças para cobrir todos os ângulos.

— O que eles estão procurando? — Artur perguntou para a Primeira Dama.

— Assassinos — ela disparou. — Esse é um dos acontecimentos. O antigo Sr. Segunda-Feira e o antigo Horrível Terça-Feira foram assassinados. Por feitiçaria.





Capítulo 2

— Assassinados por feitiçaria? — espantou-se Artur enquanto entravam no elevador apressados. Ele queria se certificar de que tinha ouvido bem, porque era muito difícil matar Habitantes. — Você quer dizer que acabaram com a vida deles? Foram mortos, de verdade?

A Primeira Dama gesticulou para Meio-Dia de Segunda-Feira, que passou para o lado de Artur e fez uma reverência um tanto rápida e acanhada. Eles estavam em um elevador muito grande, um cubo de 1, 80 m de lado, mas completamente cheio de guardas, escriturários e acompanhantes. Em um dos cantos, estava sentado um quarteto de cordas tocando uma música suave que Artur esteve perto de reconhecer.

— Mortos de verdade — Meio-Dia de Segunda-Feira repetiu, com a língua prateada reluzindo.

Além da língua, ele não tinha mudado muito desde que Artur o promovera de Crepúsculo a Meio-Dia. Embora não se vestisse mais de preto, para Artur ele ainda parecia personificar a luz calma e incerta do fim de tarde com seu modo de falar e movimentos calculados.

— O antigo Sr. Segunda-Feira foi apunhalado na cabeça e no coração com uma lâmina enfeitiçada e não foi encontrado rápido o suficiente para reparar os danos. O antigo Horrível Terça-Feira foi empurrado ou jogado no Fosso do último andar.

— Tem certeza de que ele está morto? Quero dizer, *toda* certeza? — Artur perguntou. Ele estava com muita dificuldade em aceitar aquelas notícias. — Vocês encontraram o corpo?

— Encontramos pedaços dele — Meio-Dia revelou. — Ele aterrissou em uma poça de Nada. Vários artesãos que estavam aterrando o Fosso viram o impacto. É provável também que ele tenha sido tomado por algum feitiço antes de cair e por isso não tenha conseguido gritar ou tentado se salvar.

— Vocês sabem quem o matou?

— Não sabemos — a Primeira Dama respondeu. — Só podemos supor que os dois sabiam de alguma coisa sobre os Dias Seguintes e seus planos e

que os Dias Seguintes não queriam que soubéssemos. É estranho que eles os tenham matado agora, pois eu já tinha interrogado exaustivamente os dois antigos Curadores sem descobrir nada digno de nota. É possível que seja uma tentativa de encobrir informações muito perturbadoras que tenham sido reveladas de outras fontes. Vamos falar sobre isso no conselho.

— Quero saber sobre o Comedor de Espíritos — Artur disse ansioso. — Quer dizer, ele está me impedindo de ir para casa, mas o que mais ele vai fazer? Ele vai fazer alguma coisa contra minha família?

— Não sei — a Primeira Dama confessou. — Nós... isto é, eu não sou uma feiticeira da Casa. Eu pedi ao seu recém-indicado Crepúsculo da Quarta-Feira, o doutor Scamandros, para ir à Sala de Estar e nos contar o que sabe sobre os Comedores de Espíritos. Parece que ele agora é o único feiticeiro treinado da Casa Superior que pode ser encontrado na Casa Inferior, nas Regiões Afastadas e no Mar Fronteiriço.

Um sino tocou desafinado e as cordas do quarteto estremeceram e silenciaram. Mas a porta do elevador não se abriu.

— Proteja a Sala de Estar — a Primeira Dama ordenou ao Meio-Dia. Ele se curvou e tocou a porta, que abriu apenas o bastante para deixar sair uma dúzia de Sargentos Comissionários e Comissionários comuns. Outra dezena permaneceu em volta de Artur, Folha, Suzy e da Primeira Dama.

— Precisamos ser cautelosos — a Primeira Dama afirmou. — Não podemos deixar que seja assassinado, Artur.

— Eu? — Artur bateu no pequeno tridente que estava preso em seu cinto. — A Terceira Chave não deveria me proteger dos perigos?

— Deveria — a Primeira Dama concordou. — Mas o que quer que tenha matado os dois antigos Curadores foi gerado por uma feitiçaria da Casa da mais alta qualidade. O Horrível Terça-Feira, em especial, embora tenha perdido quase todo o poder, não seria facilmente derrotado. Assim, o assassino, ou assassinos, podem ser capazes de contornar ou anular a proteção da Chave. E vocês, mortais, são muito frágeis.

Frágeis, a palavra fez Artur pensar em cascas de ovo e na terrível imagem da própria cabeça sendo quebrada como uma delas, esmagada em pedaços por um assassino feiticeiro que tinha se esgueirado atrás dele...

Artur obrigou a mente a afastar a imagem com grande força de vontade, embora não conseguisse deixar de olhar para trás. Tudo o que viu foram os guardas, mesmo assim sentiu um arrepio de medo atravessar seu estômago.

Em voz alta, tentou tratar a situação com indiferença.

— Ótimo — ele disse. — As coisas parecem estar ficando cada vez melhores, não é mesmo?

— Existem outros motivos para se ter medo — a Primeira Dama continuou. — Vamos falar deles em breve.

— Tudo livre — Meio-Dia anunciou de fora e a porta do elevador se abriu em silêncio, revelando o saguão de entrada da Sala de Estar de Segunda-Feira. Em termos arquitetônicos, ela não estava muito diferente da última vez em que Artur a tinha visto, depois que os fossos de lama fumegante e as plataformas de ferro tinham sido transformadas em aposentos antiquados que lembravam um museu. Mas havia uma diferença de destaque. Agora, milhares de maços de papel amarrados com fita vermelha estavam empilhados do chão ao teto nas paredes do saguão. A cada três metros, mais ou menos, essas pilhas tinham uma abertura do tamanho de um Habitante, cada qual ocupada por um Sargento Comissionário em posição de sentido.

— O que todo esse papel está fazendo aqui? — Folha perguntou enquanto caminhavam pelo corredor.

Ninguém respondeu e Artur repetiu a pergunta.

— A Casa Intermediária e a Superior estão nos bombardeando com papelada — a Primeira Dama contou. — É um esforço eficiente para limitar nossos recursos e impedir nossa reorganização. Entre na próxima porta à esquerda, Artur. Espirrador já deve ter preparado tudo para nosso conselho.

A porta seguinte à esquerda também estava totalmente cercada por pilhas de pacotes de papel. Ela tinha um aspecto bastante comum, apenas uma simples porta de madeira com uma sólida maçaneta de bronze. Artur a girou e abriu a porta.

Do outro lado, havia um amplo aposento, quatro ou cinco vezes maior do que o ginásio de esportes da escola de Artur, com um teto dez vezes mais alto. O chão, as paredes e o teto eram revestidos de mármore branco e veios dourados, de modo que sua primeira impressão era que tinha entrado em uma espécie de banheiro deselegante de um gigante.

No centro desse aposento imenso, havia uma mesa redonda de cerca de 30 metros de diâmetro. Aparentemente feita de ferro forjado, tinha sido pintada de vermelho, era oca no meio e, em volta dela havia cem ou mais cadeiras de encosto alto, também feitas de ferro trabalhado, mas pintadas de branco. Uma delas tinha o encosto muito mais alto e era feita de ouro sólido ou ferro

dourado. A cadeira ao lado também era mais alta que as outras, mas não tanto, e mudava de cor lentamente, de vermelho para branco e para dourado, depois vermelho novamente.

Espirrador, o mordomo, estava no centro aberto da mesa com uma toalha branca em um dos braços coberto pelo casaco, agora imaculado. Seus cabelos antes desgrehados estavam penteados para trás, presos com uma fita dourada e cobertos de pó branco. Ele segurava uma bandeja de prata com três copos de cristal cheios de alguma coisa cor de laranja (suco, provavelmente) e um copo de vinho alto repleto de um líquido cor de sangue que Artur esperou que fosse realmente vinho.

As cadeiras estavam vazias, mas havia uma grande multidão de Habitantes em pé atrás da mesa, em silêncio. Artur reconheceu o doutor Scamandros e acenou, logo acenou novamente ao ver Sol Quente ligeiramente atrás dele, com ótima aparência, mas parecendo um tanto desconfortável no uniforme de almirante a que tinha direito

como o novo Meio-Dia de Quarta-Feira. Não demorou e Artur estava acenando para todos no local ao reconhecer Japeth, o Tesouro, e Matias, o Encarregado de Fornecimento parados, juntos, e Aurora de Segunda-Feira e Aurora de Quarta-Feira, e outros personagens de suas aventuras anteriores, como Folha poderia chamá-las, na Casa.

— Sentem-se — ordenou a Primeira Dama, a voz de repente grave e baixa, assustando Folha. — Que este conselho inicie a sessão. Suzana, por favor, recoloque as Placas de Transferência no guarda-louças antes de se reunir a nós.

Suzy sorriu, fez uma reverência barulhenta e saiu correndo, parando para mostrar a língua para a Primeira Dama quando o Testamento se virou e fez um gesto na direção da cadeira dourada.

— Este é o seu trono, lorde Artur. Todos os demais estão dispostos em ordem de precedência.

— Então, onde eu sento? — Folha quis saber.

— A senhorita pode ficar em pé atrás de Artur — a Primeira Dama respondeu com frieza.

— Na verdade, acho que é melhor Folha se sentar ao meu lado — Artur retrucou com firmeza. — Na qualidade de convidada de honra.

— Muito bem, senhor — Espirrador concordou, fazendo Artur dar um salto. Sem saber como, o mordomo se encontrava atrás dele, oferecendo-lhe suco de laranja. — Vou colocar uma cadeira para a senhorita Folha.

— Preparei uma lista para a reunião deste conselho — a Primeira Dama anunciou ao se sentar. A cadeira dela mudava do vermelho ao branco e ao dourado, e Artur notou que o encosto cresceu alguns centímetros, quase atingindo a altura da cadeira dele.

A Primeira Dama deu um tapinha em um grande livro de capa dura, com pelo menos 300 ou 400 páginas, colocado na frente dela na mesa. Artur tinha uma cópia também. Ele se sentou, puxou o livro, abriu a capa e leu a *Lista para o Conselho de Discussão de Várias Questões Perturbadoras Referentes à Casa, à Libertação do Testamento da Arquiteta, à Apropriação do Legítimo Herdeiro e Outros Assuntos*.

A página seguinte exibia uma lista de itens numerados de 1 a 30. A outra página, de 31 a 60. Artur as virou até o fim e viu que havia mais de seis mil itens na lista.

— Sugiro que comecemos com o Item 1 — a Primeira Dama falou. — E depois passaremos aos seguintes.

Artur olhou o Item 1.

Arbitragem entre domínios, Artigo 1: A Disputa Referente a Arquivamento e transporte de Relatórios entre as Casas Intermediária e Inferior.

— A agenda está arranjada em ordem alfabética — explicou a Primeira Dama. — Todas as questões de Arbitragem estão em primeiro lugar.

— Não tenho tempo para isso — Artur protestou e fechou o livro com um baque forte. — Antes quero saber o que é o Comedor de Espíritos, o que ele vai fazer para a minha família e como posso me livrar dele. Doutor Scamandros, o senhor sabe me dizer?

— Isso é muito irregular — queixou-se a Primeira Dama. — Devo protestar, lorde Artur. Como podemos chegar a conclusões adequadas e agir com eficiência se não seguirmos nossa programação?

— Por que não coloca a lista em ordem de *importância* e, enquanto faz isso, falamos sobre o Comedor de Espíritos — Artur replicou, sem ousar olhar para a Primeira Dama enquanto falava.

Havia algo nela que o fazia querer ficar sentado e simplesmente obedecer. Ela lembrava uma professora assustadora que teve, que impunha silêncio a uma turma inteira simplesmente aparecendo na porta. Mas, como ocorria com

aquela professora, Artur descobriu que era mais fácil confrontá-la se não fitasse seus olhos.

— Doutor Scamandros?

— Ah, bem, não tive muito tempo para analisar os fatos — Scamandros justificou com um olhar nervoso para a Primeira Dama.

De repente, as tatuagens de palmeiras em suas bochechas balançaram e meia dúzia de macacos nervosos caiu e escorregou até seu queixo antes de as palmeiras desaparecerem e serem substituídas por relógios com ponteiros que se moviam rapidamente.

— Isto é, mal tive tempo de tomar um copo de tônico revitalizante em Porto Quarta-Feira antes de ser arrastado para cá. Mas, seja como for, reuni algumas informações com a ajuda de Meio-Dia de Segunda-Feira, que, apesar de não ter sido treinado na Casa Superior, é um feiticeiro capaz...

Ele parou para fazer uma reverência para Meio-Dia de Segunda-Feira, que retribuiu o cumprimento. Artur agarrou o copo de suco e tentou não parecer impaciente demais. Com o canto do olho, viu Suzy escorregar na cadeira e sentar no chão, escondida atrás de Meio-Dia de Segunda-Feira.

— Até onde pudemos averiguar — Scamandros continuou —, Comedores de Espíritos foram criados apenas em umas poucas ocasiões em toda a história da Casa. Um Comedor de Espíritos é uma espécie poderosa e desagradável de Nadica, criada para assumir a identidade de alguém, Habitante ou mortal. Seu principal poder é se disfarçar como uma cópia exata de seu alvo, além de ter a habilidade de projetar sua personalidade para o interior daqueles ao seu redor, sejam eles mortais ou Habitantes...

— O quê? — Artur interrompeu. — O que significa “projetar sua personalidade”?

— Não tenho muita certeza... Aparentemente, assim que consegue seu objetivo, o Comedor de Espíritos é capaz de controlar as mentes de suas vítimas e ler seus pensamentos recentes e suas lembranças. Ele faz isso para melhorar a farsa. Inicialmente, ele vai absorver apenas o conhecimento externo e comum de seu alvo e, por isso, procura aprender mais com os confidentes e colegas dele.

— Você quer dizer que ele vai dominar mentalmente a minha família? — Artur disparou, derramando suco de laranja ao se levantar agitado. — Quanto tempo ele precisa para fazer isso?

— Sim, isto é... acho que ele vai fazer isso — Scamandros concordou. — Apesar de eu não saber como.

— De quanto tempo ele precisa? — Artur tornou a perguntar. Aquilo era o pior de tudo, sua família em perigo. Ele se lembrou dos dois Grotescos do Horrível soltando o hálito malcheiroso de esquecimento sobre o pai, como Artur tinha se sentido naquele horrível segundo quando a névoa havia rolado sobre seu pai. Agora toda a família estava sendo ameaçada novamente e ele estava preso na Casa. Eles estariam indefesos.

“Tenho que ajudá-los”, Artur pensou desesperado. “Tem que haver alguma coisa... alguém...”

— Acho que alguns dias. Mas não tenho certeza — Scamandros afirmou. Artur olhou para Folha. O olhar dos dois se encontrou.

— Acho que estamos pensando a mesma coisa — ela disse. — Você não pode voltar, pois o mundo inteiro iria por água abaixo. Mas eu posso voltar e tentar ficar livre desse Comedor de Espíritos.

— Não sei — Artur retrucou. — Parece muito perigoso. Talvez Meio-Dia de Segunda-Feira poderia...

— Sem interferências! — trovejou a Primeira Dama. — Lembre-se da Lei Original! A mortal pode retornar para o local de onde veio, mas ninguém pode manchar a obra da Arquiteta!

— Acho que ela já está mais do que manchada — Artur respondeu irritado. — Como você explica que os bandidos podem fazer o que querem e, sempre que eu quero fazer alguma coisa, tenho que “deixar para lá”? De que adianta ser o Legítimo Herdeiro afinal? Tudo o que consigo são problemas!

Ninguém respondeu às perguntas de Artur e ele percebeu que todos evitavam olhar para ele. E ninguém estava lhe dizendo para se comportar. De repente, sentiu-se estranho e desejou que alguém simplesmente dissesse: “Cale a boca, Artur, temos trabalho a fazer.”

— É possível? — Folha indagou. — Quero dizer, se livrar do Comedor de Espíritos?

Artur e Folha olharam para Scamandros. As tatuagens em seu rosto revelavam certa ansiedade, mostrando torres instáveis sendo construídas pedra por pedra e que caíam quando a última camada era colocada.

— Acho que sim. Mas seria necessário encontrar o item usado para criar o Comedor de Espíritos, para começar. Isso poderia ser um objeto pessoal do alvo, alguma coisa sua, Artur, que esteve perto de você por um bom tempo.

Um livro preferido, uma colher ou, talvez, uma peça de roupa. Alguma coisa desse tipo.

Artur franziu o cenho atordado. O que ele poderia ter perdido que pudesse ser usado dessa forma?

— Quando isso pode ter acontecido? — perguntou.

— Levaria mais do que um ano pelo tempo da Casa para que o Comedor de Espíritos fosse gerado pelo Nada — o doutor Scamandros esclareceu.

— Um ano... Quanto tempo faz que recebi o ponteiro de minutos do Sr. Segunda-Feira? — Artur perguntou. Para ele, tinha sido apenas na semana anterior, mas muito mais tempo na Casa. — Quero dizer, no tempo da Casa?

— Um ano e meio — a Primeira Dama respondeu pouco à vontade.

Ela estava com o livro aberto e batia nele com um lápis dourado. Cada vez que batia, um dos itens da lista passava para cima, ou para baixo, ou para alguma página invisível mais adiante no volume.

— Deve ter sido um dos Buscadores de Segunda-Feira — Artur conjecturou. — Ou talvez um dos Grotescos do Horrível Terça-Feira. Mas não consigo me lembrar de nada pessoal que tenha perdido.

— Você pode perguntar ao Atlas — a Primeira Dama sugeriu. — Você ainda está com a Terceira Chave, portanto o Atlas vai responder.

Artur tirou o Atlas do bolso, colocou-o na mesa e segurou o pequeno tridente que era a Terceira Chave com a mão direita. Mas ele não começou a se concentrar em uma pergunta para fazer ao Atlas. Depois de alguns instantes, ele abaixou a Terceira Chave, com os dentes apontados para o centro oco da mesa.

— Preciso usar essas Chaves com cuidado — ele disse devagar. — Esta aqui já foi muito usada no Mar Fronteiriço e não quero me transformar em um Habitante. Se isso acontecer, nunca vou poder voltar para casa.

— Quanto falta? — Folha indagou curiosa. — Por exemplo, você usa a Chave cem vezes e então, boom, de repente você está com mais de 2 metros de altura e muito mais bonito?

— Não sei — Artur confessou. — Isso é parte do problema.

O doutor Scamandros deu uma tossidela um tanto falsa e levantou a mão. A Primeira Dama parou de bater no livro por um momento e olhou para ele, mas logo continuou com a reclassificação.

Talvez lhe interesse saber, lorde Artur — Scamandros começou —, que existe um pequeno projeto de minha autoria que lhe poderia ser útil. Ele mede

a contaminação das coisas por feitiçaria e, é claro, inclui pessoas.

Scamandros começou a remexer no casaco amarelo e tirou um leque de penas de pavão, várias caixas de rapé esmaltadas, um abridor de cartas ornamentado com conchas e um flautim de latão e espalhou todos os objetos distraidamente na mesa.

— Aqui, em algum lugar — ele disse e então, com a expressão triunfante, pegou uma caixa de veludo de 5 centímetros de largura muito gasta nos cantos. Ele a abriu e a entregou a Sol Quente, que a passou para Folha, que olhou com curiosidade o objeto em seu interior antes de dá-la para Artur. Tratava-se de um esguio crocodilo de prata em forma de anel, enrodilhado e com a cauda na boca. Ele tinha dois diamantes cor-de-rosa no lugar dos olhos e seu corpo era marcado por linhas que o dividiam em dez seções, cada qual gravada com um minúsculo numeral romano.

— Isso é importante? — impacientou-se a Primeira Dama. — Estou pronta para recomeçar com a programação reorganizada.

Artur a ignorou e tirou o anel da caixa.

— O que ele faz? — ele quis saber. — Devo colocá-lo?

— Sim, ponha-o no dedo — Scamandros respondeu. — Resumindo, ele vai lhe dizer até que ponto o senhor foi... contaminado por feitiços. É claro que ele não é preciso e, no caso de um mortal, a calibragem é duvidosa. Eu diria que, se mais de seis partes do anel ficarem douradas, o senhor terá se transformado irremediavelmente em um...

— Podemos continuar? — a Primeira Dama interrompeu enquanto o doutor Scamandros dizia “Habitante”.

Artur colocou o anel e o observou fascinado e horrorizado enquanto cada segmento prateado do crocodilo lentamente ficava dourado.

Um... dois... três...

Se tivesse se transformado em um Habitante, nunca poderia voltar para casa. Mas precisava usar as Chaves e o Atlas contra os Dias Seguintes e isso significava mais contaminação por feitiços.

A menos que fosse tarde demais.

Artur observou o anel enquanto a onda de ouro avançava, indo para o quarto segmento sem diminuir o ritmo.





Capítulo 3

Artur continuou a olhar o anel com um terrível fascínio. Depois do quarto segmento, o ouro parou de se espalhar e lentamente recuou um pouco.

— Quase chegou à quarta linha — Artur informou.

— Ele não é exato — o doutor Scamandros afirmou. — Mas isso iria coincidir com minha análise anterior. Cerca de quatro décimos de sua carne, de seu sangue e de seus ossos estão contaminados por magia.

— E com mais de seis décimos eu me torno um Habitante?

— Irreversivelmente.

— Posso me livrar da contaminação? — Artur tentava manter a voz calma.

— Ela se esgota?

— Diminui com o passar do tempo — Scamandros respondeu. —

Contanto que você não a aumente. Imagino que esse nível de contaminação se reduza em mais ou menos um século.

— Um século! É como se fosse para sempre. Mas em quanto o uso do Atlas pode aumentar a contaminação?

— Sem experimentação e observação cuidadosas, não posso dizer nada. Faria muito menos do que as intervenções para curar seus ferimentos ou desfazer o mau uso do poder das Chaves. Qualquer coisa não concentrada em seu corpo vai ser menos prejudicial.

— Não é prejudicial se transformar em um Habitante — a Primeira Dama defendeu. — É se transformar em um ser superior. Não consigo entender a sua relutância em se livrar da mortalidade, Artur. Afinal, você é o Herdeiro Legítimo da Arquiteta de Tudo. Agora, por favor, podemos voltar à programação?

— Eu só fui escolhido porque estava para morrer e, por acaso, estava à mão — Artur explicou. — Aposto que vocês têm uma lista de Legítimos Herdeiros guardada em algum lugar para o caso de alguma coisa acontecer comigo.

Houve silêncio no grande aposento por alguns segundos, até que a Primeira Dama pigarreou.

Antes que ela falasse, Artur ergueu a voz:

— Nós vamos voltar à programação! Depois que descobrirmos o que fazer com o Comedor de Espíritos. Eu só queria conseguir lembrar o que ele pode ter levado.

— Tente refazer todos os seus passos — Folha sugeriu. — Você deixou cair o inalador no caminho oval? Será que eles o pegaram? Ou será que tinha alguma coisa sua na escola quando eles incendiaram a biblioteca?

Artur balançou a cabeça.

— Acho que não... Ei, espere um minuto!

Ele se virou para olhar para Crepúsculo de Segunda-Feira. Ele estava ligeiramente mais baixo do que quando era Meio-Dia e parecia menos sério, embora continuasse bonito. Ele vestia o traje preto-noite de Crepúsculo, do tipo usado por agentes funerários, embora tivesse tirado a cartola com o longo lenço de seda amarrado na copa.

— Você mandou os Buscadores quando era Meio-Dia. Um deles levou alguma coisa de volta ou eles foram diretamente expulsos para o Nada?

— Eles não voltaram até mim — Crepúsculo contou, com a voz muito mais suave, e deixando entrever a língua, antes prateada, agora de um ébano brilhante. — Mas não fui eu quem os criou. O Sr. Segunda-Feira determinou que ficassem comigo. Suponho que ele os tenha comprado do Horrível Terça-Feira, que não tinha sido enérgico o suficiente para criá-los. Talvez o senhor se lembre de que fui obrigado a voltar para a Casa quando os Buscadores e eu o encurralamos em sua escola.

— Na escola — Artur murmurou devagar, relembrando a cena. — Eles pegaram o Atlas! Tinha esquecido, porque o Atlas voltou para cá e eu simplesmente o peguei de novo. Um Buscador rasgou o bolso da minha camisa e nesse movimento pegou o Atlas...

— Um bolso! — Scamandros interrompeu, espalhando os objetos que tinha posto na mesa com um animado agitar de braços. As torres tatuadas em suas bochechas ficaram mais firmes e desenvolveram extravagantes ameaças. — Deve ser isso. Essa é a origem desse Comedor de Espíritos. Um pedaço de pano que estava perto de seu coração, coberto de feitiços e plantado no Nada para gerar um Cocigrue! Encontre-o e talvez possamos fazer algo!

— Certo — Folha replicou. — Isso parece muito fácil.

— Você não precisa tentar — Artur retrucou. — Eu... Eu entendo que você queira ficar fora disso tudo.

— Acho que não tenho muita escolha — Folha respondeu. — Não posso simplesmente deixar que um clone perverso de você ande por aí capturando a mente das pessoas, posso?

— Você poderia — Artur disse. Embora Folha estivesse tentando não dar importância à situação, ele sabia que a amiga estava com medo. — Conheço pessoas que só fariam alguma coisa, se fossem diretamente afetadas pelo problema.

— É, bem, não quero ser uma dessas pessoas. E, se não estiver mais de quarentena, o Ed vai poder ajudar... mas acho que, se ainda for quarta-feira quando eu voltar, ele ainda vai estar internado no hospital...

Folha fez uma careta ao pensar no irmão, Ed, ainda no hospital. Seus pais, a tia e o irmão tinham sido contaminados pela Praga do Sono e ficaram de quarentena.

— Seja como for, doutor, tem alguma coisa em especial que eu possa fazer contra esse Comedor de Espíritos, como o sal para se livrar dos Buscadores ou a prata que dissolveu aquele Magrelo?

O doutor Scamandros apertou os lábios e andaimes de madeira apareceram ao redor das torres tatuadas em suas bochechas, sustentando-as.

— Não sei. Desconfio que uma lança ou uma espada de prata iria irritá-lo e, como todos os Nadicas, ele não iria comer sal *voluntariamente*. Mas apenas os Nadicas inferiores são afetados pela prata ou podem ser expulsos pelo sal.

— Ele dorme? — Folha perguntou. — E o bolso de Artur vai estar com ele ou está guardado em outro lugar?

— Boas perguntas. Excelentes perguntas — Scamandros murmurou. — Receio que minhas fontes não digam nada sobre o sono, mas é bem possível que sim. Desconfio que ele esconda o bolso em algum lugar perto de sua toca, mas novamente minhas informações deixam a desejar.

— E você tem ideia de onde fica a toca dele? — Folha continuou a perguntar. — A casa de Artur?

Duas pequenas nuvens de poeira no rosto de Scamandros subiram formando tornados em miniatura que ameaçaram uma casa tatuada sobre o nariz.

— Minhas fontes são incompletas. Uma das referências fala sobre a “Toca do Comedor de Espíritos”, mas não é muito esclarecedora.

— Acho que, se ele está imitando Artur, vai sair da casa em *algum momento* — Folha ressaltou. — Posso entrar pela porta dos fundos às escondidas ou

alguma coisa parecida. Existe uma porta dos fundos?

— É melhor passar pela garagem — Artur ensinou. — Tem um controle remoto para ela debaixo de uma pedra azul na entrada. Se ele está ocupando o meu lugar, acho que provavelmente estaria no meu quarto, no primeiro andar. Mas acho melhor conseguir mais informações sobre ele antes de dizermos com certeza.

Ele apanhou a Terceira Chave novamente e colocou a outra mão sobre o Atlas. Sua capa de couro verde estremeceu.

— Espere um pouco! — Folha o interrompeu. — Você não precisa...

— Não posso deixar que enfrente uma coisa como o Comedor de Espíritos sem estar preparada — Artur disse. — Além disso, vai ser um bom teste para sabermos quanto mais vou ser contaminado.

— Artur... — Folha começou a dizer, mas o amigo já estava se concentrando nas perguntas para o Atlas.

“O que é um Comedor de Espíritos? Como podemos derrotar quem me copiou? Onde fica a toca dele? ”

As perguntas mal tinham se formado em sua mente quando o Atlas se abriu com violência, expandindo-se e transformando-se em um livro muito maior, agitando as páginas como se estivessem sendo sopradas pelo vento. Quando atingiu seu tamanho total, as páginas se aquietaram e uma mão invisível começou a escrever. As primeiras letras pertenciam a um estranho alfabeto de linhas retas e pontos, mas cintilavam enquanto Artur observava, transformando-se em finos caracteres de uma caligrafia elegante.

Todos observaram Artur enquanto ele olhava para o Atlas. Até Suzy, atrás da Primeira Dama.

Pensando nos demais, Artur leu o texto em voz alta com alguma dificuldade, pois não estava habituado a ler a escrita antiquada. Muitas das palavras ele nunca tinha usado antes.

Comedor de Espíritos é um termo muitas vezes usado para descrever um tipo de Nadica próximo da classe de habitantes conhecido como Criações Aproximadas, pois empregam algumas técnicas de magia usadas pela Arquiteta para criar vida do Nada, embora sem o mesmo talento artístico.

Um Comedor de Espíritos sempre se baseia em uma das criações da Arquiteta, seja diretamente, como na cópia de um habitante, ou indiretamente,

no caso da cópia de um mortal, que é o atual resultado final da antiga experimentação da Arquiteta com a evolução da vida.

Em ambos os casos, o objetivo de um Comedor de Espíritos é substituir um original, geralmente com o propósito de espionar, trair ou outros atos degradantes. Para tanto, para a maioria dos espectadores, o Comedor de Espíritos vai ter a aparência física de seu alvo. Seu verdadeiro rosto e forma poderão ser vistos se ele for observado através de um véu de gotas de chuva em um dia ensolarado, ou pela aplicação de vários feitiços.

*Inicialmente, o Comedor de Espíritos terá um conhecimento limitado sobre a pessoa que imita — não mais do que foi dito pelo seu criador. Contudo, parte do feitiço usado para criar um Comedor de Espíritos no Nada também desenvolve outros poderes no Nadica. Ele é capaz de projetar seu pensamento para qualquer mente senciente com que tenha contato físico, pelo uso de um mofo mentalmente condutivo e intimamente ligado ao Comedor de Espíritos. O mofo se deriva de uma forma de vida semi-inteligente vinda de um mundo dos Reinos Secundários (Nome da Casa: Avraxyn. Nome Local: *#@@*%).*

— Não consigo ler o nome local...

Folha estava balançando a cabeça, mas não por causa da incapacidade de Artur em ler o nome estranho.

— Um mentalmente condutivo *o que?* O que você disse? Ele faz crescer *mofo* nas pessoas?

— É... é isso o que está escrito aqui — Artur confirmou e só então se deu conta do que estava lendo. Ele tinha estado concentrado demais em decifrar as palavras.

— Não gosto do que estou ouvindo — Folha afirmou com um estremecimento. — Como se faz para impedi-lo?

— Eu... eu vou ver o que o Atlas diz — Artur falou e continuou a leitura.

O mofo entra na vítima pela pele, ou pelas escamas, ou pelo couro cabeludo depois que o Comedor de Espíritos estabeleceu uma ponte através de um aperto de mãos, de um toque no ombro ou algo parecido. Seus esporos são cinza, mas eles permanecem na pele apenas durante alguns minutos, de modo que a vítima normalmente não percebe que foi invadida. O mofo viaja pelo sangue e por fim se aloja no cérebro do alvo ou em outros centros sensoriais. Ali se espalha rapidamente, duplicando o tecido nervoso até ser capaz de se

embrenhar nos pensamentos e na memória do alvo, dividindo-os telepaticamente com a maior parte do mofo que se encontra dentro do cérebro secundário do Comedor de Espíritos, geralmente localizado perto do abdômen. O Comedor de Espíritos usa essa memória e esses pensamentos para melhor imitar o alvo que substituiu. Ele é capaz de controlar as mentes das pessoas em que o mofo está instalado, mas não com grande precisão.

A influência do mofo também é sentida no comportamento do Comedor de Espíritos. Em seu estado natural em Avraxyn, o mofo sempre cria uma toca onde instala seu hospedeiro principal livre do mal. No Comedor de Espíritos, o mofo fica subordinado a ele e precisa ir aonde ele quer, mas sempre vai influenciar o Comedor de Espíritos a instalar uma toca. Esta será escura e suficientemente funda no solo, para que possa ser atingida com facilidade. Ela será forrada com materiais macios e, em algum lugar dentro dela, estará o objeto que serviu de semente original, a partir do qual o Comedor de Espíritos foi gerado. Esse objeto normalmente é um osso, um pedaço de carne, uma peça de vestuário, um bem valorizado, animal ou companheiro de longa data da vítima.

— Isso é realmente perverso — Folha comentou.

— Soube de coisas ainda piores — murmurou uma voz vinda de algum ponto debaixo da mesa. O doutor Scamandros olhou em volta, mas ninguém mais ouviu o comentário de Suzy ou todos tinham muita prática em ignorá-la.

— Está escrevendo mais — Artur percebeu.

A página ficou limpa e a mão invisível recomeçou a escrever.

O Comedor de Espíritos que duplicou lorde Artur escolheu denominar-se Garoto sem Pele, talvez porque com sua aparência natural ele não tem muita pele, mostrando ossos expostos no lugar dela. Ele pode ser derrotado tomando-se o objeto que serviu de semente, o bolso do uniforme escolar de lorde Artur. Lorde Artur deve mergulhar esse bolso no Nada.

No momento, às 10h30, na hora local de Artur na Terra, na quinta-feira, o Garoto sem Pele escolheu um esconderijo temporário na rouparia principal do hospital da Região Leste no Subsolo Três. Se o Comedor de Espíritos mudar-se para a casa de Artur, é muito provável que ele se esconda na fossa sanitária debaixo da casa, que pode ser atingida ao se levantar uma placa de concreto no jardim perto da cerca dos fundos.

— O que foi isso sobre quinta-feira? — Folha perguntou. — O que é a Hora de Artur?

Artur releu o trecho.

— Não deveria ser quinta-feira em casa! Precisamos voltar na quarta-feira à tarde! Como pode ser quinta-feira?

— O tempo é flexível entre a Casa e os Reinos Secundários — o doutor Scamandros explicou. — Mas personagens poderosos como o senhor, lorde Artur, afetam e governam os fluxos relativos. Só posso supor que o Comedor de Espíritos, por ter alguma característica sua, tomou seu lugar por motivos cronológicos. Em... ahn... outras palavras, você *está* de volta.

— Mas e Folha? Ela pode voltar na quarta-feira?

— Eu diria que não — doutor Scamandros respondeu. — Mas não sou especialista nessas relatividades. Talvez o Espirrador, dos Sete Relógios, saiba mais.

— Preciso pensar um pouco antes de dizer, senhor — Espirrador respondeu. — Contudo, como regra geral, a relação temporal entre o Mundo Secundário e a Casa é determinada pela Porta da Frente e desafia explicações. Pode-se presumir que o senhor tenha voltado para a sua Terra e não perdeu a senhorita Folha, se me permite dizer isso. Portanto, a primeira senhorita Folha pode voltar às 10h20 na quinta-feira. Se ainda for essa hora. Mais suco de laranja?

— Mas isso significa que não vou ter estado lá a noite inteira! — Folha protestou. — Meus pais vão me matar!





Capítulo 4

— É mesmo? — o doutor Scamandros perguntou. — Isso parece severo demais.

— Ah, eles não vão me matar de verdade — Folha suspirou. — Mesmo que quisessem, eles estão de quarentena, por isso só podem gritar comigo pelo interfone e socar o guichê. Mas a vida vai ficar muito mais difícil.

Artur estava observando o Atlas. Alguma coisa tinha mudado e chamou sua atenção. Ele levou um instante para descobrir do que se tratava.

— Ei! Agora são 10h21 em casa!

— Eu *preciso* voltar — Folha declarou. — Prometo que vou tentar fazer alguma coisa sobre o Garoto sem Pele, mas tenho mesmo que ir e pelo menos acenar para os meus pais. Assim... como faço para ir para casa? E como volto para cá se... *depois* que eu pegar aquele bolso?

— Acho que Espirrador pode usar os Sete Relógios para mandá-la de volta para o hospital — Artur disse.

— Com certeza, senhor — Espirrador concordou com uma leve reverência.

— Voltar, eu não sei...

— O Garoto sem Pele passou pela Porta da Frente, então a Casa terá se manifestado em seu mundo — a Primeira Dama interferiu com um gesto afetado da mão. — Vocês só precisam encontrá-la, bater na Porta da Frente e tudo vai se resolver. Agora, devo insistir para que voltemos à Programação!

— Certo, certo — Artur concordou.

Ele se virou para Folha, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Não a conhecia há muito tempo, porém ela já parecia uma velha amiga e ele estava lhe pedindo que fizesse algo realmente importante. Artur não sabia como dizer o quanto estava agradecido pela amizade e ajuda dela.

— Eu... eu sinto muito por ter metido você nisso, Folha. Quero dizer que realmente dou valor... você... ahn... até mesmo os meus velhos amigos da cidade em que eu morava não seriam tão... bem... eu gostaria que houvesse alguma coisa... ah!

Ele pôs a mão atrás do pescoço e tirou o cordão com o medalhão do Marinheiro. Era a única coisa que tinha e que poderia dar.

— Não sei se vai ser útil, mas, se as coisas ficarem realmente difíceis, tente chamar o Marinheiro. Talvez... não que ele tenha sido muito rápido da última vez, mas... bem, boa sorte.

Folha ajeitou o cordão em torno do pescoço, assentiu com firmeza e se virou.

— Nunca me deu nada — murmurou uma voz invisível.

Artur olhou para a cadeira que Folha tinha acabado de deixar e viu Suzy curvada debaixo da mesa. Ela estava olhando o pé da Primeira Dama e segurando uma agulha de cerzir. A garota sorriu para Artur e espetou o pé, mas o gesto não surtiu efeito. Pequenas letras se abriram para permitir a entrada da agulha e então uma forte faísca correu ao longo do metal. Suzy soltou a agulha e chupou os dedos quando ela se transformou em uma pequena poça de metal derretido.

O garoto suspirou e com um gesto chamou Suzy para se aproximar e se sentar ao seu lado. Ela balançou a cabeça e ficou onde estava.

Folha não tinha visto Espirrador se mover, mas ele já estava perto da porta quando ela a alcançou. Ela ia atravessar, mas o doutor Scamandros se aproximou apressado e colocou algo na mão da garota quando ela passou.

— Você vai precisar disto — ele sussurrou. — Não vai poder ver a Casa sem isso ou encontrar a Porta da Frente. A Primeira Dama está um pouco impaciente... não intencionalmente, tenho certeza.

Folha olhou para o objeto que ganhou: um estojo de couro aberto contendo um par de óculos de aro de metal dourado com lentes finas muito rachadas e cobertas de linhas minúsculas. Ela fechou o estojo rapidamente e o guardou no cós apertado da calça.

— Por aqui, por favor, senhorita Folha — Espirrador convidou enquanto Scamandros voltou correndo para o seu lugar na mesa. — Você vai precisar de roupas mais adequadas para o Reino Secundário e sua época?

— Seria ótimo se tivesse alguma coisa — animou-se Folha, que estava usando uma camisa de algodão de mangas largas e calças de brim azul, o uniforme básico de grumete do Louva-a-Deus Voador.

Ela nem tinha começado a pensar em como explicaria seus trajes. Explicar por que não tinha ido visitar os pais, a tia e o irmão de quarentena por pelo menos dezesseis horas já seria bastante difícil.

Ao sair, Folha ouviu a Primeira Dama dizer alguma coisa ao doutor Scamandros e depois iniciar seu discurso. Ela parecia um político em um debate na televisão, cautelosa com as táticas para ganhar tempo do adversário.

— Lorde Artur, acho que agora podemos recomeçar como o senhor pediu, com a Programação reorganizada em ordem de importância.

— Claro — Artur concordou cansado, mas sem conseguir parar de pensar no Comedor de Espíritos, esse “Garoto sem Pele” que estava fingindo ser ele. O que a criatura iria fazer? Seus pais não iriam perceber nada. Eles estariam indefesos, assim como as irmãs e irmãos. A coisa dominaria suas mentes e então... mesmo que o Comedor de Espíritos fosse destruído e Artur pudesse voltar, ele não teria mais uma família.

Algo penetrou nos pensamentos de Artur. A Primeira Dama tinha acabado de falar alguma coisa. Alguma coisa muito importante.

— O que foi? — perguntou. — O que você disse?

— Eu disse, lorde Artur, que desconfiamos que a má administração dos Dias Seguintes não é acidente. Eles foram influenciados ou induzidos a agir dessa forma com o objetivo final de destruir a Casa completamente e, com essa destruição, acabar com toda a criação.

— O quê? — Artur saltou da cadeira, chamando a atenção de todos.

Ele voltou a se sentar devagar, respirou fundo para tentar acalmar o coração repentinamente acelerado.

— Realmente, lorde Artur, preciso repetir? Se os Dias Seguintes tiverem permissão de continuar a agir assim, há um grande risco de que a Casa seja destruída.

— Você tem certeza? — Artur indagou nervoso. — Quer dizer, o Sr. Segunda-Feira era realmente preguiçoso, e o Horrível Terça-Feira queria fazer um monte de coisas e ser dono delas, e Quarta-Feira... ela não pôde evitar se transformar numa imensa comilona. Isso não significa que eles queiram destruir a Casa.

— Em todos os casos, os Curadores arriscaram a existência da Casa — a Primeira Dama retrucou tensa. — A preguiça do Sr. Segunda-Feira fez com que a Casa Inferior não transportasse ou armazenasse os arquivos adequadamente e, por isso, até agora é impossível afirmar o que aconteceu com vários Habitantes, partes da Casa, objetos importantes, milhões ou possivelmente trilhões de mortais sencientes e mesmo mundos inteiros dos

Reinos Secundários. Também houve considerável interferência nos Reinos Secundários, grande parte através da Casa Inferior.

— O caso do Horrível Terça-Feira é ainda pior, pois devido à sua avareza, extraiu tanto Nada que as Regiões Afastadas da Casa correram risco de ser inundadas. Se as Regiões Afastadas tivessem caído no Nada, é bem possível que o resto da Casa também tivesse desmoronado.

— Quarta-Feira Submersa não conseguiu impedir o Mar Fronteiriço de ultrapassar suas fronteiras e agora ele se estende a muitos lugares em que não deveria estar. Dessa forma, quem consegue passar a Linha das Tempestades pode ir para a Casa e dela para outros lugares. Ele também está invadindo áreas de Nada, mais uma vez enfraquecendo a estrutura da Casa.

Ela parou para tomar um gole de seu vinho cor de sangue.

— Todos esses fatos reunidos sugerem que os Curadores, intencionalmente ou não, fazem parte de um plano para demolir a Casa e reduzi-la, assim como tudo o mais que a Arquiteta criou, a Nada.

— Todo o universo? — Artur indagou.

— *Todo o universo* — a Primeira Dama repetiu. — Embora não saibamos ainda quem está por trás dessa trama ou o que espera ganhar. Lorde Domingo ou Sábado Superior são os candidatos óbvios... mas eles também serão destruídos. A menos que tenham encontrado um jeito de destruir apenas parte da Casa... é uma charada curiosa. Como sou apenas três partes do Testamento, não tenho conhecimento suficiente. Seja como for, isso não importa, pois nossa estratégia vai ser a mesma, quer enfrentemos os Curadores ou alguma força que os apoia.

— Qual é “nossa” estratégia? — Artur perguntou.

— Como tem sido até agora — a Primeira Dama explicou. — Você vai arrebatar a Quarta Chave do Furioso Quinta-Feira, a Quinta, da Madame Sexta-Feira, a Sexta, de Sábado Superior e a Sétima, de Lorde Domingo.

— Isso é tudo? Você chama isso de estratégia?

— O que você esperava de um peixe-sapo-urso? — Suzy disse debaixo da mesa, em um tom que apenas Artur podia ouvir.

— É uma ótima estratégia — a Primeira Dama retrucou nervosa. — Naturalmente há detalhes que merecem atenção. Uma das primeiras coisas que precisam ser feitas é recuperar as fronteiras do Mar Fronteiriço antes que ele cause mais problemas. Já que você decidiu ficar com a Terceira Chave, Artur, essa deve ser a sua próxima tarefa.

— O que preciso fazer?

— Quarta-Feira Submersa identificou 37. 462 lugares em que o Mar Fronteiriço invadiu os Reinos Secundários ou o Nada. Em cada caso, você precisa usar o poder da Chave para obrigar o Mar a voltar ao seu lugar. Felizmente, você não precisa visitar todos os locais, já que o poder da Terceira Chave pode ser usado a partir de Porto Quarta-Feira.

— Mas eu teria que usar a Chave 37 mil vezes — Artur retrucou.

Ele olhou para o anel em forma de crocodilo no dedo. Ele parecia não ter mudado nada desde que tinha usado o Atlas. Mas, quando o levou bem perto dos olhos, viu que o dourado tinha avançado um milímetro e naquele momento estava exatamente na quarta listra.

— Eu me transformaria num Habitante num fechar de olhos e nunca poderia voltar para casa.

— Esse apego sentimental ao seu mundo original e sua mortalidade é uma grave fraqueza, Artur — a Primeira Dama censurou.

Ela se inclinou enquanto falava e Artur sentiu seu olhar atraído para o dela. Os olhos da Primeira Dama ficaram mais brilhantes, impregnados por uma luminosidade dourada e, apesar de ela não estar usando as asas, Artur sentiu-as se levantarem atrás dela, aumentando-lhe a majestade. Ele sentiu uma necessidade quase insuportável de se curvar diante dela, por ser tão linda e poderosa.

— O Mar Fronteiriço deve ser devolvido aos seus limites e somente a Terceira Chave pode fazer isso.

Artur tentou levantar o queixo, resistindo à pressão de se curvar diante do Testamento. Seria tão fácil ceder, concordar com qualquer coisa que ela quisesse. Mas, se o fizesse, seria o fim de um garoto chamado Artur Penhaligon. Ele seria outra coisa, não seria mais humano.

Mas seria tão fácil... Artur abriu a boca e logo a fechou novamente quando um objeto afiado picou o seu joelho. A dor momentânea permitiu-lhe romper o contato visual com a Primeira Dama e ele olhou para baixo rapidamente.

— Vou pensar no assunto — Artur respondeu.

Foi difícil até mesmo dizer isso, mas funcionou. A Primeira Dama se recostou e a aura quase visível de suas asas diminuiu, o rosto dela não pareceu mais tão insuportavelmente lindo.

Artur tomou um gole do suco de laranja e olhou embaixo da mesa. Suzy estava guardando uma agulha grande no forro do casaco, onde ficou com

outras seis.

O garoto respirou fundo e continuou:

— O que planeja para mim depois que o problema do Mar Fronteiriço estiver resolvido?

— O Furioso Quinta-Feira está com a Quarta Chave — a Primeira Dama informou. — Como ele comanda o Glorioso Exército da Arquiteta e é um Habitante muito poderoso, volátil e excessivamente violento, não seria prudente confrontá-lo diretamente. Em vez disso, achamos melhor empregar agentes para descobrir onde a Parte 4 do Testamento foi aprisionada pelo Furioso Quinta-Feira. Depois de descobrir e libertar a Parte 4, podemos pensar em nosso passo seguinte. Enquanto isso, por causa do perigo representado pelos assassinos, seria melhor que você fosse até Porto Quarta-Feira com uma escolta e trabalhasse para conter o Mar Fronteiriço com a Terceira Chave.

— Certo — disse Artur.

Ele franziu o cenho e bebericou o suco de laranja enquanto tentava imaginar o que deveria fazer. A única coisa que sabia com certeza era que, se quisesse ter alguma chance de voltar a ser normal, teria que evitar usar as Chaves. Obviamente, a Terceira Chave precisava ser usada naquele exato momento para controlar o Mar Fronteiriço. Mas isso poderia ser feito pela Primeira Dama.

“E eu simplesmente vou ficar escondido aqui”, Artur pensou desanimado. Ele se sentia fraco e encurralado, mas, ao mesmo tempo, não conseguia pensar em mais nada para fazer.

— Se eu usar a Terceira Chave com essa intensidade, vou me transformar em um Habitante, ponto final — Artur disse, finalmente. — Mas entendo que o Mar Fronteiriço precisa ser contido. Assim, vou lhe dar a Terceira Chave.

— Muito bem — a Primeira Dama respondeu. Ela sorriu e deu uns tapinhas no livro satisfeita, mas parou como que atingida por uma lembrança repentina. — Entretanto, você é o Herdeiro Legítimo. Você não deveria continuar sendo um fraco mortal. Provavelmente seria melhor se você conservasse e usasse todas as três Chaves e se tornasse um Habitante o mais depressa possível.

— Eu lhe disse centenas de vezes — Artur tornou irritado. — Sei que não posso ir para casa agora, mas pelo menos tenho uma chance... uma pequena

chance de que um dia, se eu não me transformar em um Habitante... ah, deixe para lá!

Artur se recostou na cadeira e bateu na mesa zangado, mas estragou o efeito quando se engasgou com saliva. Ele apanhou o suco de laranja e tomou tudo para limpar a garganta, até que alguma coisa dura rolou do copo e entrou em sua boca, quase o asfixiando de verdade.

Artur cuspiu a coisa na mesa e o objeto retiniu como um sino ao cair na superfície de metal, rolou em círculos cada vez menores e parou, trepidando. Era uma moeda de prata de uns 4 centímetros de diâmetro.

— Mas o quê... — Artur começou. — Tinha uma moeda no meu suco!

— Não — a Primeira Dama afirmou.

Ela soltou o lápis de ouro e um leque de casco de tartaruga surgiu em sua mão. Enquanto recomeçava a falar, abanou o rosto agitada.

— Certamente você não é um candidato aceitável.

— Do que você está falando? — Artur pegou a moeda e a examinou.

Um dos lados exibia a cabeça de um cavaleiro, com o visor do capacete levantado e plumas de avestruz caídas de um lado. No início, as letras em volta da lateral eram apenas um palavrório sem sentido para Artur, mas elas mudaram enquanto ele as observava e escreveram Furioso Quinta-Feira, *Defensor da Casa*. O outro lado mostrava a parte superior de uma grande espada antiga com uma serpente enrolada no cabo. Ou talvez a serpente *fosse* o cabo. Artur não tinha certeza. As palavras em torno desse lado também estremeceram e mudaram, para escrever *Um Xelim*.

— É só uma moeda — Artur falou e olhou ao redor. Todos o encaravam e pareciam perturbados. — Não é?

— É o xelim do Furioso Quinta-Feira — a Primeira Dama explicou.

— Você foi enganado para pegá-lo. Um dos mais antigos truques, fazer alguém aceitar alguma coisa que não quer ou desconhece.

— O que isso significa?

— Significa que você foi convocado — a Primeira Dama contou.

— Pelo Glorioso Exército da Arquiteta. Imagino que os papéis cheguem a qualquer momento.

— Convocado? Para o exército? Mas como...

— Suponho que, tecnicamente, você ocupe um cargo dentro da Casa — a Primeira Dama continuou. — O que permite que o Furioso Quinta-Feira o

convoque. Todos os Habitantes, em algum momento, precisam prestar seu século de serviço militar...

— Século! Não posso passar *cem anos* no Exército!

— A questão é se isso faz parte de um plano intencional do Furioso Quinta-Feira para colocá-lo sob seu controle ou apenas um acidente do processo administrativo. Se for o último caso, você vai estar seguro até descobrirmos onde está a Parte 4 do Testamento e, então, com a ajuda dela, poderemos...

— *Seguro?* Vou estar no Exército! E se eu for mandado para lutar numa guerra ou coisa parecida? E se o Furioso Quinta-Feira simplesmente me matar?

A Primeira Dama sacudiu a cabeça.

— Ele não pode simplesmente matá-lo. Depois que você for recrutado, ele vai ter que obedecer aos próprios regulamentos. Suponho que ele possa tornar as coisas muito desagradáveis para você, mas eles sempre fazem isso para os Recrutas.

— Fantástico. E os assassinos que mataram o Sr. Segunda-Feira e o Horrível Terça-Feira? E se eles me matarem?

— Humm. Na verdade, isso poderia funcionar em seu proveito, Artur. Nenhum assassino da Casa Intermediária ou Superior ousaria atacá-lo entre seus camaradas no Grande Labirinto. E um Habitante dos Jardins Incomparáveis ficaria muito visível, o que lhe daria tempo para fugir ou pensar em alguma coisa. Você estaria fora do caminho e relativamente seguro enquanto damos continuidade aos nossos planos.

— Peço desculpas, Primeira Dama, mas há uma coisa que o Furioso Quinta-Feira pode e provavelmente vai fazer se souber que Artur está entre os Recrutas — Meio-Dia de Segunda-Feira interrompeu. — Eu servi há muito tempo, mas não esqueci aquela época. Provavelmente Artur vai ficar bem seguro durante seu primeiro ano de treinamento. Mas, depois disso, ele pode ser designado para ficar com os Guardas das Fronteiras ou no Forte da Montanha, onde sempre lá lutas com os Nadicas. Como mortal, ele enfrentaria um risco muito maior nas batalhas do que qualquer Habitante.

— E se eu simplesmente não for? — Artur perguntou, pois essa parecia ser a melhor opção. — Deve haver algum benefício em ser o Mestre da Casa Inferior e Duque do Mar Fronteiriço e tudo o mais. Quero dizer, o Furioso

Quinta-Feira não poderia recrutar o Sr. Segunda-Feira, o Horrível Terça-Feira ou a senhora Quarta-Feira, poderia?

— Poderia, sim — Meio-Dia de Segunda-Feira respondeu. — Se eles ainda não tivessem servido.

— Mas eu me recuso a... — o garoto começou a dizer e foi interrompido por uma forte batida na porta. Um Sargento Comissionário pôs a cabeça para dentro e pigarreou.

— Com licença, madame — ele disse para a Primeira Dama. — Lorde Artur, há um Sargento Recrutador aqui. Ele diz que veio em missão oficial e trouxe a documentação correta. Ele está desarmado. O que devemos fazer?

— Não temos escolha — a Primeira Dama respondeu. — O Furioso Quinta-Feira tem autoridade para fazer isso. Distraia-o por alguns minutos e depois o deixe entrar. Artur, é melhor me entregar a Terceira Chave agora.

— Você simplesmente vai me entregar? — Artur indagou.

— Não temos escolha — a Primeira Dama repetiu.

O livro da Programação virou algumas páginas e ela marcou um item com a caneta, um ato que deixou Artur ainda mais furioso. Ele não conseguia ver, mas sabia que tinha que ser um item que dizia alguma coisa como “Mantenha Artur em segurança e fora do caminho”.

— Vou ficar com a Terceira Chave — anunciou em voz alta. — Provavelmente vou precisar dela.

— Se fizer isso, vai entregá-la ao Furioso Quinta-Feira — Meio-Dia de Segunda-Feira argumentou. — Recrutas não podem levar nenhum bem pessoal. Você vai receber tudo de que precisa.

Artur encarou Meio-Dia. Não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Todos estavam simplesmente aceitando o fato de ele servir o Exército da Casa durante cem anos.

— Eu não vou — declarou.

Ele ergueu a Terceira Chave como uma arma. Percebendo sua disposição de ânimo, ela ficou mais longa e afiada até se transformar em um tridente da altura de Artur, os dentes compridos como seus braços.

— E qualquer um que tentar me obrigar vai sofrer.

— Duas vezes — acrescentou a voz debaixo da mesa.





Capítulo 5

— Receio que isso não vá funcionar, lorde Artur — a Primeira Dama discordou. Ela ainda estava anotando irritantemente algo no Livro e nem mesmo olhou para Artur. — As Chaves só têm poder em seus domínios, embora tenham a mesma força nos Reinos Secundários.

— O que isso quer dizer? — Artur quis saber.

— A Terceira Chave somente detém seu poder completo no Mar Fronteiriço, a Segunda, nas Regiões Afastadas, e a Primeira, na Casa Inferior — o doutor Scamandros explicou. — Todas funcionam nos Reinos Secundários onde possuem poder equivalente. Exceto, acredito, pela Sétima Chave, que é a principal...

— O tempo é curto, lorde Artur — a Primeira Dama interrompeu. Ela fechou o Livro com um estalo profissional. — Se você pretende renunciar à Terceira Chave em meu favor, deve fazê-lo agora.

— Mas não quero servir o Exército — Artur retrucou. A raiva o estava deixando e agora ele se sentia triste e sozinho. Para piorar, a sua única aliada ainda se encontrava escondida debaixo da mesa. — Principalmente durante cem anos! Deve haver uma maneira de escapar disso.

— Se você conseguir encontrar a Quarta Parte do Testamento e pegar a Quarta Chave, então poderá assumir o lugar do Furioso Quinta-Feira como comandante e se libertar — Meio-Dia de Segunda-Feira esclareceu.

— É claro que vamos continuar a procurar a Quarta Parte do Testamento — a Primeira Dama garantiu. — Talvez possamos ajudá-lo quando a encontrarmos.

— Eu vou com você, Artur — Suzy se ofereceu.

Ela saiu engatinhando debaixo da mesa, sentou na cadeira de Folha e tomou o que restava do suco de laranja da garota antes de acrescentar:

— Não pode ser tão ruim assim.

— Você não vai fazer uma coisa dessas — a Primeira Dama protestou. — Você tem um trabalho a fazer aqui como Terça Parte de Segunda-Feira.

— Ninguém se apresenta ao Exército como voluntário — Meio-Dia de Segunda-Feira interferiu. — Todos são convocados. Quer dizer, além dos Habitantes originalmente feitos para serem soldados. Não sei se é possível ser voluntário.

— Acho que, se Artur me quiser junto dele, então devo ir — Suzy afirmou. — Acho que até me lembro de ter estado no Exército. Provavelmente fui convocada séculos atrás e servi o tempo necessário, só que sofri lavagem cerebral e não me lembro de nada. Talvez algum dia eu lembre. Seja como for, posso ajudar Artur a encontrar a Parte 4 do Testamento.

— Obrigado, Suzy! — Artur exclamou, sentindo-se muito melhor, ler Suzy ao seu lado seria ótimo. — Quero que você venha. Você sempre me anima, isso sem mencionar o fato de que me ajuda... acho que... se eu tenho que ir, é melhor ir andando.

Ele se levantou, apanhou a Terceira Chave e foi até a Primeira Dama. Ela deixou a cadeira e fez uma reverência. Quando endireitou o corpo, Artur ficou espantado com o tanto que ela estava mais alta agora que continha três partes do Testamento. Tinha bem mais do que 2 metros de altura, talvez quase 2 metros e meio, e olhando de perto ele conseguiu ver minúsculas palavras arrastando-se sobre sua pele e suas roupas. Havia milhares de pequeninas letras de fôrma antigas em constante movimento, mudando de cor ao se moverem para se transformarem em pele ou roupas. De vez em quando, Artur conseguia decifrar uma palavra ou trecho de frase, coisas como, “O Testamento é a Palavra, e a Palavra é...”. Olhar para ela era um pouco como examinar uma nota de dinheiro onde alguém pode ver todos os minúsculos detalhes impressos que formam as imagens, se estiver perto.

— Você se lembra das palavras, lorde Artur, que me nomeiam a administradora da Terceira Chave?

— Não — Artur disse. — Você começa e eu as repito.

— Muito bem. “Eu, Artur, Duque do Mar Fronteiriço, Lorde das Regiões Afastadas, Mestre da Casa Inferior, Controlador da Primeira, da Segunda e da Terceira Chave do Reino, concedo a minha fiel serva, a combinação da Primeira, Segunda e Terceira Partes do Grande Testamento da Arquiteta, todos os meus poderes...”

Artur repetiu as palavras mecanicamente com a mente em algum lugar distante. Ele tinha medo do que o Garoto sem Pele iria fazer e de que Folha estivesse simplesmente se arriscando sem nenhuma esperança de sucesso. Ele

também receava o que poderia lhe acontecer. Afinal, era apenas um menino. Não deveria ser recrutado por nenhum exército, ainda menos um repleto de Habitantes imortais, que eram muito mais resistentes e fortes do que ele.

A Primeira Dama pegou o tridente e, pela primeira vez Artur notou que as luvas que ela usava, transformadas para parecer mais femininas, serviam, na verdade, para proteger a Segunda Chave. E a espada feita dos ponteiros de relógio que era a Primeira Chave estava presa ao seu cinto, quase toda escondida pela cauda de seu longo vestido que flutuava a sua volta como uma capa.

— Obrigada, Artur — a Primeira Dama agradeceu. — Acho melhor eu também ficar com o Atlas.

— Acho que ele não me serve muito sem a Chave — Artur concordou. Ele pegou o pequeno livro verde e o entregou para ela lentamente, com a sensação de que estava perdendo tudo o que poderia ajudá-lo.

— Excelente! Vou começar a trabalhar no Mar Fronteiriço imediatamente — anunciou a Primeira Dama. — Também não vamos poupar esforços para tentar encontrar a Quarta Parte do Testamento e vamos mantê-lo informado de nossos progressos.

— O envio de correspondência só acontece duas vezes por ano na escola de Recrutas — Meio-Dia de Segunda-Feira informou. — E os Recrutas não podem enviar telegramas ou telefonar.

— Vamos dar um jeito — a Primeira Dama garantiu. — Agora, é melhor deixar o oficial de Recrutamento entrar. Boa sorte, Artur.

— Ainda não gosto disso — ele replicou. — Quero que descubra algum jeito para eu ser liberado do Exército.

— Como quiser, lorde Artur — a Primeira Dama respondeu.

Ela inclinou a cabeça, mas não fez uma reverência e, mais uma vez, Artur teve a sensação de que ela ficaria satisfeita em vê-lo preso na Casa durante séculos, enquanto o Garoto sem Pele tomava seu lugar em sua casa... talvez ele não tivesse para onde ir depois de deixar o Exército e só lhe restasse se tornar um Habitante.

— Eu vou voltar — Artur afirmou determinado. — Como eu mesmo, não como um Habitante. Se eu precisar encontrar a Parte 4 do Testamento e tirar a Quarta Chave do Furioso Quinta-Feira, vou fazer isso. E espero que todos aqui ajudem Folha do jeito que puderem, especialmente se... quando... ela voltar com o bolso.

— Ah, lorde Artur — o doutor Scamandros disse nervoso, com um olhar de lado para a Primeira Dama. — *Esperar é* uma... como posso dizer... uma palavra tão inexata...

— Aqui está o oficial de Recrutamento! — a Primeira Dama interrompeu. — Bem-vindo à Sala de Estar de Segunda-Feira, tenente.

O oficial ficou em posição de sentido ao lado da porta e bateu continência. Para Artur, ele parecia um personagem saído de um livro de história. Usava uma túnica escarlate com lapelas brancas e debruns brancos e muitos botões dourados. Suas pernas estavam cobertas por calças pretas que exibiam uma larga listra dourada de cada lado. Ele calçava botas pretas com esporas e ficava pelo menos 30 centímetros mais alto devido a um imenso chapéu de pele preto com plumas azuis e brancas. Ele também levava uma Lua crescente de bronze pendurada no pescoço, gravada com arabescos e números.

Ele olhou ao redor do aposento e viu a Primeira Dama, claramente a Habitante mais alta e importante na sala.

— Queira me desculpar, senhora — disse o tenente. — Eu me chamo Crosshaw, oficial de Recrutamento. Trago uma requisição de convocação para um Artur Penhaligon, só que acho que deve haver um erro, pois sua precedência dentro da Casa é.. bem... seis. Pensei que talvez estejam faltando alguns zeros... Talvez se houver alguém entre a equipe do Sr. Segunda-Feira chamado Artur Penhaligon, eu deva testar o documento de Recrutamento.

— Não há nenhum erro — a Primeira Dama respondeu e indicou Artur com um aceno leve da mão. — A pessoa em questão é lorde Artur Penhaligon, Mestre da Casa Inferior, Lorde das Regiões Afastadas, Duque do Mar Fronteiriço, sexto em precedência dentro da Casa. Eu sou a Primeira Dama, Partes 1, 2 e 3 do Testamento da Arquiteta.

Crosshaw engoliu ruidosamente, abriu a boca e a fechou outra vez e então olhou para os papéis em sua mão. Ele pareceu encontrar força neles, pois olhou diretamente para Artur e se aproximou com passos duros, parando e batendo os calcanhares bem a sua frente.

— O senhor me desculpe, ahn... lorde Artur. Estive num posto fronteiriço remoto no Grande Labirinto até ontem quando assumi minhas novas funções e não sabia que houve mudanças, ahn, entre os Curadores. A questão é... não sei bem como explicar... Até onde sei, se seu nome está no formulário de Recrutamento, então precisa ser convocado. Preciso entregá-lo ao senhor.

O tenente estendeu um grande pedaço quadrado de papel-pergaminho coberto por várias letras pequenas que exibiam o nome de Artur escrito em um espaço no centro.

— O que vai acontecer se eu não o aceitar?

— Não tenho muita certeza — Crosshaw respondeu. — Se aceitá-lo, vou acompanhá-lo no elevador ao Grande Labirinto até o Campo de Recrutamento. Se não aceitá-lo, acho que os poderes contidos no formulário vão levá-lo ao Campo de Recrutamento de qualquer forma, por meios... mais desagradáveis.

— Se eu puder dar uma olhada no documento... — pediu o doutor Scamandros, que tinha se aproximado e se postado ao lado de Artur. Ele ajustou os óculos com lentes de cristal na testa, e não sobre os olhos, e espiou o documento. — Ah, sim, aqui está.

Muito interessante. Se você não for de livre e espontânea vontade, Artur, será transformado num objeto, geralmente um pequeno pacote de papel pardo amarrado com barbante que possa passar pelo sistema postal da Casa... que, considerando-se os problemas ainda existentes na Casa Inferior, não seria um... ahn... modo de viagem eficiente.

— Está certo, vou aceitá-lo — Artur concordou.

Ele estendeu a mão, apanhou o papel e gritou horrorizado quando este se enrolou em sua mão e começou a deslizar braço acima como uma terrível lesma que estivesse consumindo a sua carne, embora não provocasse dor.

— Não se assuste! — Crosshaw gritou. — Ele só está se transformando em um uniforme!

Artur desviou o olhar e tentou relaxar. O papel continuou a se mover sobre o corpo dele, farfalhando e ondulando. Quando Artur olhou para baixo, suas roupas tinham se transformado em uma simples túnica azul com botões pretos, calça azul e botas pretas curtas. Um cinto de lona branco com uma fivela de bronze carregava uma cartucheira branca de munição e uma alça para baioneta vazia no quadril.

Mas o aviso de Recrutamento ainda não estava totalmente terminado. Artur se encolheu ao sentir o papel sair de baixo da túnica e escorregar em sua nuca. Ele subiu até a cabeça e se transformou em um chapéu cilíndrico azul com um barbicacho apertado e desconfortável preso sob o lábio de Artur, e não debaixo do queixo.

— Muito bom, Recruta — Crosshaw elogiou. Ele não estava mais nervoso e Artur se sentiu imediatamente menor e mais insignificante. — Siga-me.

O tenente saudou a Primeira Dama, girou nos calcanhares e deu um passo na direção da porta.

— Espere! — Suzy chamou. — Eu também vou.

— O que disse? — Crosshaw se virou surpreso.

— Vou como voluntária — Suzy explicou. — Quero ir com Artur.

— Não aceitamos voluntários — tornou Crosshaw. — Nunca se sabe quem vai aparecer.

— Mas acho que já servi antes... provavelmente estou na Reserva.

— Também não estamos chamando reservistas — o tenente retrucou. — Especialmente crianças do Tocador de Gaita que passaram por lavagem cerebral e esqueceram tudo o que já aprenderam.

— Tenho um papel em algum lugar — Suzy afirmou enquanto remexia nos bolsos.

— Não posso ajudá-la, senhorita — Crosshaw a dispensou com determinação. — Venha comigo, recruta Penhaligon. Endireite esse corpo. O que é isso na sua perna?

— Uma tala de siri — Artur respondeu. Ao contrário de todas as suas roupas, a tala de siri tinha permanecido cobrindo a calça azul. — Para uma perna quebrada.

— Prescrita por mim — o doutor Scamandros esclareceu. — Doutor Scamandros, ao seu dispor. Major Scamandros, Feiticeiro do Exército, aposentado. Prestei serviço há cerca de três mil anos, antes de continuar meus estudos avançados na Casa Superior.

— Muito bom, senhor — Crosshaw retrucou, com outra saudação rápida. — Se é uma necessidade médica receitada, ela pode permanecer.

— Lorde Artur é um mortal — Scamandros acrescentou e pegou um pequeno bloco de notas, onde apressadamente rabiscou alguma coisa nele com a pena de pavão que pingava tinta prateada. — Ele precisa da tala de siri e do anel em seu dedo por motivos médicos. Ele deve receber atenção especial.

Crosshaw aceitou a nota apresentada, dobrou-a e a guardou na manga.

— Eu ainda vou junto — Suzy insistiu.

— Não tem lugar para você no elevador — Crosshaw disparou. — Se realmente for uma reservista, acho que não há nada que a impeça de fazer uma petição para o Furioso Quinta-Feira para realistá-la. Isso não é minha função.

Mas não há nada que a impeça. Venha comigo, recruta Penhaligon. Esquerda volver, em marcha!

Crosshaw começou com o pé esquerdo, os saltos das botas estalando no chão de mármore enquanto marchava na direção da porta. Artur o acompanhou, fazendo o melhor que podia para imitar o estilo de marcha do tenente e acertar o passo.

De repente, sentiu-se terrivelmente só, abandonado por todos e extremamente inseguro sobre o que o futuro lhe traria.

Ele iria realmente desaparecer no Exército por cem anos?





Capítulo 6

— As roupas são satisfatórias, senhorita Folha? — Espirrador perguntou à garota quando ela saiu de trás da estante central no meio da biblioteca depois de se trocar.

— Acho que sim — ela respondeu.

Folha observou a camiseta de uma banda da qual nunca tinha ouvido falar. Pela confusão de figuras mitológicas no tecido manchado, imaginou que fosse da década de 70. Ela usava um par de calça jeans que, apesar de dar essa impressão, não era exatamente de brim e no bolso de trás havia um holograma impressionante de um animal que certamente não existia na Terra.

— Se quiser, podemos tentar dar uma olhada em seu destino antes de a senhorita atravessar — Espirrador ofereceu.

Ele foi até uma fileira de estantes e puxou a corda que havia na extremidade. Um sino tocou em algum lugar sobre a cabeça de Folha e toda a parede coberta por estantes do chão ao teto se afastou e deslizou para o lado, revelando um aposento de sete lados revestido de nogueira escura. No centro da sala, sete carrilhões altos se encontravam dispostos em círculo, um de frente para o outro.

— Que barulho é esse? — Folha indagou ao sentir e ouvir um zumbido baixo e estranho. Dos carrilhões não vinha nenhum tique-taque.

— O pêndulo dos relógios — Espirrador esclareceu. — As batidas do coração do Tempo. São os Sete Relógios, senhorita.

— Eu gostaria de dar uma olhada primeiro Folha declarou. Pode me mostrar onde está o Garoto sem Pele?

— Podemos pelo menos tentar — Espirrador respondeu.

Ele bateu um dedo comprido no nariz e sorriu. Enquanto servia Segunda-Feira, esse teria sido um gesto horripilante feito com uma mão de unhas sujas e compridas em um nariz coberto de bolhas, mas agora a mão de Espirrador estava limpa, suas unhas tratadas e seu nariz, embora comprido e adunco, era saudável. Até mesmo os longos cabelos brancos que cresciam na parte

posterior de sua cabeça estavam penteados e amarrados para trás com uma fita de veludo azul-escuro, combinando com a casaca comprida.

— Por favor, fique fora do círculo de relógios até que eu diga o contrário, senhorita Folha.

O mordomo respirou fundo, então entrou rapidamente no círculo e começou a mover os ponteiros do relógio mais próximo. Feito isso, ele correu até o próximo e depois para o seguinte, ajustando o tempo em cada mostrador. Depois de mudar o sétimo relógio, ele deixou o círculo apressado.

— Devemos ver alguma coisa em instantes — Espirrador explicou. — E, depois de ajustar um pouco o conjunto, vou mandá-la de volta. Receio que esteja claro que não posso devolvê-la para antes das 10h20 da quinta-feira após a quarta-feira em que partiu. Ah... está começando.

Um tornado de névoa branca começou a se erguer do chão e girar lentamente, ficando cada vez mais lento e se espalhando à medida que subia. Em poucos segundos, a névoa tinha enchido completamente o círculo entre os carrilhões. Enquanto Folha observava, um brilho prateado atravessou a nuvem, tornando-se tão forte que ela teve que semicerrar os olhos.

Logo, o brilho prateado diminuiu e a nuvem ficou transparente. Folha se viu olhando para um quarto de hospital como se fosse uma mosca no teto. Era um quarto comum com uma cama apenas. Artur se encontrava deitado nela. Ou melhor, ela lembrou depressa, o Garoto sem Pele estava na cama. Ele se parecia exatamente com Artur e ela estremeceu, pois, se não tivesse sido avisada, nunca saberia que não era o amigo.

Em seguida, viu o relógio na parede. Ele mostrava 10h25, o que era reconfortante. Se ainda era apenas quinta-feira...

A porta se abriu e um médico entrou. Folha se assustou, pois não esperava ouvir coisa alguma. Mas o som da porta se abrindo e os passos do médico eram nítidos como se ela estivesse observando do teto.

— Olá, Artur — o médico cumprimentou. — Lembra-se de mim? Doutor Naihan. Só preciso dar uma olhada no seu gesso.

— Fique à vontade — o Garoto sem Pele disse. Folha estremeceu novamente, pois a voz do Nadica era igualzinha à de Artur.

O médico sorriu e puxou as cobertas para dar uma olhada na tala moderna que envolvia a perna do garoto. Ele mal tinha olhado por alguns segundos quando endireitou o corpo e coçou a cabeça surpreso.

— Isso é... não entendo... a tala parece ter se fundido com a sua perna... mas isso é impossível. É melhor eu chamar o professor Arden.

— O que há de errado com o gesso? — o Garoto sem Pele indagou. Ele se sentou e escorregou da cama enquanto o doutor Naihan apanhou o telefone ao lado da cama.

— Não, você não deve se levantar, Artur — Naihan exclamou. — Eu só vou chamar...

Antes que o médico pudesse dizer mais alguma coisa, o Garoto sem Pele o atingiu na garganta com tanta força que o homem foi jogado contra os tubos de oxigênio na parede. Ele deslizou parede abaixo e caiu imóvel no chão.

O Garoto sem Pele riu, uma estranha mistura do riso de Artur sobreposto a alguma outra coisa, algo inumano. Ele se curvou e encostou um dedo no pescoço de Naihan, claramente verificando se ele estava morto. Em seguida, apanhou o corpo com uma das mãos, algo que Artur nunca conseguiria fazer, e simplesmente o jogou no armário.

Depois, foi até a porta, abriu-a e olhou para fora por um segundo antes de sair. A porta se moveu devagar atrás do Nadica, fechando-se com um clique final que fez Folha estremecer.

Ela não tinha se dado conta de como seria horrível ver um monstro que parecia e falava exatamente como Artur. Um monstro que matava pessoas com uma indiferente facilidade.

— Agora, senhorita Folha, chegou a hora de voltar — Espirrador recomendou, fazendo Folha saltar.

Enquanto ele falava, a cena do hospital desapareceu, Folha tornou a ver somente o revestimento de madeira das paredes e do piso e a ouvir o zumbido dos relógios.

— Fique no círculo, depressa, antes que os carrilhões toquem!

Ele saltou para fora e Folha entrou no círculo. Um segundo depois, todos os relógios começaram a tocar ao mesmo tempo, enquanto o aposento cintilava ao redor da menina. Ela se sentiu tonta quando tudo ficou indistinto e envolto em névoa, e uma onda de náusea a atingiu quando um brilho branco começou a se espalhar pelas paredes, pelo chão e pelo teto. Não demorou para que tudo ficasse branco ao redor dela.

Ela estava prestes a gritar ou vomitar, ou ambos, quando a luz recuou em um dos lados e ela conseguiu ver uma espécie de corredor, rodeado por luzes brancas, porém mais suaves no centro.

Folha saiu vacilante e caminhou pelo corredor apertando o estômago. Totalmente desorientada, com a luz branca pressionando-a pelas costas e dos lados, não conseguia ouvir o som de seus passos, ou de sua respiração, ou qualquer outra coisa.

Então, sem aviso, o som voltou, uma espécie de rugido em seus ouvidos parecido com o vento, mas que diminuiu rapidamente e desapareceu. Um momento depois, a luz branca também sumiu. Folha, com os olhos ainda bem abertos, deu alguns passos ruidosos no chão duro e caiu, ficando deitada de costas. Sua mente perturbada levou algum tempo para perceber que as luzes que estava vendo naquele momento, apesar de brancas, eram simplesmente lâmpadas fluorescentes em um teto azul-claro.

Ela se sentou e olhou em volta. Encontrava-se no corredor de um hospital. O Hospital da Região Leste. Ela reconheceu a horrível combinação de cores azul-claro e marrom. Não havia ninguém no corredor, mas ela viu várias portas em toda a extensão dele.

E havia um relógio acima das portas de vaivém no fim do corredor. Segundo ele, eram 12h10, o que a deixou preocupada, porque, quando tinha sido uma mosca na parede observando o Garoto sem Pele, eram apenas 10h25. Se ainda era quinta-feira, ela tinha perdido apenas um pouco mais que uma hora, mas mesmo assim...

Folha se levantou, limpou a boca com as costas da mão e verificou as portas mais próximas. Elas levavam para algum tipo de depósito, o que indicava que ela estava em um dos andares inferiores do hospital, proibidos ao público. Isso significava que sua primeira prioridade era sair dali antes que fosse pega pela segurança do hospital e tivesse que explicar o que estava fazendo ou como tinha entrado.

Alguns minutos depois, deixando o estridente alarme de uma porta de saída para trás, Folha desceu de um elevador em frente à recepção do andar da quarentena. Mas ele não era como quando o tinha deixado: naquele dia, a sala de espera estava cheia de pessoas que tinham ido ver os parentes de quarentena ainda não liberados para o caso de a Praga do Sono não ter realmente passado. Agora, a sala de espera estava vazia e havia enormes folhas de plástico dobradas sobre as cadeiras e o cheiro revelador de desinfetante recentemente espalhado. E o que era pior, do ponto de vista de Folha, não havia apenas dois guardas na recepção da área restrita, mas sim quatro

seguranças do hospital, meia dúzia de policiais usando equipamento completo de proteção e alguns soldados em trajes de proteção contra agentes biológicos.

E todos a notaram antes que pudesse voltar para o elevador.

— Fique onde está! — trovejou um dos guardas do hospital. — Todo este andar está na área-Q. Como você chegou até aqui?

— Entrei no elevador, ora — Folha respondeu, agindo como se fosse mais jovem e boba do que era.

— Ele devia estar trancado no andar térreo — o guarda resmungou. — Volte e desça ao Primeiro Andar.

— Não vou ficar doente, vou? — Folha indagou.

— Volte para baixo! — o guarda ordenou.

Folha entrou no elevador e apertou o botão. Estava claro que alguma coisa tinha mudado nas horas em que estivera afastada. O fato de todo o andar de quarentena estar trancado não era bom sinal. Mas a Praga do Sono tinha terminado...

As portas do elevador se abriram no andar térreo. Folha saiu e encontrou um pandemônio. Pessoas em todos os lugares enchiam o saguão, os corredores e as áreas de espera. A maioria das pessoas que estava sentada parecia funcionários do hospital, e não visitantes. Até onde Folha conseguia ver depois de um rápido exame, não havia pacientes.

Ela começou a andar entre a multidão, a mente ocupada, tentando descobrir o que fazer. Primeiro, teria que saber que dia era exatamente e o que estava acontecendo. Depois, teria que resolver como chegar até a rouparia onde se supunha que o Garoto sem Pele tinha escondido o bolso de Artur. Em seguida, teria que tirá-lo do hospital e encontrar a manifestação da Casa sobre a qual Artur lhe tinha falado há muito tempo e que aparecia perto da residência dela e ocupava vários quarteirões...

Ao olhar pelas portas principais, Folha percebeu que seria difícil chegar lá. As portas estavam fechadas e isoladas com fita preta e amarela de biossegurança. As janelas estavam coladas com pôsteres que até mesmo de longe deixaram Folha ver o título LEI GREIGHTON, a autoridade legal que permitia ao governo estabelecer uma área de quarentena e usar força letal para garantir que todos permanecessem dentro dela.

Do outro lado das janelas, no estacionamento do hospital, havia quatro ou cinco veículos blindados e dezenas de soldados usando roupas de proteção individual. Misturados a eles, estavam vultos de roupas laranja com três letras

de um amarelo vivo fluorescente nas costas: AFB, que significava Agência Federal de Biocontrole.

Folha olhou em volta, tentando ver algum conhecido. Mas não encontrou rostos familiares, até enxergar um dos enfermeiros com que tinha falado quando Ed e o resto de sua família foram levados para o hospital. Ele estava sentado de costas para a parede, bebericando um café, com ar cansado, enquanto duas enfermeiras cochilavam ao lado com as cabeças pendendo para a frente, as xícaras de café delas estavam abandonadas no chão e os sanduíches comidos até a metade.

Folha abriu caminho na multidão e parou na frente do enfermeiro.

— Oi — cumprimentou.

Não se lembrava do nome do rapaz e o crachá estava virado para baixo.

O enfermeiro olhou para ela. Durante um segundo, foi como se não a enxergasse. Ele balançou a cabeça, passou a mão pelo rosto e sorriu.

— Ah, oi. Você foi pega quando nos puseram de quarentena?

— É — Folha respondeu. — Só que eu estava dormindo na sala de espera... ah... ali e acabo de acordar, e não sei o que aconteceu. A Praga do Sono voltou?

— Não, é outra coisa — o enfermeiro informou. Ele endireitou um pouco o corpo e Folha viu o nome dele: enfermeiro sênior Adam Jamale. — Talvez nada importante, mas, você sabe, ninguém quer se arriscar.

— Mas o que aconteceu?

— Na verdade, não sei. — Jamale balançou a cabeça. — Tudo aconteceu uma hora atrás. Ouvi um boato de que encontraram sinais de um ataque com arma biológica contra um dos membros da equipe.

— É, é mesmo — disse uma das enfermeiras com um bocejo. Foi a doutora Penhaligon, o que até faz sentido. Quer dizer, se você quer se livrar de alguém, tem que se livrar do melhor, não é?

— Mas quem iria fazer isso? — Folha perguntou, imediatamente preocupada com a mãe de Artur. — E que tipo de arma biológica?

— Terroristas, talvez — a outra enfermeira conjecturou. — Não conseguimos saber de nenhum detalhe, apenas que a doutora Penhaligon notou algum sintoma e se apresentou em seguida. Ela vai ficar totalmente incomunicável no vigésimo andar.

— Espero que ela supere o que quer que seja — Jamale desejou. — Você sabia que ela inventou metade das coisas que usamos para detectar vírus? Há

muito tempo, da Lise Rápida I ao novo exame de DNA, que começamos a usar no mês passado.

— É mesmo? Não sabia que ela tinha alguma coisa a ver com a Lise Rápida. Ela nunca mencionou o fato naquele curso que fizemos sobre antivírus...

Folha parou de ouvir. O ataque com arma biológica que a mãe de Artur tinha notado tinha algo a ver com os esporos cinzentos de mofo do Garoto sem Pele. Como ele tinha sido criado através de magia a partir de algum fator desconhecido, era extremamente improvável que a ciência médica humana fosse capaz de fazer alguma coisa a respeito. Mas talvez eles pudessem desacelerar o processo.

— Ah, sim, esqueci — Folha disse, interrompendo as duas enfermeiras. — Que dia é hoje?

— Quinta-feira — Jamale esclareceu. — Talvez você devesse dormir mais um pouco.

— Não depois de ver minha família contaminada pela Praga do Sono — Folha retrucou. — O sono não é uma coisa tão atraente agora. Mas tenho de ir. Obrigada!

— De nada — Jamale respondeu. — Cuide-se.

— Vou tentar. — Folha acenou e voltou por entre a multidão com a cabeça a mil. O que o Garoto sem Pele estaria fazendo? Teria outro objetivo, além de simplesmente substituir Artur? A quarentena iria dificultar sua tarefa de contaminar as pessoas com o mofo leitor-de-mentes, mas ele ainda era um Nadica. Não havia nada nem ninguém na Terra que pudesse impedi-lo de fazer o que queria.

Ninguém, exceto ela. Tinha que achar o bolso de Artur depressa, encontrar um jeito de romper a quarentena em volta do hospital e encontrar a Casa.

Ela mudou de rumo e foi até a cantina. Segundo o Atlas, o Garoto sem Pele tinha se escondido na rouparia. Deveria haver um meio de transportar toalhas de banho e de mesa da rouparia para a cantina e de volta para a rouparia. Talvez um duto para conduzir roupa suja ou alguma coisa desse tipo. Folha só teria que encontrá-lo e fazer o caminho de volta.

A garota abria caminho entre a multidão e ia até a entrada da cantina quando vislumbrou um rosto conhecido.

O rosto de Artur.

O Garoto sem Pele estava um pouco à frente dela, mancando pelo local com a ajuda de uma muleta. Quando passou pela multidão, aceitou ajuda de algumas pessoas e muitas vezes quase escorregou, agarrando-se ao ombro ou cotovelo mais próximo para se equilibrar.

Ele sorria e sussurrava “obrigado” a cada toque de mão que o ajudava.





Capítulo 7

O tenente Crosshaw não falou com Artur no elevador, pelo menos não depois de ensinar o garoto a ficar em posição de sentido. Eles se encontravam em um elevador muito estreito, pouco maior do que uma cabine telefônica. Havia uma linha vermelha pintada no chão, a cerca de 60 centímetros da porta. Artur tinha que ficar em posição de sentido com as pontas das botas novas sobre a linha.

Artur ficou apenas levemente surpreso ao constatar que o elevador ficava atrás de uma das portas no corredor do lado de fora da grande sala de reuniões. Ele sabia que havia elevadores por todo o lugar, pertencentes a diferentes regiões da Casa ou destinados a determinados usos ou passageiros. Ele imaginava que eles eram um pouco parecidos com todos os túneis e condutos para água, energia elétrica e transporte debaixo de cidades modernas, ziguezagueando um sobre o outro, amontoando-se em certas partes e muito espalhados em outras. Em algum lugar, deveria haver um mapa ou um guia para todas as redes de elevadores da Casa. Certamente o Atlas teria um desses...

Os devaneios de Artur sobre elevadores foram interrompidos quando ele e o tenente chegaram ao seu destino. Ao contrário de outros elevadores em que tinha viajado, este não tinha ascensorista nem campainha. Tinha uma buzina que emitia uma nota aguda quando as portas se abriam.

Além das portas, havia uma planície de grama muito curta e ressecada. Soprava um vento quente e Artur viu um sol, ou o tipo de sol artificial que existia em partes da Casa, bem alto no céu. A cerca de 800 metros de distância, do outro lado da planície, ele viu uma cidade muito planejada e de aspecto organizado, com aproximadamente 20 ou 30 casas e outros prédios maiores. Olhando para o que poderia ser o oeste, ele viu uma floresta tropical além dos limites da cidade, o que o deixou muito surpreso. Ao norte, havia uma área de colinas escarpadas de granito, áridas e amarelas, e ao leste subia um cume elevado coberto por uma floresta de abetos e pinheiros de clima frio, pontilhados de flocos de neve.

— Dez passos para a frente, marcha rápida! — o tenente Crosshaw gritou.

Aturdido com o comando, Artur deu um passo à frente e imediatamente esqueceu quantos passos tinha dado. Um ou dois? A ansiedade aumentou enquanto ele contava os passos restantes. O que aconteceria se errasse?

— São dez passos! Não sabe contar, recruta? — berrou uma voz desconhecida e muito desagradável atrás dele. Mesmo tendo contado apenas nove passos, Artur parou e começou a se virar.

— Para a frente! — gritou a voz, aparentemente a alguns centímetros do ouvido esquerdo de Artur. — Não se mexa!

— Ah, sargento Helve, se eu puder dizer uma palavra — Crosshaw interrompeu hesitante quando Artur sentiu uma respiração na nuca, indicando que outra explosão vocal estava prestes a acontecer.

— Sim, senhor! — berrou a voz que Artur supôs pertencer ao sargento Helve. O garoto não ousou olhar para trás nem se mexer, embora precisasse coçar o nariz com urgência, porque o calor já tinha feito uma gota de suor deslizar na direção de sua narina esquerda.

O tenente Crosshaw e o sargento Helve conversaram em voz baixa atrás de Artur por cerca de 30 segundos. Ele não ouviu o que Crosshaw disse, mas até o sussurro de Helve era mais alto que o tom normal de uma voz, por isso o garoto ouviu parte da conversa.

— Quem?

— Eu não dou a mínima para quem ele é.

— Ruim para o estado de espírito, senhor. Não pode ser feito. Isso é tudo, senhor?

— Aceito a entrega de um recruta Penhaligon, senhor. Com recomendações médicas.

Artur ouviu passos e depois o som das portas do elevador se fechando. Mas ele não ousou se mexer, embora naquele momento a comichão no nariz fosse quase insuportável.

— Descansar, recruta! — Helve vociferou.

Artur relaxou, mas ainda não coçou o nariz. Ele tinha uma vaga lembrança de Erazmuz, um de seus irmãos bem mais velhos, major do Exército, falando das ideias erradas que os filmes sempre passavam sobre o serviço militar. Uma delas era a diferença entre “descansar” e “ficar à vontade”. Infelizmente, Artur não lembrava exatamente qual era essa diferença. Ficar imóvel parecia a melhor opção.

— Pés separados nessa distância, mãos nas costas, polegares cruzados, cabeça ereta, olhos direto para frente! — Helve gritou. De repente, ele marchou para a frente de Artur e ficou ele mesmo à vontade. — Diga, “Sim, sargento”!

— Sim, sargento! — Artur repetiu, colocando toda a força possível na voz. Também tinha aprendido com Erazmuz sobre a necessidade de gritar de modo ridiculamente alto.

— Bom! — gritou Helve.

Ele ficou em posição de sentido e se inclinou na direção de Artur. Não era o Habitante mais alto que Artur conhecia. Não tinha mais que 1,95 metro de altura, porém tinha os ombros mais largos que já tinha visto em alguém, além de um dos Grotescos do Horrível Terça-Feira. Ele não era bonito, como costumavam ser os Habitantes, mas podia ter sido em algum momento. Agora seu rosto estava marcado por queimaduras de Nada que se estendiam da orelha esquerda até o queixo. Se teve cabelos em alguma época, eles tinham sido raspados.

Como o tenente, Helve estava usando uma túnica escarlate, mas com três listras douradas e largas em cada manga. Do lado esquerdo do peito, também usava três medalhas nas quais estavam presas fitas multicoloridas. Uma das medalhas tinha cinco barrinhas de prata presas na fita e outra mostrava várias estrelas minúsculas de prata arranjadas de uma forma que deixava espaço para outras tantas.

— O tenente Crosshaw disse que você é um caso especial! — Helve berrou. — Não gosto de casos especiais! Casos especiais não produzem bons soldados! Casos especiais não ajudam outros recrutas a se tornarem bons soldados! Portanto, você não vai ser um caso especial! Entendeu?

— Acho que sim...

— Cale-se! Não foi uma pergunta!

De repente, o sargento Helve se inclinou para trás, coçou a parte de trás da cabeça e olhou em volta. Artur não ousou seguir o olhar dele, porém o sargento ficou mais tranquilo, independente do que tivesse visto ou não.

— Fique à vontade, recruta. Nos próximos dois minutos, vou falar com você de Habitante para criança do Tocador de Gaita, não de sargento para recruta. Mas você nunca vai mencionar isso para mim e nunca mais vai tocar no assunto com outra pessoa. Entendeu?

— Sim, sargento — Artur respondeu cauteloso.

O sargento Helve estendeu a mão para a cartucheira presa ao cinto e tirou uma latinha achatada de onde pegou uma cigarrilha, mas não a acendeu. Em vez disso, tirou uma das pontas com os dentes e começou a mastigar. Ele estendeu a ponta encharcada para Artur, que balançou a cabeça e aproveitou a oportunidade para coçar o nariz rapidamente.

— O negócio é o seguinte, Penhaligon. Você não deveria estar aqui. Tem algum fator político interferindo, não é mesmo?

Artur assentiu.

— Detesto política! — Helve retrucou e cuspiu um pedaço nojento de fumo para dar ênfase ao que dizia. — Então, isso é o que pretendo fazer. Não é exatamente legal, então você vai ter que concordar. Quero mudar seu nome. Só enquanto estiver aqui. Desse jeito, você pode dar seguimento ao curso, os outros recrutas não vão se distrair e nós não vamos ter nenhum problema. Isso vai constar apenas no registro local, nada permanente. Você vai se graduar com o próprio nome. Se conseguir chegar até o fim.

— Tudo bem — Artur concordou. Se tinha que ficar ali, seria melhor se esconder atrás de outro nome. — Quero dizer, sim, sargento.

— Como vamos chamá-lo? — Helve mordeu outro pedaço de sua cigarrilha e o mastigou pensativo.

Artur tentou não respirar. O cheiro do fumo mastigado era repulsivo, pior do que tinha imaginado. Se é que aquilo era fumo, e não algum produto equivalente de outro mundo pertencente aos Reinos Secundários.

— Que tal Rutra? — Helve sugeriu. — É Artur de trás para a frente.

— Rutra... ah... talvez algo que soe melhor... ou que seja menos óbvio — Artur sugeriu. Ele olhou para o horizonte e franziu os olhos para protegê-los do sol forte que contrastava tanto com o verde exuberante da floresta a oeste. — Que tal Raio? Raio... ahn... Verde? Eu poderia ser um Recarregador de Tinta da Casa Inferior.

Helve assentiu e cuspiu novamente. Com cuidado, recolocou a cigarrilha semimastigada na lata e a guardou no bolso. Em seguida, tirou uma prancheta cinco vezes maior do que a bolsa, pegou um lápis de trás da orelha, embora antes não houvesse nenhum ali, e fez algumas correções rápidas nos papéis presos à prancheta.

— Esconda esse anel — Helve ordenou enquanto escrevia. — A tala de perna de siri pode ser explicada para uma criança do Tocador de Gaita ferida, mas nenhum recruta tem objetos pessoais como esse anel.

Artur tirou o anel de crocodilo do dedo e o escondeu na cartucheira presa ao cinto. Até onde seus dedos ansiosos podiam sentir, ele tinha o mesmo tamanho, dentro e fora, embora o bolso do sargento fosse obviamente transdimensional.

— Recruta Raio Verde, nunca tivemos essa conversa — Helve repetiu em voz baixa, enquanto enfiava a prancheta novamente na cartucheira, com o objeto e os papéis se torcendo de forma bizarra enquanto eram guardados.

— Não, sargento — Artur concordou.

— A-ten-ção! — Helve gritou. A repentina intensidade e o volume da voz fizeram Artur saltar no ar. Trêmulo, ficou em posição de sentido.

— Veja aqueles edifícios, recruta! Aquele é o Forte da Transformação, para onde levamos os Habitantes e os transformamos em soldados. Vamos marchar até lá e você vai me deixar orgulhoso! Costas eretas! Punhos cerrados, polegares para baixo, esquerda, marche!

Artur começou a marchar na direção dos prédios. Helve o acompanhou em alguns passos para a esquerda e atrás dele, gritando correções à sua postura, seu passo, ao modo com que agitava os braços e à velocidade. Entre um comentário prático e outro, Helve se perguntou pesaroso o que tinha feito para merecer tal espécime de aparência doentia, mesmo para uma criança do Tocador de Gaita.

Quando Artur chegou aos prédios, estava imaginando se algum dia iria aprender a marchar corretamente ou pelo menos segundo os padrões de Helve. Ele também estava se perguntando onde estariam todos os outros. Até onde podia ver pela posição do sol raquítico, mas extremamente quente que cruzava o céu, já era fim de tarde e, assim, esperava que vários recrutas e equipes de treinamento estivessem ali fora fazendo... tarefas militares.

— Alto! — o sargento Helve berrou quando Artur passou a primeira fileira de edifícios e estava para pisar em uma grande área de terra batida margeada de pedras pintadas de branco que claramente era uma praça de armas. — Quando eu der o comando “Recruta, fora de forma”, você vai girar no pé esquerdo rapidamente, levantar o pé direito e trazê-lo com firmeza para junto do pé esquerdo, ficar em posição de sentido por precisamente um segundo e então vai marchar energicamente para as Barracas do Bloco A, que você vai ver à sua frente, a menos que seja burro e cego como um Nada! Você vai se apresentar ao cabo Axeforth. Recruta! Esssspere aaaa ordem! Fora de forma!

Artur virou no pé esquerdo, abaixou o direito e então marchou desajeitado, e não energeticamente, para a frente. Havia apenas um prédio diretamente à sua frente e ele se dirigiu para lá. Era uma construção comprida de madeira caiada de apenas um andar, apoiada em estacas de aproximadamente 1, 20 metro. Uma escada levava a uma porta que exibia uma placa vermelha com um aviso em estêncil preto que dizia:

ALOJAMENTOS BLOCO A, SEGUNDO PELOTÃO DE RECRUTAS,
CABO AXEFORTH.

Artur marchou de graus acima, abriu a porta com um empurrão e entrou.

O aposento era maior do lado de dentro do que deveria, mas Artur quase não notava mais esse tipo de coisa, muito comum na Casa. O lugar tinha o tamanho aproximado de um campo de futebol e um teto de 6 metros de altura. A luz era fornecida por vinte lampiões grandes que pendiam dos caibros. Havia janelas de cada lado, mas estavam todas fechadas.

Nos círculos de luz vinda dos lampiões, Artur viu que um dos lados do imenso aposento estava totalmente cercado de camas de armar e grandes guarda-roupas de madeira muito parecidos com os do capitão Catapillow a bordo do Mariposa. Deveria haver umas cem camas, cada uma com um armário ao lado.

O outro lado do aposento era mais aberto, com cerca de 30 estantes arrumadas em fileiras de três. Elas tinham 3 metros de altura e 30 metros de comprimento e nelas estavam pendurados todos os tipos de armas e armaduras, todas muito velhas, na opinião de Artur, e algumas muito estranhas. A estante mais próxima guardava uma variedade de espadas retas e curvas, pequenos escudos redondos, outros grandes com o formato de pipa, casacos de uniforme azuis, grandes pistolas de aparência pesada, arpêus de ferro e cordas. A próxima estava totalmente tomada por uns 60 mosquetes, por estranhas cartolas de tecido branco esticado, arrumadas sobre as armas.

Artur pensou que não havia ninguém no local, mas, ao marchar para o interior da sala, viu um grupo de Habitantes em uniformes azuis de recruta parados na outra extremidade. Ao se aproximar, viu um instrutor de uniforme escarlate na frente deles, demonstrando algum tipo de arma. Pelas duas listras douradas na manga escarlate do instrutor, Artur deduziu que se tratava do cabo Axeforth.

Os Habitantes se pareciam com um grupo normal. Uma combinação equilibrada de homens e mulheres, todos bonitos, mas nenhum com mais do

que 1, 80 metro de altura, de modo que se podia supor que não eram importantes em seus cargos civis. Nenhum deles se virou quando Artur se aproximou.

Mas o cabo Axeforth viu quando entrou. Ele também tinha cerca de 1, 80 metro, era robusto, e como o sargento Helve, desfigurado por cicatrizes provocadas por ferimentos causados pelo Nada. Nesse caso, toda uma orelha e o nariz tinham sido dissolvidos e ele usava uma orelha esculpida em madeira e um nariz de prata, ambos pareciam colados nele, já que Artur não viu nenhum outro meio de prendê-los.

— Está atrasado, recruta! — vociferou Axeforth. — Terá que nos alcançar enquanto continuamos.

— Sim, Cabo! — Artur gritou.

Ele deu alguns passos para a esquerda e se juntou ao semicírculo. Enquanto marchava para o fim, viu que havia um Habitante muito baixo do lado oposto, parcialmente obscurecido pela estante de armas. Não era um Habitante, mas uma criança do Tocador de Gaita. Um garoto que parecia ter a mesma idade de Artur, embora provavelmente tivesse vivido por centenas ou até milhares de anos na Casa. Ele tinha cabelos pretos e curtos, pele muito escura e parecia simpático, a boca repuxada pela insinuação de um sorriso. Ele piscou disfarçadamente para Artur, mas fora isso manteve o interesse voltado para a demonstração do cabo com a arma. Se é que *era* uma arma.

Artur encontrou um lugar e continuou a observar. O cabo estava segurando um grande bloco retangular de ferro cinza pela alça de madeira. O bloco de ferro estava coberto por vários buracos regulares e quando o cabo a colocou na mesa, um jato de vapor espirrou para fora.

— Este é um ferro da nossa divisão — ele explicou, fazendo pressão sobre um colarinho branco. — Ele está sempre quente e vai queimar suas roupas se o deixarem voltado para baixo. Vou demonstrar o uso correto para passar o colarinho do uniforme número 2 do Regimento.

Todos os Habitantes se inclinaram quando o Cabo moveu o ferro com cuidado sobre o colarinho da direita para a esquerda seis vezes. Em seguida, ele colocou o ferro virado para cima apoiado na base, virou o colarinho e repetiu o processo.

— Todo mundo entendeu?

Todos assentiram, com exceção de um Habitante, que levantou a mão. Ele era o mais bonito de todos, com feições finamente esculpidas e brilhantes

olhos azuis. Infelizmente, os olhos eram um tanto vazios.

— Poderia fazer isso de novo, cabo?

Artur balançou nos calcanhares levemente e reprimiu um suspiro. Parecia que ia ser uma longa aula de passar roupa.





Capítulo 8

— Ei, aquele não é o filho da Emily? Ele devia estar na Quarentena do Vigésimo Andar!

Foi um médico que gritou, apontando para o Garoto sem Pele, que o ignorou e desapareceu atrás das portas da cantina. Folha hesitou e então correu atrás do Nadica. Atrás dela, o doutor gritou novamente e os guardas de segurança do hospital começaram a se mover entre a multidão. Mas eles estavam do lado oposto do átrio principal e levariam vários minutos para atravessar a aglomeração.

Os balcões de atendimento da cantina estavam fechados, mas o aposento estava lotado de pessoas sentadas à toa ou largadas sobre as mesas. Quase todas eram funcionários do hospital. Folha se deu conta de que a Zona de Quarentena tinha sido instalada exatamente durante a mudança de turno. Assim, todos os empregados que iam deixar o trabalho tinham ficado presos ali e estavam tentando descansar em áreas públicas. Havia poucos que não fossem funcionários porque as horas de visita eram à tarde.

O Garoto sem Pele já estava do outro lado da cantina sem usar a muleta, caminhando mais depressa do que qualquer humano poderia com uma perna quebrada envolta em uma tala. Ele ainda tocava os ombros ou as costas das pessoas enquanto passava.

“A cada toque, ele está espalhando o mofo”, Folha pensou. Em uma questão de horas, ou do tempo que fosse necessário, o Garoto sem Pele poderia controlar as mentes de centenas de funcionários do hospital. Ele teria um exército submetido a lavagem cerebral sob seu controle.

O Garoto sem Pele virou à esquerda depois dos balcões de atendimento e abriu uma porta. Ele não se preocupou em olhar para trás, mas Folha deslizou para o lado para que algumas pessoas ficassem entre ela e o Nadica, só para garantir. Quando a porta se fechou, ela atravessou correndo o resto do aposento, escutou por um instante, abriu a porta e passou.

Mesmo tendo ouvido o som dos passos diminuir, Folha ainda teve receio de que o Garoto sem Pele estivesse ali, esperando com a mão estendida para

atacá-la como tinha atacado o médico ou simplesmente contaminá-la com seu mofo-mental. Mas ele não estava lá. Apenas uma porta retorcida no fim do corredor mostrava o caminho que ele tinha tomado.

Folha descobriu que a porta não estava apenas retorcida. Ela ainda estava eletronicamente trancada de um lado, mas o Garoto sem Pele tinha “descascado” o outro lado e arrancado as dobradiças da parede. Nenhum alarme foi acionado e a porta iria parecer trancada no centro de segurança do hospital. Era uma forma engenhosa de escapar à segurança.

Baseada nesse fato, Folha deduziu que provavelmente o Garoto sem Pele já tinha tido acesso aos pensamentos de alguns funcionários do hospital. Caso contrário, não saberia que precisava ser cauteloso. Ele estava na Terra desde pelo menos as 19h15 da noite anterior, então tivera tempo para espalhar o mofo para várias pessoas.

Havia outra porta retorcida mais adiante e depois mais duas nas escadas de incêndio. Folha seguiu o Garoto sem Pele com muito cuidado, ouvindo os passos dele. Na porta destruída que levava ao Piso Inferior do Terceiro Andar, ela parou e espiou em volta, em vez de passar direto para o outro lado.

O Garoto sem Pele se encontrava no corredor, ao lado de uma porta que ela acreditava ficar perto da rouparia que o Atlas tinha indicado como sendo o esconderijo dele.

O Nadica parou e, de repente, olhou para trás, na direção das escadas. Folha ficou paralisada, esperando que ele não a tivesse visto.

Por um momento, imaginou estar segura. Contudo, nesse instante o Garoto sem Pele sibilou, um som que Artur jamais faria, virou nos calcanhares e correu pelo corredor na direção dela.

Sem pensar, Folha disparou escada de incêndio abaixo, pois seria mais rápido do que subir. Ela tinha acabado de saltar quatro ou cinco degraus quando percebeu seu erro. Todas as portas para os andares inferiores estariam trancadas. Ela não teria para onde ir.

Estava encurralada e em segundos o Garoto sem Pele a teria alcançado na escada. Em pânico, Folha tentou correr ainda mais depressa e pular vários degraus de uma só vez, mas caiu.

Ela caiu de cabeça, bateu com força no degrau e escorregou até o próximo patamar.

O Garoto sem Pele parou a cinco degraus de distância e olhou para baixo. Ele viu Folha caída, imóvel, o sangue escorrendo debaixo dos cabelos. Mas o

peito ainda subia e descia, indicando que estava respirando. O Nadica hesitou e então desceu os degraus restantes devagar, estendeu a mão, roçando a palma nas costas da mão estendida da garota. Satisfeito, o Garoto sem Pele voltou para cima, ansioso para espalhar os fragmentos do material enfeitiçado que era a fonte de sua identidade.

Dominada pela dor, Folha recobrou a consciência. A cabeça dela estava muito machucada e ela sentia dores e incômodos por todo o lado esquerdo, das costelas ao tornozelo. Estava desorientada e por alguns segundos pensou que estava de novo a bordo do Louva-a-Deus Voador.

“Será que eu caí do cordame? ”, ela pensou. Mas aquilo embaixo dela não era um convés, era um piso de cimento. E não era Paniquim gritando com ela. Era... um alto-falante.

Folha rolou o corpo e se sentou com muito cuidado. Uma voz retumbava pelo vão da escada, saída de alto-falantes de emergência que pontilhavam os tetos de cada patamar.

— ... procurem sinais da arma biológica de nome-código Mancha Cinzenta. Os sinais são manchas cinzentas nas mãos, na nuca, no rosto ou outras áreas expostas da pele. Se você tem manchas cinzentas, não se aproxime de ninguém. Procure imediatamente o Terceiro Andar para tratamento. Se você teve manchas cinzentas, mas elas já desapareceram, vá imediatamente para o Quinto Andar para tratamento. Se você não tem manchas cinzentas e não as notou antes, fique onde está. Evite contato de pele com todas as pessoas. Não tente deixar o hospital. Este hospital agora está classificado como Área Vermelha de Biocontaminação segundo a Lei Creighton, e qualquer pessoa que tentar sair será morta e queimada.

A voz foi seguida por um som pulsante alto e então a mensagem recomeçou.

Folha tocou a nuca, a parte mais dolorida da cabeça. Até onde podia sentir, o crânio estava intacto, mas quando olhou os dedos viu que estavam cobertos de sangue quase seco.

Ela virou a mão, examinou o sangue e ficou enjoada. E ficou paralisada ao enxergar não o sangue, mas um pequeno pedaço de pele atrás dos nós dos dedos. A pele estava bronzeada como o resto que tinha sido exposto a vários dias de sol a bordo do Louva-a-Deus Voador, mas exatamente no meio havia três pequenas manchas cinzentas.

De repente, tudo voltou a sua mente. O Garoto sem Pele se virando para persegui-la. Sua queda nos degraus. Então... enquanto estava inconsciente, o Nadica deve tê-la contaminado com os esporos. Era apenas uma questão de tempo até o Garoto sem Pele ser capaz de ler sua mente e obrigá-la a fazer tudo o que quisesse.

Ele saberia de tudo. Ele a controlaria totalmente.

Folha se levantou com dificuldade e começou a subir a escada, só conseguindo manter o equilíbrio ao agarrar o corrimão. A mensagem de advertência continuava se repetindo, ecoando no vão da escada, dificultando ainda mais os pensamentos de Folha.

Ela tinha que pegar o bolso e encontrar a Casa. O doutor Scamandros iria... talvez pudesse curá-la.

Por simples força de vontade, Folha conseguiu levar seu corpo dolorido de volta ao Terceiro Andar Inferior, chegando no mesmo tempo em que a mensagem gravada parou de gritar pelos alto-falantes. Ela descansou por alguns minutos no patamar, reunindo forças e colocando os pensamentos em ordem. Mas não conseguiu pensar em nada além de ir até a rouparia e tentar encontrar o bolso. E isso de nada adiantaria se o Garoto sem Pele estivesse lá. Mas, se não estivesse e ela encontrasse o bolso, então...

Folha balançou a cabeça, estremecendo quando a dor percorreu sua nuca. Não sabia o que iria fazer se achasse o bolso, mas seria o primeiro passo.

“Um passo de cada vez”, pensou consigo. “Um passo de cada vez.”

Ela deu esse passo, andando devagar pelo corredor até a rouparia, apoiando a mão na parede. Passou pela porta por onde pensou que o Garoto sem Pele ia entrar, mas nela não havia nenhuma placa, de modo que continuou andando. A porta seguinte indicava o almoxarifado e ela foi até a próxima. Era o depósito de peças eletrônicas. Folha estava prestes a ir até a porta seguinte quando repentinamente se perguntou por que a primeira não tinha placa. Todas as portas do hospital tinham uma tabuleta. Por que aquela não?

A garota se virou e voltou. Com certeza haveria alguma marca de cola onde a placa tinha sido tirada da frente da porta. Mas por que o Garoto sem Pele se importaria em fazer isso?

Folha encostou a cabeça na porta, reprimindo um grito por causa da dor no pescoço provocada pelo movimento repentino. Uma onda de pânico a dominou ao se perguntar se tinha fraturado alguma vértebra ou coisa parecida. Mas sua cabeça se movia sem dificuldade e a dor que sentia parecia vir dos

músculos do lado do pescoço até o queixo. Ela a ignorou e escutou novamente.

Ela ouviu alguma coisa, mas não parecia ser o Garoto sem Pele. O barulho era semelhante à voz de uma mulher murmurando algo em voz baixa. Folha continuou escutando e não ouviu ninguém responder. Parecia que a mulher estava falando sozinha.

Folha girou a maçaneta e empurrou a porta apenas um pouquinho. Ao olhar para dentro, viu prateleiras e mais prateleiras com lençóis e fronhas dobrados, além de outros artigos. Havia também um carrinho e, recostada nele, uma enfermeira que segurava um pedaço de plástico comprido e flexível que Folha reconheceu como sendo a tabuleta da porta.

— Você não pode entrar aqui — a enfermeira avisou.

— Por que não? — Folha perguntou.

Ela não fez menção de abrir mais a porta ou fechá-la. A mulher não parecia totalmente normal. Havia algo estranho na forma com que estava encostada no carrinho, como se alguns músculos de seus braços e pernas não estivessem funcionando em conjunto.

— Ele me disse para não deixar ninguém entrar — a enfermeira contou. — E para encontrar uma espada. Só que não encontrei nada, só isso.

Ela brandiu a placa.

— Eu só quero... — Folha começou a dizer, mas a enfermeira levantou a mão.

— Espere, ele está me dizendo alguma coisa...

A enfermeira virou a cabeça e Folha viu algo que estava totalmente errado. O branco dos olhos da mulher tinha desaparecido totalmente e a íris não tinha mais cor. O branco estava cinza claro, as íris e as pupilas estavam completamente negras.

Folha não quis esperar. Ela abriu a porta, caiu sobre a mulher e a empurrou para dentro do carrinho. Ele bateu ruidosamente contra uma prateleira que tombou parcialmente, enterrando a enfermeira sob uma cascata de toalhas de listras azuis.

Enquanto a mulher lutava para sair debaixo da avalanche de roupas de cama, Folha arrancou mais coisas das prateleiras e as jogou em cima dela. Travesseiros, cobertores, toalhas, tudo o que caía em suas mãos. Ao mesmo tempo, olhava a sua volta desesperada. Como poderia encontrar um pequeno pedaço de pano em um quarto cheio de lençóis?

Ela teria apenas um minuto, talvez segundos. A enfermeira era maior e mais forte do que ela, especialmente ferida como estava. Como o Garoto sem Pele tinha conhecimento do que a enfermeira sabia e podia ver o que ela via e ouvia, provavelmente haveria mais de seus escravos mentais chegando. Ou o próprio Garoto sem Pele.

“Os óculos. Eu poderia usar os óculos do doutor Scamandros.”

Folha procurou freneticamente nos bolsos. Por um terrível instante, ela pensou ter perdido o estojo com os óculos, mas foi apenas a disposição desconhecida de bolsos no jeans novo que a confundiu. O estojo se encontrava em um bolso estreito quase atrás da coxa e um pouco acima do joelho. Ela o pegou, abriu e colocou os óculos.

A rouparia parecia bem diferente através das lentes loucas, mas não porque a visão estivesse embaçada e rachada. Na verdade, para Folha os óculos estavam perfeitos, mas ela podia ver estranhas cores indistintas em coisas que não as mostravam antes. Ela imaginou que fossem auras mágicas ou alguma coisa parecida.

Depressa, examinou as prateleiras e foi imediatamente recompensada. Quase todas as cores que se sobrepunham nas várias roupas de cama tinham tons frios de verde e azul. Mas uma das prateleiras se destacava como um farol. Seu interior estava iluminado por um vermelho forte e intenso.

Folha saltou até ela, afastando uma pilha de fronhas. Ali, atrás daquela parede de roupas, havia uma caixa de plástico transparente, do tamanho da palma de sua mão, que antes tinha sido usada para guardar ataduras esterilizadas. Naquele momento, guardava apenas um quadrado de tecido branco e, com a ajuda dos óculos, Folha viu fileiras e fileiras de minúsculas letras no tecido, cada qual queimando com um fogo interno.

Ela agarrou a caixa e se afastou, parando para derrubar outra prateleira cheia de toalhas sobre a enfermeira que com dificuldade estava tentando se levantar.

Folha tinha saído e se encontrava no corredor quando a enfermeira conseguiu libertar a cabeça e gritou, a voz uma mistura estranha de timbres feminino e infantil. O que quer que tenha dito, ou o que o Garoto sem Pele tenha dito através dela, perdeu-se quando a porta bateu às costas de Folha.

Embora Folha não pudesse ouvir as palavras exatas, ela sentiu o tom que transmitiam. O Garoto sem Pele sabia que ela estava contaminada com o

mofo. Cedo ou tarde, iria controlar sua mente e ela não teria escolha senão levar a caixa e o bolso de volta.

Afinal, não havia lugar para onde pudesse ir.





Capítulo 9

Depois da aula de passar roupas, o cabo Axeforth monotonamente demonstrou como espalhar uma argila branca sobre os cintos dos recrutas, de preferência sem sujar outro objeto. Em seguida, foi a vez da pintura das botas com uma horrenda mistura alcatroada e negra. A superfície áspera foi então lixada até ficar lisa e poder receber um verniz brilhante que era a substância mais grudenta que Artur já tinha visto.

Após as demonstrações, quando tiveram que praticar o que tinham aprendido, Artur falou em voz baixa com uma criança do Tocador de Gaita, cujo nome era Fred Números Iniciais de Ouro. Ele era um Dourador de Manuscritos da Casa Intermediária e tinha sido convocado no dia anterior.

Fred estava otimista sobre seu futuro no serviço do Exército e até o encarava com satisfação como uma mudança em seu trabalho enfadonho de aplicar camadas de ouro nos números de importantes documentos da Casa. Ele tinha ouvido ou lembrava, não tinha certeza, que crianças do Tocador de Gaita geralmente eram empregadas no Exército como bateristas ou para tocar outros instrumentos ou como ajudantes pessoais dos oficiais superiores. Isso não lhe parecia muito ruim.

Depois da última aula sobre preparação dos uniformes, os recrutas foram dispensados para o jantar. Só que não havia nenhum, e não iria haver durante seis meses, como o Cabo Axeforth explicou. Comida era um privilégio e uma honra a serem conquistados por bom comportamento e serviço exemplar. Até que a tivessem merecido, o intervalo do jantar era apenas uma hora a ser usada para se preparar para as aulas da noite e o treinamento do dia seguinte.

Artur sentiu falta da comida, embora soubesse que como todos os outros na Casa não precisava realmente comer. Ele passou a hora verificando todo o seu equipamento e os uniformes que foram estendidos em sua cama e em seu armário. O objeto mais útil do lote era um livro grosso e ilustrado chamado *O Companheiro do Recruta*, que, entre as várias seções, listava e ilustrava cada item e exibia breves notas sobre onde e como cada um seria usado, embora Artur ainda tivesse que pedir a Fred que explicasse alguns dos conteúdos.

— Por que temos tantos uniformes diferentes? — ele perguntou.

Fred olhou para a armadura e o *kilt*, a túnica escarlate e as calças pretas, o casaco de couro de búfalo e as calças com reforços de couro, a jaqueta verde-floresta e os *leggings*, a cota de malha longa e o gorro, e a desconcertante série de botas, peças de armadura, braçais e reforços de couro.

— O exército é composto de diferentes unidades e todas usam uniformes diferentes — Fred explicou. — Assim, temos que aprender sobre todos, para o caso de sermos enviados para a Legião, a Horda ou o Regimento... ou alguma das outras. Não lembro o nome delas, lista armadura e as longas peças estreitas que são montadas juntas e são presas com os cordões são usadas na Legião. Escarlate é para o Regimento, os soldados da Horda usam os trajes de ferro na altura do joelho. Todas as unidades usam armas diferentes. Nós vamos aprender tudo isso, Raio.

— Acho que é melhor separar as roupas de acordo com as unidades — Artur refletiu. Ele colocou o *Companheiro do Recruta* na cama e desdobrou o diagrama do tamanho de um pôster que mostrava o local correto de cada um dos 226 itens pelos quais Artur tinha passado a ser pessoalmente responsável. — Apesar de eu não estar vendo ninguém mais guardando suas coisas.

— Eles são Habitantes de grau comum — esclareceu Fred, cuja cama e armário eram exemplos de organização militar. Ele disse isso como se explicasse tudo.

— O que você quer dizer? — Artur perguntou, pois isso realmente não esclarecia nada para ele.

— Eles só trabalham se receberem ordens — Fred retrucou com um olhar espantado para Artur. — Os Habitantes comuns são diferentes na Casa Inferior? Todo esse grupo é da Intermediária. Quase todos são cortadores de papel, embora Florimed, ali, fosse enfardadeira, Segunda Classe. É preciso ficar de olho nela, pois ela acha que deveria ser recruta com funções de cabo porque tem a maior precedência na Casa em relação a nós. Acho que ela vai descobrir que isso não tem importância aqui. Todos os recrutas são iguais aos olhos do Exército: tão baixos quanto possível. Daqui só se pode ir para cima. Acho que posso chegar a general quando meu tempo de serviço terminar.

Fred gostava de falar. Artur ouviu enquanto ele guardava o equipamento, um processo que era muito mais difícil do que a ilustração mostrava. Embora Fred tivesse estado no Forte da Transformação por apenas um dia a mais que

Artur, já tinha descoberto muito a respeito do treinamento, dos instrutores, ou quadro de oficiais, como deviam ser chamados, e de todo o resto.

— Na primeira semana, aprendemos a nos vestir, a marchar um pouco e coisas desse tipo — Fred contou. — Pelo menos, é isso o que está na programação. Ali.

Ele apontou para a porta. Ela estava tão longe e a luz dos lampiões era tão fraca que Artur não soube dizer o que ele estava mostrando.

— No quadro de avisos, do lado da porta — Fred continuou. — Vamos dar uma olhada. Temos cinco minutos até o fim do jantar e precisamos mesmo ir até lá.

— Como você sabe? — Artur perguntou. O relógio de Fred tinha desaparecido quando o uniforme de recruta deslizou sobre o braço dele.

— Axeforth acabou de sair pela porta de trás. Ele vai marchar até a frente, entrar e gritar para nós para formarmos uma fila como já fez. Isso se chama “cair para dentro”, mas não me pergunte por quê. Você precisa colocar o chapéu.

Artur pegou o chapéu alto e o recolocou na cabeça, fazendo uma careta quando sentiu a tira debaixo da boca, e não do queixo, que ele considerava o lugar ideal para uma coisa chamada barbicacho. Mas todos os outros usavam o chapéu da mesma forma, debaixo do lábio inferior, e a tira não era comprida o suficiente para outra coisa.

— Pronto? — Fred estava em posição de sentido ao lado de Artur. — lemos que marchar em todos os lugares ou vão gritar conosco.

— Quem? — Artur indagou.

Os outros 20 Habitantes do pelotão estavam deitados em suas camas, olhando para o teto.

— Sargentos, cabos... oficiais não comissionados, como são chamados — Fred disse. — ONCs. Eles aparecem como que por encanto. Melhor não arriscar.

Artur deu de ombros e, quando Fred se afastou marchando, acertou o passo com ele. Depois dos primeiros 12 passos, sentiu que estava pegando o jeito da coisa e parou de se preocupar com os pés e se concentrou em balançar os braços.

Parar da forma correta ou *interromper a marcha*, como o sargento Helve dizia e lhe explicou demoradamente, era um pouco mais difícil.

— Eu dou o comando, está bem? — Fred sugeriu quando se aproximaram da parede e do quadro de avisos. — É preciso dá-lo quando o pé direito estiver descendo. Damos um passo com o pé esquerdo, esperamos um momento... não... oopa. Alto!

Fred tinha esperado tempo demais e os dois deram passinhos engraçados para evitar bater na parede, o que os fez parar totalmente fora de tempo. Artur se virou para rir de Fred e só conseguiu que seu sorriso congelasse e virasse uma careta ao ver o sargento Helve sair das sombras.

— Que movimento terrível e malfeito foi esse? — gritou o sargento.

Uma bengala de madeira com ponta de latão apareceu em sua mão e assobiou pelo ar e foi apontada na direção das camas.

— Voltem para as camas como soldados, não como duas marionetes presunçosas.

Fred se virou e disparou como um tiro, ainda marchando, mas em um ritmo muito mais acelerado. Artur o seguiu mais devagar até ser repentinamente apressado pelos gritos do sargento Helve tão perto e tão alto que pareciam vir de dentro da orelha.

— Acelerado! Quando digo acelerado, estou falando sério. Duas vezes mais depressa do que a marcha normal, Recruta Verde!

Artur se apressou, enquanto o sargento Helve corria de costas afastando-se dele em um ritmo que Artur supôs ser o triplo, ou quádruplo, ou qualquer outra medida só possível para sargentos.

— Costas retas, queixo para a frente, balance esses braços! Não tão alto!

Quando Artur chegou à metade do caminho, Helve se virou para a frente, fora do círculo de luz oferecido pelo lampião acima de sua cabeça. Antes que Artur pudesse dar mais que dois passos, o sargento apareceu junto da cama mais próxima, batendo a bengala na sola das botas do Habitante deitado e gritando algo que pareceu uma palavra só:

— Levante-se depressa para inspeção, seu desgraçado dorminhoco cheio de restos de Nada!

O Habitante se levantou muito depressa, deixando cair peças de equipamento para todos os lados. Esse movimento foi como o primeiro de uma fila de dominós, pois todos os outros Habitantes saltaram de suas camas.

— Formem uma fila nesta linha em ordem de altura! — ordenou o sargento Helve.

Ele fez um gesto com a bengala e uma linha branca cintilante apareceu no chão.

— Vocês não vão ser vistos na praça de armas do Forte da Transformação até eu ter certeza de que não vão me envergonhar! Em vez disso, vocês vão desfilar aqui dentro! Todas as noites depois do jantar e todas as manhãs durante uma hora depois do nascer do sol, vestidos e equipados de acordo com o programa de treinamento que vão encontrar afixado na porta sul. Atenção!

Artur quase não conseguiu chegar ao fim da linha a tempo de tomar posição de sentido. Como Fred era um pouco mais alto, ele ficou à direita de Artur. Os dois garotos olharam fixamente para um ponto no espaço adiante deles enquanto Helve marchava pelo aposento, parando para puxar Habitantes para fora e reorganizá-los. Quando alcançou Artur, Helve o fitou com desprezo e então marchou para a frente, deu uma meia-volta como se estivesse suspenso por fios invisíveis e gritou:

— Descansar!

Apenas metade dos Habitantes se mexeu, a outra metade permaneceu em posição de sentido. Dos que se moveram, a maioria moveu a perna errada, ou agitou os braços, ou fez coisas que despertaram o descontentamento no sargento Helve, que passou a lhes dizer o que tinham feito de errado e o quanto isso o tinha desagradado.

Duas horas depois, após centenas de comandos de “Atenção” e “Descansar”, Artur desabou por pura exaustão. Embora a tala de perna de siri tenha suportado bem a situação, o seu corpo não aguentou a atividade constante.

Helve marchou até ele e o observou. Quando Fred se abaixou para ajudar Artur a levantar, o sargento ordenou que se afastasse.

— Você é um junco fraco, Recruta Verde! — Helve gritou. — Juncos fracos servem para tecer cestos de má qualidade! Este pelotão não vai ter um cesto malfeito!

“O quê? ”, Artur pensou. Desanimado, ele se levantou com esforço e tentou endireitar o corpo. Helve olhou para ele fixamente, com o maxilar estendido para a frente de modo agressivo, depois se virou e voltou ao seu lugar na frente do pelotão.

— O toque de alvorada ocorre uma hora antes do crepúsculo — ele anunciou. — Vocês vão desfilar com o Uniforme de Campo para Recrutas

Número 2 nessa hora, a menos que seja um desfile especial, caso em que vocês vão usar o Uniforme Para Recrutas Número 1. Pelotão! Debandar!

Artur virou para a esquerda, bateu o pé e marchou para longe, assim como Fred e mais oito do pelotão. Os outros se viraram para a direita ou fizeram uma volta completa e caíram, chocando-se com os vizinhos.

— Você está bem? — Fred perguntou. — Não achei que bater um pouco os pés no chão ia derrubar você. Afinal, não somos mais totalmente mortais.

— Esse é o problema — Artur retrucou muito cansado. — Eu... eu fiquei um tanto... abalado pela magia. Por isso sou mais mortal agora do que a maioria das crianças do Tocador de Gaita.

— Puxa! — Fred exclamou com muito interesse. — Como isso aconteceu?

— Não posso falar sobre isso.

— Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo na Casa Inferior — Fred murmurou. — Depois que o correio foi interrompido e tudo o mais. Mas nunca soubemos o que aconteceu. O Sr. Segunda-Feira andou fazendo alguma coisa que não devia?

— O Sr. Segunda-Feira? — Artur perguntou. — Então você não soube...

— Soube o quê? — Fred parecia ansioso em ouvir as novidades. — Não soube de nada, disso tenho certeza. Nenhuma carta durante dois anos e também nenhum jornal. Tudo culpa da Casa Inferior, pelo menos foi o que meu chefe disse.

Artur não respondeu. Fred era um bom sujeito e ele acreditava que poderiam ser amigos. Mas Artur não podia revelar sua verdadeira identidade e não queria contar muita coisa para ele cedo demais.

— Soube o quê? — Fred repetiu.

— Não posso falar — Artur respondeu. — Sinto muito. Se... se receber permissão, eu conto para você.

— Permissão de quem?

— Olhe, não posso mesmo falar no assunto. Eu só quero dormir. Temos que acordar... não sei... *logo*.

Artur segurou o ombro de Fred quando o chão mudou de lugar debaixo de seus pés. Ele estava tão cansado que levou vários segundos para compreender que não era o chão que estava se mexendo. Era Artur que balançava, pois estava tão exausto que não podia ficar parado.

— É melhor dar uma olhada na programação primeiro — Fred disse com paciência. — Não gosto dessa história de “desfiles especiais”.

— Vá você — Artur gemeu. — Acho que não consigo marchar até lá.

— Você consegue, sim — Fred retrucou. Ele tirou a mão de Artur do ombro e o empurrou para que se virasse. — Vai lhe fazer bem. Um pouco de alongamento.

Artur grunhiu e tentou se virar na direção das camas, mas Fred insistiu para que fosse em frente.

— Ah, está certo — Artur concordou e balançou a cabeça em uma tentativa de clarear os pensamentos. — Então, vamos. Esquerda, em marcha!

Desta vez, com Artur dando o comando cuidadosamente, eles conseguiram parar da forma adequada. Depois de uma olhada nervosa em volta, à procura de um sargento que pudesse surgir de repente, analisaram os papéis com a programação no quadro de avisos.

Fred foi o primeiro a reparar que os nomes dos dois tinham aparecido por conta própria debaixo de um título em um pedaço separado de papel.

— Ah, não — ele disse, batendo o dedo no papel. — Isto é mesmo muita falta de sorte.

Artur leu o aviso. Cansado como estava, levou vários segundos para focar as palavras e elas não significaram nada para ele.

— “Recrutas R. Verde e F. de Ouro apresentar-se aos Serventes de Banheiro no Prédio Azul da Administração às 6 horas”. O que há de errado com isso?

Fred olhou para ele com os olhos arregalados, sem acreditar.

— Serventes de Banheiro, Raio. Da Casa Superior.

Artur ainda parecia confuso.

— Lavagem cerebral, Raio! Eles estão aqui para fazer lavagem cerebral *na gente* Amanhã cedo!





Capítulo 10

Folha hesitou no corredor, sem saber se deveria voltar para as escadas de incêndio ou explorar mais o piso inferior do terceiro andar. Ela não tinha tempo para pensar, mas, pelas lentes rachadas de seus óculos, as escadas de incêndio pareciam ameaçadoramente tingidas de vermelho, de modo que decidiu verificar o que havia naquele andar.

Agarrando a caixa com o precioso bolso em seu interior, andou mancando pelo corredor, empurrando as portas do tipo vaivém que levavam para os fundos do hospital.

A enfermeira talvez tivesse vindo atrás dela, mas, se não o tivesse feito, Folha sabia que outros escravos mentais do Garoto sem Pele o fariam. Ela tinha que encontrar um local para se esconder, descansar e resolver o que fazer em seguida. Mas era mais fácil falar do que fazer, especialmente quando descobriu que todas as portas do corredor estavam trancadas.

Folha se obrigou a avançar mais depressa, mesmo sentindo dor, pois suas opções ficavam cada vez mais limitadas. O corredor estava mostrando ser como as escadas de incêndio: se não pudesse abrir nenhuma das portas, acabaria encurralada.

Ela foi dominada por um momento de alívio quando viu uma porta de serviço aberta na parede, com cones vermelhos ao seu redor e um aviso que dizia CUIDADO, PISO MOLHADO. Mas, quando olhou em seu interior, era apenas uma pequena sala, não muito maior do que um armário, com um grande cano vermelho vertical que dizia BI VÁLVULAS DE INCÊNDIO, seja lá o que isso queria dizer.

Finalmente, ao ver o final do corredor, Folha encontrou uma porta que abriu. Ela deslizou por ela, fechou-a e a trancou antes mesmo de olhar em volta. Ela se encontrava na lavanderia, uma área grande dominada por quatro imensas máquinas de lavar de um lado e quatro secadoras igualmente grandes do outro. Todas estavam desligadas, embora houvesse roupas sujas nos cestos com rodas na frente delas.

Havia também uma escrivadinha com telefone e Folha teve uma ideia assim que o viu. Não conseguiu pensar no que fazer em seguida, mas podia ligar para um amigo. Ou, nesse caso, para o irmão, Ed. Quase sempre ele carregava o telefone celular e, como estava se recuperando da Praga do Sono, estaria sentado na quarentena enviando mensagens para os amigos.

Folha apanhou o fone e discou. Ela ouviu o telefone do irmão tocando, mas ele não atendeu imediatamente.

— Vamos! — Folha apelou. Ela não podia acreditar que sua chamada ia ser desviada para o correio de voz.

— Alô?

— Ed, sou eu, Folha.

— Folha? Onde você está? Papai e mamãe estão ficando loucos aqui!

— Estou num dos andares inferiores do hospital. Olhe, isso vai parecer muito esquisito, mas eu estive em outro lugar... Estou falando de um lugar como um planeta totalmente diferente... com Artur Penhaligon. É complicado, mas existe um inimigo dele aqui que está tentando me pegar, preciso sair...

— Folha! Você bateu a cabeça ou coisa parecida?

— Bem, sim... mas não! Sei que parece estranho. Você se lembra dos caras de cachorro que vimos?

— Sim...

— Eles fazem parte disso. E essa nova arma biológica, a Mancha Cinzenta. Ela também faz parte. Ah, e o Artur que está aqui agora não é o verdadeiro Artur. Acho que ele não... ele... não vai entrar nas áreas fechadas de quarentena, mas se entrar não deixe que ele toque em você. Nem mesmo um aperto de mão ou coisa parecida.

— Folha, você está me assustando! O que vou dizer para os nossos pais? Eles acham que você se machucou naquela explosão de água porque ninguém a encontrou ainda.

— Que explosão?

— No quinto andar. Uma espécie de mangueira de incêndio enorme explodiu e inundou um monte de quartos. Estava tudo na internet até aparecer essa Mancha Cinzenta.

— O Mar Fronteiriço... — Folha sussurrou.

Ed tinha que estar falando da onda que a tinha carregado junto com Artur e sua cama para fora desse Reino Secundário.

— O quê?

— Não importa — Folha respondeu depressa. — Preciso descobrir um jeito de sair do hospital. Para fora da área de quarentena.

— Folha! Eles vão atirar em você! Veja se... sei lá... relaxa. Você parece muito estressada.

— Eu *estou* estressada! Olhe, você consegue pensar em alguma coisa ou não? Não tenho muito tempo.

— Espere, papai quer falar com você...

— Folha?

O pai de Folha parecia muito ansioso.

— Pai, escute, sei que parece esquisito, mas estou no meio de uma situação...

— Folha, estamos aliviados de saber notícias suas. Fique onde está e fique perto do telefone. Vou pedir à polícia que pegue você...

— Pai, não preciso da polícia. Isso não é... isso não é uma coisa... olhe, não posso explicar. Amo você!

Folha colocou o fone no gancho, desabou na cadeira e apertou a testa com os dedos. Isso lhe lembrou que ainda estava usando os óculos. Ela pensou em tirá-los por um instante porque enxergar as auras coloridas a distraía. Mas ela não os tirou, pois a ajudavam a ver coisas que iriam ser úteis.

— Tem que ter uma saída — ela sussurrou para si mesma.

“Não posso sair pelas portas principais, ou pelas saídas para funcionários, ou qualquer coisa parecida no andar térreo. Não tem sentido ir para um andar superior, porque não tem como sair dali, a menos que pudesse pegar um helicóptero ou outro meio de transporte do telhado, e isso não vai acontecer. Para baixo... existem os estacionamentos. Mas as entradas também devem estar vigiadas. Todas as entradas para pessoas ou carros estão vigiadas.”

De repente, a maçaneta mexeu. Folha deu um pulo na cadeira. Ela ouviu vozes baixas do outro lado e ficou tensa, esperando que a porta fosse destrancada ou derrubada.

— Trancada — ouviu um homem dizer. — Tente a próxima.

Folhou escutava com atenção. Ela ouviu passos e então outra pessoa falando, embora não conseguisse entender as palavras. Em seguida, mais passos se afastando.

A busca tinha começado. Poderiam ser os seguranças do hospital, por tê-la visto em uma câmera de vigilância, ou escravos mentais do Garoto sem Pele. Folha se deu conta de que podiam ser ambos.

“Não posso sair no andar térreo. Não tem sentido subir, mas deve haver outras saídas. O duto da lavanderia...”

Folha se levantou e olhou em volta com cuidado, porém só havia a porta pela qual tinha entrado. Mesmo assim, uma ideia se formava em sua mente. Ela só não conseguia organizá-la em sua cabeça machucada e amortecida. Algo tinha lhe ocorrido enquanto falava com Ed...

“O tubo de subida que tinha explodido. BI Válvulas de Incêndio. O grande cano vermelho. Cuidado, piso molhado. Talvez o cano fosse até algum lugar...”

Folha foi até a porta, escutou, abriu-a e saiu para o corredor devagar. Não havia ninguém à vista naquele lado das portas vaivém. Ela correu depressa até a porta de serviço e entrou, fechando-a atrás de si.

Estava começando a inspecionar o cano quando ouviu passos apressados passarem por ela e logo depois o grito de um homem.

— Ela está no 3G104. Ela ligou de lá há dois minutos!

Folha se virou para o cano novamente. O diâmetro dele só era alguns centímetros maior do que a largura dos ombros dela e passava pelo chão e pelo teto. No início, parecia não haver como entrar, porém ela deu a volta e encontrou um painel que tinha sido desparafusado na parte posterior e os oito parafusos arrumados com capricho no chão. Havia uma longa chave inglesa junto deles e uma lancheira aberta ao seu lado com um sanduíche comido pela metade e uma maçã que indicava que operários tinham sido obrigados a sair rapidamente, provavelmente para se unir a alguém que estava esperando no andar superior.

Folha olhou dentro do cano. Havia gotas de umidade sobre todo o revestimento de aço, mas ele não estava cheio de água. Olhando para cima, ela viu que outros painéis tinham sido removidos e uma luz fluorescente branca e fria entrava por eles.

Estava escuro na parte inferior e o cano estava bloqueado. Mas, quando os olhos de Folha se acostumaram à escuridão, ela viu que o bloqueio era causado por uma grande caixa montada sobre uma base giratória que tinha pequenas rodas nas beiradas. A caixa tinha braços-sonda que tocavam as laterais do cano e que tinham adesivos de advertência que Folha não conseguiu ler por causa da luz insuficiente.

Tratava-se de algum tipo de aparelho movido por controle remoto para inspecionar o tubo. Ele também tinha motores elétricos que impulsionavam as

quatro rodas maiores, além de vários cabos, alguns elétricos, que pendiam abaixo dele.

— Aqui não! — gritou a voz no corredor. — Verifique todos os quartos.

Folha hesitou, enfiou a caixa com o bolso no cós e se contorceu para entrar no tubo, ficando em pé no aparelho de inspeção. Ele balançou sobre a base e lentamente começou a deslizar escuridão abaixo, levando Folha junto.

Sozinha, apertada entre as paredes, acompanhada apenas pelo som das batidas do coração e o leve zumbido das rodas do aparelho de inspeção, Folha sentiu as laterais do tubo ficarem cada vez mais úmidas, despertando um momento de pânico total.

“E se houver água lá embaixo e eu entrar diretamente nela?”

O raciocínio lógico desapareceu. Folha agarrou as laterais do tubo com as mãos e colou as costas contra o metal, tentando desacelerar a descida. Mas a água tinha deixado o metal escorregadio e a unidade de inspeção continuava descendo e levando a garota com ela.

Uma luz brilhou vinda do alto. Folha olhou para cima, porém o feixe de luz da lanterna não a alcançou.

— Nada!

A voz do guarda ecoou no cano pelo menos 5 metros acima. Folha olhou a luz fixamente, sufocou com o pânico, tentando desesperadamente respirar para que pudesse gritar por ajuda, o medo agora superava seu desejo de escapar com o bolso.

De repente, o grito se transformou em um grunhido abafado enquanto uma fraca luz vermelha entrou por um dos lados. Folha só teve tempo de se jogar contra uma porta de inspeção aberta e agarrar a borda antes que a unidade giratória continuasse a descer.

Enquanto Folha ficou ali, ofegante, ouviu um espadanar abaixo e um gluglu enquanto a unidade de inspeção continuava pelo tubo e afundava na água.

Dois segundos depois, a garota cansada, mas aliviada, puxou o corpo para cima e deslizou para o chão de um túnel estreito repleto de canos, cabos e todos os outros sistemas de circulação de um grande prédio moderno. Ela ficou ali deitada por vários minutos, reunindo forças, depois se sentou e olhou ao redor.

Como lá em cima, o painel de inspeção tinha sido desparafusado. Ali, os parafusos tinham sido colocados em um saco de plástico colado ao painel com fita adesiva.

O túnel se estendia para a direita e para a esquerda até onde ela conseguia enxergar, mas não era muito comprido, porque havia apenas as fracas luzes vermelhas no teto a cada 5 metros aproximadamente. O local também era extremamente abarrotado, por isso, entre todos os canos e cabos, havia espaço apenas para um adulto pequeno rastejar.

O espaço era suficiente para Folha. Ela escolheu a direção por acaso, verificou que ainda estava com a caixa com o bolso e começou a rastejar.





Capítulo 11

— Não posso permitir que façam lavagem cerebral em mim — Artur afirmou.

— Você não tem muita escolha — Fred respondeu desanimado. — Mesmo que você se esconda, eles vão dar um jeito de encontrá-lo. É melhor a gente começar a se preparar.

— Tem que ter um jeito de evitar isso — Artur insistiu. — E o que você quer dizer com “começar a se preparar”?

— Começar a anotar as coisas importantes — Fred explicou. — Sabe como é, o seu nome, o dos amigos, cor preferida. Às vezes, isso é suficiente para trazer algumas lembranças de volta. É claro que se tivéssemos algumas moedas de prata e um pouco de sal...

— Nós podemos esquecer até os nossos nomes? — cansado como estava, Artur só estava começando a compreender que fazer uma lavagem cerebral poderia ser bem pior do que tinha imaginado.

Ele estava preocupado em esquecer alguns detalhes sobre sua vida na Terra, ou sua família, ou os Dias Seguintes e as Chaves... não com o fato de que poderia esquecer totalmente quem era.

— Acho que fizeram lavagem cerebral em você há muito pouco tempo, se não consegue nem lembrar *isso* — Fred retrucou. — Se eles fizerem um trabalho completo, você vai esquecer tudo a seu respeito. E eles não se importam se você foi “tratado” apenas um dia antes, eles simplesmente fazem tudo de novo.

— O que você falou sobre as moedas de prata e o sal?

— Dizem que uma moeda de prata debaixo da língua ajuda a resistir à lavagem — Fred contou. — E sal no nariz. Mas não temos nenhuma dessas coisas, portanto é melhor começar a escrever. Espero mesmo que desta vez eu não desaprenda a ler. Isso também vai atrasar nosso treinamento. Eu nunca vou chegar a general, se sofrer muitas lavagens cerebrais. Venha.

E marchou de volta até as camas, acompanhado lentamente por Artur com um andar descompassado. Mas nenhum ONC apareceu para repreendê-lo. Até

onde podia dizer, estavam no meio da noite e teriam que acordar em apenas três ou quatro horas.

Apesar do cansaço, Artur seguiu Fred e pegou o caderno de anotações e o lápis esmeralda com o nome do pelotão gravado em letras douradas. Mas, enquanto Fred escrevia sem parar, Artur se perguntava o que deveria anotar. Se escrevesse o verdadeiro nome e outros detalhes importantes, alguém poderia ver.

No final, decidiu começar a lista com *Raio Verde* e colocar embaixo *Verdadeiro Nome* e então *AP*. Depois disso, anotou sua cor preferida, que era azul, os primeiros nomes dos pais, *Bob* e *Emily*, os dos irmãos e irmãs, *Erazmusz*, *Staria*, *Patrick*, *Suzanne*, *Michaeli* e *Eric*. Artur pensou um momento e depois acrescentou *Suzy AT*, *Folha* e *Sr. Segunda-Feira*, *Horrível Terça-Feira* e *Quarta-Feira Submersa*. Se esses nomes não despertassem lembranças, estaria em uma situação realmente complicada.

Ele quis escrever mais, porém estava fraco. O papel estava flutuando ao redor... ou talvez a sua visão estivesse falhando. Ele conseguiu perder alguns segundos para escrever *Quarta-Feira* e *Submersa*, despertando assustado quando o queixo bateu em seu peito. Assim, decidiu fechar o caderno, guardou o lápis no bolso e se deitou na cama. Ele disse para si mesmo que só iria dormir um pouco, talvez meia hora, depois acordaria e faria mais anotações.

Quando deu por si, estava sendo sacudido por Fred. Atordoado, Artur jogou as pernas para fora da cama e se levantou. Havia três cornetas tocando notas longas e irritantes e apenas metade dos lampiões estava acesa. Fred empurrou uma toalha e um estojo de couro nas mãos de Artur.

— Vamos! Temos que nos lavar e barbear.

— Mas eu não faço a barba...

— Na verdade, ninguém faz. Pelos não crescem muito na Casa. Mas temos que tentar. Normas.

Artur cambaleou atrás de Fred. De um jeito confuso, mais adormecido do que acordado, ficou surpreso, por estarem andando, e não marchando, e indo até uma porta que não tinha visto antes, do lado leste do quartel.

A porta brilhava com uma fraca luz esverdeada. Quando Artur passou por ela e entrou em um corredor escuro e estreito, quase perdeu o equilíbrio ao sentir o chão tremendo debaixo de seus pés como gelatina. Ele estendeu a mão para se apoiar na parede e ela cedeu sob seus dedos.

— Este é um caminho mágico! — protestou.

— Sim — Fred concordou. — Ele leva até o lavatório.

Alguns passos depois, embora até onde tivesse percebido não tinham passado por outra porta, Artur entrou em um lavatório realmente enorme e sem teto. O céu noturno acima estava brilhante, coberto por estranhas constelações de estrelas que pareciam próximas demais e por uma Lua crescente um tanto instável que emitia uma luz verde-clara. Artur parou onde estava, momentaneamente perplexo pelo inesperado céu da noite e pela visão das fileiras intermináveis de soldados Habitantes que se estendiam até onde conseguia enxergar na luz da Lua, parados na frente de fileiras igualmente intermináveis de espelhos e pias, cada qual iluminada por uma chama de gás descoberta acima do espelho.

A maioria dos Habitantes usava apenas as roupas de baixo, mas até elas variavam de acordo com as unidades. As calças dos uniformes, os *kilts* ou *leggings* incluíam todos os tipos que Artur tinha no armário, além de outros que nunca tinha visto.

— Nós dividimos o banheiro com todo o exército — Fred contou. — Venha, vamos encontrar nosso lugar. Acho que você precisa jogar um pouco de água fria no rosto.

Ele saiu andando na diagonal bem entre dois Habitantes Legionários e suas pias e espelhos, como se nenhum deles estivesse ali e todos fossem apenas imagens fantasmagóricas. Os Legionários ignoraram Fred, mas Artur viu quando falaram um com o outro, apesar de não ouvir nenhum som.

— Espere! — Artur gritou. — Onde estamos? Como conseguiu atravessá-los?

— Ah, eles não são reais para nós, nem nós para eles — Fred retrucou. — O cabo Axeforth explicou ontem de manhã. Nós só temos que encontrar nossas pias. Elas não estão longe.

O garoto continuou andando. Artur o seguiu com relutância, encolhendo-se ao atravessar os Legionários. Fred ainda estava à frente, atravessando um par de Habitantes da Artilharia com casacos de couro. Do outro lado, havia uma fileira de pias vazias e, em cada lado, alguns Recrutas Habitantes. Eles se viraram para olhar quando Artur e Fred chegaram, Artur ouviu o gorgolejar da água em suas bacias e o tilintar das lâminas colocadas na porcelana.

— Mas como isso funciona? — Artur perguntou. — Eles estão aqui ou não?

— O cabo não deu todas as informações — Fred contou ao abrir seu estojo de couro e tirar uma navalha mortífera, pincel, sabão e uma tigela para fazer espuma. — Ele disse alguma coisa sobre caminhos mágicos que levam para diferentes banheiros que coexistem num mesmo lugar dentro da Casa, mas são deslocados no tempo. Economiza água quente ou coisa parecida.

Fred começou a preparar a espuma em sua tigela. Artur balançou a cabeça e borrifou o rosto com a água morna da bacia que tornou a se encher de imediato, apesar de não haver torneiras à vista.

Fred aplicou a espuma no rosto e começou a se barbear enquanto sussurrava alguma coisa para si mesmo. Artur se perguntou se era algum tipo de oração para que não cortasse a própria garganta. Artur tinha acabado de tirar a sua navalha do estojo e percebeu que ela era incrivelmente afiada e perigosa, então notou que Fred estava usando o lado cego.

— O que você está sussurrando? — Artur indagou.

— O meu nome — Fred contou enquanto raspava parte da espuma de sabão do queixo. — E minha cor favorita.

— Ah — Artur respondeu. — Eu esqueci...

Ele olhou para o espelho observando fixamente o rosto conhecido, sem acreditar que talvez em breve não se reconhecesse mais. Não era muito agradável.

— É melhor você fazer a barba ou vai ser considerado um infrator — Fred avisou. — E isso significa ser castigado.

— Mesmo que minha pele esteja perfeitamente lisa? — Artur deslizou a mão sobre o queixo. — Não vou precisar me barbear durante anos.

— Eles vão saber que você não fez a barba — Fred afirmou desanimado. — Só porque vão fazer uma lavagem cerebral na gente não quer dizer que vão permitir que não façamos a barba ou outra coisa qualquer.

— Está certo — Artur replicou. — Está certo!

Ele colocou um pouco de sabão na tigela e começou a batê-lo com o pincel, como tinha visto Fred fazer. Então, imitando o colega, passou a espuma no rosto e se barbeou com a parte posterior da navalha. Passar espuma e simplesmente tirá-la não tinha nenhum sentido. Ao se “barbear”, Artur pensou no que iria fazer enquanto raspava a espuma, agitava a navalha e a enxaguava.

— Acho que não devemos voltar — ele sugeriu enquanto lavavam as nuças e as axilas. — Vamos ficar aqui.

— Aqui? — Fred guinchou e ficou visivelmente amedrontado com a ideia.
— Nem sei se este lugar ainda vai existir depois da higiene matinal. O caminho mágico se fecha...

— Acho que vamos nos dar bem se ficarmos junto das bacias — Artur previu. — Elas são reais para nós, então devem estar em algum lugar.

— Mas vamos faltar sem licença — Fred murmurou. — Não vamos estar no desfile. Os Serventes do Banheiro vão nos procurar.

— Se o caminho mágico ficar fechado até amanhã cedo, eles não vão conseguir nos achar, vão? — Artur perguntou. — Quanto tempo eles ficam por aí?

— Eles vêm, fazem a lavagem e vão embora — Fred contou. Só o tempo suficiente para tratar de todas as crianças do Tocador de Gaita da região.

— Então vamos esperar aqui e voltar amanhã cedo — Artur declarou. — Recebemos o castigo e continuamos o treinamento.

— Vocês não vão fazer uma coisa dessas — disse uma recruta ao lado deles quando acabou de guardar as coisas dela. Artur a reconheceu vagamente como sendo do mesmo pelotão. Florimel, a quem deveriam vigiar, segundo Fred. — Vocês vão se apresentar conforme ordenado.

— Não, não vamos — Fred respondeu, e todo o desespero de momentos antes desapareceu. Aparentemente, foi necessário apenas que alguém como Florimel lhe dissesse que não podia fazer algo para que se enchesse de coragem.

— Estou mandando que voltem para o quartel!

— Quem promoveu você a Chefe Suprema? — Fred indagou. — Você é só uma recruta como a gente. Nós vamos fazer o que quisermos e você vai ficar de boca fechada.

— Vou denunciá-los — Florimel declarou, erguendo o corpo.

— Não, não vai — Artur retrucou sério. — Você não vai dizer uma palavra.

Embora Florimel fosse alta, por um momento Artur pareceu ainda maior e o cabelo dele se moveu de repente como se tivesse sido agitado pelo bater de asas invisíveis. Por um instante, houve alguma coisa da Primeira Dama na atitude e na voz de Artur. Mas ele logo voltou a ser apenas um garoto. Florimel, porém já tinha baixado o olhar e recuado.

— Sim, senhor — Florimel respondeu. — O que quiser, senhor.

Ela bateu uma meia continência, virou à direita, desajeitada, e se afastou marchando através de um par de Guardas da Fronteira vestidos de verde que também estavam saindo, mas iam na direção contrária.

— Como você fez isso? — Fred perguntou boquiaberto. — Eu tinha certeza de que ela ia nos meter em apuros. Alguma coisa como...

Ele parou de falar assim que a Lua acima de suas cabeças virou na direção do horizonte de repente. Ao mesmo tempo, um brilho rosado caiu sobre eles vindo do leste. Artur se virou para olhar. Ele não viu o sol, mas a luz era o primeiro indício do crepúsculo.

Com esse indício, os soldados restantes saíram apressados em todas as direções, desaparecendo por seus próprios caminhos mágicos para os respectivos postos no Grande Labirinto. Em alguns minutos, Artur e Fred ficaram sozinhos no banheiro amplo e vazio, sem nada além de espelhos e pias onde podiam ser vistos de todas as direções e que começavam a refletir a luz da manhã.

— Espero que isso seja uma boa ideia — Artur disse.

— Eu também — concordou Fred com um estremecimento.

Ele tremeu de novo quando alguns espelhos mais distantes começaram a se dissipar como se estivessem se dissolvendo na luz do sol. Ele recuou até a pia. Artur descobriu que ele também tinha recuado inconscientemente para fazer contato com a solidez da porcelana.

Lentamente, enquanto o sol nascia e se tornava um círculo identificável acima do horizonte, as pias e os espelhos ao redor deles desapareceram. Artur e Fred se aproximaram um do outro até que ficaram ombro a ombro. Eles não viam nada em volta, além da luz do sol, mas as suas pias continuavam sólidas e seus espelhos brilhavam.

— Talvez tudo fique bem — Fred sussurrou.

— Talvez — concordou Artur.

E foi nesse momento que tudo escureceu. Apenas por um instante. Artur e Fred piscaram e viram que, embora ainda estivessem lado a lado, não estavam mais recostados em um lavatório e tampouco estavam cercados pela luz do sol.

Os dois garotos estavam de volta ao quartel encostados ao armário de Artur, e a única luz vinha dos lampiões pendurados sobre suas cabeças, todos acesos naquele momento.

No aposento pouco iluminado Artur viu três vultos parados a três metros de distância. Eles tinham a altura e o corpo de Habitantes, mas vestiam túnicas

amarelo-margarida que escondiam seus corpos e usavam longos capuzes pontudos. As mãos estavam cobertas por luvas de malha de aço flexível e seus rostos também estavam escondidos. Desta vez atrás de máscaras de bronze batido.

Uma das máscaras tinha uma boca sorridente, outra tinha os cantos da boca voltados para baixo em uma reflexão melancólica, a terceira tinha a boca retorcida em agonia.

Não havia sinal de ninguém... ou qualquer coisa... atrás das bocas ou dos olhos das máscaras. Havia apenas a escuridão.

— S... S... Serventes de Banheiro Fred sussurrou. — Fred Números Iniciais de Ouro, Assistente de Dourador de Manuscritos de Sexta Classe, cor favorita, verde, chá com leite e um torrão de açúcar, biscoito amanteigado, mas nada de biscoitos de alcaravia...

Os Serventes de Banheiro deslizaram para a frente, as túnicas sussurrando no chão. Dois procuraram algo nas mangas largas e tiraram estranhas coroas esculpidas em gelo azul, recobertas por pontas e fragmentos que estalavam e cintilavam com luzes dançantes. O terceiro mostrou um pedaço de corda dourada que se movia em sua mão como uma cobra furiosa, erguendo o corpo para cuspir seu veneno.

Mas ela não cuspiu veneno. Em vez disso, a corda dourada saltou no ar e se enrolou em volta dos tornozelos de Artur, jogando-o ao chão quando ele se virou para fugir.

Artur bateu no solo com força. A corda dourada deslizou sobre as pernas dele, envolvendo-as com força, e a ponta solta se prendeu no pulso esquerdo e começou a puxá-lo para as costas. Artur resistiu o quanto pôde e procurou desesperadamente o anel de crocodilo prateado em sua bolsa com a mão direita, tentando pegá-lo. Não era uma moeda, mas era de prata, e Artur queria colocá-lo debaixo da língua.

Ele conseguiu pegar o anel e o estava levando à boca quando um pedaço de corda se enrolou em seu pulso direito e o puxou para trás. Artur jogou a cabeça para a frente, pôs os dedos na boca e empurrou o anel para baixo da língua, cortando o lábio durante esse movimento.

Sangue escorreu em seu queixo quando ele foi puxado para cima, para ficar de joelhos, enquanto a corda dourada prendia seus braços nas costas e os tornozelos.

Artur olhou para cima e viu a coroa sibilante e brilhante descendo.

“Eu sou Artur Penhaligon”, pensou desesperado. “Artur Penhaligon, meus pais são Bob e Emily. Eu sou o Mestre da Casa Inferior, das Regiões Afastadas, do Mar Fronteiriço...

A coroa foi colocada na cabeça de Artur e ele se viu gritando silenciosamente na escuridão.





Capítulo 12

Folha conseguiu encontrar uma boa posição perto do topo da escada e empurrou a tampa do poço. Ela era feita de cimento reforçado com aço e muito pesada, mas a menina conseguiu levantá-la o bastante para deixar a luz do sol entrar e, com mais um empurrão, conseguiu abrir metade dela.

Espiando para cima, Folha viu o céu e o alto de alguns edifícios. O fato estranho era que não conseguia ouvir o barulho do tráfego, embora o poço devesse estar no meio de uma rua e, até onde podia deduzir, a cerca de 1, 5 quilômetro do hospital. Aquela era a terceira escada que encontrara ao rastejar pelo túnel. Tinha decidido não subir pelas outras, pois ainda poderiam estar dentro da região de quarentena. Como não tinha ideia da direção em que o túnel ia, não saberia ao certo onde estava até que saísse e desse uma olhada.

Esperando que a ausência de barulho de tráfego significasse que não seria atropelada assim que pusesse a cabeça para fora, Folha içou o corpo para a rua e olhou ao redor rapidamente. Como tinha imaginado, encontrava-se no meio de uma rua da cidade. Dos dois lados, havia fileiras de velhas casas com varanda, atrás de uma série de carros estacionados. Mas não havia automóveis em movimento ou outro tipo de tráfego. A rua estava calma de um jeito fora do comum.

Folha respirou fundo e saiu. O movimento exigiu quase toda a força dela e demorou alguns segundos até que pudesse se curvar e se levantar. Ela tinha uma vaga ideia de onde estava e, para se certificar disso, olhou para o lado onde deveria estar o hospital.

Ele estava lá, realmente, mas não foi isso o que fez Folha abafar um grito e se sentar como se tivesse levado um soco no estômago.

Ao olhar através dos óculos especiais, ela não só viu as três torres brancas do hospital feitas de concreto e vidro, a cerca de dois quilômetros de distância, mas também enxergou outro prédio pairando no ar diretamente *acima* do hospital. Um prédio amplo e louco com torrinhas e torres, casas e saguões, edifícios internos, inferiores, superiores e ameias. Uma pequena parte dele

estava apoiada diretamente no topo do hospital, e Folha pôde distinguir o portão cintilante que ela sabia instintivamente ser a Porta da Frente.

Era a Casa. Não onde Folha tinha imaginado, perto da casa de Artur, mas acima do hospital. Ela tinha acabado de escapar do único lugar de onde poderia chegar à Porta da Frente.

Folha baixou a cabeça e agarrou os cabelos, pronta para arrancar alguns fios. Como poderia imaginar que a Casa iria se manifestar onde Artur disse que estava antes? Era óbvio que ela aparecia onde o último Habitante ou Nadica tinha usado a Porta da Frente. Nesse caso, o hospital.

— Saia da rua, menina! Você vai receber um tiro!

A voz fez Folha pular e olhar ao redor inquieta.

— Venha logo! Entre aqui!

Era uma mulher. Uma mulher velha parada na porta de uma das varandas, gesticulando para que Folha entrasse.

Folha gemeu, rolou no chão, ergueu-se com a ajuda das mãos e andou lentamente até a porta da mulher.

— Depressa! — a mulher chamou e olhou para a rua. — Tem alguma coisa se aproximando.

Folha também ouviu um ruído baixo de veículos muito grandes que fazia o chão vibrar. Ela apressou o passo e entrou na casa exatamente quando um tanque virou a esquina no fim da rua. Surpresa com o barulho forte gerado pelo tanque e com o tanto que a casa balançava enquanto ele passava, Folha olhou pela janela.

Outros seis tanques seguiram o primeiro, todos totalmente fechados, sem ninguém sentado nas torres ou espiando por visores abertos. Folha nunca tinha visto tanques de verdade, e aqueles tinham o dobro do tamanho dos veículos blindados leves que vira sendo usados pelo Exército e pela AFB.

— Como você se chama?

Folha se virou. A mulher era muito velha e corcunda, mas se movia com agilidade e era muito ativa.

— Desculpe — Folha disse. — Estava distraída. Obrigada... obrigada por me avisar. Eu me chamo Folha.

— E eu sou Sílvia — a mulher respondeu. — Você esteve na guerra, não é mesmo? É melhor você vir até a cozinha para eu limpar a sua cabeça.

— Não, eu tenho que... tenho que...

A voz de Folha diminuiu de intensidade. Ela não sabia o que tinha que fazer em seguida. Voltar para o hospital? Mesmo com os enormes tanques se dirigindo para lá?

— Você precisa de uma xícara de chá de hortelã, uma limpeza e um curativo — Sílvia declarou com firmeza. — Venha.

— O que está acontecendo? — Folha perguntou enquanto seguia Sílvia obedientemente pelo corredor até a cozinha. — Aqueles tanques eram...

— Houve algum tipo de ataque biológico no hospital. — Sílvia pegou o estojo de primeiros socorros de cima da geladeira e estendeu a mão para ligar uma chaleira elétrica. — Mas não tenho acompanhado todos os acontecimentos. Eles restabeleceram a quarentena na cidade nesta manhã. Podemos ver televisão na sala, se você quiser. Mas sente perto da janela para que eu possa ver o que estou fazendo na sua cabeça.

— Obrigada — Folha agradeceu. — Eu gostaria de saber o que está acontecendo. A senhora disse que a quarentena foi restabelecida na cidade?

— Há cerca de duas horas, querida. Venha por aqui.

— Mas a senhora me deixou entrar — Folha lembrou quando seguiu Sílvia até uma sala de estar pequena, mas confortável.

Havia uma tela na parede. Sílvia estalou os dedos e ela ligou, o som estava baixo demais para ser ouvido e Folha só pôde ler a legenda na parte inferior. Ela dizia

IMPOSTA QUARENTENA DE NÍVEL VERMELHO NA CIDADE.
LACRE DO EXÉRCITO E AFB AO REDOR DO HOSPITAL DA
REGIÃO LESTE.

ACREDITA-SE QUE ARMA BIOLÓGICA
PSICOTRÓPICA TENHA SIDO USADA NO PRIMEIRO ATAQUE.
OUTRO É IMINENTE.

Ela viu imagens de talvez uma dezena de pessoas saindo pelas portas do hospital. Elas não estavam andando normalmente, trançavam as suas pernas de modo estranho e agitavam os braços no ar. A câmera se afastou delas para focalizar os soldados e os agentes da AFB que gritavam, agitavam as mãos e abaixavam as armas enquanto as torres dos veículos blindados giravam para examinar os arredores. Então começaram a atirar. Folha levou alguns instantes

para se dar conta de que o som de tiros que ouvia vinha do lado de fora, não da televisão.

Era uma cobertura ao vivo.

— Sim, sei que não devia ter deixado você entrar — concordou Sílvia, que não estava assistindo à televisão. Ela ergueu os cabelos de Folha e começou a limpar o corte na cabeça da menina com um desinfetante ardido. — Mas sou muito velha, e não queria ver uma garota tão nova sendo morta a tiros na minha frente. Se você tiver alguma doença perigosa, aposto que vou pegá-la e morrer depressa sem causar muitos problemas para ninguém.

— Não tenho nada — Folha garantiu depressa, então olhou para as mãos.

“Só que isso é mentira. Eu tenho uma coisa. Mas você não pode pegá-la de mim. Apenas do Garoto sem Pele. Logo ele vai saber o que eu sei e vou virar uma marionete. Como aquelas pobres pessoas que ele deve ter mandado para fora, as que morreram para manter a quarentena.”

Na televisão, dois agentes da AFB com lança-chamas estavam andando para a frente. Folha desviou o olhar quando o fogo foi jogado contra as pessoas que tinham acabado de ser atingidas pelos tiros.

— Fique quieta — Sílvia repreendeu. — É mais hematoma do que corte. Provavelmente você deveria fazer uma tomografia. Quando isso aconteceu?

— Há mais ou menos uma hora, eu acho — Folha contou. Talvez duas. Aai!

— Passei uma pomada anestésica — Sílvia informou. — E coloquei um esparadrapo para que o ferimento fique limpo. Mas acho que deve fazer uma tomografia.

— Você é médica? — Folha indagou. — Ou enfermeira?

— Estou aposentada — Sílvia contou. — Mas eu era farmacêutica. Sente-se ali. Vou pegar o chá de hortelã.

Folha voltou a atenção para a televisão. Um oficial militar de alta patente estava sendo entrevistado. Um general. Atrás dele, Folha viu os tanques que tinham passado por ela. Naquele momento, eles estavam se colocando de frente para o hospital e outras tropas estavam se posicionando entre os tanques. Folha estendeu a mão com a palma para cima, esperou que o aparelho se ajustasse a ela e levantou o dedo. O volume aumentou e ela conseguiu ouvir o que o general estava dizendo.

— Não sabemos do que se trata. Ele pode estar relacionado ao inFúria, o psicotrópico transportado pela água que causou tantos problemas na Europa,

há dois anos. Mas está claro que se espalhou no hospital e, como acabamos de ver, alguns dos contaminados não são mais capazes de pensar e são altamente perigosos. Nossa tarefa é conter essa epidemia. Vamos completar nossa missão usando todos os meios necessários.

— Vocês receberam outras informações da doutora Emily Penhaligon? — perguntou o entrevistador invisível.

— A doutora Penhaligon e sua equipe estão tentando desacelerar o efeito da arma biológica por vários meios, estão determinando o perfil dela e criando agentes modelados por computador para poder combater o mal. Estamos fazendo o possível com o nosso pessoal e o do AFB para garantir que os laboratórios e as alas de isolamento superiores permaneçam separadas do resto do hospital onde a infecção se espalhou.

— General, há informações sobre como a arma biológica foi empregada e por quem?

— Obviamente, é um ato terrorista — respondeu o general. — Não tenho mais comentários no momento.

— Vários comentaristas disseram que é muito provável que seja...

De repente, o volume diminuiu novamente. Folha virou a cabeça e viu Sílvia agitando os dedos. Ela tinha acabado de colocar duas xícaras fumegantes na mesa.

— O barulho da televisão me aborrece muito — Sílvia falou. — Tome o seu chá, querida. Precisamos ter uma conversinha.

— Obrigada — Folha agradeceu. — Mas não quero...

— Ah, não quero saber o que você estava fazendo quando saiu dos subterrâneos — Sílvia justificou. — Mas acho que devemos ligar para seus pais. Você tem pais? Bem, então devemos chamá-los e avisar que você está aqui e vai passar o período de quarentena comigo.

— Não posso fazer isso. — Folha tinha acabado de perceber o que devia fazer. Ou melhor, tinha pensado em uma saída que talvez a levasse de volta para a Casa. — Preciso ir a um lugar.

— Você não pode ir a nenhum lugar — replicou Sílvia. — Não a pé. Nem de carro, mesmo que eu fosse tola o suficiente para levá-la. Não é permitido tráfego de pedestres.

— Tenho que ir até uma casa em Denister — Folha afirmou, dando o endereço do local. — O mais depressa possível.

Ela queria ir para a casa de Artur. A Casa podia estar acima do hospital e praticamente inatingível, mas Folha se lembrou de algo que o amigo tinha lhe contado há muito tempo no quarto do hospital. Tinha sido apenas no dia anterior para todo mundo, mas Folha tinha ficado durante meses no mar nesse período. Mesmo assim, lembrava-se claramente de Artur falando sobre seu telefone. Um telefone em uma caixa de veludo que podia ser usado para ligar para os Habitantes na Casa.

— Isso está fora de questão — Sílvia retrucou com severidade.

— É incrivelmente importante — Folha insistiu.

— Por quê?

Folha ficou em silêncio. Não podia contar a verdade para Sílvia. A velha senhora não iria acreditar e as coisas só iam piorar.

“Não posso contar para ela”, pensou de repente. “Mas talvez eu possa mostrar.”

— Você tem uma janela que abre para o hospital? — Folha perguntou.

— Sim, no andar de cima — Sílvia respondeu. — O que isso tem a ver com o assunto?

Folha hesitou por um momento. Sílvia era muito velha e um choque poderia matá-la. Mas Folha precisava da ajuda da senhora. Artur dependia dela para levar o bolso de volta para a Casa, para que fosse destruído. Não só Artur, mas todos os outros também. E se o Garoto sem Pele continuasse espalhando seu mofo controlador de mentes por todos os lugares? Talvez houvesse outras coisas que o Nadica também pudesse fazer...

— Quero que vá até lá em cima e olhe para o hospital com estes óculos. Já vou avisando que vai ser chocante. Depois que olhar, vou lhe contar tudo.

Sílvia pareceu zangada, mas então um sorriso desfez lentamente sua cara amarrada.

— Você está sendo muito misteriosa e tenho certeza de que também está desperdiçando meu tempo. Mas o que tenho a perder além de tempo? Venha.

A janela voltada para o hospital ficava no quarto de Sílvia, um aposento simples e bem-arrumado que não tinha nada de pessoal. A velha senhora o atravessou depressa e abriu a cortina.

— Ali está o hospital — Sílvia mostrou. — Completo, com helicópteros armados e tudo o mais.

Folha olhou pela janela. Havia três helicópteros armados do exército voando baixo em círculos ao redor dos prédios do hospital, a cerca de 180

metros de altura. Ela ajustou melhor os óculos no nariz e os tirou rapidamente. Ver os helicópteros aparentemente voar para cima de edifícios sólidos da Casa e surgir do outro lado fazia sua cabeça doer.

— Por favor, olhe através deles — Folha respondeu. — Mas fique preparada.

— Duvido que eu consiga ver alguma coisa — Sílvia retrucou ao aceitar os óculos. — Eles estão rachados!

— Você vai enxergar alguma coisa, sim, e depois eu vou explicar tudo. — Folha franziu a testa quando sentiu uma pontada de dor na cabeça outra vez.

Era uma dor diferente da que sentira antes. Parecia que uma pressão estranha estava se formando em seu crânio. Como a dor causada por sinusite, mas em locais errados.

“O mofo! Ele já deve estar na minha cabeça!”

— Não consigo ver nada — Sílvia afirmou.

Ela estava com os óculos, mas não olhava pela janela.

— A janela! — Folha insistiu, mas de repente se sentiu desesperada e hesitante.

E se os óculos do doutor Scamandros funcionassem apenas para ela?





Capítulo 13

O tenente Corbie abaixou o telescópio e esfregou o olho direito dolorido por ter usado o aparelho tanto tempo. Durante uma tarde inteira, ele e sua tropa de Guardas da Fronteira ficaram observando e contando a coluna inimiga enquanto avançava pela passagem abaixo deles.

— Acrescente mais 5 mil à contagem — Corbie ordenou ao sargento, que estava fazendo anotações em um caderno. — Mais Nadicas habituais reunidos em unidades de mil.

— Isso é mais do que 26 mil hoje, senhor — o sargento respondeu.

— Todos em um só ladrilho.

— Estão programados para ir para o leste e o norte ao pôr do sol — Corbie afirmou, batendo nas Efemérides em seu bolso lateral. — Tire mais alguns do caminho.

— Deve haver 1 milhão deles no labirinto agora — o sargento deduziu em voz baixa. — O que vai acontecer se cada ladrilho ficar cheio de Nadicas? Não vai ter sentido mudá-los de um lado para outro.

— Essa é uma conversa derrotista, sargento, e não quero ouvi-la — Corbie disparou. — Seja como for, ainda há muitos ladrilhos vazios, e a invasão de Nadicas está sendo dissipada com muito sucesso. Como sempre, a estratégia tectônica está funcionando. E ouvi dizer que o Segundo Batalhão do Regimento venceu outra batalha ontem.

Corbie não mencionou o fato de que a 19ª Tropa da Legião quase tinha perdido uma batalha dois dias antes. Embora as forças de Nadicas estivessem sendo divididas a cada pôr do sol quando os ladrilhos os transferiam para longe, havia muitos ladrilhos onde havia um número muito grande de Nadicas. Às vezes, esses ladrilhos tinham que ser liberados ou retomados porque estavam programados para se aproximar do QG ou uma das outras posições fixas.

Há seis semanas, Corbie e suas tropas tinham deixado o Forte da Fronteira, que agora estava nas mãos dos Nadicas. Apesar de o coronel Nage e toda a sua

guarnição terem sido mortos, ele tinha conseguido proteger a sala dos comutadores por doze horas e os portões tinham sido fechados. Mas não antes de 400 a 500 mil Nadicas terem passado. E então, um mês depois, de alguma forma os portões foram abertos novamente, mesmo que se acreditasse que isso fosse impossível. E outras dezenas de milhares de Nadicas entraram marchando.

Ainda assim, como Corbie tinha garantido ao sargento, a estratégia tectônica consagrada pelo tempo estava funcionando. Com os ladrilhos se movendo a cada pôr do sol e o inimigo incapaz de concentrar forças, o Exército podia combater os Nadicas pouco a pouco, vencendo a maioria dos confrontos diretos.

Contudo, Corbie tinha ouvido dizer que isso não era suficiente para o Furioso Quinta-Feira. Nunca tranquilo nos melhores dias, esperava-se que o Furioso Quinta-Feira ficasse mais zangado do que o habitual. Aparentemente, ele tinha até perdido a calma com a marechala Crepúsculo, ferindo-a gravemente, depois que Crepúsculo tinha questionado algum aspecto da reação do Exército àquela invasão sem precedentes e a prudência em mudar a campanha, que estava para começar, tão radicalmente e tão em cima da hora.

Corbie refletiu que Crepúsculo estava certa, é claro. Era muito estranho que o plano tivesse sido mudado apenas horas antes de ser posto em prática. O major Pravuil também tinha sido um estranho mensageiro. Ele não pareceu muito sério para Corbie, como se tivesse algum tipo de missão especial e não fosse um oficial comum. Tudo cheirava a política e interferência de alguém ocupando um alto posto.

Corbie detestava política.

— Mais movimento perto da borda do ladrilho — avisou um dos Guardas da Fronteira. — E acho que fomos vistos. Há um oficial... um Nadica superior, ou seja lá como devemos chamá-lo, trazendo um pelotão em nossa direção.

Corbie espiou da colina. Ele e seus colegas Guardas da Fronteira estavam escondidos no alto entre rochas caídas, mas era possível que algum movimento os tivesse denunciado. Ou o reflexo do telescópio.

Instintivamente olhou para o sol. Ele estava perto do horizonte descendo lentamente, mas ainda faltava pelo menos meia hora para o crepúsculo. A borda do ladrilho, visível aos seus olhos treinados como um tom ligeiramente diferente na terra, estava cem metros abaixo deles. Se os Nadicas atacassem,

teriam que passar por aquela borda antes do anoitecer, quando os ladrilhos se moviam. Corbie calculou que isso era possível.

Mas não estava preocupado. Suas forças estavam no canto do ladrilho atual e uma rápida arrancada em qualquer direção os levaria aos ladrilhos que estavam se movendo para áreas relativamente seguras.

— Tem algo estranho naquela coluna — o sargento murmurou. — Parece que estão transportando alguma coisa. Eles têm um grupo enorme de Não Cavalos.

Corbie levantou o telescópio. Não Cavalos eram uma espécie de animal muito valiosa, criaturas copiadas dos cavalos da Terra, em parte cruzados e em parte fabricados no Fosso pelo Horrível Terça-Feira. Desde a queda dele, não houve novos suprimentos de Não Cavalos para grande aborrecimento da Horda e da Companhia de Artilharia Moderadamente Honorável.

Mas bem abaixo os Nadicas tinham mais que 200 Não Cavalos presos a uma gigantesca carroça de 20 rodas, com pelo menos 18 metros de comprimento. Na carroça havia...

Corbie baixou o telescópio, esfregou o olho novamente e tornou a olhar.

— O que foi? — indagou o sargento.

— Parece um espigão gigante — Corbie contou. — Um espigão de 18 metros de comprimento feito de um material muito estranho. É escuro e não reflete luz de jeito nenhum. Deve ser algum tipo de...

— Nada?

— Sim, acho que sim. Nada fixado por magia. Mas por que transportá-lo para o Labirinto? Que sentido pode haver nisso, já que eles nunca vão poder saber onde vai parar...

Corbie parou de falar, colocou o telescópio em uma pedra e rapidamente abriu suas Efemérides, folheou as páginas até encontrar a tabela desejada e comparou os dados do dia com o ladrilho em que o grupo de Não Cavalos se encontrava.

— Esse ladrilho vai se mover diretamente para o centro do Labirinto hoje à noite — Corbie constatou. — Grade 500/500.

— Isso não tem nada de especial — o sargento comentou.

— Não que a gente saiba. Mas ouvi falar de um problema famoso que eles dão na Faculdade dos Funcionários chamado “Os 500/500”... os Nadicas devem saber para onde o ladrilho está indo. E eles devem ter sabido onde todos os outros ladrilhos foram para ter trazido essa coisa até aqui.

— Mas eles não poderiam ter acesso às Efemérides sem que explodissem — o sargento retrucou. — Poderiam?

— Também nunca imaginamos que eles pudessem se organizar — Corbie replicou. — Mas eles podem e estão sendo liderados por alguém que sabe o que está fazendo. Olhe, pegue isto e veja se enxerga mais alguma coisa.

Ele entregou o telescópio para o sargento e apanhou um pequeno estrado de marfim e um soldado de chumbo do bolso da aljava. A figura era a de um coronel do Regimento, todo escarlate e dourado. Quando Corbie colocou o coronel de brinquedo em posição de sentido, as cores ficaram mais brilhantes, os traços mais nítidos e ele se transformou em uma minúscula versão viva do verdadeiro oficial longe do QG.

— Coronel Repton!

— Olá, Corbie! Outro relatório informal?

— Sim, senhor. Vou me reportar ao capitão Ferouk, mas vai demorar até que ele passe estas notícias adiante pelos meios de comunicação, portanto pensei ser melhor que o senhor as ouvisse e tentasse levá-las diretamente ao Furioso Quinta-Feira...

O pequeno coronel de brinquedo fez uma careta ao ouvir isso, mas acenou para que Corbie continuasse.

— Vimos uma grande coluna de Nadicas no ladrilho 72/899, que está acompanhando uma enorme carroça arrastada por mais de cem Não Cavalos. Na carroça está um objeto que parece ser feito de Nada, com 18 metros de comprimento e 3 metros de diâmetro, com uma ponta na extremidade, embora sua forma seja sólida. Só posso descrevê-lo como um espigão gigante, senhor. O fato é que o ladrilho vai se mover ao pôr do sol para o ladrilho 500/500 e eu...

— Você disse ladrilho 500/500? — o coronel Repton repetiu, parecendo assustado. — Você descreveria o espigão como nitidamente mágico?

— Sim, senhor!

A estatueta empalideceu visivelmente.

— Preciso informar ao Furioso Quinta-Feira imediatamente! Deseje-me sorte, Corbie!

A estatueta enrijeceu e voltou a ser apenas chumbo.

— Melhor *nos* desejar sorte — disse o sargento, enquanto devolvia o telescópio para Corbie e apanhava o seu arco. — Têm outros três pelotões vindo em nossa direção. Definitivamente, eles vão atacar.





Capítulo 14

— Acho que acabo de me lembrar de uma coisa — Fred disse. — Sobre meu antigo emprego. Eu me lembro de separar os flocos de ouro!

— Isso é bom — respondeu o amigo Raio Verde. — Eu ainda não me lembro de muita coisa. Tenho sonhos e quase consigo me lembrar deles quando acordo. Mas daí abro os olhos e tudo some.

— Vai voltar — Fred garantiu. — Acaba voltando. Quase tudo.

— Acontece que tenho uma sensação de que preciso me lembrar depressa — Raio retrucou, franzindo o cenho. — De que preciso fazer uma coisa muito importante.

— Você vai lembrar — Fred repetiu. — Mesmo assim, não pode ser tão importante. Não quando estamos presos aqui para o resto do ano. Isso sem mencionar os outros noventa e nove anos presos no Exército.

— Você queria ser general — Raio disse de repente. — Lembro que você me disse isso um dia.

— Eu disse? — espantou-se Fred. — Verdade? Hummm. Não é má ideia.

Fazia seis semanas desde que Raio e Fred tinham sido submetidos à lavagem cerebral. Naquele distante dia, os dois tinham acordado em suas camas com pedaços de papel presos com alfinetes nas túnicas. Os pedaços de papel tinham o nome de cada um e nada mais. Quando acordaram, não conseguiram nem mesmo ler, mas felizmente a capacidade de ler e escrever tinha voltado depressa, assim como outras habilidades e outros conhecimentos do passado.

Mas sobre a vida anterior deles muito poucos detalhes tinham voltado. Eles encontraram os cadernos de anotações, porém eles não tinham sido de grande ajuda. Fred tinha reaprendido sua cor preferida e que gostava muito de chá, mas Raio achou que suas anotações pareciam estar em código. Depois de lê-las, concluiu que Raio talvez não fosse seu verdadeiro nome, mas não sabia qual era. Nem o significado do nome dos Curadores.

Raio não conseguiu nem mesmo se lembrar de ter sido um Recarregador de Tinta. Fred tinha lembrado muita coisa sobre sua vida civil na Casa

Intermediária. A de Raio permanecia um mistério. Por mais que tentasse, não conseguia reunir nenhuma lembrança. Às vezes, sentia que havia uma lembrança importante à margem de sua consciência, mas sempre que tentava reavivá-la, ela desaparecia. Ele sentia uma dor quase física, uma dor cega que representava uma vida perdida.

Fred disse a Raio que pelo menos algumas lembranças acabariam voltando com o tempo, mas isso não lhe servia de conforto. Quando o pelotão se reunia nos raros momentos de descanso, as conversas invariavelmente giravam em torno das vidas anteriores de todos. Raio ficava sentado, silencioso e imóvel, mas ouvindo atentamente, esperando que algum detalhe da vida de alguém pudesse despertar alguma de suas lembranças.

O sofrimento de ouvir os outros se entregarem às recordações diminuiu porque os momentos de descanso ficaram cada vez mais curtos a cada dia. Por algum motivo, logo depois da lavagem cerebral, a programação normal de treinamento foi acelerada e depois intensificada ainda mais. No início, os recrutas tinham seis horas de descanso por noite e duas horas livres durante o dia. Esse tempo foi reduzido para apenas cinco horas por noite, depois quatro e mesmo assim sujeito a interrupções.

O treino tinha sido árduo. Raio e Fred já sabiam marchar relativamente bem sozinhos, com o pelotão e em formações maiores. Eles podiam marchar desarmados ou marchar e realizar exercícios básicos com uma variedade de armas, incluindo alabardas mecânicas, mosquetes com pó-de-nada, lanças explosivas, arcos longos de fibras-de-músculos, escudos e espadas-selvagens, lanças de força e espadas lança-raios. Eles sabiam prestar as 17 formas de continência e usar as 38 expressões honoríficas usadas no Exército.

Eles também podiam usar as armas com que faziam exercícios e cuidar delas sem ferir os companheiros. Eles conseguiam se apresentar nos uniformes básicos das principais unidades do Exército, embora o sargento Helve nunca ficasse totalmente satisfeito. E tinham aprendido a cumprir ordens primeiro e pensar nelas depois.

Eles estavam se tornando soldados.

— Você deveria ter lembrado mais rapidamente — Fred disse. — Com esse anel de prata e tudo o mais.

Raio procurou o anel no bolso e olhou para ele novamente. Tinha acordado com ele debaixo da língua e perguntou a Fred o que tinha acontecido. Mas Fred não se lembrava de tê-lo visto antes, embora na semana anterior ele

houvesse recordado que uma moeda de prata sob a língua significava proteção contra a lavagem cerebral.

— Ele não é todo de prata — Raio disse. — Parte dele se transformou em ouro. Acho que isso quer dizer alguma coisa... mas...

— Não consegue lembrar — Fred concluiu e olhou para o deserto decrepito a oeste. — Quase na hora do pôr do sol. Talvez Helve nos libere quando escurecer.

— Duvido — Raio retrucou.

Ele não queria tempo para descansar. Tempo para descansar significava tentar lembrar. Preferia estar ocupado, para não ter tempo para pensar.

O grupo estava cuidando da limpeza. Os ladrilhos a sudoeste, oeste e noroeste tinham mudado muito na última semana e o vento vindo do ocidente tinha soprado ramos de vegetação para o campo. Folhas de má aparência tinham se alojado sob os prédios e em vários cantos, abalando a estrutura das barracas. Por isso, os recrutas foram liberados e receberam ordens de limpar tudo, caso sobrasse uma única folha, receberiam como penalidade uma marcha de vinte quilômetros naquela noite, usando a armadura da Horda (boa para se andar nos Não Cavalos, porém terrível para marchar), com armas da Legião e botas dos Guardas da Fronteira (visto que botas da Horda deixariam toda a legião de recrutas aleijados, se marchassem vinte quilômetros com elas).

— O que é aquilo no deserto? — Fred perguntou. — Uma das outras companhias de recrutas está fazendo exercícios de ataque?

Raio olhou para onde Fred apontava. Uma fileira de vultos marchava pelo deserto a pouco mais de um quilômetro de distância. O sol do fim da tarde cintilava nas pontas das longas lanças e dos capacetes, e a malha metálica da faixa que pairava acima do grupo de quatro ou cinco Habitantes no flanco esquerdo montados em Não Cavalos emitia um reflexo muito brilhante.

— Não são recrutas — Raio constatou. — Ou qualquer unidade sobre a qual eu tenha lido.

Ao tentar compensar o fato de não se lembrar da vida anterior, Raio tinha lido todo *O Companheiro dos Recrutas* e tinha decorado grandes partes do livro.

— Talvez devêssemos contar ao sargento Helve — Raio sugeriu pensativo.

Ele se virou para marchar até o escritório do ordenança, mas em vez disso ficou imediatamente em posição de sentido. O sargento Helve estava bem ali, olhando fixamente para o deserto. Ele estava ligeiramente ofegante, o que surpreendeu Raio e Fred. Eles nunca tinham visto Helve sem fôlego.

— Atenção! — Helve gritou em um volume que também nunca tinham ouvido antes, apesar de alguns desempenhos vocais realmente estupendos quando não lustravam bem seus apetrechos de bronze ou limpavam os cintos. — Todos os recrutas, traje da Legião, espadas-selvagens e lanças de força, em fila dupla! Isso não é um exercício! Estamos sendo atacados!

— Quem são eles? — Fred quis saber enquanto ele e Raio corriam para o alojamento sem que qualquer ONC os repreendesse. Havia uma porção de cabos e sargentos indo para o lado oposto, mas eles não estavam preocupados com infrações insignificantes como correr em vez de marchar naquele dia. — Não podem ser Nadicas.

— Por que não? — Raio perguntou ao irromperem na barraca e correrem para os armários.

— Aquele grupo lá fora é organizado. Disciplinado. Uniformes e faixas, o mesmo tipo de arma e tudo o mais — Fred disse um minuto depois. — Aqui, ajude a amarrar isto aqui, por favor.

Raio amarrou as tiras de couro da armadura segmentada de Fred e ficou quieto enquanto Fred lhe retribuía o favor. Eles prenderam suas espadas-selvagens com lâminas que giravam quando seus punhos eram torcidos, penduraram os escudos retangulares e apanharam as lanças de força. As longas pontas de metal começaram a brilhar quando foram erguidas e fios de fumaça preta subiram na direção do teto. Muitos telhados ou uniformes de colegas tinham sido incendiados por lanças de força dos recrutas.

— O que vamos fazer, Raio? — Florimel perguntou.

Ela e o resto do grupo estavam concluindo os preparativos. Embora nenhum recruta tivesse sido formalmente promovido a cabo, e o sargento Helve e o cabo Axeforth tivessem dito que nunca ninguém seria porque nenhum dos recrutas era bom o suficiente, todo o resto do grupo olhava para Raio, para que explicasse as ordens ou para lhes dizer o que fazer. Se por algum motivo Raio não estivesse disponível, eles olhavam para Fred.

Raio se perguntou se tinha algo a ver com seu passado. Ele tinha uma vaga ideia de que tinha sido alguém de autoridade, o que, embora fosse incomum para uma criança do Tocador de Gaita na Casa, não era um fato inusitado.

— Estamos sendo atacados — Raio explicou. — Então, saímos daqui marchando, e apenas cumprimos as ordens, e tudo vai ficar bem. Todos pegaram suas coisas? Theodoric! Onde está sua espada-selvagem? Pegue-a e

nos alcance. Os outros, façam fila! Esquerda, volver, em marcha! Esquerda... esquerda... esquerda, direita, esquerda!

No instante em que saíam marchando do alojamento, um ofegante cabo Axeforth foi ao encontro deles. Ele não estava com o traje completo de Legionário, tinha apenas trocado o chapéu por um capacete, e jogado uma couraça sobre a túnica escarlata e segurava uma albarda mecânica em vez da espada-selvagem. Mas ele estava bastante calmo quando acertou o passo rapidamente com a fileira de recrutas.

— Bom trabalho, recruta Verde. Vamos nos reunir na praça de armas. Recruta Rannifer, marche na direção do espaço à esquerda do Pelotão Dois. Vamos fazer a formação ao lado deles.

Rannifer era o mais alto dos Habitantes, alguns milímetros maior do que Florimel, de modo que ele era sempre o primeiro atrás dos quais os outros se formavam e, conseqüentemente, era o primeiro da fila quando o resto marchava em duplas como estavam fazendo naquele momento. Aquilo não era muito bom, pois Rannifer se confundia mais facilmente do que a maioria dos outros Habitantes.

Desta vez, Axeforth marchou muito perto dele para garantir que não houvesse erros. Raio notou que o cabo também marchou mais depressa que o normal, embora não em passo acelerado. O garoto imaginou que ele estivesse se certificando de que assumissem a posição correta rapidamente, apesar de não parecer assustado ou apressado.

Os outros pelotões de recrutas também estavam marchando na praça de armas. Alguns já estavam em formação, com seus sargentos gritando e vociferando. Havia até oficiais presentes, confabulando nas imediações. Raio avaliou automaticamente as plumas em seus capacetes, pois todos usavam uniformes da Legião. Quatro tenentes, um major e até um coronel. Raio ficou impressionado. Ele tinha visto os tenentes, mas nunca nenhum soldado de patente mais alta.

— Acabo de me lembrar de uma coisa — Fred sussurrou quando pararam no centro da primeira fileira. — Sobre as crianças do Tocador de Gaita.

— O quê? — Raio sussurrou em resposta.

O inimigo estava a apenas quinhentos metros de distância e avançava em uma marcha regular. Vários bumbos grandes eram batidos para marcar o compasso, o ritmo baixo e forte, acentuado a aproximadamente cada dez

passos, produzia um som que parecia mais um rosnado animal do que um grito.

O grupo também era muito maior do que Raio tinha imaginado a princípio. Eram centenas deles. Não que estivesse contando. Apenas tinha a impressão de que eram realmente muitos se aproximando rapidamente.

— Não somos tão bons quanto Habitantes quando se trata de ferimentos — Fred murmurou. — Quer dizer, se nossas cabeças forem cortadas, é o fim. E nossos braços e pernas também não vão voltar a crescer.

— Silêncio nas fileiras! — o sargento Helve gritou. Ele andou lentamente ao longo da primeira fileira sem olhar para o inimigo, que se aproximava com velocidade. — Isso vai ser como um exercício! Os inimigos são Nadicas. Eles são inferiores! Nós somos o Exército da Arquiteta! A Arquiteta! Quero ouvir vocês repetirem! A Arquiteta!

— *A Arquiteta!* — bramiram 600 Habitantes.

O som era incrivelmente alto, forte e confiante, por isso Raio começou a se sentir um pouco melhor, apesar do que Fred tinha acabado de dizer.

— Não vamos recuar! — berrou o sargento Helve. — A Arquiteta!

— *A Arquiteta!* — repetiram os recrutas agrupados. Raio percebeu que o sargento Helve estava marcando o tempo para que gritassem no mesmo tempo em que o inimigo emitia seu rosnado assustador, o grito quase encobria completamente o ruído e os tambores do inimigo.

— O coronel Huwiti vai lhes apresentar o plano! — o sargento Helve gritou. — Lembrem-se apenas de ficar junto dos seus camaradas! Lembrem-se dos exercícios.

O coronel Huwiti passeou na frente do que eram agora quatro fileiras de recrutas espalhados em linhas que atravessavam a praça de armas. Casualmente, ele bateu continência para o sargento Helve, que retribuiu a saudação com precisão absoluta. Nenhum dos Habitantes parecia perceber que havia uma massa sólida e escura de Nadicas humanoides vestidos de armaduras escuras envernizadas com lanças curtas e de pontas brilhantes marchando com força diretamente na direção deles. E agora estavam a apenas trezentos metros de distância.

— Isso vai ser muito simples — afirmou o coronel em voz baixa, mas intensa. — Primeira fileira, juntem os escudos, preparem as lanças de força e empunhem as espadas. Segunda fileira, preparem as lanças de força para atirar. Ao comando “atirar”, vocês vão atirar e se retirar para a retaguarda. Quando a

segunda fileira recuar, a terceira vai marchar para a frente e, ao comando “atirar”, obedecer e recuar, enquanto a quarta fileira avança e atira conforme o comando. Quando cada fileira atingir a retaguarda, ela vai se virar para a frente novamente e empunhar as espadas. Fiquem atentos aos comandos de seus sargentos e cabos e tudo vai dar certo.

— Sim, senhor! — berrou Helve, o tipo de “sim, senhor” que fez todos os demais gritar também a plenos pulmões “sim, senhor!”

— Eu me sinto um tanto baixo — Fred murmurou quando colocou seu escudo ao de Raio e ao do Habitante à sua direita e pôs o cabo de sua lança de força no chão.

— Eu também — concordou Raio.

Os dois eram pelo menos trinta centímetros mais baixos do que os Habitantes ao lado e, quando erguiam seus escudos, a linha repentinamente afundava sobre eles.

Eles ouviam a batida dos passos do inimigo vibrando no solo, os rosnados e até o estalar das armas, todos muito parecidos com o som das espadas lança-raios, a arma preferida da Horda.

— Vocês dois, crianças do Tocador de Gaita, recuem imediatamente para a quarta fileira! — disparou alguém diante deles.

Raio obedeceu à voz de comando automaticamente, afastando seu escudo e se virando para marchar de volta com Fred ao seu lado. Atrás dele, a fila se juntou e, à sua frente, os Habitantes abriam passagem.

Fred e Raio estavam prestes a passar pela terceira fileira quando todos os inimigos gritaram juntos e o bater de seus pés ficou muito mais alto e rápido. De repente os tambores soaram duas vezes mais depressa, acompanhados do toque de cornetas. Ao mesmo tempo, Helve e alguns sargentos estavam gritando, “Segunda fileira! Atirar”, embora até suas vozes lendárias quase se perdessem no tumulto.

Raio soube que o inimigo tinha atacado e, segundos depois, ele quase sentiu a onda assustadora de som e movimento quando a primeira fileira de Nadicas se chocou contra os escudos de seus camaradas e o ar se encheu de gritos, berros e imprecações, do sibilar das lanças superaquecidas e do guinchar agudo das espadas-selvagens de encontro às armaduras dos Nadicas.

— Terceira fileira, atirar! Quarta fileira, avançar!

Raio tinha acabado de alcançar a quarta fileira. Ele se virou quando toda a fileira avançou e ele e Fred se juntaram aos companheiros, erguendo suas

lanças de força enquanto giravam.

Quando, além de ouvir, viu o indescritível pandemônio causado pela mistura das primeiras fileiras de Nadicas e Habitantes em uma violenta batalha, Raio Verde estava totalmente concentrado no presente. Nenhuma parte de sua mente estava tentando se lembrar do passado, mas, à medida que seu corpo obedecia sem pensar, a lança de força elevando-se de sua mão para as últimas fileiras do inimigo, ele teve um repentino lampejo de memória. Ele estava jogando alguma coisa uma bola branca, e outra pessoa gritava para ele: “É isso aí, Artur Penhaligon!”

O nome soou em sua mente com tamanha força que durante um instante ele se desligou do incrível tumulto da batalha.

— Eu não sou Raio Verde! — ele gritou. — Sou Artur Penhaligon.





Capítulo 15

Sílvia olhou pela janela. Folha a observou e seu desânimo aumentou quando a velha senhora não reagiu conforme esperava. Ela apenas ficou ali parada, remexendo na haste esquerda dos óculos.

— Muito interessante — ela disse afinal.

— A senhora viu? — Folha indagou. — A Casa? Acima e em volta do hospital?

— Sim, querida, eu vi — Sílvia respondeu de modo bastante indiferente. — Ela é real ou é algum tipo de projeção tridimensional destes óculos?

— É real — Folha confirmou pessimista. — Muito real. Os óculos não são nenhuma novidade tecnológica. Foram feitos por um mágico.

Sílvia os tirou e examinou os aros de metal e as lentes rachadas. Então tornou a colocá-los e olhou pela janela outra vez.

— Não tenho muito tempo — Folha afirmou. — Essa doença, o que eles pensam ser causada por um agente biológico, na verdade é causada por uma... uma criatura da Casa, um Nadica. Você só pega o... vírus... se esse Nadica tocar em você. Eu fui contaminada e, quando ele se instalar, o Nadica vai ver o que eu vejo, saber o que sei e vai poder controlar a minha mente.

— Mesmo de longe? — Sílvia perguntou. Ela ainda estava olhando pela janela.

— Bem... eu não sei — Folha respondeu. — Não posso correr esse risco. Tenho que ir até a casa de Artur... a casa do meu amigo. Ele tem um telefone que se comunica com os Habitantes... as pessoas que moram na Casa. Eu pensei que se a senhora chamasse a polícia... não, não, isso é arriscado demais. Se a senhora chamasse uma ambulância, então eu poderia sequestrá-la e fazer com que me levasse até lá.

— Você é uma aventureira! — Sílvia exclamou, afastou-se da janela com dificuldade e devolveu os óculos para a garota. — Mas acho que isso pode funcionar. Mas o que vai acontecer depois?

— Eu pretendia me preocupar com isso depois, se houver um depois — Folha respondeu. — E *não* sou uma aventureira. Pelo menos, não por escolha.

Fiz isso uma vez e aprendi a lição. Nada mais de aventuras sem saber no que estou me metendo.

— Então não seriam aventuras — Sílvia retrucou. — Olhe, eu nunca fui uma aventureira. Talvez não seja tarde demais. Tenho um medi-alerta aqui. Devo chamá-lo agora? É um serviço contratado, não de saúde pública, portanto podemos ter certeza de que uma ambulância vai vir depressa.

— Chame! — Folha concordou e começou a descer para o andar de baixo. — Posso pegar uma faca emprestada na cozinha? E um pouco de sal?

— O que quiser — Sílvia abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou um pequeno aparelho eletrônico, abriu a tampa de plástico e apertou o botão vermelho em seu interior. Ele começou a bipar e uma voz sintetizada disse:

— Mantenha a calma. A ajuda está a caminho. Mantenha a calma. A ajuda está a caminho.

Em seguida, o aparelho começou a tocar uma peça de Vivaldi para alaúde e fagote.

Sílvia o atirou de volta na gaveta e seguiu Folha para o andar inferior, e encontrou-a na cozinha comendo colheradas de sal com a ajuda de suco de laranja.

— Que diabos você está fazendo?

Folha tossiu, uma tosse que era quase um vômito. Em seguida, limpou a boca com um lenço de papel e disse:

— Não tenho muita certeza, mas o sal pode impedir o controle do Nadica. Eles não gostam de sai... ou de prata.

— Tenho uma pulseira de prata — lembrou Sílvia. — Vou buscá-la.

— Obrigada — Folha agradeceu com dificuldade. Ela se sentia extremamente nauseada, mais do que imaginou ser possível só por causa de meia dúzia de colheres de sal. Talvez o mofo também não gostasse de sal. Em todo o caso, gargarejou rapidamente com um pouco mais dissolvido em água e depois lavou o nariz com a água salgada como se estivesse irrigando as cavidades nasais. Talvez ajudasse.

Quando Sílvia voltou não só com a pulseira, mas também com um colar de minúsculas bolas de prata, elas ouviram uma sirene se aproximando, seguida do som da ambulância estacionando na rua.

— Tenho um injetor para alergia — Sílvia disse, mostrando um autoinjeto que tinha escondido debaixo do xale e cuja marca na embalagem tinha sido riscada com tinta preta. — Vou dizer para eles que tem alguma coisa perigosa

dentro dele que vou usar se não me obedecerem. Mas só depois que entrarmos na ambulância. Primeiro, vou ficar sentada aqui e explicar que desmaiei. Você pode ser minha neta.

— Obrigada — Folha respondeu surpresa. Não imaginara que Sílvia se envolvesse daquele modo. — Ah, não quero machucá-los de verdade...

— Eu sei, eu sei — Sílvia afirmou.

Ela se sentou em uma cadeira da cozinha e começou a fazer ruídos como um gatinho doente. Eles eram tão realistas que Folha ficou preocupada por um instante até que viu a senhora piscar.

Folha abriu a porta. Havia dois paramédicos, ambos com roupa completa de proteção para quarentena que deixava apenas seus olhos visíveis atrás das máscaras,

— É minha avó! — Folha exclamou. — Na cozinha!

Os paramédicos passaram correndo por ela, mas o segundo notou o curativo na cabeça da menina.

— O que aconteceu? — o primeiro indagou.

— Ela desmaiou — Folha contou. — Acho que é o coração.

— Ai, ai, ai, ai — Sílvia murmurou.

— É melhor levá-la — o primeiro paramédico sugeriu enquanto rasgava a embalagem de plástico de uma unidade de diagnóstico e a prendia no pulso de Sílvia.

O segundo paramédico concordou e voltou para fora.

— Sim, pulso muito acelerado, pressão sanguínea o. k. Pode ser algum problema cardíaco. A senhora vai ficar bem, madame. Meu nome é Ron e vou cuidar da senhora. Apenas relaxe e vamos colocá-la na ambulância num instante.

Os gemidos patéticos de Sílvia cessaram quando o paramédico deu uns tapinhas nas costas da mão dela. A outra mão se encontrava escondida debaixo do xale e segurava o auto-injetor.

— Posso ir junto? — Folha perguntou.

— Você sabe que estamos em quarentena e que, se a levarmos para o hospital, você pode ser obrigada a ficar lá? E vamos ter que desinfetá-la primeiro.

— Claro — Folha concordou. — Contanto que a gente não vá para a zona leste.

— De jeito nenhum — Ron garantiu. — Tem alguma coisa grave acontecendo por lá. Estamos trabalhando fora da região de Lark Valley Private. Certo, sente-se. Agora vamos colocá-la na maca, senhora.

O segundo paramédico tinha voltado empurrando uma maca com rodinhas. Os dois pegaram Sílvia com habilidade e a deitaram nela, prendendo-a levemente com os cintos. A unidade de diagnóstico bipou durante o procedimento.

— Mudança na pulsação — Ron explicou. — Vamos ligá-la a algumas de nossas máquinas milagrosas em alguns minutos, madame. A senhora vai ficar bem.

Folha estava preocupada com a possibilidade de algum vizinho perguntar quem ela era quando saíssem, porém não tinha o que temer. Embora houvesse rostos em várias janelas, ninguém saiu. Provavelmente todos estavam se perguntando se Sílvia era uma vítima da nova arma biológica.

Eles não ficariam mais tranquilos se tivessem visto o segundo paramédico entregar um par de óculos e uma máscara para Folha e depois borrifá-la generosamente com algo que parecia azul-escuro antes de sair, mas que ficava incolor depois de seco. O produto tinha um leve cheiro de jornal molhado, mas felizmente não deixou nenhum resíduo que Folha pudesse sentir.

Depois de borrifar o desinfetante, o paramédico foi para a frente da ambulância e se sentou atrás da direção. Folha entrou nos fundos onde Ron estava ligando um aparelho que pendia sobre a maca e tinha meia dúzia de tubos, tiras e sensores.

Folha fechou a porta e o veículo saiu com a sirene ligada mais uma vez. Ao virarem a esquina, ela se inclinou e soltou as tiras que prendiam os braços de Sílvia, exatamente quando o paramédico do outro lado estava desatarraxando a tampa de um tubo de gel condutivo.

— O que você está...

— Não se mexa! — Sílvia sibilou, levantando-se e apertando o auto-injetor com força na coxa de Ron, onde a agulha passaria facilmente pela sua roupa protetora. — Aqui tem 250 miligramas de rapyrox. Diga para seu parceiro não se comunicar pelo rádio nem ligar o alarme.

O paramédico congelou e então virou a cabeça devagar para a frente. Folha não sabia o que era rapyrox, mas Ron certamente sabia e ficou com medo.

— Jules, a velha senhora está segurando uma seringa de rapyrox contra minha perna. Não faça nada... mas nada mesmo.

— O quê?

— Estou com 250 miligramas de rapyrox aqui e não tenho medo de usá-lo!

— Sílvia disse com voz aguda, assustando Folha quase tanto quanto Ron. — Quero que me leve a um lugar. E você fique quieta, juvenzinha!

Folha concordou, pois de repente não sabia até onde a senhora estava representando.

— Qualquer coisa que quiser, senhora — Jules respondeu. No espelho retrovisor, Folha viu os olhos dele se movendo nervosamente para a rua adiante e novamente para o espelho. — Para onde quer ir?

Sílvia deu um endereço duas casas abaixo da de Artur. Folha olhou para a velha senhora quando ela deu o número errado e depois concordou lentamente.

— Li várias histórias de detetives — Sílvia justificou, aparentemente sem se referir a nada em especial.

— Ótimo, ótimo — resmungou o paramédico que estava atrás. — Por que não? Eu mesmo já li algumas. Ah, por que a senhora quer ir para...

— Eu disse que podia falar? — Sílvia gritou.

O resto da jornada foi em silêncio. Jules, na frente, continuava a olhar pelo espelho retrovisor, mas não tentou fazer nada. Ron fechou os olhos e respirava devagar e de modo controlado. Sílvia o vigiava como um falcão, os olhos mais brilhantes do que seria normal para alguém da idade dela.

Folha se sentou preocupada. Ainda sentia a pressão na cabeça, mas a dor não tinha piorado. Ela também não conseguia pensar em outra coisa a fazer, além de ligar para a Primeira Dama e esperar que o Testamento encontrasse algum jeito de ajudar. Preferivelmente pegando o bolso e levando-o até Artur, para que ele pudesse destruir o Garoto sem Pele, embora isso talvez não ajudasse as pessoas contaminadas pelo mofo.

Mesmo que houvesse algo que a Primeira Dama ou o doutor Scamandros pudessem fazer sobre o mofo, Folha sabia que iria se meter em muitos problemas, mas esperava que não fossem do tipo que a fizesse se transformar em mais um zumbi babão no exército de escravos do Garoto sem Pele.

— Estamos quase chegando — Jules avisou da frente. — A senhora quer que eu pare?

— Sim — Sílvia respondeu. — Garota, olhe pela janela. Veja se tem gente lá fora. Se alguém...

— Eu não fiz nada! — Jules protestou. Ron respirou ainda mais fundo e devagar, mas não abriu os olhos.

Folha olhou pelas janelas pintadas do fundo da ambulância e não viu ninguém nem outros veículos na rua. Mas ela viu os números das casas. Lá estava a casa de Artur a alguns metros de onde tinham estacionado.

— Não tem ninguém.

— Ótimo — Sílvia disse. — Vá e apanhe algumas flores para mim, menina. Eu vou esperar aqui.

— Mas eu não... — Folha começou a protestar.

— Eu disse, vá e colha algumas flores! — Sílvia ordenou com um riso enlouquecido.

— Como quiser — Folha concordou, também representando.

Ela saiu pelos fundos sem ver Ron tentando enviar um pedido de socorro.

— Pare com isso! — Sílvia mandou. — E você, menina, pegue essas flores! Nada mais! E feche a porta!

Folha fechou a porta e andou rapidamente até a casa de Artur. Ela era bem grande, mas a porta da frente podia ser vista do outro lado do gramado. Folha a ignorou e continuou a andar até alcançar a entrada de carros. A três metros da porta da garagem, ela se ajoelhou e apertou o botão do controle remoto escondido debaixo de uma pedra, exatamente onde Artur disse que estaria.

O controle abriu a porta lateral da garagem. Folha atravessou a passagem olhando para as janelas da casa enquanto andava, mas não viu ninguém.

Depois de passar pela garagem, entrar na casa e subir as escadas foi tarefa fácil. Folha sabia que havia três andares acima da garagem e o quarto de Artur ficava no último.

Ela se sentia estranha invadindo a casa de alguém e também muito nervosa. Por algum motivo, mais nervosa do que na ambulância, embora sequestrar paramédicos fosse um crime muito grave. A cada passo que dava e que soava mais forte nos degraus do que imaginara, ela se assustava, prevendo um encontro repentino com o pai de Artur ou algum de seus irmãos.

“Provavelmente eles estão no hospital”, Folha tentou se tranquilizar. “Ou estão na casa de amigos, ou coisa parecida. A casa está mesmo muito quieta. Só mais um andar e...”

Ela chegou ao terceiro andar. Havia três portas de quartos e uma para o banheiro. A de Artur era a primeira à esquerda...

“Ou seria a primeira à direita?”

Repentinamente Folha duvidou de sua memória. Artur tinha dito a primeira à esquerda, não é mesmo?

Sem fazer barulho, Folha abriu a porta da esquerda e espiou para dentro. Em seguida, fechou-a de novo o mais silenciosamente possível e recuou.

Havia uma garota lá dentro de costas para a porta e com fones de ouvido escutando música, ou talvez o noticiário, enquanto fazia algo complicado com uma caneta óptica e uma grande tela plana.

Folha engoliu em seco e abriu a porta à direita, tentando ser igualmente silenciosa. Era o quarto de Artur, exatamente como ele tinha descrito, mas bem mais arrumado. E na estante de livros estava uma caixa de veludo vermelho.

Folha correu até a caixa, apanhou-a e colocou-a na cama, tirando a tampa ao mesmo tempo. Dentro dela havia um telefone. Um telefone antigo parecido com um castiçal com um bocal e o fone preso a um fio. Ela tirou o aparelho da caixa e o segurou na frente da boca, sentou-se na cama e apertou o fone contra o ouvido.

Mesmo não estando visivelmente conectado a nada, Folha ouviu um som de discar antigo cheio de estalidos que foi rapidamente substituído por uma voz.

— Aqui é a telefonista. Que número, por favor?

— Primeira Dama — Folha pediu ansiosa. — Não sei o número.

— Quem quer falar? — a telefonista quis saber.

— Folha — a menina informou. — Folha, amiga de Artur.

— Um momento, por favor.

A voz diminuiu e o volume dos estalidos aumentou. Folha bateu os pés ansiosamente e agarrou a parte principal do aparelho com mais força.

— A Primeira Dama não pode atender — a telefonista informou depois de pelo menos um minuto. — Quer deixar um recado?





Capítulo 16

A lança de força mal tinha deixado a mão de Artur quando ele foi empurrado para a frente pela simples pressão dos corpos ao seu redor, já que fileiras de Habitantes avançavam para repor as perdas na barreira de escudos mais adiante. O barulho era incrivelmente alto, assustador e atordoante. Às vezes, Artur não tinha certeza do lado para o qual devia avançar quando as fileiras se alternavam e se moviam e ele tinha que acompanhar os Habitantes dos dois lados ou ser pisoteado.

Ele tinha desembainhado automaticamente a espada-selvagem, novamente sem pensar, e a usou várias vezes, vivendo instantes de medo intenso quando atacava um Nadica que aparecia diante dele de repente ou bloqueava desesperadamente uma arma lança-raios que avançava diretamente para ele, aparentemente saída do nada.

Houve um momento em que ele ficou sozinho vários segundos em um círculo vazio de 1, 80 metro no meio da batalha. Em volta dele, recrutas gravemente feridos e Nadicas ofegavam e gorgolejavam, pequenos sons que eram abafados novamente quando Artur era carregado mais uma vez pelos companheiros. Mas ele sempre se lembraria dos barulhos, pois eram os sons do terror, da perplexidade e de cessação.

Sempre havia barulho. Metal raspando em metal, armas se chocando contra armaduras e corpos, tambores soando sem parar. Habitantes e Nadicas gritavam, berravam e uivavam. Raios estalavam, faiscavam e chiavam. Fumaça e um terrível cheiro de queimado pairavam em meio à confusão, soltando-se das lanças de força incendiadas.

A mente de Artur estava sobrecarregada de medo e adrenalina. Ele agia como um robô, o corpo se movia de acordo com o treinamento e as ordens, sem nenhuma inteligência verdadeira orientando-o. Ele tinha a sensação de que seu eu consciente tinha recuado para uma casamata, deixando que seus olhos, ouvidos e nariz registrassem o que acontecia. Mais tarde, ele analisaria os fatos e pensaria no que seus sentidos registraram. Ele não podia lidar com aquilo no momento.

As linhas de batalha oscilaram para a frente e para trás durante um tempo que Artur não pôde medir, pois era composto de segundos de pânico total e ação repentina. Mas aqueles segundos também se estendiam por momentos tão longos que ele se sentia exausto, como se tivesse corrido e lutado durante horas a fio.

Então, como o recuo natural da maré, os Nadicas foram empurrados para trás. Os recrutas começaram a avançar atrás deles, mas foram contidos por comandos proferidos aos gritos, para que entrassem em nova formação, dez metros adiante da posição anterior da fileira. Eles obedeceram, pisoteando inimigos mortos e os próprios camaradas derrubados. Contra a corrente desse avanço, havia um fluxo regular de Habitantes gravemente feridos que se dirigiam para a retaguarda, muitos sustentando uns aos outros, pois nenhum Recruta capaz deixaria as linhas.

O sol quase tinha se posto quando o recuo dos Nadicas se transformou em uma retirada total. Eles fugiram para a borda do ladrilho, tentando atravessá-lo antes que o último fino segmento de sol mergulhasse abaixo do horizonte e o ladrilho deserto passasse para outro lugar.

Artur ficou com Fred de um lado e um Habitante desconhecido de outro, obedecendo mudamente aos comandos que eram gritados a sua volta. Ele ainda precisava assimilar muita coisa. Havia muitos detalhes horríveis em todo o lugar: da terrível sensação de ver o sangue azul dos Habitantes e do sangue negro e oleoso dos Nadicas debaixo de seus pés aos gritos roucos dos Nadicas que estavam feridos demais para fugir.

Ele encontrava refúgio ao olhar diretamente para a frente, tentando não pensar em nada além de cumprir as ordens gritadas. A primeira era marchar, por isso caminharam pesadamente para a frente, perseguindo com determinação a força de Nadicas que voltava para a beira do ladrilho.

Por duas vezes, grupos de Nadicas se viraram para lutar e as ordens recebidas eram para atacar, mas não foi uma corrida desatinada ao acaso. Até onde era possível, os recrutas procuravam ficar em suas fileiras a passo acelerado, soltando o grito de guerra quando atacavam.

Esses ataques eram estimulantes, exaustivos e perigosos e Artur constatou que precisava de toda a energia e atenção para não ser derrubado e pisoteado pelos companheiros. Ele não tinha certeza da fileira em que se encontrava no momento, já que havia muitas outras atrás dele, e a força Habitante encolhia sua linha de frente transformando-a em uma coluna mais ampla, colocada em

forma pelos gritos dos sargentos que repetiam e ampliavam ordens do coronel Huwiti.

Finalmente ficou escuro demais para continuarem; a luz verde da Lua e das estrelas pálidas era insuficiente para que seguissem os pequenos grupos de Nadicas que restaram. Muitos da força de ataque estavam mortos ou feridos e capturados, mas uma parte significativa tinha cruzado a fronteira do ladrilho exatamente antes do pôr do sol e tinha desaparecido quando ele mudou de lugar e o deserto foi instantaneamente substituído por 1,6 km² de campinas verdes e ondulantes. Grama alta, útil para os Nadicas que atravessaram tarde demais para serem carregados para longe com a troca de ladrilhos.

Vários pelotões de recrutas com mais alguns ONCs e oficiais ficaram como piquetes, mas o resto da força marchou de volta ao Forte da Transformação. No início, houve uma tentativa de cantar, mas ela se dissipou quando cruzaram o campo de batalha com seus restos mortais. Havia Habitantes e Nadicas mortos e espalhados entre as armas ainda cintilantes e trechos escurecidos do solo coberto por uma mistura de sangue azul e preto.

— Achei que os Nadicas se dissolvessem quando morriam — sussurrou Fred. Mesmo assim, sua voz pareceu estranhamente alta, dissonante e aguda acima do som da marcha e do ocasional chacoalhar das armas e armaduras. — Que voltassem para o Nada.

— É verdade — disse a Habitante ao lado de Artur.

Artur olhou para ela com atenção pela primeira vez e viu que se tratava de um cabo, a que era encarregada de um dos outros pelotões de recrutas. Ela se chamava Urmink.

— Mas o que aconteceu com esses, cabo? — Fred indagou.

— Quase Criações — Urmink explicou. — Originalmente feitos de Nada, mas perto de serem Habitantes. Eles são uma espécie de carne e sangue. Carne e sangue muito fortes. Muito mais próximos de Habitantes do que os mortais e em nada parecidos com os Nadicas normais.

Ela falava de um modo informal, não com a voz que latia ordens a que Artur e Fred estavam acostumados. Essa delicadeza era inesperada, mas eles não quiseram exagerar, preferindo ficar em silêncio. Os dois se surpreenderam quando ela falou novamente, assim que a coluna virou para evitar os piores restos da batalha no meio da praça de armas.

— Vai haver muitas outras lutas com esse grupo. Esta campanha não é como as outras. Todos foram muito bem, mas essa foi uma batalha fácil. Éramos em número maior e eles já estavam cansados.

“Vamos ter que lutar de novo? ”, Artur pensou. Ele sentiu uma onda de medo tão forte subir do seu estômago que quase o fez vomitar. Mas ele lutou contra ela. “É claro, somos soldados, mas isso foi terrível... Como podemos fazer de novo... como eu posso fazer isso de novo...?”

Os recrutas não foram dispensados quando a força parou na parte vazia nos fundos da praça de armas. Em vez disso, cada pelotão foi designado para realizar tarefas especiais. A maior parte deveria recolher os mortos, os equipamentos reutilizáveis e fazer a limpeza. Artur e Fred ficaram em posição de sentido, esperando as ordens de seu pelotão. Depois que a cabo Urmink foi embora, eles também conversaram baixinho pelo canto da boca.

— Tivemos sorte de nos mandarem para fora da linha de frente — Artur disse.

— É mesmo — Fred concordou. — Fico imaginando... fico imaginando se todos os outros se saíram bem.

Eles ficaram em silêncio por um momento, pensando nisso, enquanto os pelotões voltavam e passaram ao lado deles. Na praça de armas, haviam sobrado uns 60 ou 70 recrutas e nenhum ao lado de Fred e Artur, a menos que houvesse mais recrutas atrás deles que não conseguiam ver.

Por fim reconheceram a voz do sargento Helve ordenando o Pelotão 2 a entrar em formação diante dos alojamentos.

— O que foi aquilo que você gritou quando a batalha começou? — Fred indagou enquanto marchavam na direção dos alojamentos.

— O meu verdadeiro nome — Artur contou. — É... bem... acho que eu devo mantê-lo em segredo por algum motivo. Eu me lembrei dele no exato momento em que o inimigo atacou. Mas não consigo lembrar mais nada. Só o nome.

— Isso é *todo mundo*? — Fred se espantou quando se aproximaram dos alojamentos. Havia uma fila muito curta na frente da porta. Metade do pelotão estava faltando. Artur precisou de vários segundos para concluir que provavelmente eles estavam mortos ou, pelo menos, feridos gravemente a ponto de necessitar de tratamento.

— Isso não pode ser todo mundo — Fred sussurrou quando chegaram mais perto. — É muito difícil matar Habitantes...

— Verde e Ouro, em fila! — Helve ordenou, mas sem gritar como costumava fazer.

Artur e Fred entraram no final da fila depressa. Rannifer não estava na outra ponta. Florimel estava no lugar dele, pois agora era a mais alta.

— Vocês lutaram bem — Helve elogiou, novamente em um tom quase coloquial. — Como eu esperava que fizessem. Vamos receber uma recompensa. O coronel Huwiti ordenou que como prêmio haja uma chamada especial de correio à noite. Assim, vocês não vão ter que esperar outros três meses. E, como hoje vocês lutaram como soldados, vai haver uma porção de rum também, mas não para vocês, crianças do Tocador de Gaita, sinto dizer. Não sei por que, mas foi uma ordem expressa.

E continuou:

— Nós fomos designados para apanhar a correspondência e levá-la para o refeitório. Como ainda existe algum perigo de um ataque Nadica, vamos deixar os escudos aqui, mas vamos conservar as espadas-selvagens. Isso não significa que vocês estão livres de limpá-las, ou as outras armas, ou a si próprios. Vamos fazer uma limpeza rápida agora e terminar adequadamente mais tarde.

A limpeza levou quinze minutos. Artur ficou satisfeito em remover pelo menos uma parte dos sinais visíveis da batalha, embora em sua mente ainda conseguisse visualizar o sangue Nadica na lâmina de sua espada-selvagem.

Helve não lhes deu tempo para pensar depois que a limpeza imediata foi feita.

— Pelotão, esquerda, em marcha! Virar à esquerda! Mantenha o passo, Lanven!

— Ele não falou do que aconteceu com os outros — Fred sussurrou para Artur. Eles podiam conversar com relativa segurança, pois estavam no fim da fila, enquanto Helve marchava na frente.

Helve conduziu o pelotão para um edifício em que Artur não tinha entrado antes. Havia muitos edifícios no Forte da Transformação que ele não tinha visto. Como o refeitório. Ele nem sabia que havia um. Aquele edifício exibia a onipresente placa vermelha e negra na porta que dizia CORREIO DO POSTO.

Como ocorria nos alojamentos, o Correio do Posto era maior no interior do que no exterior. Ele parecia totalmente vazio, salvo por um longo balcão de madeira no qual havia uma campainha. Helve deteve o pelotão, marchou até o balcão e bateu na campainha com a palma da mão.

O toque provocou uma reação imediata. Um Habitante vestido com um uniforme verde-escuro, que Artur reconheceu como o traje de campo dos Comissionários, saltou de trás do balcão.

— Estamos fechados! — ele anunciou com uma fungadela.

Artur ficou espantado em ver que um mero Cabo Comissionário tinha ousado falar com o sargento Helve daquela maneira. Especialmente quando a couraça dele estava cortada em vários lugares e manchada de sangue Nadica.

— Volte em três meses! — disse o Cabo Comissionário.

A mão de Helve disparou por sobre o balcão e o agarrou pelo alto da túnica, evitando que ele escorregasse de volta para baixo.

— Os OCs deram ordens de uma entrega de correio especial, cabo. Você não lê as ordens que recebe?

— Então é diferente — o cabo afirmou. — Correspondência para todo o batalhão de recrutas?

— Isso mesmo — Helve disse. Ele deixou o cabo se afastar com um ruído seco que ameaçou separar o botão da túnica. — Todo o batalhão.

— Num instante — o cabo respondeu.

Ele tirou um pedaço de papel debaixo do balcão, uma pena de escrever e um tinteiro e rapidamente escreveu nele. Depois, saiu marchando de trás do balcão para o espaço vazio além dele e jogou o papel no ar.

Um instante depois, escutou-se um estrondo ensurdecedor. O cabo saltou para trás quando uma dúzia de malas de correio de lona de 1, 80 metro caiu de lugar algum.

— É isso aí — disse o cabo. — Sirvam-se.

Com essas palavras, ele afundou atrás do balcão outra vez.

— Peguem essas malas — Helve mandou. — Uma para cada um. Verde e Ouro, peguem uma juntos.

O sargento pegou duas sacolas, uma debaixo de cada braço, aparentemente sem dificuldade. Artur e Fred acharam difícil erguer uma delas do chão, mas, quando conseguiram equilibrá-la, perceberam que não era tão difícil tirá-la do lugar, como temiam.

— Fiquem na fila e pareçam disciplinados — Helve disse. — Vamos ficar do outro lado da praça de armas. Contornem os fundos até o refeitório.

Artur não se surpreendeu nem um pouco ao descobrir que nunca tinha visto o refeitório, pois ele não era um edifício do Forte da Transformação. Ele

era como o banheiro, alcançado por um caminho mágico na parede externa da fábrica de armas.

Arrastando as malas de correio, o pelotão andou com dificuldade ao longo do caminho mágico, acabando por emergir em um aposento tão grande que era impossível para Artur ver as paredes, embora houvesse um teto a uns 15 metros de altura. Como o banheiro, o refeitório era povoado por imagens fantasmagóricas de milhares de outros soldados, a maioria sentada em bancos ao longo das mesas apoiadas em cavaletes repletas de comida e bebida.

Ao contrário do banheiro, essas mesas eram rotuladas, cada qual exibindo uma placa para uma unidade em especial.

“Batalhão de Recrutas do Forte da Transformação”, era um conjunto de aproximadamente 50 mesas diretamente na frente da entrada do caminho mágico. Ao entrarem, Artur notou que muitos soldados fantasmagóricos estavam visivelmente feridos. Havia muitas ataduras, muletas, tapa-olhos e muitas cicatrizes novas. E a maioria das mesas das unidades estava muito longe de estar totalmente ocupada.

Artur lembrou com o coração pesado, que não era o quadro apresentado pelo *Companheiro do Recruta*. No livro, tudo era limpo e impecável e os soldados ilustrados definitivamente irradiavam saúde, bem-estar e contentamento.

Fred e Artur estavam muito cansados quando chegaram ao lugar deles e quase não tinham forças para erguer a mala sobre a mesa.

— Abram as malas — Helve ordenou. — Não temos que voltar imediatamente. Podemos muito bem receber nossas cartas antes da correria.

As malas foram abertas e cascatas de cartas caíram sobre as mesas. Então, repentinamente, uma carta deixou a cascata, voou pelo ar e atingiu uma recruta fortemente no capacete. Ela levantou a mão e a apanhou, exclamando, deliciada:

— Recebi uma carta!

Dez segundos depois, um pacote embrulhado em papel marrom ricocheteou da armadura de Florimel para as mãos dela. Ele foi seguido por um envelope para Fred e logo todos, exceto Artur, tinham alguma coisa. Até o sargento Helve tinha recebido um pequeno envelope cor-de-rosa enfeitado com flores.

— Não vou receber nada — Artur disse, mas não sabia como tinha essa certeza. Ele simplesmente sabia.

Enquanto falava, um grande envelope escuro bateu no rosto dele. Artur perdeu o equilíbrio no banco e se viu sentado com o envelope nas mãos.

Ele estava endereçado para Artur Penhaligon, o que confirmava o nome de que se lembrava.

Artur abriu o envelope. A carta estava escrita no interior do envelope, de modo que ele teve que abrir as dobras e alisar o papel, o que era bastante difícil, pois o papel era muito grosso. A carta era escrita a mão com uma tinta prateada e clara.

Caro Artur,

Um dos nossos agentes tem seus pais sob controle. A menos que você nos entregue imediatamente as Chaves e desista de todas as reivindicações de ser o Legítimo Herdeiro, faremos com que nosso agente limpe todas as lembranças que eles têm de você. Nosso agente também vai fazer o mesmo com seus irmãos e amigos. Será como se você nunca tivesse nascido. A sua casa continuará a existir, mas não haverá lugar para você dentro dela. Como acreditamos que deseja voltar para uma existência meramente mortal, achamos que deve considerar esta oferta como uma oportunidade. Simplesmente assine na linha pontilhada abaixo e tomaremos conta de tudo.

Sábado, Habitante Mais Superior da Casa Superior.

Artur releu a carta, mas não conseguia entender o que dizia. Ele era uma criança do Tocador de Gaita. Os pais ou a família que pudesse ter tido estavam mortos há muito tempo, em algum lugar dos Reinos Secundários. E, até onde sabia, não tinha desejo de voltar para nenhum tipo de vida mortal.

— Isso é bom — Fred disse, dando tapinhas na própria carta. — Dos meus antigos colegas da Oficina de Douração Dezessete. Trouxe de volta um monte de lembranças. De quem é sua carta, Raio?

— Não tenho certeza — Artur respondeu. — Acho que é uma brincadeira. Só que... sinto como se ela tivesse despertado alguma lembrança fora do meu alcance. Alguma coisa sobre chaves...

— Bem, chega de vadiagem — o sargento Helve ordenou. — Ainda há muito o que limpar. E preparação para as aulas de amanhã.

Artur enfiou a carta no bolso e se levantou no exato momento em que Helve disparava:

— Em pé, depressa! — e saudava um oficial que Artur tinha visto se aproximar, mas ignorara por imaginar que fosse um dos vultos fantasmagóricos de outra unidade.

— Obrigado, sargento — o oficial respondeu. De perto, era fácil ver que ele era um dos tenentes que tinha falado com o coronel Huwiti antes da batalha. A pluma de seu capacete estava rasgada e ele tinha recebido um corte no braço. O sangue azul tinha secado em uma linha do ombro até o pulso e estava cercado de marcas de queimaduras. Em um mortal, o ferimento seria incapacitante. O tenente parecia estar um tanto incomodado por ele, retribuindo a continência de Helve apenas com um leve movimento rígido.

— Estou levando suas duas crianças do Tocador de Gaita — avisou o tenente. — As ordens chegaram imediatamente antes da batalha. Do mais alto escalão. Todas as crianças do Tocador de Gaita devem se apresentar no QG imediatamente. Elas já tiveram as aulas de equitação nos Não Cavalos?

“Não, não tivemos”, pensou Artur com desânimo.





Capítulo 17

— Não! — Folha gritou. — Nenhum recado... mas, ei! Não desligue! Quero falar com Suzy Azul Turquesa, por favor.

— Espere um minuto — a telefonista respondeu.

Uma pontada de dor atingiu a parte posterior do olho direito de Folha, enquanto a telefonista falava, e a mão esquerda da menina se retorceu em uma direção definida. Foi horrível, como se a mão tivesse criado vida própria. Mas Folha sabia o que estava acontecendo.

O mofo estava instalado em seu cérebro e agora estava verificando seu controle. O Garoto sem Pele talvez já pudesse ver através dos olhos de Folha, ouvir com seus ouvidos, sentir o que sentia.

— Alo, é a Suzy.

— Suzy! É Folha. Peguei o bolso, mas o mofo... o mofo mental do Garoto sem Pele está na minha cabeça! E não consigo voltar para a Casa!

— Que bom! — Suzy respondeu. A voz dela diminuiu e Folha a escutou dizer: “Ela está com o bolso, Espirrador. Ajuste os relógios!”

— Preciso de ajuda — Folha disse. — Sei que você não deve...

A mão esquerda dela saltava de um lado para outro como um peixe fora da água, mas até aquele momento era o único membro afetado. A dor atrás do olho não piorou... mas também não estava melhorando.

— Quem se importa com isso! — Suzy exclamou, falando longe do fone e em seguida dentro dele outra vez. — Estou indo aí. Depressa, Espirrador!

O telefone foi desligado abruptamente e o som de discar voltou. Folha recolocou o aparelho na caixa e usou a mão direita para imobilizar o agitado braço esquerdo, antes que se machucasse. O braço não lutou contra ela, como Folha tinha ouvido dizer, mas a estranha sensação que tinha sentido começava a se manifestar também na perna direita.

— Vamos, Suzy! — Folha sussurrou. Ela tinha uma ideia do que devia fazer para se salvar, mas primeiro tinha que se livrar do bolso. O mofo estava assumindo o comando muito depressa!

A porta se abriu e Folha quase sufocou ao abafar um grito, porque não era Suzy. Era uma adolescente de talvez 17 anos. A irmã de Artur. A mais nova, Michaeli.

— O que você está fazendo aqui? — Michaeli perguntou. — Quem é você?

— Amiga de Artur! — Folha contou, mas sua boca não estava se movendo direito porque, de repente, seus lábios e a língua ficaram parcialmente paralisados e o que conseguiu dizer foi:

— Amia di Atu...

— O quê? — a garota perguntou.

Ela tinha um telefone celular na mão e o polegar dela estava posicionado sobre o que devia ser uma tecla de discagem rápida para chamar a polícia.

— Artur! — Folha disparou, falando mais devagar para ser entendida. — Sou amiga de Artur!

— O que está fazendo aqui? — Michaeli repetiu. Ela não tinha apertado o botão. — E o que aconteceu com você?

— Artur me mandou — Folha disse. — Estou com Manchas Cinzentas.

Michaeli recuou horrorizada e saiu tão depressa que acabou se chocando com a parede do corredor do outro lado.

— Não é contagioso — Folha garantiu, atrapalhando-se com as palavras ao perder o controle da perna e cair no chão, onde se retorceu em uma desesperada luta com o próprio corpo.

Michaeli gritou, mas não foi por causa das contorções de Folha. Suzy Azul Turquesa tinha se materializado no corredor e estava usando asas amarelo-claras totalmente abertas, as pontas das penas tocavam o teto e as paredes. Ela também segurava um cassete dos Comissionários de Metal, um bastão aparentemente de madeira coberto com faíscas rastejantes azuis.

— O que está acontecendo?! — Michaeli gritou. Folha ficou satisfeita em ver que a menina tinha deixado cair o telefone.

— Sou amiga de Artur — Suzy explicou, dobrou as asas e se curvou sobre Folha, gesticulando com o cassete na mão. — Será que vou ter que bater em você com isso, Folha?

— Ainda não — Folha conseguiu balbuciar. Seu maxilar estava se movendo por conta própria, mas ainda conseguia controlar o braço direito. Ela procurou a caixa com a bolsa mágica na calça jeans e tentou tirá-la, mas suas pernas continuavam a se debater. — Obrigada... por ter vindo... tão depressa.

— Eu estava observando pelos Sete Relógios — Suzy explicou. — Entrava e saía, depois que os chefões do Exército tentaram me impedir. Tinha que fazer alguma coisa útil, mesmo que a Velha Primeirona fosse contra.

De repente, ela passou o cassete para o cinto e pisou na coxa de Folha com a bota, o que fez cessar os espasmos. Em seguida, abaixou-se e pegou a caixa de plástico.

Quando Suzy pegou o bolso mágico, os braços de Folha se agitaram para tentar pegá-lo de volta, confirmando seus piores temores. O Garoto sem Pele podia ver tudo e provavelmente em alguns minutos teria o controle do corpo dela.

— Leve... para a Casa — ela disse. — Depressa.

— E você? — Suzy retrucou.

— Ponha-me a nocaute — Folha sussurrou, enquanto a mão direita dela estava começando a rastejar no chão na direção do pé de Suzy. — Avise Sílvia na ambulância. Faça... sedativo....

— A velha senhora no veículo com a luz no alto? — Suzy perguntou, mas ela só estava falando para distrair Folha enquanto apanhava o cassete e batia de leve no ombro dela.

Houve um rangido agudo e um rio de faíscas azuis percorreu o corpo de Folha da cabeça aos pés. Todos os músculos do corpo da garota se contraíram e ela revirou os olhos.

— Você a matou! — Michaeli berrou da porta.

E pegou uma vassoura de algum lugar e a brandiu com uma técnica que indicava técnica de *kendo* ou talvez um papel em uma peça musical como *Robin Hood*.

— Não, não matei — protestou Suzy, e ficou de olho no cabo da vassoura.

— Você é Michaeli, irmã de Artur, não é mesmo?

— Sim...

— Sou Suzy Azul Turquesa. Você pode dizer que sou a assistente-chefe de Artur.

— É *o quê*? O que está acontecendo?

— Não tenho tempo para explicar — Suzy respondeu distraída. — Será que você pode dar um pulo até a... sei lá como vocês chamam... ambulância lá fora e dizer para a velha senhora que Folha precisa de cuidados? Eu preciso ir embora depressa.

— Mas...

Michaeli abaixou um pouco a vassoura. Suzy encarou o gesto como um convite e passou por ela rapidamente, batendo levemente as asas. Algumas penas roçaram o rosto de Michaeli, fazendo a garota saltar.

— Essas asas... elas são verdadeiras!

— Espero que sejam — Suzy replicou. — As melhores que se pode conseguir. Espero que o dono não sinta falta delas antes de eu voltar. Para que lado fica o Hospital da Zona Leste?

— Ahn, zona leste? Acho que é para aquele lado — apontou Michaeli.

— Obrigada — Suzy respondeu. — E o seu jardim suspenso fica atrás daquela porta?

Michaeli assentiu, o espanto evidente em sua expressão.

— Para onde você vai? — ela perguntou.

— Voltar para a Casa, a primeira criação da Arquiteta e o epicentro do Universo — Suzy contou. — Se eu encontrar a Porta da Frente e se o Garoto sem Pele e seus lacaios não me impedirem. Até logo!

Michaeli acenou hesitante. Suzy se curvou, bateu as asas nas costas e correu na direção do jardim suspenso.

Atrás dela, Michaeli olhou para Folha para verificar se ainda estava respirando, mas não se aproximou. Em seguida, atravessou o próprio quarto e olhou pela janela. Havia uma ambulância na rua. Ela hesitou por um momento e depois desceu as escadas correndo.

Suzy deu uma palmadinha na cabeça do iguana que estava no jardim suspenso, saltou nas costas dele e se lançou no ar com algumas batidas das asas. Pegou uma corrente de ar dez metros acima do telhado e subiu rapidamente para uma altura de várias centenas de metros.

As asas, além de exemplares fantásticos de seu tipo para voar, também possuíam várias outras qualidades. Suzy estava contando com elas para fazer a viagem de volta para a Casa sem contratempos. Segundo o doutor Scamandros, que relutantemente a tinha ajudado a pegá-las no quarto de vestir da Primeira Dama, voar com elas iria provocar um efeito mágico que a tornaria invisível para os mortais. As asas também tinham qualidades protetoras, mas apenas quando usadas para voar. Suzy achou isso muito injusto e ainda pensava assim, mesmo depois que o doutor tinha explicado que fazia parte da natureza da magia nunca atender às expectativas.

Não que Suzy pensasse em fazer outra coisa que não voar. Ela pretendia ir até a manifestação da Casa, que, como tinha visto através dos Sete Relógios,

estava localizada acima do hospital. Em seguida, voaria direto para a Porta da Frente e, se necessário, flutuaria na sua frente enquanto batia. Depois voltaria diretamente para a Sala de Estar de Segunda-Feira com o bolso. Dali pensaria em um modo de fazer com que chegasse até Artur para que ele pudesse jogá-lo em uma quantidade suficiente de Nada para se livrar dele e do Garoto sem Pele.

“Um serviço muito simples e satisfatório”, Suzy pensou. Até mesmo a Primeira Dama não poderia reclamar muito, mas ela o faria, é claro, além de passar um sermão sobre a Lei Original, porém Suzy estava acostumada a isso. Seria um preço baixo a pagar para salvar o mundo de Artur do Comedor de Espíritos.

Suzy já estava bem perto do hospital e podia ver claramente a Casa quando também viu a falha em seu plano. Pela falta de interesse de vários mortais de aspecto oficial que tinha visto do alto, provavelmente era verdade que as asas a protegiam do olhar dos humanos. E, embora isso não fosse funcionar com os Nadicas, tanto ela quanto o doutor Scamandros acharam muito improvável que o Garoto sem Pele tivesse um par de asas.

O que eles não tinham considerado com atenção era o fato de que alguém tinha criado o Garoto sem Pele, para começar, e o tinha ajudado a atravessar a Porta da Frente, desafiando várias leis da Casa. Qualquer pessoa que criasse um Comedor de Espíritos não hesitaria em usar mais Nadicas comuns. Por isso, provavelmente haveria outros Nadicas ali, enviados para ajudar o Garoto sem Pele a cumprir qualquer tarefa que tivesse sido enviado para realizar.

E, realmente, ali estavam eles. Suzy bateu as asas com força para ganhar altura quando os viu. Três vultos alados, voando lentamente em círculo a cerca de 500 metros da Porta da Frente. Naquele momento, eles estavam fazendo um jogo com uma das máquinas voadoras dos mortais, revezando-se para mergulhar na frente dela enquanto dava voltas ao redor do hospital com sua parte superior giratória trepidando no ar. O fato de que o piloto mortal não podia vê-los e não saberia o que o atingiu, se algum deles calculasse mal o mergulho, era obviamente o principal atrativo do jogo.

Suzy não sabia que tipo de Nadicas eles eram. Eles tinham uma vaga forma humana, mas um deles tinha a cabeça de um roedor, outro a de uma serpente e o terceiro tinha uma cabeça parecida com um abacate meio amassado com olhos e uma boca cheia de dentes. Todos tinham membros bastante normais, exceto por uma grande quantidade de dedos. Usavam camisas, casacos e calças

velhas dos Habitantes, parecidos com as roupas preferidas por Suzy, embora esses Nadicas não tivessem chapéus. Eles também tinham asas de penas vermelhas muito bonitas, não as baratas de papel. Era provável que as asas tivessem propriedades semelhantes às de Suzy, embora os Nadicas também possuissem a capacidade natural de permanecer invisíveis nos Reinos Secundários.

Eles estavam armados de tridentes, o que sugeria que tinham servido Quarta-Feira Submersa no passado, mas certamente essa hipótese era incorreta. Suzy sabia muita coisa sobre Quarta-Feira Submersa para acreditar nisso. A triste Curadora obcecada por comida não teria empregado Nadicas. Aqueles três tinham que estar a serviço de um dos Dias Seguintes restantes.

Suzy continuou a ganhar altura enquanto os observava, circulando para ficar com o sol às suas costas. Os Nadicas estavam ocupados com o jogo, mas a qualquer momento poderiam se lembrar de seu dever e olhar para cima e ao redor. O sol iria escondê-la, em parte.

O cassete de Comissionário não seria muito útil caso ocorresse uma luta aérea. De onde se encontrava, Suzy não conseguia ver, mas os tridentes poderiam estar enfeitados, incandescentes, ou emitir raios elétricos ou, se estivesse com muito azar, atirar projéteis de Nada.

“Não posso lutar contra três Nadicas armados”, pensou.

Ela espiou para a Casa abaixo e tentou ver se havia mais Nadicas ou outro obstáculo perto da Porta da Frente. Era difícil enxergar daquela altura. Suzy se encontrava pelo menos novecentos metros acima da Casa, e os vários pilares, sacadas, projeções, recortes, toldos e anexos bizarros criavam sombras profundas.

Sua única chance seria mergulhar diretamente para baixo e parar de repente no último momento possível na frente da porta. Se escolhesse o momento certo, agisse rapidamente e não quebrasse o pescoço, poderia chegar à porta antes que os Nadicas a interceptassem.

Suzy guardou a preciosa caixa que continha o bolso rasgado de Artur mais no fundo do bolsinho do terceiro casaco interno, abotoou os outros dois casacos que usava e puxou a gola até o queixo.

Os Nadicas ainda estavam brincando com a máquina voadora barulhenta. Suzy planejou por um momento com o queixo quase apoiado no peito até se certificar de que tinha o caminho livre para a descida.

— Ei, é agora ou nunca — Suzy murmurou para si mesma.

Ela juntou as mãos sobre a cabeça na postura típica de quem vai mergulhar, jogou-se para a frente e para baixo e parou de bater as asas.

Durante um momento, as asas estendidas a mantiveram na posição, embora seu corpo estivesse quase perpendicular ao chão. Em seguida, Suzy fechou as asas totalmente para trás e caiu do céu como um meteorito: diretamente para baixo.





Capítulo 18

Artur recebeu uma aula muito acelerada de equitação em Não Cavalos naquela noite. Ele e Fred, depois da enorme surpresa de um aperto de mão e algumas palavras agradáveis por parte do sargento Helve, foram levados do refeitório pelo tenente. Eles seguiram marchando para a Sala dos Ordenanças onde o coronel Huwiti lhes informou que tinham recebido graduações do campo de batalha do Forte da Transformação e os cumprimentou pela indicação para o QG como soldados rasos no regimento. Ele também lhes deu um aperto de mão. Os garotos bateram continência em retribuição e fizeram a melhor meia-volta que conseguiram. Em seguida, foram conduzidos para o Depósito do Quartel Mestre onde entregaram todos os equipamentos de recrutas que tinham deixado no alojamento, devolveram o traje de legionários que estavam usando e receberam equipamentos e armaduras de equitação de campo, que tiveram que vestir rapidamente.

Do Depósito do QM, eles foram mancando atrás do tenente em suas cotas de malha compridas até os joelhos e botas de couro rígido, tentando não gemer por causa do peso dos capacetes alados, selas, alforjes recheados e as espadas curvas que a Horda chamava de espadas lança-raios.

A aula de equitação foi dada nos Estábulos do Posto por um ONC da Horda que eles não conheciam, de nome Sargento de Tropa Terzok. Ele tinha os ombros consideravelmente mais estreitos do que a maioria dos outros sargentos, mas usava o mais incrível bigode que já tinham visto. E que Artur teve certeza de que era falso. De perto, ele parecia feito de arame e ficava espetado em ângulos retos a partir do nariz de um jeito impossível para pelos de verdade.

Eles quase se sentiram melhor quando o Sargento de Tropa Terzok, em vez de ser estranhamente amistoso, imediatamente gritou com eles e começou a apresentar uma longa lista de fatos sobre Não Cavalos e a tarefa de cavalgá-los, interrompendo-se a cada minuto para interrogar os dois sobre o que tinha acabado de dizer.

Artur estava cansado, mas também encorajado pelo fato de ter sobrevivido à batalha sem ter pensado sobre o assunto. A perspectiva de ir para o QG também era um alívio. Assim, as primeiras horas da aula com os Não Cavalos foram suportáveis.

Três horas depois, quando finalmente puderam entrar no estábulo dos Não Cavalos, qualquer sensação de alívio tinha desaparecido. Então ele cometeu o erro fatal de realmente bocejar enquanto o Sargento de Tropa Terzok lhes mostrava os pontos mais admiráveis de um Não Cavalo que estava parado calmamente em sua baia, os olhos cintilantes de rubi imóveis.

— Eu o estou entediando, soldado Verde? — gritou Terzok. — Não é estimulante, não é mesmo? Quer montar diretamente o Não Cavalo, certo?

— Não, sargento! — Artur gritou, que de repente ficou extremamente desperto.

— Não, Sargento de Tropa! — Terzok repreendeu, e quase enfiou o bigode escova-de-arama no nariz de Artur. — Você vai cavalgar um Não Cavalo como um soldado da Horda, não como um soldado raso, e eu sou Sargento de Tropa, não um diligente sargento comum. Ficou claro?

— Sim, Sargento de Tropa! — gritaram Artur e Fred, que achou que seria melhor também responder.

— Se tivéssemos mais alguns Não Cavalos aqui, eu poderia ter levado uma tropa para perseguir aqueles Nadicas — Terzok continuou. — Garanto que nenhum deles teria conseguido fugir. Certo. Vou repetir os fundamentos básicos pela quinta e última vez. Este aqui é Mowlder, o Não Cavalo mais velho do posto. Criado há mais de quatro mil anos e ainda forte. Ele é um Não Cavalo típico com três dedos em cada perna, não a variedade de quatro dedos que se vê ocasionalmente. Cada um desses dedos foi feito para combate com uma garra de aço de 10 centímetros, como vocês podem ver. A pele do Não Cavalo é de metal flexível, porém a criatura é uma Quase Criação baseada num projeto original da Arquiteta. Ele tem carne viva debaixo da pele de metal, que age como uma armadura muito útil. Como nós, Habitantes, o Não Cavalo é extremamente resistente e cicatriza com facilidade. Não Cavalos também são inteligentes e sempre devem ser tratados adequadamente. Alguma pergunta?

— Não, Sargento de Tropa!

— Então, está certo. Agora vou demonstrar a maneira correta de se aproximar de um Não Cavalo para colocar as rédeas. Olhem com atenção.

Artur olhou com atenção enquanto Terzok demonstrava como colocar os arreios no Não Cavallo. Parecia simples, contanto que o Não Cavallo cooperasse, mas, quando Artur teve que repetir o procedimento, não foi tão fácil assim. Subir na sela e realmente cavalgar o Não Cavallo também mostrou ser mais difícil do que ele tinha imaginado.

Seis horas depois do início da aula, nos primeiros momentos frios e escuros antes do amanhecer, Terzok anunciou que Artur e Fred já estavam tão aptos quanto possível no tempo de que dispunham. O que significava capacidade nenhuma, mas ele esperava que os garotos acabassem por aprender com a experiência. Antes de partirem, sussurrou algo nas orelhas dos dois Não Cavallos escolhidos para levá-los.

Nesse estágio, Artur, em especial, estava tão cansado que não se importaria de ser amarrado na sela como uma coberta. Ele só queria descansar e não ter que ouvir ou ver o Sargento de Tropa Terzok e seu bigode outra vez. Ele pensou que estava acostumado à exaustão e que tinha melhorado muito a habilidade de afugentar a visão flutuante e a perda de coordenação. Mas agora até a proximidade de um Sargento não o impedia de oscilar sobre os pés.

Só que ele não tinha permissão para ir dormir. Outro tenente desconhecido, não ferido e usando uma armadura da Horda, chegou quando a aula terminou e anunciou que iria levá-los ao QG.

— Sou o Tenente de Tropa Jarrow — ele informou. — Destacado da Horda para o Forte da Transformação. Vamos partir em quinze minutos, depois de eu verificar suas armas, os equipamentos, os arreios e as montarias. Qual de vocês é Ouro e qual é Verde?

— Eu sou Pra... soldado Ouro — Fred disse.

Artur murmurou algo que parecia com “Verde”. Jarrow franziu o cenho e se aproximou dele.

— Sei que há recomendações médicas a seu respeito, Verde — Mas o arquivo se perdeu. Você está bem para viajar?

— Só estou cansado, senhor — Artur respondeu. — Muito cansado.

Ele estava tão cansado que não tinha muita certeza de que tinha dito alguma coisa em voz alta. E ele também estava confuso sobre quem era e o que estava fazendo. Certamente se deveria estar indo a algum lugar, esse lugar teria que ser a escola, com Folha e Ed.

Artur balançou a cabeça. Que escola era essa que enxergava em sua mente? Quem eram Folha e Ed e por que estavam olhando para ele com o céu azul

atrás deles?

— Sargento de Tropa, você mostrou para esses dois o método da Horda para carregar feridos? — Jarrow indagou.

— Não, senhor! — Terzok disparou e olhou para Artur. — Devo suspendê-lo, Tenente de Tropa?

— Sim, faça isso — Jarrow respondeu.

Três Não Cavalos tinham sido preparados para a viagem e estavam parados pacientemente do lado de fora da porta do estábulo. Detrás da porta do estábulo, Terzok pegou o que pareceu ser uma grande sacola de lona com tiras de couro e fivelas de aço e a pendurou entre dois Não Cavalos. Murmurando alguma coisa para eles em voz baixa, ele afivelou um dos lados da sacola à sela do Não Cavalos à esquerda e a outra ao animal do meio. Presa daquela forma, ela formou uma espécie de rede entre as duas montarias.

— Este é um saco para cavalcada dupla — Terzok contou. — Ao contrário de outros animais, Não Cavalos são capazes de andar no mesmo passo que o companheiro do lado. Mas o saco de cavalcada dupla só deve ser usado em caso de necessidade, pois estas montarias não podem galopar com ele.

Artur olhou para o saco entre os dois Não Cavalos. Ele estava tão cansado que levou alguns segundos para compreender que aquilo era para ele.

— Como se entra nele? — Fred perguntou.

— Se você está bem o bastante para entrar, então deve cavalgar — Terzok afirmou. — Se não estiver...

Ele pegou Artur debaixo do braço, andou para a frente dos Não Cavalos e o empurrou na ponta aberta do saco com armaduras, armas e tudo o mais.

— Se o soldado carregado estiver gravemente ferido, deve-se usar estas tiras — Terzok instruiu.

— Mas não quero ser...

— Silêncio! — Terzok disparou. — Você recebeu ordens para viajar no saco! Agora, vá dormir!

Artur se calou e virou o corpo para que o cabo de sua espada lança-raios não espetasse tanto o seu quadril e estendeu a mão para soltar uma dobra da cota de malha que estava embolada em suas coxas.

Então, como o sargento tinha ordenado, fechou os olhos e adormeceu.

No início, não foi um sono profundo. Através dos olhos semicerrados, Artur tinha uma leve consciência da atividade a sua volta, enquanto o Tenente de Tropa Jarrow verificava os arreios dos Não Cavalos. Daí, o saco em que se

encontrava começou a balançar para cima e para baixo e as garras de aço dos dedos dos animais jogaram faíscas nas pedras fora do estábulo por um momento, antes de seu ruído ser abafado quando cavalgaram no chão poeirento. A cadência aumentou quando os Não Cavalos passaram a trotar e se transformou em um balanço uniforme quando os dois animais que levavam o saco mudaram o passo para um galope macio totalmente emparelhado.

À medida que os Não Cavalos continuavam a se dirigir para fora do forte em um ritmo regular, Artur mergulhou em um sono mais profundo e começou a sonhar.

Ele estava parado em um amplo aposento revestido de mármore, cercado por todos os lados de Habitantes incrivelmente altos, medidos em comparação às pilhas de armas, armaduras e corpos de Nadicas abaixo deles. Apesar da altura de Artur, ele ainda era mais alto, olhando para eles de uma posição de grandiosa proeminência. Ele estava olhando um anel em seu dedo, um anel em forma de crocodilo, que estava se transformando lentamente de prata em ouro. Mas a última parte continuava sendo de prata e, enquanto ele olhava, também se transformou em ouro. Os altos Habitantes começaram a aplaudir e o garoto se sentiu crescer ainda mais, até que, de repente, não se encontrava mais no aposento revestido de mármore, mas era um gigante parado acima de um campo verde, que uma vozinha em sua mente dizia ser a quadra oval da escola. Crianças corriam ao redor de seus pés, perseguidos por criaturas com cara de cachorro que ele, de algum modo, sabia se chamarem Buscadores. De repente, ele mesmo tinha o tamanho de uma criança e os Buscadores tinham duas vezes o seu tamanho, beliscando-o e agarrando-o. Um deles arrancou o bolso de sua camisa de escola e pegou um livro que estava dentro dele.

— Peguei você! — disse uma voz terrível e rouca.

Artur gritou e acordou, debatendo-se nas garras de alguma coisa dura e horrível. Uma criatura feroz tinha levado *O Atlas Completo da Casa!*

“É isso. O Atlas Completo da Casa. O meu nome é Artur Penhaligon. Eu sou o Legítimo Herdeiro.”

Artur tentou guardar essa lembrança, mas ela se desfez. Ele desistiu, abriu os olhos e olhou em volta. Ainda estava no saco de dupla cavalgada, mas os Não Cavalos estavam parados. O sol estava nascendo e uma fina fatia de seu disco rosado se mostrava acima das colinas vermelho ocre ao leste. Árvores atrofiadas com troncos pálidos e folhas triangulares amarelas pontilhavam o local, esparsas demais para serem chamadas de floresta.

Fred estava parado diante de Artur, massageando a parte interna das coxas e resmungando algo sobre as iniquidades dos Não Cavalos. O Tenente de

Tropa Jarrow estava sentado em uma pedra próxima, consultando suas Efemérides.

O silêncio era grande e só se ouvia o som que vinha da respiração sibilante dos animais e da ocasional batida de seus cascos em uma pedra solta quando mudavam de posição.

— O que está acontecendo? — Artur perguntou sonolento.

Ele tirou os braços de dentro do saco e puxou parte do corpo para fora. Teria caído no chão se Fred não o tivesse segurado e ajudado a recuperar o equilíbrio apenas o tempo suficiente para desabarem juntos sem controle.

— O que está acontecendo? — Fred repetiu indignado. — Você roncou durante a passagem por uma dúzia de ladrilhos, enquanto eu acabei com a pele de minhas coxas e machuquei o cóccix. Isto é o que está acontecendo.

— Isso foi o que *aconteceu* — Artur corrigiu com um sorriso. — O que está acontecendo agora?

— Paramos para descansar — Fred contou e inclinou a cabeça na direção do Tenente de Tropa Jarrow. — Isso é tudo o que sei.

Jarrow fechou as Efemérides e se aproximou. Artur e Fred se levantaram, ficaram em posição de sentido e bateram continência.

— Não há necessidade disso — estamos no campo — Jarrow disse. — Está bem descansado, Verde?

— Sim, senhor — Artur respondeu.

— Ótimo — Jarrow respondeu. — Temos um bom caminho pela frente e há uma forte possibilidade de que tenhamos de escapar de forças de Novos Nadicas.

— Novos Nadicas, senhor? — Artur indagou.

— É como os chamamos agora — Jarrow explicou. — Vamos evitá-los sempre que possível. Apenas fiquem perto de mim e em seus animais e nós vamos fugir deles. Eles não têm cavalaria.

Ele fez uma pausa e depois acrescentou:

— Ou, pelo menos, ainda não a vimos. Alguma pergunta?

— O que vamos fazer se nos separarmos do senhor? — Artur quis saber.

— Deixem os Não Cavalos à vontade — Jarrow respondeu. — Eles vão encontrar a força amiga mais próxima. Mas, como vocês sabem, hoje estamos indo para o ladrilho 268/457. Ele está programado para se mover ao anoitecer para uma posição a somente dezesseis quilômetros da Cidadela. Atualmente estamos no ladrilho 265/459. Vamos para o leste por cinco quilômetros e

então para o sul por mais três. Os ladrilhos ao leste são formados de colinas desertas, estepes cobertas de grama e floresta com clareiras. Vamos para o sul a partir da floresta e encontraremos uma cidade em ruínas, depois um lago e um pântano, que é o ladrilho que queremos. Temos que ficar extremamente vigilantes na floresta, na cidade em ruínas e no pântano. É fácil ser surpreendido em todos os três lugares e difícil de escapar a cavalo. Vamos descansar por mais trinta minutos e partir. Vou ficar de guarda nesta elevação aqui. Mantenham os arreios em suas montarias, mas eles precisam de uma limpeza. Não queremos que enferrujem.

Obedientes, Artur e Fred pegaram as escovas de arame, panos de limpeza e garrafas de solvente de suas mochilas e começaram a trabalhar nas juntas dos joelhos e outras áreas em que os Não Cavalos tinham propensão para enferrujar. As criaturas relincharam e gemeram um pouco, apreciando a atenção, e Artur sentiu que estava se apegando a eles. Ali no campo, com a luz do sol ofuscando seus olhos vermelhos, eles pareciam totalmente diferentes das bestas frias com olhos redondos de rubi dos estábulos escuros.

— Por que será que nos querem no QG? — Fred perguntou. — O Tenente de Tropa Jarrow disse que a ordem veio do próprio Furioso Quinta-Feira.

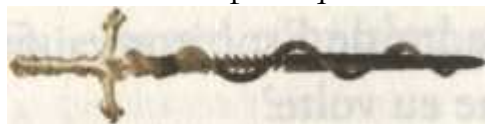
— Ele provavelmente descobriu que eu estava aqui como uma criança do Tocador de Gaita — Artur disse sem pensar.

— O quê? — Fred olhou por baixo da barriga de seu Não Cavalo para encarar Artur.

— Ele provavelmente descobriu que eu estava aqui como uma criança do Tocador de Gaita — Artur repetiu devagar. Suas palavras tinham um toque de verdade, mas ele não sabia o que significavam. Ele simplesmente não conseguia lembrar...

Antes que pudesse continuar a pensar, Jarrow desceu a pequena colina com dificuldade.

— Montem! — ele mandou baixinho, segurando as mãos em concha ao redor da boca para que o som da voz não se espalhasse. — Novos Nadicas!





Capítulo 19

À velocidade de quase 300 quilômetros por hora, Suzy estava apenas a trezentos metros e quatro segundos da porta quando um dos Nadicas finalmente a viu. Ele gritou, surpreendendo seu colega que se chocou com o helicóptero com que estava brincando. O Nadica, invisível para o piloto, atravessou violentamente a capota e causou enormes danos ao se debater na cabina enquanto tentava sair novamente. Nesse processo, ele matou os dois pilotos acidentalmente. O helicóptero de ataque ergueu a cauda, ficou pendurado no ar por um instante, depois mergulhou na direção do estacionamento e explodiu, espalhando escombros em chamas na frente do hospital, sobre os soldados que se encontravam nas imediações e os agentes da AFB.

Suzy abriu as asas a duzentos metros e o choque desse movimento a fez perder a consciência por um instante. Muito eficientes, as asas a fizeram planar em um segundo, ainda a algumas centenas de metros acima da Porta da Frente, com dois Nadicas batendo asas em sua direção, tão rápido quanto possível.

Suzy mergulhou outra vez, diretamente para os Nadicas como se fosse atacar. Eles pararam para receber o ataque, erguendo seus tridentes, mas no último momento Suzy abaixou uma das asas, deslizou para o lado e para baixo pelo ar e aterrissou em um pé no telhado do hospital. A Porta da Frente estava exatamente diante dela, mas, com os Nadicas mergulhando em sua direção, ela achou que não havia tempo para bater.

Suzy se virou na direção da Porta da Frente, fechou os olhos e passou direto por ela.

Esperando o impacto, Suzy protegeu a cabeça com os braços. Mas, após alguns segundos sem bater em nada, ela abriu os olhos com cuidado e abaixou as mãos.

Ela estava flutuando, ou possivelmente caindo, na total escuridão. Suas asas não se moviam, mas ela tinha a sensação de movimento no ouvido interno. Ela não via nada, nem mesmo quando virou o pescoço freneticamente e tentou enxergar a Porta da Frente pela qual tinha acabado de passar.

— Ai, ai — ela sussurrou. Por nunca ter usado a Porta da Frente, ela imaginou que sairia do outro lado na Colina da Porta Aberta. Evidentemente, a coisa não era tão simples.

Suzy pensou em sua situação por um momento e então sussurrou:

— Asas, acendam a luz.

Ela ficou aliviada por conseguir ouvir a própria voz e, um pouco depois, por se enxergar, quando as asas começaram a brilhar lentamente, derramando uma nuvem perolada de luz em toda sua volta.

Mesmo com a luz, não havia nada para ver. Suzy olhou para cima, para baixo e ao redor, esperando mais sinais de que houvesse um lugar... ou mesmo alguma *coisa*... naquele estranho vazio.

Sem conseguir ver nada, Suzy experimentou bater as asas. Novamente, teve a mesma sensação de movimento, mas, sem ter como descobrir onde se encontrava, não podia ter certeza de que alguma coisa estava acontecendo. Pelo que conseguia avaliar, poderia perfeitamente estar presa como uma mosca em um jarro, batendo as asas sem chegar a lugar algum.

Ela deu de ombros, escolheu uma direção a esmo e começou a bater as asas com vontade. Muito tempo depois, talvez horas, Suzy começou a se perguntar se tinha conseguido realmente se perder em algum lugar dentro da Porta da Frente ou em alguma região entre a Casa e a Porta que não era o Nada, mas também não era nenhuma outra coisa.

Ela parou de bater as asas. A sensação de movimento permaneceu e Suzy refletiu sobre a situação. Bater asas sem rumo não tinha produzido resultados, por isso tinha que fazer algo diferente.

— Ei! — Suzy chamou e a voz dela pareceu muito alta em meio ao silêncio. — Tenente Guardião! Estou perdida na sua porta idiota! Venha me ajudar!

Não houve resposta. Suzy cruzou as pernas e tirou um sanduíche de queijo, mostarda e agrião de dentro do chapéu. Como o chapéu, o sanduíche estava um tanto amassado, mas a garota o comeu com gosto. Ela raramente tinha qualquer tipo de comida quando era Recarregadora de Tinta. Depois que se tornou Terça Parte de Segunda-Feira e teve acesso às despensas da Sala de Estar, redescobriu o prazer de comer, mesmo que não fosse necessário para viver.

— Senhorita Azul Turquesa.

Suzy deu um salto e deixou cair a casca do pão. Virando-se, viu um Habitante alto e extremamente bonito em um fraque cinza de gola alta, calças

pretas justas sobre botas compridas e lustrosas. A cartola era tão brilhante que refletia a luz emitida pelas asas de Suzy como um espelho. Ele segurava uma bengala com a ponta prateada na mão coberta por uma luva de pelica. As asas dele, encolhidas nas costas, eram de prata batida.

— Quem é você? — Suzy indagou desconfiada.

— Eu pergunto a mesma coisa — o Habitante respondeu de modo agradável. Suzy notou que a língua dele era de um prata ainda mais brilhante do que as asas. — Peço que faça o favor de me entregar o tesouro de nosso Comedor de Espíritos. Não podemos deixar que seu trabalho seja interrompido, podemos?

— O seu Comedor de Espíritos? — os olhos de Suzy se agitaram de um lado a outro, esperando descobrir de onde aquele Habitante tinha vindo ou algum outro possível ponto de fuga.

— Nosso — o Habitante afirmou. Sua voz era extremamente musical e agradável de ouvir. — Agora, vamos. Entregue-me o bolso e eu vou lhe mostrar um ponto de saída da Porta.

Suzy piscou e automaticamente deslizou para baixo dos casacos.

— Não vou entregá-lo para você! — ela murmurou com os dentes cerrados.

— Vai, sim — o Habitante ordenou. Ele bocejou e deu um tapinha na boca com a luva esquerda. — Depressa.

— Não vou! — Suzy insistiu, mas, para seu horror, ela se viu *tirando* a caixa com o pedaço de material precioso.

— Muito bem — o Habitante tornou em tom aprovador. Ele estendeu a mão para apanhar a caixa enquanto Suzy olhava fixamente para ela e tentava achar forças para se afastar, para retirar a mão.

Assim que os dedos dele estavam para se fechar ao redor da caixa, as asas do Habitante repentinamente explodiram nas costas e ele girou para cima e para longe, rosnando furioso. Suzy caiu para trás e deu dois saltos mortais antes que as asas dela se abrissem e a equilibrassem.

Bem acima dela, o Habitante de asas prateadas estava em um furioso duelo com um Habitante de asas elétricas azuis que Suzy só depois reconheceu como sendo o Tenente Guardião da Porta da Frente. Sua espada azul encontrou o raio prateado da bengala-espada do outro Habitante, e os dois atacavam, viravam e mergulhavam enquanto trocavam golpes, investidas e atordoantes defesas e escapadas rápidas.

Suzy assistia boquiaberta à luta dos dois combatentes. Eles usavam as asas como armas e como meio de movimento, bloqueando espadas, cortando com as pontas e desferindo golpes que, quando atingiam o alvo, faziam o outro Habitante girar pelo espaço. Às vezes, os dois ficavam de cabeça para baixo ou em posição perpendicular, e Suzy ficou zonzinha tentando se reorientar, por isso desistiu e só ficou observando os dois.

A luta de espadas era muito rápida e perigosa. Muitas vezes os Habitantes mal conseguiam se desviar para o lado ou saltar para trás para escapar de um golpe. Aço batia em aço tão rapidamente que parecia o retinir constante de moedas caindo. Suzy, que estava recebendo aulas de esgrima de Meio-Dia de Segunda-Feira, não parava de se surpreender ao ver os feitos da luta de espada com o auxílio de asas que não se encontravam em nenhum manual que Meio-Dia tinha lhe emprestado.

Além de observar, tudo o que Suzy podia fazer era guardar a caixa de volta no casaco e ficar fora do caminho. Ela pensou em intervir, mas os dois combatentes se moviam depressa demais e estavam tão concentrados na luta que concluiu que qualquer movimento de sua parte apenas iria prejudicar o Tenente Guardião.

Então, quando o Tenente Guardião se pôs na defensiva, continuamente recuando para cima, Suzy se perguntou se deveria tentar escapar. Mas ela ainda não conseguia ver nenhum lugar por onde sair. Em vez disso, ela acompanhou o combate, as asas se esforçando para continuar a sustentá-la.

De repente, o Tenente Guardião parou de recuar e se atirou para a frente. O outro Habitante tentou impedi-lo com um golpe, mas errou e os dois ficaram perto um do outro, as lâminas cruzadas. O Tenente Guardião era o mais leve e baixo dos dois, mas suas asas certamente eram mais fortes, pois ele empurrou o oponente para trás por cerca de seis metros. Ao mesmo tempo, ele gritou alguma coisa, uma palavra que Suzy não compreendeu, mas que se fez sentir em todos os nervos de sua pele, como um calafrio.

Com essa palavra, apareceu um círculo de luz branca atrás do Habitante de asas prateadas. Este deve tê-lo pressentido, pois bateu as asas ainda com maior intensidade para se manter no lugar, mas o Tenente Guardião era forte demais para ele.

— Isso não acabou — o Habitante gritou ao cair no círculo de luz.

Suzy viu que se tratava de uma porta de saída, com um aposento revestido em ouro do outro lado. Depois que o Habitante passou, o círculo se fechou

como uma bolha de sabão. Novamente não havia nada além do espaço sem forma ao redor.

— Puxa! — Suzy exclamou. — Quem era ele?

— O Anotececer Superior de Sábado — o Tenente Guardião contou. — Nós dois somos adversários antigos. Nem todos os Dias e seus servos cumprem o acordo da Porta ao pé da letra, e os lacaios de Sábado são os piores.

O Tenente Guardião ajeitou os longos cabelos brancos com os dedos e limpou o rosto com a manga do casaco azul. Ele ainda parecia tenso. Suas botas de cano longo ainda estavam pingando água e havia mais manchas de sangue azul coagulado na manga direita.

— Sem dúvida, ele vai voltar logo, possivelmente acompanhado. Fechei muitas portas na Casa, mas isso não vale muito quando Sábado manda abri-las novamente e Domingo não diz “sim”, nem “não”. Para onde quer ir, Suzy?

— Para a Casa Inf... — ela começou a dizer, mas então parou.

— Posso ir para qualquer lugar da Casa? — ela quis saber.

— A Porta da Frente se abre em todas as partes da Casa, sob várias formas — o Tenente Guardião informou. — Nem todas as portas são seguras. Algumas estão emperradas, outras estão trancadas e outras estão perdidas, até para mim. Mas posso lhe mostrar uma porta para qualquer região, dentro de certos limites.

— Sabe onde Artur está agora? — Suzy perguntou. Ela planejava levar o bolso de volta à Sala de Estar de Segunda-Feira, mas seria melhor entregá-lo diretamente a Artur para que pudesse destruí-lo sem demora.

— Não sei — o Tenente Guardião respondeu. — Vamos, decida aonde quer ir. Meu trabalho nunca está completo e não posso me demorar.

— O Grande Labirinto — decidiu Suzy. — Quero ir para o Grande Labirinto.

— A única porta que posso abrir lá fica na Cidadela. É onde mora o Furioso Quinta-Feira. Tem certeza de que é para lá que quer ir?

— Tenho — Suzy garantiu.

— Está havendo grandes problemas no Labirinto — o Tenente Guardião advertiu. Ele olhou diretamente para Suzy e seus olhos azul-claros encontraram os dela. — É possível que em breve todas as portas para e do Labirinto sejam fechadas. Elevadores também.

— Por quê?

— Por que um exército Nadica está prestes a conquistar a região. Se eles derrotarem as forças do Furioso Quinta-Feira, o Grande Labirinto vai ser cortado, a fim de salvar o resto da Casa. Então eu pergunto de novo, tem certeza de que quer ir para lá?

— Preciso entregar isto para Artur — Suzy respondeu, batendo na caixa sob os casacos. — Então acho que tenho que ir. Além disso, não pode ser tão ruim assim. Quer dizer, Nadicas nunca se deram bem entre si, não é mesmo?

— Esses se dão — O Tenente Guardião contou. — Já que insiste, aqui está a porta para o Grande Labirinto e a Cidadela do Furioso Quinta-Feira.

Ele gesticulou com a espada e novamente falou uma palavra que fez o estômago de Suzy revirar e os ouvidos tinir. Formou-se um círculo de luz e, através dele, ela viu um caminho de madeira ao longo de uma parede de pedra. Um Habitante vestindo um uniforme escarlate marchava pelo caminho, de costas para ela, com um mosquete apoiado no ombro.

— Obrigada! — Suzy disse.

Ela bateu as asas e estava para mergulhar de cabeça quando sentiu que a seguravam pelas penas da ponta.

— Asas são proibidas no Grande Labirinto — o Tenente Guardião informou. As asas se soltaram de Suzy e caíram nas mãos dele. — Elas atraem muitos raios. Algo a ver com a mudança de ladrilhos.

— Mas tenho que dar...

Antes que pudesse terminar de falar, a porta se moveu em sua direção e ela a atravessou, emergindo na luz do sol do fim da tarde e no vento gelado, no alto das ameias de um dos baluartes do Forte Estrela, uma defesa interna da Cidadela do Furioso Quinta-Feira.

Enquanto Suzy caminhava ruidosamente no caminho de madeira, a sentinela parou de repente, bateu os pés e fez meia-volta. Ele deu mais dois ou três passos olhando fixamente para Suzy, antes que a visão dela tomasse forma no cérebro dele. Ele parou, mexeu desajeitadamente no mosquete e o colocou na posição certa enquanto balbuciava:

— Pare! Quem vai lá? Chame a guarda! Alarme! Guarda! Cabo!





Capítulo 20

Foi fácil escapar da patrulha de Novos Nadicas. Sem a carga do saco de dupla cavalgada, os Não Cavalos esticavam as pernas em um galope. Artur, vivendo aquela experiência pela primeira vez, ficou aterrorizado no início e depois, quando percebeu que não iria cair, ficou entusiasmado.

Os Não Cavalos possuíam muito mais vigor do que os cavalos terrenos, mas não conseguiam manter o galope durante muito tempo. Depois que a força Nadica não passava de um ponto distante no horizonte, além das colinas baixas do ladrilho atual, o Tenente de Tropa Jarrow ergueu a mão. Seu Não Cavalo reduziu o passo para um meio-galope, depois para um trote ligeiro e finalmente para um passo, seguido de perto pelas montarias de Artur e Fred.

Eles continuaram a andar pelo resto do dia, parando para descansar durante uma hora ao meio-dia, em meio à cidade em ruínas do último ladrilho que precisavam atravessar. As ruínas não eram muito velhas. Havia apenas os contornos de velhos prédios de dois ou três tijolos de altura e montes de terra cobertos de grama que podiam ou não conter restos interessantes. O Tenente de Tropa Jarrow explicou que, na verdade, nunca existira uma cidade ali. Ela tinha sido construída como uma ruína quando a Arquiteta havia feito o Grande Labirinto para que fosse uma área de treinamento para o Exército.

O oficial também lhes mostrou como reconhecer o limite de um ladrilho. Fato importante, pois qualquer pessoa a alguns metros de uma fronteira na hora do pôr do sol corria o risco de ter diferentes partes do corpo transportadas simultaneamente para lugares diferentes.

Jarrow explicou que nem todas as bordas dos ladrilhos eram marcadas do mesmo jeito, mas a maioria era evidente por causa da mudança de cor da vegetação ou do solo, que se apresentava como uma linha contínua. A borda entre a floresta e a cidade em ruínas, por exemplo, era muito nítida, já que todas as árvores cobertas de trepadeiras na extremidade sul eram de uma cor quase amarela, e não verde vivo.

A borda do ladrilho da cidade em ruínas que levava ao pântano não era tão evidente, visto que não havia uma linha clara de mudança de cor ou de

vegetação. Mas Jarrow apontou um monte de pedras brancas no meio de uma área em que o chão mudava lentamente de uma grama verde e curta para pequenos arbustos quase azuis. Significativamente, o monte de pedras formava um semicírculo, redondo no lado norte e reto no sul. Ele tinha sido construído para mostrar a borda sul daquele ladrilho.

O pântano em si começava logo depois. Jarrow afrouxou as rédeas e o Não Cavalo dele escolheu um caminho entre o junco esponjoso e poças de água cor de chá, sendo seguido pelos demais em fila indiana.

No meio do ladrilho, segundo o cálculo de Jarrow, eles encontraram uma ilha de solo ligeiramente mais seco e ali montaram acampamento. Jarrow ficou vigiando novamente enquanto Artur e Fred tiravam os arreios dos Não Cavalos, escovavam-nos e os lubrificavam, além de polir seus olhos de rubi. Em seguida, eles esfregaram e afiaram as espadas lança-raios e passaram graxa nas botas e nas mochilas. Eles se ocuparam dessas tarefas até o anoitecer.

Nas profundidades do pântano, com o sol mergulhado abaixo do horizonte, eles conseguiam ver apenas um dos ladrilhos trocados a sua volta. Olhando para o leste, porém, onde não havia nada para ver antes, naquele momento se erguia uma montanha imponente, uma silhueta escura contra o céu estrelado.

— Vamos para a Cidadela pela manhã — Jarrow avisou. Ele tinha usado os últimos raios de sol para consultar seu almanaque, pois preferira não acender nenhuma luz após o escurecer. — Eu gostaria de viajar agora e, se tivéssemos ladrilhos diferentes, talvez o fizéssemos. Mas há uma montanha para ser atravessada, uma floresta e a Defesa de Água do Leste.

— Defesa de água de *onde*?

— Ela faz parte da Cidadela e não se move. Um lago seco que pode ser inundado quando se abrem as comportas de fontes subterrâneas debaixo da colina da Cidadela. Ela ainda deve estar seca, mas...

A voz de Jarrow foi diminuindo. Os três estavam sentados na escuridão iluminada pelas estrelas, escutando os sons do pântano. Os Não Cavalos estavam em pé nas proximidades, também conversando entre si ocasionalmente com sua linguagem seca e macia que talvez apenas o mais velho dos sargentos de tropa entendesse.

— Deve estar seca, senhor, mas talvez não esteja? — Fred perguntou depois de um momento, em uma atitude ousada.

— Sim, ela pode ter sido inundada — Jarrow respondeu. — Embora a estratégia tectônica tenha se mostrado poderosa, como sempre, há tantos Novos Nadicas por aí que é possível que alguns tenham ido parar perto da Cidadela e os diferentes grupos têm se reunido na planície abaixo da colina... realmente um aborrecimento. Mas não é um cerco, de jeito nenhum.

— O que exatamente é a Cidadela, senhor? — Artur quis saber.

— É uma fortaleza poderosa, Verde. Quatro anéis concêntricos de bastiões, revelins e meias-luas, todos construídos de modo a sustentar um ao outro com canhões e mosquetes; as rampas de abordagem são cobertas por projetores de lava-fogo. Então, dentro do terceiro anel está a Cidadela Interna, um Forte Estrela construído sobre uma colina de rocha sólida. A Cidadela Interna tem defesas terrenas de 20 metros de espessura, paredes adjacentes de 15 metros de altura e é armada com 16 canhões reais, 32 semi-canhões e 72 pequenos canhões que os artilheiros chamam de sacres. Contudo, eles vêm sofrendo com uma terrível escassez de pólvora desde que o Horrível Terça-Feira foi deposto por esse novo lorde Artur...

Jarrow parou de falar quando Artur se encolheu repentinamente de dor e segurou a cabeça com as mãos. O garoto sentiu como se um míssil tivesse atingido o centro de seu cérebro, explodindo em uma ampla série de lembranças. Imagens, sons, cheiros e pensamentos reverberaram dentro de seu crânio em tamanha quantidade que ele se sentiu desorientado e enjoado por um momento. Todas as lembranças importantes desde o dia em que havia perdido seu elefante amarelo com a aproximação dos Serventes de Banheiro foram sobrepostas de uma vez, em uma confusão louca de recordações instantâneas.

A dor desapareceu quase que de imediato e as lembranças recuaram lentamente para o fundo de sua mente, classificando-se à medida que isso acontecia, embora não em perfeita ordem. Agora, ele sabia quem era, o que tinha acontecido e que o Furioso Quinta-Feira representava um grande perigo para ele.

— Você está bem, soldado? — Jarrow perguntou.

— Sim, senhor — Artur sussurrou.

— Dor de lembranças — Fred deduziu. — Eu dei um soco na boca por causa dela. Fiquei com o lábio inchado. Você se lembrou de alguma coisa útil, Raio?

— Talvez — Artur respondeu cauteloso. Ele se encontrava em uma posição difícil. Queria contar tudo para Fred, mas isso apenas colocaria o amigo em perigo também. — Há algumas coisas em que preciso pensar melhor.

— Vocês dois, descansem — Jarrow recomendou e se levantou, afrouxou a espada na bainha e começou a andar calmamente ao redor de sua pequena ilha. — Vou ficar de guarda.

— O senhor também não precisa descansar? — Fred indagou.

— Tenho muito em que pensar — Jarrow respondeu. — E ainda não preciso descansar. Crianças do Tocador de Gaita precisam mais de sono do que Habitantes convocados, e os Habitantes precisam de mais sono do que soldados comuns como eu, que foram criados para a profissão das armas pela Arquiteta. Mas até mesmo eu preciso dormir mais do que nossos colegas de olhos vermelhos, aqui, que dormem apenas nos estábulos e ainda assim não mais do que uma vez por semana. Vou acordá-los antes do amanhecer ou se houver sinal de problemas.

A noite passou tranquila, embora Artur tenha despertado várias vezes, perturbado por algum ruído noturno ou uma pontada de desconforto provocada por dormir no chão apenas com a sela como travesseiro e um áspero cobertor de feltro para se cobrir.

Artur foi acordado por Jarrow antes de o sol estar visível, quando as estrelas mais distantes começavam a desaparecer. Sem precisar de café da manhã e dispensados do barbear por se encontrarem no campo, os três selaram os Não Cavalos rapidamente e se puseram a caminho, os dois garotos se esforçando para suportar em silêncio as dores que tinham sido originadas pela cavalgada do dia anterior e a noite passada no chão.

Artur não deu muita atenção para essas dores nem para o pântano que estava atravessando. Sua mente estava totalmente ocupada pensando no que faria a seguir e no que o Furioso Quinta-Feira poderia fazer para ele. O Curador tinha que saber quem ele era, porque o tenente Crosshaw ou o sargento Helve certamente tinham informado a presença dele. Ou possivelmente o Furioso Quinta-Feira soubesse disso o tempo todo e o tivesse convocado de propósito, e não por causa de um acidente burocrático.

Mas por que o Furioso Quinta-Feira iria convocar todas as crianças do Tocador de Gaita no Exército para irem até a Cidadela, se ele apenas queria apanhar Artur? Ele acreditava que havia outros motivos para isso. Havia

também a questão do que ele iria fazer se surgisse a oportunidade de tentar encontrar o Testamento e recuperar a Quarta Chave. Deveria pegá-la e se arriscar a ser punido? Ou deveria ser um bom soldado e cumprir as ordens e não dar ao Furioso Quinta-Feira nenhuma desculpa para ignorar os regulamentos do exército e fazer alguma coisa horrível contra ele? Se simplesmente tentasse ser um bom soldado, poderia acabar tendo que servir cem anos e nunca voltaria para casa...

“Casa. O Garoto sem Pele. Folha. A...”

— A carta! — Artur disse de repente em voz alta, dando um tapa na cabeça outra vez. Ele tinha acabado de se lembrar da carta de Sábado Superior, a que ameaçava sua família. Como Raio, sem memória, ele a tinha ignorado como se fosse uma brincadeira. Mas, agora que se lembrava de tudo, os temores do que poderia acontecer com o Garoto sem Pele tinham voltado.

— Precisamos ficar em silêncio a partir daqui — Jarrow recomendou, virando o cavalo para falar com Artur e Fred diretamente. — O desfiladeiro ali na frente deve estar desimpedido, mas não podemos ter certeza. Fiquem perto de mim e preparem as espadas. Passaremos atacando, se o caminho estiver bloqueado.

Artur cavalgou tão perto que quase encostou nos joelhos do tenente, enquanto Fred fez o mesmo do outro lado. Se eles tivessem que atacar, fariam como um grupo compacto de Não Cavalos, um triângulo que atravessaria qualquer fileira de Novos Nadicas que quisesse enfrentá-los.

À medida que avançavam, Artur olhou em volta com atenção pela primeira vez nos últimos dez minutos. Estavam deixando o pântano, indo em direção ao oeste, e o ladrilho adiante era dominado por duas colinas rochosas com uma garganta rasa entre elas que talvez tivesse metade da altura dele. A estrada acidentada que percorriam levava a essa garganta.

— Não podemos dar a volta? — perguntou. Ele não via nada terrível demais ao norte ou ao sul.

— Hoje há poças de lama no norte — Jarrow explicou, dando tapinhas nas Efemérides. — E cardos espinhentos ao sul. Os Não Cavalos não podem cavalgar depressa. Este caminho é um pouco íngreme, mas a estrada é larga e boa. Depois do desfiladeiro, têm campinas e um vilarejo. Depois disso, está o ladrilho que fica mais ao leste, que é a Defesa de Água do Leste. Se não formos atacados e as defesas de água estiverem secas, deveremos chegar à Cidadela no final da tarde.

Eles não foram atacados, mas antes de verem a Defesa de Água do Leste, sabiam que ela não estava seca. Ela tinha sido inundada e um pouco da água estava derramando sobre o ladrilho adjacente, escorrendo pela rua principal do bucólico vilarejo, um grupo de ruas estreitas e casas charmosas, mas desabitadas, que cercava uma grande vila rodeada por vários bares, uma ferraria, quatro ou cinco pequenas lojas e um estande de arco e flecha.

— Alguém já morou aqui, senhor? — Artur indagou quando os Não Cavalos passaram com dificuldade na água que escorria pela rua principal, os focinhos erguidos para mostrar desagrado.

— Não permanentemente — Jarrow respondeu. Ele falava depressa e seus olhos nunca paravam, disparando de um lado para outro enquanto examinava os arredores. — Mas, no passado, sempre que este ladrilho se aproximava da Cidadela, da Fortaleza Branca, do Forte da Transformação ou de outros locais fixos, as tavernas recebiam gente e uma feira era montada naquele dia. Devemos ver a Cidadela em um minuto, assim que passarmos por estes edifícios.

A estrada começou a subir depois da cidade e logo se nivelou novamente. Ela era ladeada por altos ciprestes aqui e acolá, mas a visão adiante era clara. Ao chegarem à planície, Jarrow parou e olhou para a frente, protegendo os olhos com a mão.

Artur e Fred observavam boquiabertos, correndo o risco de engolir algum inseto que estivesse voando por ali.

Havia um lago grande, com mais de um quilômetro de diâmetro à frente deles, estendendo-se para o norte e para o sul até outros ladrilhos e a perder de vista. A margem leste batia na borda do ladrilho da vila, que estava marcada por uma linha de pinheiros altos, muitos dos quais despidos de galhos do lado oeste.

Além do lago, havia uma fortaleza gigante parecida com um bolo de noiva, estendendo-se por vários quilômetros. A fileira externa de bastiões em ângulo, que para Artur pareciam torres curtas e largas em forma de triângulo, faziam a parte inferior do bolo. Cento e cinquenta metros para dentro e 50 metros para cima estava a segunda fileira, 150 metros para dentro a partir dali e mais 50 metros acima estava a terceira. Além dessa fileira, havia uma colina de pedra branca e sólida, sobre a qual fora construído um forte em forma de estrela, cujas seis pontas exibiam bastiões que sustentavam meia dúzia de canhões e

talvez duas centenas de defesas. Bem no meio do Forte Estrela, tinha uma fortaleza antiga, uma torre de pedra quadrada de 45 metros de altura.

Uma enorme nuvem de fumaça verde pairava sobre a linha de defesa externa a sudoeste.

— Fumaça de lava-fogo — Jarow explicou sombrio. — Deve ter acontecido um ataque esta manhã. Mas não ouvi tiros de canhão... devemos estar com muito pouco pó-de-nada. Precisamos voltar para a vila. Teremos que construir uma balsa.

— Não tem como mandar um sinal para a Cidadela? — Artur sugeriu. — Senhor?

— Não tenho figuras de comunicação — Jarow respondeu. — Não foi possível arrumar nenhuma para mim. Se fizermos sinal com fumaça ou espelhos, os Novos Nadicas podem ver e enviar um grupo para investigar. Eles devem ter juntado forças nas planícies do oeste. Nunca vi uma nuvem de lava-fogo tão grande quanto essa.

Não foi tão difícil fazer uma balsa quanto Artur tinha imaginado. Eles simplesmente pegaram uns dez barris do bar mais próximo, três portas e cordas, cordame, piche e pregos na ferraria, juntamente com algumas ferramentas. Seguindo a orientação de Jarow, os barris foram amarrados uns aos outros, as portas, pregadas em cima e os possíveis pontos em que poderia haver vazamentos, fechados com piche.

A balsa foi montada na margem do lago, muito perto da fronteira do ladrilho e do vilarejo. Artur estava atento a esse fato, embora conseguisse evitar olhar para a posição do sol o tempo todo e perguntar a Jarow para onde a vila iria ao pôr do sol.

Mas ele foi ficando mais nervoso à medida que a tarde avançava. Faltava talvez meia hora para o anoitecer quando eles terminaram e, como toque final, foram acrescentados três remos feitos de tábuas arrancadas dos bancos dos bares.

A aparência da balsa era ótima, mas não parecia grande o bastante para os três Não Cavalos, um Habitante e duas crianças do Tocador de Gaita.

— Tirem todos os arreios e os equipamentos das montarias e coloquem na balsa — Jarow ordenou. Ele também olhou para o sol que se punha. — Vamos escová-los e lubrificá-los rapidamente antes de irem embora.

— Para onde eles vão, senhor? — Fred perguntou.

Ele tinha se apegado bastante ao seu Não Cavalo que, segundo o nome gravado nos cascos de aço, chamava-se Skwidge.

— Eles vão encontrar o caminho para chegar aos amigos — Jarrow garantiu.

Ele pegou as mochilas de sua montaria e as largou na balsa que estava parcialmente na água.

— Depressa! Temos que estar longe da borda do ladrilho antes que a vila se mova!

O sol era pouco mais do que um filete quase invisível no horizonte entre o Forte Estrela e o Bastião Interno quando o último Não Cavalo se afastou com um relincho de despedida. Artur e Fred jogaram as escovas e trapos de limpeza na balsa e começaram a empurrá-la para o lago.

— Ponham seus traseiros nela! — Jarrow pediu e observou o pôr do sol mais uma vez.

Mas a balsa, apesar de estar dois terços na água com os barris na extremidade oposta flutuando, ficou atolada na lama.

Artur e Fred se abaixaram mais e empurraram com vontade, desta vez Jarrow se juntou a eles. A balsa deslizou alguns centímetros, mas parou novamente.

— Que barulho foi esse? — Artur perguntou sem fôlego, entre um empurrão e outro.

Ele ouviu um assobio agudo como uma broca de dentista.

— Ladrilho se movendo! — Jarrow gritou. — Dentro da água, depressa!

Ele agarrou Artur e Fred e os arrastou para longe da balsa e para dentro do lago. Alguns passos a mais e a água chegou à altura do peito das crianças do Tocador de Gaita, porém Jarrow continuava a arrastá-las. Os dois estavam com as cabeças para trás e tentavam respirar ofegantes, os pés lutando para tocar o chão enquanto suas pesadas malhas e equipamento ameaçavam puxá-los para baixo da água.





Capítulo 21

No exato momento em que Artur e Fred pensaram que iam afundar, o que não era melhor do que a perspectiva de morrer por desmembramento quando o ladrilho mudasse, o apito agudo parou. Jarrow também parou e se virou, mas não foi para a margem de imediato.

— Socorro! — Artur gorgolejou.

— Não alcanço o fundo! — Fred exclamou sem fôlego.

Jarrow não fez nada além de olhar para a margem. Então arrastou os meninos lentamente para fora e os deixou cair perto da balsa. Após um minuto desesperado tossindo e engasgando, os dois se recuperaram o suficiente para notar que a balsa estava intacta e o vilarejo ainda se encontrava lá.

Jarrow ficou parado perto deles, folheando as Efemérides e segurando as páginas perto do rosto para poder ler na penumbra.

— O ladrilho não se moveu — Artur constatou.

— Não — Jarrow concordou, balançando a cabeça. — Mas deveria ter mudado. Isso é muito grave. Apenas a estratégia tectônica evitou os Novos Nadicas de enviar uma força arrasadora contra nós numa batalha decisiva... É melhor irmos para a Cidadela imediatamente!

Ele se atirou contra a balsa com fervor renovado, debilmente ajudado por Artur e Fred. Desta vez, a embarcação improvisada deslizou para dentro do lago e flutuou quase tão bem quanto um barco de verdade. Ou, pelo menos, um barco que estava permanentemente adernado a 15 graus a estibordo.

Embora a distância até o outro lado do lago fosse inferior a dois quilômetros, Artur e Fred ficaram muito cansados antes de percorrer a metade do caminho. Jarrow obrigou os dois a um ritmo penoso nos remos e não os deixou descansar.

— Senhor, se pudéssemos parar por alguns minutos... — Artur começou a perguntar.

— Remem! — Jarrow gritou. — Vocês são soldados da Arquiteta. Remem!

Artur remou. Seus braços e ombros doíam tanto que ele teve que morder o lábio para não choramingar, mas continuou a remar. Fred também remava sem parar, mas Artur não notou. Seu mundo tinha se tornado pequeno e continha apenas a dor, o remo e a água que tinha que cortar e empurrar.

A Lua começou sua trêmula subida ao se aproximarem de um dos bastiões externos que se estendiam para o lago, com pequenas ondas batendo na parede de pedra voltada para o banco de terra. O luar atingiu os capacetes e malhas dos três e chamou a atenção das sentinelas.

— Quem vem aí? — veio o grito sobre a água, acompanhado pelo clarão de um estopim quando alguém se preparou para disparar um mosquete ou pequeno canhão.

— Tenente Jarrow da Horda e dois soldados! — Jarrow gritou. — Solicitando permissão para desembarcar no ancoradouro.

— Parem de remar e aguardem nossas ordens!

Jarrow parou de remar. Artur quase não conseguiu parar, por causa dos músculos acostumados ao movimento repetitivo. Quando ele tirou o remo da água e o pousou na balsa, precisou de vários segundos para relaxar as mãos.

— Avancem para o portão de água!

— Comecem a remar! — Jarrow ordenou.

Artur e Fred pegaram os remos mecanicamente e os mergulharam na água. Por ter parado, foi muito difícil fazer a balsa se movimentar outra vez. Felizmente, a distância até o portão de grades de ferro antigo era pequena, uns trinta metros da parede do bastião junto do lago.

Essa grade levadiça foi erguida apenas o suficiente para permitir a entrada da balsa e seus passageiros numa câmara inundada dentro do bastião. A grade desceu com um ruído forte e espalhando água, assim que eles passaram.

Tinha espaço apenas para levar a balsa a um ponto entre dois pequenos botes que estavam amarrados em um pequeno ancoradouro ou cais de madeira.

Havia um grupo de recepção reunido no cais: um tenente, um cabo e duas dúzias de Habitantes vestindo o uniforme escarlate do regimento, com baionetas afixadas aos seus mosquetes de pó-de-nada. Jarrow subiu e, depois da troca de continências e apresentação de armas, falou rapidamente com o outro tenente. Exaustos, Artur e Fred juntaram todo o equipamento e os arreios dos Não Cavalos.

— Ouro! Verde! Deixem isso! — Jarroo instruiu. — Temos que nos apresentar ao quartel do marechal Meio-Dia. Vocês são as últimas crianças do Tocador de Gaita a chegar.

Artur e Fred se entreolharam e alegremente largaram as selas, as mochilas e os demais equipamentos. Depois, ajudaram um ao outro a subir para o ancoradouro, lembrando-se de fazer continência para o outro tenente.

— É melhor que eles vistam as roupas do Regimento antes de se apresentarem ao marechal — recomendou o outro oficial. — A menos que eles sejam soldados permanentes.

— Ainda não — Jarroo informou e deu um tapa nas costas doloridas de Artur e Fred. A dor repentina quase os fez cair. — Mas eles estão preparados. Vamos embora. Soldados, A-ten-ção! Esquerda volver, em marcha!

Era evidente que Jarroo conhecia bem a Cidadela. Depois do portão de água, ele os conduziu por uma rampa e para fora no topo do bastião. Eles marcharam ao longo de sua extensão, passando sentinelas e canhões. Em seguida, passaram por uma casa de guarda, onde houve certa formalidade entre Jarroo e o oficial responsável, e continuaram descendo por outra rampa, percorrendo um caminho coberto, rodeado de pequenos canhões sobre rodas. Subiram por outra casa de guarda, desceram uma escada em espiral, marcharam por um espaço vazio entre a terceira e a segunda linha de defesa, entraram em outro bastião e, por fim, viram-se em um depósito do Quartel-Mestre tão parecido com o do Forte da Transformação que os dois garotos do Tocador de Gaita se perguntaram cansados se tinham mesmo partido.

No espaço de quinze minutos, suas malhas e seus capacetes da Horda foram tirados e substituídos pelas túnicas escarlates e calças pretas muito mais confortáveis e chapéus arredondados do Regimento. Receberam os conhecidos cintos brancos com cartucheira, presilha de baioneta, baioneta, mas nenhum mosquete.

— Só temos pólvora para atiradores de primeira classe — explicou o sargento do Quartel-Mestre, um Habitante grisalho que tinha sido atingido no rosto com uma bala envolta em Nada, de modo que o ferimento não cicatrizava totalmente. Enquanto falava, o ar era sugado pelos orifícios, dificultando a compreensão do que dizia.

Jarroo não se trocou, provavelmente por ser um oficial permanente da Horda, mas dedicou algum tempo para fazer uma limpeza rápida na armadura e nas botas, e ganhou a aprovação do sargento do Quartel-Mestre por ter feito

isso sozinho. Em seguida, esperou pacientemente enquanto Artur e Fred se arrumavam. Quando eles começaram a examinar suas baionetas, ordenou que ficassem em posição de sentido e marchou com eles para fora.

Desta vez, eles deixaram os bastiões externos para trás, cruzaram a área vazia até a segunda linha e percorreram um caminho em ziguezague ao longo de várias rampas, por diversas casas de guarda e subiram quatro lances de escada. No extremo da segunda linha de defesa, atravessaram uma extensão de terra deserta ainda mais ampla e uma maior complexidade de rampas, escadas, casas de guarda antes de sair para o bastião na terceira linha e chegar ao fundo de uma escada estreita que subia serpenteando pelo lado da colina de pedra branca.

— Para onde estamos indo, senhor? — Fred perguntou.

— O escritório do marechal Meio-Dia fica no Forte Estrela — Jarrow contou. — Subam essas escadas, agora!

A colina não era tão alta quanto Artur tinha imaginado enquanto estava no lago, talvez não mais do que 90 metros. Ele se sentia tão melhor depois que tinha se livrado do peso da cota de malha, do capacete e da espada lança-raios que era quase um prazer subir os degraus, embora soubesse que mais tarde ficaria dolorido. O tempo passado no Exército da Arquiteta o tinha ajudado a descobrir vários músculos que nem sabia que existiam. Infelizmente, essa descoberta era quase sempre dolorosa.

Os bastiões do Forte Estrela eram versões menores do que havia nas linhas de defesa inferiores. No alto das escadas, Jarrow gritou e não prosseguiu até receber resposta da sentinela. Depois, bem iluminados pela luz esverdeada da Lua, eles marcharam pela terra árida, atravessaram uma vala sobre uma prancha e entraram por uma porta falsa na frente do bastião.

— Será que você consegue encontrar a saída deste lugar? — Fred perguntou um pouco depois, enquanto esperavam Jarrow terminar de falar com outro tenente em outra sala de guarda.

Essa sala, porém, era mais agradável do que as outras embaixo, pois tinha paredes revestidas de madeira, e não apenas pedras, além de um tapete azul e vermelho no chão.

— Não — Artur respondeu.

Esse pensamento também tinha lhe ocorrido, provavelmente porque era bem possível que ele, ao contrário de Fred, precisasse realmente sair dali.

— Vocês vão até a sala de recepção do marechal Meio-Dia — Jarrow anunciou, virando-se para eles. — Aparentemente, já têm várias crianças do Tocador de Gaita esperando, e o marechal vai falar com vocês em breve. Lembrem-se de ficar em posição de sentido o tempo todo, a menos que recebam ordem em contrário, e de falar apenas se lhes dirigirem a palavra. Está claro?

— Sim, senhor! — gritaram Fred e Artur.

Jarrow estremeceu.

— Vocês não precisam gritar assim aqui. Guardem essa força para a praça de armas. Você foi bem, Verde, e você também, Ouro. Boa sorte no futuro. Espero que sirvamos juntos novamente.

O oficial trocou um aperto de mão com os dois e se foi. Artur e Fred e se viraram nervosos para a outra porta. Um cabo sorriu para eles e a abriu, fazendo um gesto para que entrassem.

Artur foi dominado por uma dor ansiosa e flutuante no estômago. Não parecia que aquilo ia ser um prelúdio para que o Furioso Quinta-Feira revelasse sua identidade e fizesse algo horrível contra ele. Mas estava nervoso pelo desconhecido que o esperava, tanto pelo soldado que era quanto por ser o Legítimo Herdeiro.

Os dois garotos entraram marchando com o passo coordenado. O aposento era grande, mas não tão suntuoso quanto a sala da mesa-redonda na Sala de Estar de Segunda-Feira. A sala onde estavam era muito mais espartana. Ela tinha um chão de tábuas lustradas, uma mesa de pernas finas em um canto, uma divisória preta laqueada com mapas alfinetados na superfície, várias armas fixadas nas paredes e a cabeça decorativa de um monstro, possivelmente um peixe, pois parecia ter pertencido a uma piranha de 9 metros de comprimento. Havia também vinte crianças do Tocador de Gaita em duas fileiras de dez, paradas à vontade. A maioria usava o uniforme escarlate do Regimento, mas havia quatro Legionários usando armadura, três Artilheiros com casacos cinzentos e dois Guardas da Fronteira de verde. Todos viraram a cabeça para olhar quando Fred e Artur entraram no aposento e marcharam para se colocar à esquerda da fileira.

— Espere só — Artur sussurrou ao se aproximarem. — Fred e Raio, alto! Esquerda, volver!

Eles executaram os movimentos com perfeição. As outras crianças do Tocador de Gaita olharam para a frente outra vez. Todas, exceto uma Guarda

da Fronteira, que deu um passo para trás da fileira e andou de lado ao longo dela. Ela se aproximou e ficou em posição de sentido perto de Artur.

— Psiu! Artur!

Artur espiou para a esquerda. A Guarda da Fronteira, nada menos que um cabo, era Suzy!

Surpreso, Artur virou a cabeça levemente antes de ficar na posição correta outra vez. Mesmo assim, seus olhos quase saíram das órbitas pelo esforço de espiar a amiga. Ele estava incrivelmente aliviado com o aparecimento dela e, ao mesmo tempo, muito ansioso. As chegadas de Suzy normalmente indicavam confusões e dificuldades sérias em poucos minutos.

— Suzy! Eles acabaram deixando que você se alistasse? — ele sussurrou pelo canto da boca. — E você já foi promovida a cabo?

— Não exatamente — Suzy contou. — É um pouco complicado, mas basicamente cheguei aqui e eles tiveram alguns problemas tentando decidir o que fazer comigo. Durante algumas horas, eles queriam me fuzilar como espiã. Mas acontece que eu já *estive* no Exército. Cumpri meu tempo há 400 anos e estou na reserva desde então! Não que eu me lembre, embora um ou outro detalhe esteja voltando agora. Eu disse para eles que tinha sofrido lavagem cerebral e estava um pouco confusa. Foi então que chegou a ordem para que todas as crianças do Tocador de Gaita se apresentassem, sem exceções. O major encarregado disse “bons ventos a levem” e me mandou com os demais. O importante, Artur, é que consegui...

— A-ten-ção!

Uma sargenta-mor do Regimento impecável, com as mangas escarlate adornadas com festões de louros e espadas cruzadas, tinha entrado no aposento. Ereta como uma vara, ela marchou até as crianças do Tocador de Gaita, as botas estalando com perfeição no chão, uma bengala de ébano de ponta de prata debaixo do braço.

— Feche esse espaço, soldado! — ela disparou, apontando para a abertura que Suzy tinha deixado.

Ela parou em frente às duas fileiras, fez meia-volta e bateu continência para o Habitante que tinha acabado de entrar atrás dela.

Ele era consideravelmente menos pomposo do que a companheira e usava o que parecia exatamente o mesmo tipo de uniforme de soldado do Regimento de Artur, mas com duas dragonas adornadas com um círculo de seis minúsculas espadas douradas. Artur estranhou esse detalhe, visto que

o *Companheiro do Recruta* dizia que um marechal só deveria ter cinco. A única alteração em relação ao uniforme de soldado era que, em vez de um chapéu arredondado, ele usava uma espécie de boina preta que tinha um emblema de uma espada dourada. O emblema parecia grande demais para a boina e representava uma mão muito antiga e uma meia espada com uma serpente enrolada no cabo.

O Habitante tinha olhos pequenos e profundos e não era especialmente bonito para um Habitante superior. Também não era muito alto, tinha apenas cerca de 1,80 metro e seus ombros pareciam não ter a metade da largura dos do sargento Helve. Considerando-se todos os detalhes, ele não era fisicamente intimidante. Mas havia algo em seus olhos escuros, na boca fina e no queixo erguido que fez Artur temê-lo imediatamente.

— Faça-os ficar à vontade — o Habitante ordenou à SMR.

— Descansar! — ela disse em um volume muitas vezes mais alto que o do Habitante.

As crianças do Tocador de Gaita ficaram à vontade ao mesmo tempo. Até Suzy acertou o movimento.

— Sou o Furioso Quinta-Feira — informou o Habitante. Um leve estremecimento passou pelas fileiras quando ele disse isso, e nada mais.

Artur olhou fixamente para a frente, sem ousar mover sequer um olho. E, embora seu corpo estivesse imóvel, sua mente estava acelerada, tentando descobrir o que poderia acontecer e o que poderia fazer.

— Vou explicar a vocês um plano meu — o Furioso Quinta-Feira continuou. — Depois, vou querer voluntários.

Ele andou de um lado para outro enquanto falava, de repente parou e olhou pela janela do outro lado do aposento.

— O marechal Meio-Dia ia explicar o plano, mas ele sofreu uma indisposição. Talvez ele se reúna a nós mais tarde. Sargenta-mor! O quadro de mapas.

A SMR marchou para o outro lado da sala e apanhou a tela negra, carregando-a e colocando-a em frente às crianças do Tocador de Gaita. Depois, marchou em volta e parou perto de Suzy para também assistir à apresentação.

O Furioso Quinta-Feira se aproximou de Artur e pegou a baioneta da presilha no cinto do garoto. Artur não se moveu nem o olhou, mesmo quando escutou a lâmina de 30 centímetros deslizar livremente.

“Ele não vai me ferir na frente de todos”, pensou desesperado. “A Primeira Dama disse que ele iria obedecer aos próprios regulamentos. Ele não vai me ferir...”

— Vou levar isto emprestado por um momento, soldado — o Furioso Quinta-Feira disse. — Para usá-la como ponteiro.

Ele se virou para o quadro de mapas e brandiu a baioneta com um floreio. Uma linha amarela e brilhante apareceu no lugar indicado e logo depois outra. Rapidamente, o Furioso Quinta-Feira desenhou um quadrado.

— Este é o Grande Labirinto — ele começou. — Esta é a Cidadela — ele disse, acrescentando um X no canto inferior direito.

Em seguida, desenhou um pequeno círculo bem no meio do quadrado.

— E este é o centro absoluto do labirinto, um ponto chamado 500/500. Quem pode me dizer qual é a única forma de fazer com que uma força de ataque vá da Cidadela até o ponto 500/500 antes da meia-noite de hoje, considerando-se que os ladrilhos pararam de se mover? Ele fica a 480 quilômetros de distância e, talvez, haja 250 mil Novos Nadicas no caminho.

Ele se virou para encará-los.

— Alguém? Que tal você, soldado? Verde, não é isso?

— Sim, senhor — Artur gemeu. Ele não tinha certeza se devia bancar o bobo ou dar uma resposta sincera, porque tinha pensado imediatamente em uma forma de chegar lá. — Acho... que a única forma seria pela Escada Improvável.

— E que conclusão natural se tira disso?

— Que muito poucos... ahn... Habitantes sabem da existência da Escada Improvável e menos ainda podem viajar por ela — retrucou Artur. O rumo dessa conversa despertou nele uma sensação desagradável. — Não sei quantos soldados alguém capaz de usar a Escada Improvável pode levar.

— Muito bom — respondeu o Furioso Quinta-Feira. — Assim sendo, você está promovido a segundo-tenente Verde. No Regimento, a menos que tenha preferência pela Horda.

— Não, senhor — Artur disse.

“O que ele pretende?”, Artur se perguntou. “Ele está preparando uma armadilha para mim.”

— A pergunta óbvia é: por que uma força precisa ser enviada da Cidadela para o ponto 500/500? — o Furioso Quinta-Feira continuou e começou a

bater no mapa com a baioneta. — A resposta é simples. Porque, como basicamente devo obedecer aos meus superiores políticos na Casa, na campanha deste ano fui obrigado a mudar meus planos e permitir que um grande número de Nadicas entrasse no Grande Labirinto. Nadicas que, não sei por quê, são Novos Nadicas, praticamente Habitantes. Eles são treinados, disciplinados e bem equipados, além de serem conduzidos por alguém poderoso e muito inteligente, alguém provavelmente ajudado por traidores do meu próprio pessoal, alguém que descobriu um dos segredos do Grande Labirinto e, com muita ajuda desleal, conseguiu colocar um grande espigão de Nada estabilizado direto na principal posição no ponto 500/500!

O Furioso Quinta-Feira investiu contra o mapa com a baioneta ao dizer essas últimas palavras, rasgando e furando a madeira com inacreditável ferocidade. Depois de reduzi-lo a pedaços, espetou os restos com a baioneta, onde deixou a arma oscilando.

Ele respirou fundo antes de se virar para encarar os ouvintes.

— Como podem perceber, acho isso aborrecido. Com uso de feitiçaria, esse espigão congelou um ladrilho no ponto 500/500. Essa é a principal posição do labirinto e, se não puder se mover, nenhum outro ladrilho o fará. Consequentemente, vou liderar uma força pela Escada Improvável até o ponto 500/500. Como a grande maioria de Habitantes é simplesmente rejeitada pela Escada, preciso levar crianças do Tocador de Gaita que são sempre aceitas, portanto estou procurando doze voluntários. Vamos usar a Escada, destruir o espigão e voltar pela Escada. Sargenta-mor!

A SMR marchou para frente, respirou fundo e gritou:

— Todos os que desejarem se apresentar como voluntários para um ataque especial pela Escada Improvável deem um passo à frente!





Capítulo 22

Artur era um produto recente demais na escola de recrutas. Mesmo enquanto sua mente tentava lhe dizer para pensar a respeito, suas pernas reagiram às palavras de comando como se tivessem levado um choque elétrico. Ele deu um passo à frente. Fred fez o mesmo e, após uma leve hesitação, Suzy também. Espiando ao redor com o canto do olho, Artur viu que pelo menos outros dez também tinham dado um passo à frente. Mas isso significava que metade das crianças do Tocador de Gaita não tinha se apresentado como voluntária.

— Dispense o resto — o Furioso Quinta-Feira ordenou. — Tire-os de minha vista! Se algum deles ocupar algum posto, rebaixe-o! E encontre algumas insígnias para o senhor Verde.

Enquanto a SMR gritava ordens para os não voluntários, o Curador andou até a janela estreita e olhou para fora. Artur não conseguiu ver o que ele via, mas, como a janela estava voltada para o ocidente e eles se encontravam no alto, era provável que fosse um grupo enorme de Novos Nadicas se preparando para outro ataque aos bastiões externos.

Possivelmente Artur veria vários Novos Nadicas em breve. Mas ele estava menos preocupado com isso do que com o Furioso Quinta-Feira. Qualquer um capaz da raiva frenética que ele tinha acabado de mostrar depois de simplesmente falar sobre uma coisa que o deixava zangado era uma companhia perigosa. Mesmo se você não fosse o Legítimo Herdeiro com intenção de derrubá-lo de sua posição e tomar sua Chave.

“De qualquer jeito, não há sinal da Chave”, Artur pensou. “Ou, por falar nisso, do Testamento. Eu diria que é provável que a Chave seja uma arma. O Testamento pode estar em qualquer lugar, talvez nem esteja nesta parte da Casa”.

— As insígnias do senhor Verde, senhor — disse a SMR, interrompendo a série de pensamentos de Artur. A Sargenta-mor entregou uma pequena caixa de veludo ao Furioso Quinta-Feira.

— Quatro passos à frente, por favor, segundo-tenente Verde — disse o Furioso Quinta-Feira. Artur marchou para a frente e parou. O Furioso Quinta-

Feira se aproximou, abriu a caixa e pegou duas insígnias de ouro em forma de diamante. Ele as apertou nas dragonas nos ombros do garoto que instantaneamente ficaram pretas e criaram botões dourados, com as “estrelas” prendendo-se perto dos ombros.

— Meus cumprimentos — disse o Furioso Quinta-Feira. — Você será meu segundo em comando neste ataque ao espigão. Agora, fique à esquerda e dois passos atrás de mim. Você não pode voltar para a fila agora.

Artur fez uma volta e ficou em posição de sentido atrás do Furioso Quinta-Feira. Suzy lentamente baixou uma pálpebra no que pode ter sido uma piscadela. Fred olhava fixamente para um ponto acima da cabeça de Artur e as outras crianças do Tocador de Gaita olharam diretamente para ele, mas aparentemente sem enxergá-lo.

Agora que podia ver os colegas, Artur percebeu que vários eram cabos e que havia até dois sargentos. Eles não ficariam satisfeitos em descobrir que ele era somente um recruta com treinamento inacabado e com uma batalha nas costas depois de apenas seis semanas de treinamento.

— Meu plano é simples — o Furioso Quinta-Feira declarou. — Vamos sair o mais perto possível do espigão. Vou precisar de vários minutos para destruí-lo e não posso ser interrompido nesse tempo. Vocês vão bloquear qualquer inimigo que possa interferir. Quando o espigão for destruído, vamos voltar para a Cidadela pela Escada Improvável. Considerando que chegaremos totalmente de surpresa, temos muito boas chances de sucesso. Alguma pergunta?

Um dos sargentos, um garoto de expressão séria com cabelos cor de linho e o que parecia ser um bigode amarelo pintado, ficou rapidamente em posição de sentido e ergueu a mão.

— Podemos escolher as armas que iremos usar, senhor?

— A casa central de armas está à sua disposição — o Furioso Quinta-Feira ofereceu. — Inclusive armas com pó-de-nada. Embora eu deva pedir que não se sobrecarreguem. Não posso levar uma dúzia de soldados e um canhão pela Escada Improvável.

Ele sorriu para mostrar que tinha feito uma brincadeira e houve uma onda de risos obedientes. Artur também sorriu, um pouco tarde, mas o sorriso desapareceu de seu rosto quando Suzy ficou em posição de sentido e levantou a mão.

“Não, Suzy”, Artur pensou. “Não pergunte nada que possa deixá-lo zangado!”

— Senhor, esse espigão. Ele é feito de Nada? Muito Nada?

— Sim — disse o Furioso Quinta-Feira. — Acho que já disse isso.

“Não diga mais nada!”, Artur pensou. Como estava atrás do Furioso Quinta-Feira, fez um gesto rápido com a mão sobre a boca, mas logo disfarçou e coçou o nariz quando viu os olhos da SMR disparar em sua direção.

Prudente e possivelmente pela primeira vez desde que Artur a tinha conhecido, Suzy se calou.

— Mais perguntas? — o Furioso Quinta-Feira quis saber. Havia apenas uma leve ameaça reprimida em sua voz. Ele não queria mais perguntas. Ele queria obediência instantânea e sem questionamentos.

Artur estremeceu. Ele não queria ser o mensageiro de más notícias para o Furioso Quinta-Feira. Ou qualquer notícia, para falar a verdade, pois seria impossível saber como o Curador iria reagir.

Não houve mais perguntas.

— Sargenta-mor McLameth, continue! — disparou o Furioso Quinta-Feira. — Segundo-Tenente Verde, siga-me!

Artur olhou para Suzy. Ela revirou os olhos várias vezes, mas ele não tinha ideia do que isso significava. Fred, por outro lado, deu-lhe um sorriso quando a SMR não estava olhando, o sorriso de alguém que está feliz com o sucesso de um amigo.

“Espero que Fred não seja morto”, Artur pensou enquanto marchava atrás do Furioso Quinta-Feira. “Ele não sabe realmente no que está se metendo com seu sonho de chegar a general. Naquela única batalha, estivemos protegidos do pior e mesmo assim foi horrível...”

— O estúdio do marechal Meio-Dia — disse o Furioso Quinta-Feira, abrindo a porta para um aposento menor.

O estúdio de Meio-Dia era surpreendentemente pequeno, apenas 9 metros de comprimento por 15 metros de largura. Para Artur, parecia mais uma casa de armas do que um estúdio, já que todas as paredes eram cobertas por armas intercaladas com quadros e desenhos de cenas marciais, batalhas e conflitos com Nadicas. Todos mostravam o mesmo Habitante ruivo e afável, que Artur imaginou ser Meio-Dia de Quinta-Feira.

Havia uma grande escrivaninha de mogno sustentada por três pedestais no meio da sala. O tampo da mesa estava vazio, salvo por um bastão de marechal com incrustações de ouro e marfim no centro.

— Há algumas questões sobre as quais precisamos conversar, segundo-tenente Verde — o Furioso Quinta-Feira começou. — Ou, talvez, eu devesse dizer segundo-tenente Penhaligon?

— Este é o meu verdadeiro nome, Senhor — Artur admitiu.

Ele estava em posição de sentido, mas seus olhos dispararam para as paredes. Se o Furioso Quinta-Feira o atacasse, ele saltaria na direção delas, tiraria a espada-selvagem do suporte...

— Não planejei convocá-lo — contou o Furioso Quinta-Feira. — Na verdade, eu não sabia disso até o oficial de Recrutamento apresentar o relatório através da cadeia de comando. Ele deveria ter vindo direto até mim, é claro. Ele agora é o soldado Crosshaw.

“Depois do episódio da quebra dos móveis, posso entender por que ele não o procurou diretamente. Aposto que ninguém o faria se pudesse evitar.”

— Assim que você foi convocado e se tornou um dos meus soldados, minhas ações contra você ficaram limitadas — o Furioso Quinta-Feira continuou. Ele começou a andar em volta da sala, mas sem deixar de olhar para Artur. — Mas então me ocorreu que as suas medidas para liberar o Testamento e reivindicar a Quarta Chave estavam igualmente limitadas. Olhe, Artur, estamos numa posição curiosa.

Após uma breve pausa, ele prosseguiu.

— Eu sou um soldado. Apesar de comandar o Glorioso Exército da Casa, não sou o comandante supremo. Esse era o posto da Arquiteta e, quando ela desapareceu, fiquei convencido de que Lorde Domingo tinha a devida autoridade para assumir esse papel, com Sábado Superior como seu substituto. Sábado transmitiu as ordens de Domingo para que eu ficasse com a parte do Testamento, escondendo-a e assumindo a guarda da Chave. Como sempre, cumpri essas ordens. Até que ouça o contrário de Lorde Domingo ou de seu substituto, vou continuar a cumpri-las.

Ele parou e pegou um machado mecânico da parede. Artur ficou tenso, pronto para apanhar uma arma para se defender, mas o Furioso Quinta-Feira não fez menção de atacar. Ele começou a curvar o cabo da arma para a frente e para trás, apesar de ser feita de aço condensado pela gravidade. O mecanismo do machado guinchou em protesto quando as rodas dentadas e as

engrenagens foram dobradas e o volante no fim do cabo queimou até parar, espalhando fumaça ao redor dos braços do Furioso Quinta-Feira.

— Cumpri essas ordens durante os últimos dez mil anos — o Furioso Quinta-Feira prosseguiu, falando entre os dentes cerrados. — Mesmo quando o Testamento tenta escapar constantemente e está sempre se queixando e tramando eu nunca posso... descansar!

O machado se quebrou e as molas ricochetearam pelo quarto. Artur se agachou instintivamente, mas imediatamente voltou à posição de sentido.

— Nunca posso descansar, pois se o fizer o Testamento poderá escapar — o Furioso Quinta-Feira continuou. — Isso me deixa um pouco irritado. Mas tenho minhas ordens. Então você vê, tenente, não vou liberar o Testamento e não vou lhe dar a Chave até que receba ordens diretas para fazê-lo. O que, embora eu não me comunique com frequência com a Casa Superior, parece muito improvável.

O Furioso Quinta-Feira esfregou as mãos para retirar os últimos restos de metal em pó e foi até Artur com passos pesados e se inclinou para ele.

— Talvez você tenha planos, Artur, de tentar libertar o Testamento. Mas aqui você não é Artur Penhaligon, Mestre da Casa Inferior, das Regiões Afastadas e do Mar Fronteiriço. Você é um oficial comissionado no meu exército e estou lhe ordenando que não faça nada para libertar o Testamento. Você compreendeu?

— Sim, senhor — Artur respondeu.

— Desobedecer às ordens no serviço ativo é considerado insubordinação — o Furioso Quinta-Feira ameaçou. — E para isso a penalidade é a morte. Compreendeu isso?

— Sim, senhor!

— A questão está resolvida, pelo menos enquanto estiver de serviço — a boca do Furioso Quinta-Feira se curvou em um dos lados, no que ele provavelmente considerava ser um sorriso. — Muita coisa pode acontecer em noventa e nove anos, senhor... Verde.

— Sim, senhor! — Artur respondeu pensando: “Mais provavelmente nas próximas vinte e quatro horas. Você vai conseguir que me matem nessa missão suicida.”

— É melhor se reunir à unidade de ataque e se preparar — sugeriu o Furioso Quinta-Feira. — Vamos entrar na Escada Improvável em dezoito minutos. Dispensado!

Artur bateu continência e fez meia-volta. Mas, quando se virou nos calcanhares, ouviu uma voz distante falando diretamente em sua mente. Era muito leve, mas clara, e ele reconheceu o tom. Todas as Partes do Testamento tinham uma espécie de franqueza obsessiva mesmo em conversas mentais.

“Artur, estou aqui, preso à Chave. Posso me libertar se a atenção e o poder do Furioso Quinta-Feira forem suficientemente desviados.”

Artur não deu sinal de que tinha sido contatado. Ele continuou a marchar, a mente controlando muitos planos, temores e ideias como um malabarista, constantemente derrubando, apanhando e jogando-os para cima.

Para ouvir o que foi dito e falar com a mente de Artur, o Testamento deveria estar no aposento com o Furioso Quinta-Feira. Ele disse que estava preso à chave, portanto ela também deveria estar lá. Mas o Furioso Quinta-Feira não levava armas visíveis. Ele usava um uniforme de soldado, sem uma cartucheira ou presilha de baioneta para guardar algum objeto.

“Mas havia aquela insígnia”, Artur pensou. “Aquela insígnia estranhamente grande em seu boné. Uma espada com uma cobra enrolada em volta do cabo...”





Capítulo 23

Artur encontrou um sargento à espera dele. Foi estranho ser recebido com uma continência em vez de ouvir gritos, mas foi uma estranheza um tanto agradável. Artur achou que logo se acostumaria a ser um oficial. O sargento desceu com ele uma escada em espiral até um depósito de armas amplo e ressonante que ocupava uma caverna esculpida na rocha debaixo do Forte Estrela. Havia estantes e mais estantes de armas e armaduras em oito fileiras que se estendiam por pelo menos cem metros. As onze crianças do Tocador de Gaita conversavam ruidosamente, reunindo seu equipamento, vigiadas com resignada desconfiança por três Sargentos Armeiros Habitantes. Um deles, ao ver Artur e suas novas insígnias de segundo-tenente, gritou:

— Sentido!

As crianças do Tocador de Gaita ficaram em posição de sentido, mas não muito depressa, tampouco com perfeição. Um deles estava mesmo prestes a relaxar, mas Artur o ignorou.

— Descansar — ele pediu. — Continuem o que estavam fazendo. Cabo Azul.

Suzy apareceu de trás de uma estante de mosquetes. Ela tinha uma espada-selvagem presa em um largo cinto de couro. Na cartucheira a tiracolo, levava quatro pequenas pistolas de pó-de-nada em seus coldres.

Com um gesto, Artur pediu a ela que fosse para trás de outra estante e logo se juntou a ela, num lugar onde estavam protegidos dos outros por uma linha de escudos de 2 metros de altura conhecidos como paveses.

— Artur, estamos com o bolso! — Suzy sussurrou, batendo na túnica.

— O bolso? O bolso da minha camisa? — Artur indagou perplexo. Ele ia falar sobre o Furioso Quinta-Feira. — Você está falando do que foi usado para criar o Garoto sem Pele?

— Ora, não estou falando de um bolso qualquer — Suzy replicou. — Você o quer agora? Acho que você pode enfiá-lo naquele espigão, se ele for feito de Nada.

— Sim — Artur respondeu depressa, estendendo a mão. — Mas como você o conseguiu? Folha... minha família está bem?

— Não sei.

Suzy remexeu dentro da túnica e tirou uma caixa de plástico transparente com o pedaço de tecido.

— Folha pegou o bolso, mas não conseguiu voltar para a Casa. Então, ela ligou da sua casa e eu passei correndo pelos Sete Relógios, mas, quando cheguei lá, aquele fungo cerebral já tinha tomado conta dela. Não tive tempo para ficar por lá e voei para a Porta da Frente. Só que fui parada pelo Anotecer Superior de Sábado que teria arrancado minhas entranhas se o Tenente Guardião, abençoado seja seu cabelo branco, não tivesse aparecido e...

— Você vai ter que deixar o resto da história para depois — Artur interrompeu. Ele estava desesperado para saber de todos os detalhes, mas tinha que se concentrar nos problemas mais urgentes. — Só temos alguns minutos. O Furioso Quinta-Feira sabe quem eu sou. Ele mandou que eu não libertasse o Testamento, que eu acho que está na insígnia da boina que ele usa. A cobra. E a Chave é a espada.

— Que criatura estranha — Suzy retrucou, coçando a cabeça. — Pensei que ele fosse do tipo que simplesmente corta a cabeça das pessoas.

— Ele cumpre ordens e regulamentos — Artur disse. — Mas acho que, se eu mostrar qualquer insubordinação, ele *vai* me matar. Além do mais, acho que ele está planejando me matar de qualquer jeito durante esse ataque ao espigão.

— Ele é bem capaz — Suzy concordou, o que não era muito encorajador. — O que você vai fazer?

Artur olhou em volta para ver se alguém poderia ouvi-los.

— O Testamento falou comigo, em minha cabeça. Ele disse que pode se libertar se o Furioso Quinta-Feira for suficientemente distraído. Depois de livre, acho que ele pode me ajudar a conseguir a Chave. Só que... tenho que confessar, mesmo que eu pegue a Chave e o Testamento ajudar, estou um pouco... nervoso... por enfrentar o Furioso Quinta-Feira.

— Sei o que você quer dizer — Suzy consolou.

— Além disso, desde que recebi a ordem de não tentar libertar o Testamento, não posso nem tentar distrair o Furioso Quinta-Feira.

— Por que não? — Suzy perguntou. — Simplesmente desobedeça às ordens. Eu faço isso o tempo todo com a Velha Primeirona.

— Acho que não posso — Artur explicou. — Sinto uma espécie de pressão na cabeça quando penso em desobedecer a ordens e acho difícil até imaginar ir contra uma ordem direta do Furioso Quinta-Feira. Acho que é por causa da escola de Recrutas e ficou ainda pior depois que fui comissionado. Acho que foi por isso que ele me promoveu a oficial.

— Eu posso distraí-lo — Suzy ofereceu. Ela tinha um olhar pensativo. — Acho que tenho tanta prática em desobedecer a ordens que posso dar um jeito.

— Não é assim tão simples — Artur disse apressado. — Temos que esperar o Furioso Quinta-Feira destruir o espigão de Nada. Se ele não for destruído, não vamos ter nenhuma chance contra os Novos Nadicas... se bem que agora que estou pensando nisso...

— O quê? — Suzy pegou uma lança de força da estante e fez que ia atirá-la para testar seu peso. Artur se agachou enquanto ela girava a arma a sua volta, mas continuou a falar.

— Fico imaginando se alguém tentou falar com os Novos Nadicas e seus comandantes — Artur disse. — Sei que eles são o inimigo, mas não são como os Nadicas habituais, que só querem matar e destruir. Quem sabe o que esses realmente querem? Talvez eu possa negociar com eles.

— Negociar com Nadicas? — Suzy se espantou. — Não se pode negociar com Nadicas...

— Cinco minutos! — avisou o sargento que tinha conduzido Artur ao depósito de armas. — Cinco minutos!

— Cinco minutos! — Artur repetiu. — É melhor eu me preparar.

Ele correu para uma prateleira de armaduras da Legião e, depois de um momento de hesitação, apanhou uma couraça de Centurião cor de bronze de um legionário comum. Vestiu-a e enfiou a caixa de plástico com o bolso enfeitado na bainha debaixo da cava, feita para esconder uma adaga de emergência.

— Você pode pegar uma espada-selvagem para mim, Suzy? Uma de tamanho médio.

— Sim, senhor — Suzy respondeu, batendo continência.

— Você não precisa... — Artur começou a dizer e parou quando notou a expressão da amiga. Ela estava olhando por sobre o ombro dele. Ao mesmo tempo, alguém gritou:

— Aten-ção!

Artur se virou rapidamente com as tiras da couraça ainda soltas. O Furioso Quinta-Feira tinha entrado no depósito de armas. Ele ainda usava o uniforme do Regimento, mas em vez da boina usava um capacete de ferro da Legião sem a insígnia. Ele estava segurando uma espada muito comprida e larga que Artur soube no mesmo instante se tratar da Quarta Chave. Ele sentiu o poder dela percorrer-lhe os ossos, uma espécie de tremor dolorido que ia dos dedos à coluna e descia pelas pernas.

A espada tinha um cabo e um punho muito largos, para poder ser manuseada com as duas mãos... ou por uma, se o soldado fosse muito forte. Havia uma cobra de metal enrolada ornamentando o bronze. Considerando-se todos os fatores, era uma irmã gêmea muito maior da que tinha estado na insígnia do Furioso Quinta-Feira.

— Senhor Verde! — ele disparou. — Proceda à formação das tropas e confira o equipamento.

— Sim, senhor!

Apressado, Artur amarrou as tiras da couraça debaixo dos braços, prendeu a espada-selvagem que Suzy lhe entregou e ajeitou na cabeça um capacete de oficial com um penacho escarlate de crina de cavalo. Durante alguns segundos, não soube bem o que fazer. Então se lembrou do que os oficiais sempre faziam: *Diga a um sargento para cuidar do assunto*. Ele olhou em volta e viu o sargento mais próximo, uma criança do Tocador de Gaita, uma Guarda da Fronteira com três divisas negras no braço. Artur marchou rapidamente até ela.

— Qual é seu nome, sargento?

— Mercúrio — a sargento respondeu. — Senhor...

— Você vai ser a sargenta da tropa... pelotão... seja lá o que somos, sargenta — Artur falou. Estava um pouco atrapalhado ao falar com um sargento daquela maneira, após semanas na escola de recrutas, onde era ele quem recebia as ordens. — Diga a todos para entrarem em forma e nós dois vamos conferir o equipamento.

— Muito bem, senhor — a garota respondeu.

Artur notou que ela se parecia muito com Suzy. Tinha o mesmo rosto estreito, embora a sargenta Mercúrio tivesse cabelos muito pretos e curtos e seus olhos fossem castanhos.

— Sugiro chamar a unidade de Grupo de Ataque, senhor.

— Ótimo. Continue, sargenta — Artur disse.

Era isso que os oficiais diziam quando não sabiam o que fazer.

— Grupo de ataaaa-que! — Mercúrio berrou. — Em forma! Uma fileira!

As crianças do Tocador de Gaita entraram em fila depressa, automaticamente se posicionando em ordem de altura, movendo-se para o lado para obter a distância ideal, medida com o punho fechado encostado no ombro do soldado da direita. O grupo tinha um aspecto estranho. Quase todos tinham combinado diferentes tipos de armaduras, armas e equipamentos entre os vários artigos-padrão usados pelos soldados do Regimento, da Legião, da Horda ou dos Guardas da Fronteira. Artur se deu conta de que todos, exceto ele, tinham pelo menos duas armas e muitos, três ou quatro. Ele também percebeu que nenhum dos artilheiros tinha se apresentado como voluntário, o que talvez explicasse por que aquela unidade era chamada de Companhia de Artilharia *Moderadamente* Honrada.

— Grupo de ataque pronto para inspeção, senhor!

Artur trocou continências com Mercúrio e depois caminhou ao longo da fileira, examinando cada soldado. Se estivesse mais confiante, teria tecido comentários sobre as armas ou o equipamento, mas apenas perguntou o nome de cada um. Ele não se sentia um verdadeiro oficial, mas mesmo como colega queria saber quem eram. Após a batalha no Forte da Transformação, sabia que era provável que alguns não voltassem. Queria saber o nome dos camaradas e também tentou fixar seus rostos em sua mente para que tivesse algo para lembrar, se sobrevivesse à futura batalha e eles não.

Repetiu os nomes mentalmente à medida que eram ditos, memorizando-os. Sempre tivera uma excelente memória, especialmente para palavras e músicas.

As 12 crianças do Tocador de Gaita, fora ele, Suzy e Fred, eram Mercúrio, Pote de Cola, Cerdas Amarelas, Toldo, Jazabeth, Meio Corte, Sabre, Bomantigo e Hermínia. Eles não disseram os primeiros nomes. Cinco eram meninas, quatro eram meninos e pareciam ter entre 9 e 13 anos.

No fim da fila, Artur se virou e marchou até o Furioso Quinta-Feira, que esperava pacientemente. Houve nova troca de continências quando Artur afirmou que o grupo de ataque estava pronto. O Furioso Quinta-Feira assentiu e depois se dirigiu diretamente aos soldados.

— Vou entrar na Escada Improvável primeiro — anunciou. — O senhor seguirá no fim da fila, senhor Verde. O soldado atrás de mim vai segurar no meu cinto, o que estiver atrás vai segurar no cinto dele e assim por diante. Se alguém se soltar, vai cair para fora da Escada Improvável, onde estiver naquele

instante, e quem estiver segurando nele também vai cair. Assim, é muito importante que todos se segurem com firmeza.

— A Escada Improvável é... improvável... portanto, embora a viagem seja muito curta dentro da Casa, é possível que saíamos num de seus patamares, que pode ser em qualquer momento ou lugar. Se isso ocorrer, não soltem as mãos! Vamos tornar a embarcar na Escada imediatamente. Ninguém deve se soltar até eu ordenar. Ficou claro?

— Sim, senhor! — gritou o grupo de ataque.





Capítulo 24

O Furioso Quinta-Feira não perdeu tempo. Assim que terminou de falar, foi até o lado direito da fila de crianças do Tocador de Gaita e tomou o lugar dele.

— Grupo de Ataque! — ele ordenou. — Direita volver! Segurem no cinto do soldado à sua frente!

Depressa, Artur se juntou ao fim da fila quando todos viraram à direita. Ele mal teve tempo de agarrar o cinto de Fred antes que o Furioso Quinta-Feira desenhasse vários degraus com a espada, cuja ponta deixou linhas cintilantes no ar.

— Não é preciso manter o passo certo! — o Furioso Quinta-Feira anunciou ao levantar a bota e dar um passo improvável no primeiro daqueles degraus cintilantes e imateriais que tinha acabado de desenhar. — Talvez vocês prefiram fechar os olhos, mas não soltem a mão!

Embora Artur já tivesse usado a Escada Improvável, nunca tinha visto ninguém desaparecer nela. Durante aquela primeira viagem, concentrou-se totalmente em imaginar uma escada onde não havia nenhuma, visualizando uma série de degraus feitos de mármore branco brilhante que se estendia eternamente para cima.

Mas não era isso o que via naquele momento. O Furioso Quinta-Feira subiu os degraus brilhantes que tinha desenhado e logo a cabeça dele desapareceu como se tivesse sido repentinamente apagada, seguida pelos ombros e, rapidamente, por todo o resto. A criança do Tocador de Gaita que o seguia abafou um grito quando o braço dela desapareceu, então fechou os olhos e foi arrastada para a frente, aparentemente em um processo de desintegração.

Era difícil ser o último, embora a fila avançasse muito depressa. Artur percebeu que nenhuma das crianças do Tocador de Gaita parou, embora a maioria tenha virado a cabeça no último segundo como que para evitar que algo acontecesse ao rosto. E os olhos de todos estavam fechados.

Artur manteve os olhos abertos. Ele queria estar ciente de qualquer truque que o Furioso Quinta-Feira pudesse tentar na Escada.

Ele deveria estar aliviado ao se ver cercado por uma luz branca, com os degraus de mármore sob os pés e uma fileira serpeante de soldados subindo a Escada à sua frente. Mas não estava.

A Escada que usara antes subia reta, ao contrário desta, que era espiralada.

Artur notou que tinha parado por um segundo quando foi violentamente puxado para a frente. Durante um terrível instante, pensou que iria se soltar do cinto de Fred. Mas os dedos de Artur estavam bem presos e ele os fechou com força novamente, olhando apenas para os degraus enquanto avançava cambaleante.

— Segure firme! — Fred disse o mais baixo que pôde, embora sem deixar de ser enfático. — Senhor.

Artur se segurou e se concentrou nos degraus sob os pés. Durante os primeiros 20 ou 30 ele esperou que o Furioso Quinta-Feira fizesse alguma coisa, mas então se lembrou de como tinha sido difícil levar somente Suzy Azul pelos degraus acima. O Curador não poderia fazer nada a menos que se arriscasse a cair também. E, no caso da Escada Improvável, uma queda significava acabar em um lugar em que certamente não se queria estar.

Dar-se conta desse fato permitiu a Artur começar a se preocupar com o que iria acontecer quando saíssem do outro lado. Até mesmo se o Furioso Quinta-Feira precisasse apenas de cinco ou seis minutos para destruir o espigão de Nada, muita coisa poderia acontecer nesse tempo. Na batalha no Forte da Transformação, vários Habitantes e Novos Nadicas foram mortos nos primeiros trinta segundos, isso sem mencionar os primeiros cinco minutos.

Havia também a possibilidade de que algo acontecesse ao Furioso Quinta-Feira. Se ele não conseguisse conduzi-los para a Escada Improvável, ficariam encurralados, presas fáceis para os Novos Nadicas.

“A menos que eu possa levar todos de volta pela Escada Improvável”, Artur pensou.

Ele se perguntou se usar a Escada aumentaria a contaminação de seu sangue e ossos. O anel de crocodilo estava no bolso do cinto, mas não havia sentido pensar no assunto, tampouco na contaminação. Artur sabia que teria que fazer o que fosse preciso para que sobrevivessem.

Alguma coisa chamou a atenção dele e ele olhou para cima. A Escada continuava interminavelmente, desaparecendo em uma névoa de luz branca e brilhante. Mas o Furioso Quinta-Feira tinha desaparecido, assim como as duas

crianças do Tocador de Gaita atrás dele. A terceira estava desaparecendo no momento em que subia um degrau.

— Estamos saindo! — Artur disse. — Segurem firme!

Ele se sentiu um pouco tolo ao dizer “segurem firme” porque quase todos tinham desaparecido quando falou, de modo que somente Fred escutou, e ele sabia que era Artur que não tinha se segurado firme o bastante.

Então Fred desapareceu e desta vez Artur instintivamente *fechou os olhos*. Quando se obrigou a abri-los, apenas uma fração de segundo depois, viu a fila de crianças do Tocador de Gaita diante dele, com o Furioso Quinta-Feira na dianteira. Somente alguns metros além, havia um imenso cone de escuridão total que girava rapidamente e era atravessado de vez em quando por lampejos brancos ofuscantes.

Era o espigão. E não só estava girando, como era maior do que Artur tinha imaginado. A parte que ele conseguia ver tinha cerca de 90 metros de altura e 60 metros de diâmetro no topo, mas parecia meio enterrado no chão, a ponta tendo, há muito, perfurado a camada superficial do solo e qualquer outro material que pudesse haver abaixo da camada orgânica do ladrilho 500/500.

— Soltem! — o Furioso Quinta-Feira rugiu. — Assumam posições defensivas.

Artur soltou e olhou em volta. Eles estavam em uma rampa de terra reforçada com madeira que tinha sido construída para instalar o espigão. Ela tinha 3 metros de largura e talvez 18 metros de comprimento. O grupo de ataque estava no alto dela, bem ao lado do espigão.

A outra extremidade da rampa estava ligada a uma estrada empoeirada, muito usada, cercada de pedras brancas e que se estendia até a fronteira do ladrilho, a quase um quilômetro de distância. Em cada lado da estrada deserta, havia fileiras e mais fileiras de barracas amarelo vivo em forma de sino. Eram centenas, cada qual com cerca de 6 metros de diâmetro ocupando um espaço de 24 metros quadrados.

Havia também uma grande praça de armas, um quadrado de terra sem vegetação de 60 metros de lado. Uma unidade de mil Novos Nadicas estava reunida ali, inspecionada por um Novo Nadica muito alto e imponente. Ou talvez até mesmo um Habitante, pois tinha formas humanas e usava um uniforme amarelo-claro com vários botões e galões dourados, além de um chapéu estilo Napoleão usado de lado sobre o qual, a distância, Artur imaginou ser sua cabeça com uma máscara de metal ou, se não era metal,

algum tipo de terrível substituto. Esse comandante muito alto era seguido por uma dúzia de oficiais, ou Nadicas superiores, e no mesmo instante em que Artur observou a praça de armas deu-se conta de que aquele devia ser o misterioso líder dos Novos Nadicas.

Ele não tinha mais tempo para pensar. A sargenta Mercúrio estava gritando e as crianças do Tocador de Gaita estavam se pondo em fila no topo da rampa, preparando as pistolas, carabinas de pó-de-nada e lanças de força. Nas mãos da Mercúrio, havia um arco longo de fibras musculares.

— Muito bem, ahn, sargenta — Artur elogiou.

Ele tinha que se esforçar para manter a voz firme. O lamento do espigão rodopiante era muito perturbador, parecia o choro de uma criança, mas em uma altura insuportável. Os Novos Nadicas na praça de armas também tinham notado os intrusos. O alto comandante se virou para olhar para eles e, apesar de aparentemente não ter dito nada, houve uma repentina onda de atividade e ordens gritadas pelos oficiais atrás dele.

— Vai levar cinco minutos para chegarem aqui — Mercúrio disse com um olhar experiente. — Todas aquelas barracas no caminho...

Ela parou de falar quando enormes timbales começaram a soar no mesmo ritmo que Artur tinha ouvido no ataque ao Forte da Transformação. Novos Nadicas surgiram de quase todas as barracas ao som dos tambores, como dez milhares de abelhas escondidas aparecendo de repente de um inocente favo de mel.

Artur olhou para o Furioso Quinta-Feira. Ele estava próximo do espigão com a espada erguida acima da cabeça. De repente, ele soltou um grito de guerra, um som que se fez ouvir acima do barulho do espigão e enviou uma vibração dissonante pela coluna de Artur. O Furioso Quinta-Feira desferiu um golpe no Nada rodopiante e cortou uma imensa fatia que girou no ar em sentido horário e caiu sobre uma barraca, destruindo-a instantaneamente, só restaram algumas cordas caídas em um buraco no chão.

Mas o espigão não parou de girar e também não se via nenhum buraco nele, como se o Nada de que era feito simplesmente tivesse preenchido o espaço.

O Furioso Quinta-Feira franziu o cenho e atacou o espigão novamente com resultados semelhantes.

— Ali vêm eles — disse Mercúrio. — Quer dar a ordem para disparar, senhor?

Artur levou um segundo para compreender que ela estava falando com ele. Ele estava olhando para a massa de Novos Nadicas que recebiam ordens e eram incitados a formar filas enquanto corriam na direção do fundo da rampa para formar uma força de ataque. Também havia muitos Nadicas menos organizados nos lados da rampa, alguns dos quais tentavam subir pelas laterais, com algum sucesso, embora a altura fosse de 9 metros.

Todos os Novos Nadicas estavam uniformizados, carregavam as armas lançadoras de raios que Artur tinha visto antes e evidentemente eram bem liderados. Embora fossem fisicamente muito diferentes dos Habitantes, com membros adicionais e feições distorcidas, eles não tinham semelhança com a turba semienlouquecida de Nadicas que se esperava que fossem.

— Sim, vou dar a ordem — Artur respondeu o mais calmamente possível.
— Mosquetes primeiro, depois as lanças de força. Mercúrio, cubra o lado esquerdo e atire nos escaladores. Suzy, cuide da direita e faça o mesmo com as pistolas. Fred, você carrega as armas para Suzy.

Artur desembainhou a espada e foi até o centro da fila. Apenas uma rápida olhada para o Furioso Quinta-Feira foi suficiente para saber que o Curador não estava tendo muito êxito em atacar o espigão, embora ele controlasse os golpes fazendo com que os pedaços de Nada caíssem no campo e não sobre as crianças do Tocador de Gaita na rampa.

— Espere a ordem! — Artur pediu quando os mosqueteiros foram apontados e as lanças de força levantadas.

Um grupo de Novos Nadicas com 12 fileiras de lado e 10 no sentido do comprimento estava quase ao pé da rampa. Artur observou-os avançarem ruidosamente e soube que não havia como pará-los, derrotá-los ou mesmo sobreviver. Talvez tivessem tempo para duas saraivadas com os cinco mosquetes, um tiro com as três lanças de força e isso era tudo. Eles seriam derrotados.

“Derrotados”, Artur pensou. “Apenas outra forma de dizer que vamos todos morrer. A menos que o Furioso Quinta-Feira possa fazer algo com a Chave. Ou que possamos tentar voltar pela Escada... mas não há tempo. Nunca conseguiríamos. Eles atacariam e nos cortariam em pedaços... pelo menos os últimos, com certeza... o que quer dizer... eu. Talvez seja isso que o Furioso Quinta-Feira tenha planejado desde o começo.”

O ritmo dos tambores do inimigo acelerou de repente. Os Novos Nadicas gritaram e começaram o ataque rampa acima. As pistolas de Suzy foram

disparadas e o arco de Mercúrio zuniu duas vezes enquanto Artur contava até três antes de gritar:

— Fogo!

Os mosquetes foram disparados, a fumaça do pó-de-nada subiu e Artur gritou:

— Disparar! — e as lanças de força voaram.

Artur berrou:

— Fiquem firmes! — e passou para a fila. da frente para se juntar aos outros e conter o choque inicial, mesmo que apenas por alguns segundos e então...

Um som estranho e sobrenatural encheu o ar. Uma única nota sussurrada e aguda que lembrava a de uma flauta, o canto de uma baleia e também algo totalmente novo e diferente.

A nota fez tudo parar. As crianças do Tocador de Gaita literalmente congelaram, paralisadas em meio à ação. Todos, com exceção de Artur, que olhava para Bomantigo com sua espada-selvagem puxada para fora da bainha, e a mão de Jazebeth com os dedos apertando a trava do mosquete.

Suzy tinha se transformado em uma estátua com uma pequena pistola em cada mão, apontadas para o lado direito da rampa. Mercúrio estava igualmente imóvel diante dela, o arco descansando e trocado por um punhal de lâmina triangular.

Os Novos Nadicas não estavam congelados, mas tinham parado o ataque e a escalada. Os que se encontravam nas laterais da força de ataque estavam se virando e batendo em retirada, o resto estava se dispersando e abrindo uma avenida no meio da rampa.

O alto comandante estava subindo por essa avenida, segurando uma simples gaita de madeira nos lábios invisíveis ocultos pela máscara de aço sem brilho, tocando aquela única nota impossivelmente pura e contínua.

Artur ouviu um movimento atrás dele e se virou. O Furioso Quinta-Feira estava ali, o rosto vermelho e retorcido de raiva.

— Traidores! — ele gritou. — Cinco minutos foi tudo o que pedi!

Antes que Artur pudesse fazer alguma coisa, a espada do Curador cortou o ar e atingiu o congelado soldado Bomantigo, decepando a cabeça dele com um único golpe. Em seguida, o Furioso Quinta-Feira girou os punhos e, sem parar, brandiu a lâmina para trás novamente, diretamente para o cabo Jazebeth.

Sem pensar, Artur aparou o golpe com a espada-selvagem, mas o aço condensado pela gravidade pareceu um simples galho. A espada do Furioso Quinta-Feira partiu-a ao meio, e o impacto fez a arma quebrada voar da mão do garoto. O Furioso Quinta-Feira não diminuiu a velocidade dos ataques, e sua espada continuou a bater com um terrível som oco no pescoço de Jazabeth.

Artur cambaleou e tentou saltar para trás quando o Furioso Quinta-Feira investiu contra ele, mudando o golpe em pleno ar de um corte para uma estocada e tocando levemente o corpo do garoto. Mas o Habitante não foi até o fim. Em vez disso, saltou para a direita e começou a desenhar degraus com a lâmina e a entrar na Escada Improvável.

Os músculos do estômago de Artur queimaram quando ele endireitou o corpo em um salto. Ele olhou rapidamente em volta. O comandante inimigo, ainda tocando a gaita sobrenatural, estava a seis metros de distância e subia a rampa lentamente em meio aos Nadicas.

O Furioso Quinta-Feira estava com um dos pés no degrau cintilante e de costas para Artur.

O garoto fez uma careta e procurou a adaga de emergência debaixo da cava da couraça. Mas seus dedos se fecharam sobre a pequena caixa de plástico. Ele a tirou antes mesmo de lembrar o que era.

“Eu vou morrer”, ele pensou. “Mas posso salvar minha família.”

Artur jogou a caixa no espigão e se atirou nas costas do Furioso Quinta-Feira no exato momento em que este desapareceu na Escada Improvável.





Capítulo 25

Artur prendeu as pernas ao redor da cintura e os braços em volta do pescoço do Furioso Quinta-Feira, quando ele deu o primeiro passo no mármore traiçoeiro da Escada Improvável.

— Não tente nada! — Artur advertiu. — Se você fizer qualquer coisa além de subir a escada, vou jogar nós dois para baixo!

O Furioso Quinta-Feira grunhiu alguma coisa, um som de tal modo inarticulado e cheio de raiva que poderia ter sido o ruído provocado por um animal. Mas continuou a subir pesadamente os degraus, carregando o peso de Artur como se o garoto não fosse mais do que uma leve mochila.

Depois de 20 degraus, o Curador tornou a falar.

— Você vai morrer por causa disso. Insubordinação é insubordinação, não importa quem a comete. Você selou sua sorte, *tenente*!

Artur não respondeu. Ele manteve toda a atenção nos movimentos do Furioso Quinta-Feira, não nas palavras. O Curador levava a espada na mão e poderia facilmente virá-la para trás e cortar Artur sem aviso. Artur sabia que tinha que estar pronto para jogar todo o peso do corpo para um lado, mesmo que provocasse a morte de ambos. Pelo menos Quinta-Feira seria jogado da Escada, preferencialmente para algum lugar horrível de onde seria difícil voltar.

“A justiça será feita”, disse uma voz na cabeça de Artur. A voz calma e telepática da aprisionada voz da Parte 4 do Testamento. “Quase consegui trazê-lo de volta para cá. Você precisa deixá-lo zangado novamente.”

“Deixá-lo zangado?”, Artur pensou em resposta. “Você é tão louco quanto ele? Não quero que ele fique zangado. Não sei como vou sobreviver do jeito que as coisas estão.”

“É a única forma de distração que vai funcionar com o Furioso Quinta-Feira”, o Testamento respondeu. “Distraia-o, eu vou me libertar e entregar a Quarta Chave para você, lorde Artur. E daí ele poderá ser levado à justiça.”

“Não vou deixá-lo zangado aqui”, Artur respondeu para o Testamento em pensamento.

Ele pensou qual seria o lugar menos perigoso para deixar o Furioso Quinta-Feira zangado por um momento. Então falou em voz alta.

— Deve haver uma grande sala de reuniões na Cidadela. Para os marechais e outros oficiais se manterem informados do que está acontecendo.

Especialmente com o cerco acontecendo.

— Ali está minha sala de operações — rosnou o Furioso Quinta-Feira. — Não existe *cerco*. É apenas uma inconveniência.

— Então quero sair na sala de operações — Artur disse. — Me leve até lá. Ou vamos os dois cair.

— Os seus insultos... vão tornar minha vingança... ainda mais doce — o Furioso Quinta-Feira ameaçou. Artur ouviu quando ele rangeu os dentes entre as palavras. — Ela só está um pouco atrasada.

Artur abriu a boca para responder, mas não teve a oportunidade, pois inesperadamente, pelo menos para ele, saíram da Escada e de repente entraram na Casa novamente. Imediatamente, o Furioso Quinta-Feira deu um golpe para trás com a mão livre, o punho ossudo arrancou Artur das costas e o jogou no chão. Atordoadado, o garoto lutou para se pôr de pé. Antes que conseguisse, o Curador gritava ordens e vários Habitantes surgiram apressados em cumpri-las.

— Prendam o traidor! Tudo foi revelado! O inimigo é liderado pelo Tocador de Gaita, e todas as crianças devem ser executadas antes que possam realizar outras atividades traiçoeiras. Marechala Crepúsculo, cuide disso imediatamente!

Artur sentiu os braços sendo puxados para trás. E lutou para erguer o queixo, o que finalmente conseguiu com a ajuda não intencional de alguém que levantou sua cabeça violentamente para colocar um braço em volta de seu pescoço.

Ele se encontrava em uma grande sala em forma de domo repleta de oficiais. Os três que se encontravam parados ao lado do Furioso Quinta-Feira eram os mais altos e mais esplêndidos, de modo que tinham que ser os marechais Crepúsculo, Meio-Dia e Anoitecer. Todos tinham olhos pretos. Meio-Dia tinha uma atadura ao redor da mão direita, o que indicava que tinha lutado recentemente ou que nem sempre partilhava da mesma opinião que o Furioso Quinta-Feira. Artur imaginou que a última hipótese era a mais provável.

— Não somos traidores! — Artur vociferou enquanto era arrastado em direção a uma porta. — O Furioso Quinta-Feira matou dois de seus soldados! Ele não está em condições de comandar! Eu também sou um oficial do Glorioso Exército da Arquiteta e exijo ser...

Ele não conseguiu continuar, pois o Furioso Quinta-Feira atravessou o aposento com um salto e lhe deu um soco no estômago. Foi a pior dor que Artur já tinha sentido, maior ainda do que a da perna quebrada. Ele não conseguia respirar e, durante vários segundos, pensou que nunca o faria novamente. A sensação era até mais assustadora do que um ataque de asma, pois seu peito realmente parecia quebrado, não apenas apertado.

Mas após dez ou doze terríveis segundos, ele conseguiu respirar quando a atenção do Furioso Quinta-Feira foi desviada pela marechala Crepúsculo. Vestida de verde como os Guardas da Fronteira, ela se destacava em uma sala dominada pelos uniformes escarlate do quartel-general e também porque, ao contrário de todos os outros, andou até o Furioso Quinta-Feira em vez de se afastar dele.

— O tenente está certo. Ele apresentou uma acusação séria e deve ser ouvido.

Os olhos do Curador se estreitaram e ele deslizou pelo chão como uma cobra na direção da marechala.

— Deve ser ouvido? Eu dei *ordens*, não dei, marechala Crepúsculo? Quero aquelas crianças do Tocador de Gaita *mortas*.

— Os regulamentos dizem...

O Furioso Quinta-Feira estapeou o rosto dela. Ela cambaleou para trás, mas não tentou se defender. Simplesmente, cuspiu um dente e recomeçou.

— Os regulamentos dizem que uma comissão de inquérito...

O tapa seguinte a derrubou e a fez cair de joelhos. Mas ela se levantou e, desta vez, os outros dois marechais marcharam para frente para ficar ao lado dela.

— Senhor, este não é o momento, tampouco a atitude correta... — começou o marechal Meio-Dia.

— Ordens! — gritou o Furioso Quinta-Feira com voz esganiçada, enquanto se virava e apontava para Artur. — Estou ordenando que meus soldados matem todas as crianças do Tocador de Gaita, a começar por esta! Ninguém conhece seu dever?

— Ninguém se mova! — o marechal Anoitecer disparou com a voz fria e penetrante. — Esta não é uma ordem legal. Somos soldados, não carrascos.

— Vocês não são nada! — Quinta-Feira gritou. — Eu os rebaixo a nada. Eu mesmo vou executar minhas ordens.

Ele se virou, levantou a espada de modo que apontasse diretamente para o coração de Artur e correu na direção do garoto.

Artur tentou se jogar no chão, mas estava firmemente seguro. Ele não conseguiria evitar o golpe.

Mas a espada não atingiu o alvo. O Furioso Quinta-Feira tinha dado apenas um passo quando a cobra enrodilhada no cabo se desenrolou repentinamente e se pôs em posição de ataque. Ela era totalmente feita de palavras e uma linha que corria pelas costas dela emitiu um brilho prateado. As letras se alargaram e atingiram toda a largura do réptil, escrevendo uma frase: *Que o Testamento seja cumprido*.

As presas da serpente cintilaram na luz prateada e ela atacou antes que Quinta-Feira pudesse dar mais um passo, o maxilar superior desceu nas costas da mão dele em uma picada profunda. A mão do Furioso Quinta-Feira se levantou em um movimento súbito, erguendo a espada de modo que a lâmina sibilou bem acima da cabeça de Artur, cortou a orelha do Habitante que o segurava e depois penetrou no revestimento de madeira da parede.

Artur ouviu o Habitante atrás dele gritar e sentiu quando ele o soltou. O Furioso Quinta-Feira estava tentando arrancar a cobra que era a Quarta Parte do Testamento de sua mão. Os marechais empunharam as espadas. Os demais recuaram de encontro às paredes, alguns empunhando as armas, mas a maioria apenas assistindo a tudo com um assombro e medo atordoantes.

Artur sabia o que fazer. Ele se virou, ergueu a mão e, usando suas últimas forças, tirou a espada da madeira. Ela caiu no chão com um tinido, pois era pesada demais para que ele a levantasse. Artur se ajoelhou ao lado dela e agarrou o punho.

Então, ele falou com a voz mais clara que conseguiu:

— Eu, Artur, Consagrado Herdeiro do Reino, reivindico esta Chave e, com ela...

O Furioso Quinta-Feira gritou enraivecido, arrancou a cobra da mão e a jogou para o outro lado do aposento. Em seguida, alcançou a espada da mão distraída de um major e, ainda uivando como um animal, correu até Artur.

Seus passos e os movimentos da espada foram bloqueados pelos marechais. Foram necessários os três para imobilizá-lo, as lâminas deles se chocavam e se agitavam enquanto lutavam para deter o feroz monstro em que o Furioso Quinta-Feira tinha se transformado.

Artur falava cada vez mais depressa, sem tirar os olhos da atividade veloz entre as espadas.

— Com ela, o Comando do Glorioso Exército da Arquiteta e Domínio do Grande Labirinto. Reivindico por sangue e ossos conforme testamento e contra qualquer contestação!

Algo tocou a perna de Artur e ele gritou, estragando, de certa forma, o momentâneo silêncio que havia se criado desde que terminara de reivindicar a Chave. O garoto olhou para baixo e viu a cobra se enrodilhando em sua perna.

Os marechais aproveitaram a distração momentânea do Furioso Quinta-Feira e o encurralaram em um canto, mas ele não estava desarmado, nem derrotado. Os três marechais só conseguiam mantê-lo ali e se proteger de suas rápidas investidas. Ele talvez não tivesse mais a Quarta Chave, mas ainda era extremamente perigoso.

— Aponte a Chave para ele e mande-o ficar em posição de sentido — o Testamento sibilou. Ele tinha enrodilhado quase todo o corpo em volta do braço de Artur e se esticado de modo que sua cabeça em forma de diamante ficasse irritantemente perto do ouvido do garoto.

— Não quero usar a Chave — Artur sussurrou.

— O quê? — o Testamento respondeu irritado. — Eu sei que você é o Herdeiro Legítimo! Eu tenho certeza!

— Sim, eu sou — Artur sussurrou em resposta. — Mas... olhe, vamos falar sobre isso mais tarde.

— Então você está com a minha Chave — o Furioso Quinta-Feira disse em voz alta. Ele abaixou a espada, mas os marechais não recuaram. — Entretanto, é preciso mais do que comandar meu exército, principalmente quando o inimigo está nos portões. Suponho que o inimigo ainda esteja nos portões, certo?

— Sim, senhor — disse um coronel hesitante. — Mas confiamos em que o inimigo perca força quando os ladrilhos recomeçarem a se movimentar...

— Os ladrilhos não vão se mover — Quinta-Feira afirmou. — Por causa de traição, eu falhei. O espigão não foi destruído.

Suas palavras foram recebidas por exclamações abafadas, gemidos reprimidos e até um ou dois gritos claros de desespero. Vários oficiais desviaram o olhar; apenas alguns olharam para Artur. O comportamento deles indicava que a situação era péssima, e quando Artur tentou prestar atenção, ouviu o som distante da batalha, embora não houvesse tiros de canhão. O fato podia ou não ser positivo, caso ocorresse por falta de pó-de-nada ou porque os ataques não eram sérios o bastante.

— Sou lorde Artur, o Legítimo Herdeiro da Arquiteta — Artur anunciou.
— Estou assumindo o comando. Marechais Crepúsculo, Meio-Dia e Anoitecer, quero que desarmem e prendam o Habitante antes conhecido como Furioso Quinta-Feira.

— Comando o Exército por ordem de Lorde Domingo, transferido por escrito por Sábado Superior — contestou o Furioso Quinta-Feira. — Talvez eu tenha me precipitado ao exigir a execução das crianças do Tocador de Gaita, mas estamos em guerra. Certamente todos sabem que sou o único que pode levá-los à vitória contra os Novos Nadicas. Prendam esse Artur e, no devido tempo, poderemos analisar suas reivindicações e reunir uma comissão de inquérito.

— Use a Chave! — sussurrou o Testamento.

— O Testamento da Arquiteta me escolheu — Artur retrucou desesperado e levantou o braço a fim de mostrar a cobra. — Esta é a Parte 4 de Seu Testamento.

Ele sentiu a mudança na disposição de ânimo dos Habitantes no aposento. Eles voltariam facilmente a obedecer ao Furioso Quinta-Feira.

— Que Testamento? — o Furioso Quinta-Feira indagou.

Ele deu um passo para a frente e os três marechais recuaram, baixando as armas.

— Aquela é só uma serpente mágica, uma coisa da Casa Superior. Um ornamento da Chave. Coronel Repton, você que está mais perto, prenda o tenente Verde, do jeito que ele está. Você percebe que ele não pode usar a Chave, não percebe?

— Use a Chave! — o Testamento gemeu novamente, o desespero se mostrando em sua voz suave de serpente.





Capítulo 26

— Você sabe que sou o Legítimo Herdeiro — Artur disse com uma resignação cansada.

Ele ergueu a Quarta Chave. Ela encolheu, transformando-se de espada em um bastão de marfim coberto de minúsculas folhas de louro.

O bastão começou a brilhar com a luz verde que lembrava a Lua do Grande Labirinto. Ele o apontou para o Furioso Quinta-Feira e o manteve no mesmo nível dos olhos agora estranhamente amarelos do Curador.

— Atenção!

Todos no aposento ficaram em posição de sentido, exceto por Artur e Quinta-Feira. Os olhos do Curador ficaram ainda mais amarelos, uma veia saltou e começou a latejar em sua testa enquanto ele tentava resistir ao poder da Chave. Então, mesmo que muito lentamente, suas botas começaram a deslizar pelo chão, juntando-se com um alto estalo dos calcanhares. As mãos caíram ao lado do corpo e a espada que tinha pegado ficou pousada no ombro.

— Você foi destituído de todos os postos e privilégios — Artur declarou. A voz dele ecoou com força, soando mais profunda, poderosa e muito mais assustadora do que deveria ser a de qualquer garoto.

As dragonas do Furioso Quinta-Feira voaram para longe e os botões caíram no chão. A espada se partiu em três pedaços e o punho se transformou em um pó enferrujado em sua mão.

Artur baixou a Quarta Chave.

— Marechala Crepúsculo, chame quem precisar e tranque o Furioso Quinta-Feira em algum lugar seguro. Certifique-se de que ele não escape e também que não tenha contato com pessoas de fora. Alguém está matando todos os antigos Curadores.

— Sim, senhor! — Crepúsculo respondeu. Ela tirou o cinto e o usou para amarrar as mãos de Quinta-Feira. Ele não resistiu, mas olhou para Artur com uma expressão de indiferente ódio. Com um gesto, Crepúsculo chamou dois coronéis para ajudá-la e juntos levaram o Furioso Quinta-Feira para fora do aposento.

— Já vai tarde — disse o Testamento. — Agora, lorde Artur, a situação é muito grave. Acredito que nosso primeiro passo deva ser julgar o Furioso Quinta-Feira num tribunal apropriadamente constituído para que ele possa responder por seus muitos crimes...

— Marechal Meio-Dia — Artur disse, usando dois dedos para manter a boca da cobra fechada —, alguém tentou negociar com esses Novos Nadicas?

Marechal Meio-Dia olhou para o frustrado Testamento enrodilhado no braço de Artur e depois de novo para o garoto.

— Não, senhor. Nunca foi possível negociar com Nadicas.

— Meu irmão é soldado — Artur contou. — Um oficial. Certa vez ele me disse que todo exército sempre luta sua guerra atual como se fosse a anterior, sem aprender lições do que está realmente acontecendo.

— Sim, senhor — Meio-Dia respondeu, parecendo confuso.

— O que quero dizer é que não estamos sendo atacados pela antiga espécie de Nadicas. Esses são Novos Nadicas. Tudo a respeito deles é diferente. E eles *são* conduzidos pelo Tocador de Gaita. Pelo menos, acho que é ele. Foi o que o Furioso Quinta-Feira pensou e ele não tinha motivos para mentir a esse respeito. O que me faz perguntar o que o Tocador de Gaita e seus Nadicas realmente querem.

— Destruir-nos, senhor — Meio-Dia respondeu.

— Isso é o que os Nadicas geralmente querem — Artur retrucou cansado.

— Mas, como eu disse, tudo nesses Novos Nadicas é diferente. Do contrário, nem estaríamos nesta situação. O que me faz lembrar, como *está* a situação?

— A situação é grave — Meio-Dia informou. — Nós deveríamos inspecionar o campo de batalha, mas basicamente os Novos Nadicas em volta da Cidadela continuam se fortalecendo. Houve um ataque há meia hora que quase derrubou nosso bastião externo do sudoeste. Estamos com falta de lava-fogo, temos pouco pó-de-nada e a guarnição está desfalcada. Os Novos Nadicas recebem reforços constantes, enquanto isso não acontece conosco. Temos uma força de 17. 286 soldados, segundo o último relatório da Cidadela, e cerca de outras 62 mil tropas no Castelo Branco, no Forte da Transformação, no Arsenal do Canhão e no Forte Dedo de Ferro. Mas, com os ladrilhos parados, não há como trazer reforços a pé, pois é muito longe. Além disso, eles acabariam cercados, já que têm tantos inimigos no Labirinto. A força inimiga contra nós aqui soma pelo menos 75 mil, com mais dezenas de

milhares a caminho. Sem estratégia tectônica, não podemos evitar a chegada deles.

— Lorde Artur — interrompeu a cobra, que Artur tinha soltado. — Se a Cidadela corre o risco de cair, então devemos partir, certificando-nos de levar nosso prisioneiro para que ele possa responder à justiça...

— Cale a boca! — Artur ordenou. — O que há de errado com as Partes do Testamento? Vocês só se incomodam com os detalhes. Além disso, mesmo que eu partisse — o que não vou fazer — tenho certeza de que não existe saída além da Escada Improvável, que não vou usar, porque *não* quero usar a Chave! Entendeu?

— Sim, senhor — a cobra balbuciou.

— Isso me faz lembrar...

Artur remexeu no bolso, tirou o anel de crocodilo e o colocou no dedo. Mas não ousou olhar para ele diretamente e ficou satisfeito em ser interrompido pelo marechal Anoitecer.

— Desculpe, senhor — Anoitecer falou. Seu uniforme era cinza-escuro com dragonas e botões pretos. Como todos os Anoiteceres, ele tinha a reserva e calma interior características de um final de tarde. — Há uma saída. Um elevador no estúdio do Furioso Quinta— Feira sobe até a Casa Intermediária e desce para a Casa Inferior.

— Um elevador? — Artur indagou. — Também podemos nos comunicar por telefone com o resto da Casa?

— Sim, senhor — Anoitecer respondeu. — O senhor gostaria de fazer uma ligação?

Artur bateu a Quarta Chave no quadril, estremecendo quando realmente doeu. O bastão de marfim era muito mais duro do que parecia e as folhas de ouro eram pontiagudas.

A mente do garoto funcionava rapidamente enquanto tentava decidir o que fazer. Em meio à grave questão de como defender a Cidadela, ele foi tomado pelo constante e incômodo medo pela segurança de Suzy, Fred e as demais crianças do Tocador de Gaita do grupo de ataque. Eles tinham sido congelados, transformados em estátuas ou coisa parecida, o que indicava que o Tocador de Gaita não queria matá-los. Afinal, ele as tinha levado para a Casa. Mas Artur não podia ter certeza de que estariam bem.

O maior enigma era a revelação de que o Tocador de Gaita era o líder dos Novos Nadicas. Até onde Artur podia lembrar, o Tocador de Gaita era um dos

três filhos do Velho e da Arquiteta, nascido da barriga de aluguel de uma mortal. Mas ele não sabia realmente muito mais que isso.

“Por que o Tocador de Gaita iria liderar um exército de quase Habitantes contra a Casa? O irmão mais velho dele era Lorde Domingo, não é mesmo?”

— Certo — disse finalmente e parou enquanto todos no aposento olharam para ele com respeito e expressões ansiosas. — Qual é o tamanho do elevador do Furioso Quinta-Feira? Não é uma coisa ridícula e pequena como o do Forte da Transformação, é?

— Acho que a dimensão varia — respondeu Anoitecer. — Talvez possa chegar ao tamanho desta sala.

— Quanto tempo é preciso para ir e voltar da Casa Inferior? — Artur quis saber.

— Depende dos ascensoristas e das autoridades locais. Minutos, horas, dias... eu não saberia dizer.

— Certo — tornou Artur com os dentes cerrados. — Espero que sejam apenas minutos. Meu irmão militar também disse certa vez que sempre é melhor negociar de uma posição de força. Assim, vou ligar para a Casa Inferior, as Regiões Afastadas e o Mar Fronteiriço para que usem esse elevador para enviar tantos Comissionários, ex-Supervisores, Visitantes da Meia-Noite, marinheiros e assim por diante quanto pudermos reunir, mais os Crepúsculos de Segunda-Feira, Terça-Feira e Quarta-Feira, Meios-Dias e Anoiteceres e o máximo de pó-de-nada que pudermos conseguir.

— Civis — disse Meio-Dia em tom de menosprezo. — Mas o pó seria útil.

— Todos estão acostumados a lutar contra Nadicas de um tipo ou outro — Artur lembrou. — Além disso, aposto que a maioria deles prestou serviço no Exército e estão na Reserva.

— Reservistas são um pouco melhores do que civis — Meio-Dia fungou. — Nunca é fácil reintegrá-los a nossas forças. Além do mais, acho que nem você tem a autoridade de convocar a Reserva. Essa é uma função da Casa Superior. Senhor.

— Acho que nas atuais circunstâncias vamos aceitar todos os reforços que pudermos encontrar e ficar muito agradecidos — Anoitecer comentou, lançando um olhar crítico para Meio-Dia. Este evitou encará-lo. — E o senhor Artur não está convocando a Reserva. Está apenas... chamando voluntários.

— E é melhor que sejam bem-vindos — Artur replicou. Às vezes, a falta de bom senso entre os Habitantes o deixava louco. — Onde está o telefone?

Um capitão apareceu correndo com uma pequena maleta de vime que mais parecia um cesto de lanches para um piquenique. Ele a abriu, revelando um aparelho de telefone em um suporte. Artur apanhou o fone e o capitão começou a virar uma pequena alavanca ao lado da maleta.

— Posso ajudá-lo? — indagou uma voz cheia de estalidos que parecia vir de muito longe.

— Quero falar com a Primeira Dama.

— Ela não está atendendo chamados — informou a voz. — Recebi um para ela não faz muito tempo.

— Aqui é lorde Artur, Legítimo Herdeiro da Arquiteta. É urgente, por favor.

— Como?

— Eu disse que é lorde Artur...

— Não, não essa parte, o que você disse no final?

— Por favor — Artur repetiu. — Olhe, é *muito* urgente.

— Vou passar a ligação, senhor — disse a voz. No fundo Artur ouviu quando ela acrescentou: — Ele disse “por favor”. Nem se parece com todos esses graúdos mal-educados.

Houve mais alguns estalidos e então uma voz que Artur reconheceu como sendo a de Espirrador falou.

— Sala de Estar de Segunda-Feira. Posso ajudá-lo?

— Espirrador, é Artur. Ponha a Primeira Dama na linha imediatamente, por favor.

— Muito bem, senhor.

— Lorde Artur?

A cobra no braço do garoto saltou quando a voz da Primeira Dama ecoou no aposento. Não pela primeira vez, Artur se perguntou por que todos os Habitantes superiores faziam isso ao telefone. Provavelmente era porque os fazia parecer importantes.

— Sim. Não tenho muito tempo, então escute com atenção. Quero que todos os Sargentos Comissionários, Comissionários de Metal, Visitantes da Meia-Noite, antigos Supervisores das Regiões Afastadas, os marinheiros fiéis e todos nossos Habitantes superiores venham até a Cidadela no Grande Labirinto com armas e todo o pó-de-nada disponível o mais depressa possível.

Ah, e o doutor Scamandros e qualquer outra pessoa que possa ser útil em uma batalha, inclusive a senhora. Vai haver um elevador na Casa Inferior. Alguma pergunta?

— Sim, lorde Artur, tenho várias perguntas — a Primeira Dama respondeu com irritação. — O que está acontecendo? O senhor está planejando enfrentar o Furioso Quinta-Feira? Isso não seria sensato. Mesmo com todas as nossas forças, não seríamos adversários para o Exército...

— Tenho a Chave e a Parte 4 do Testamento está livre — Artur interrompeu. — O Furioso Quinta-Feira está preso...

— E vai ser julgado! — disparou a cobra.

— E estamos prestes a ser atacados por um enorme exército de Novos Nadicas liderados pelo Tocador de Gaita. Portanto, pode se apressar, escutou?

— Claro — a Primeira Dama concordou em um tom totalmente diferente. — Será como quer, lorde Artur. Não sei quão rápido poderemos chegar, mas faremos o melhor possível.

— Então, é isso — Artur concluiu. — Vamos dar uma olhada no campo de batalha e, enquanto fazemos isso, alguém precisa encontrar uma grande bandeira branca. E um galho de oliveira. Você pode fazer isso, marechal Meio-Dia. Vá em frente, marechal Anoitecer.

Quando saíram pela porta, Artur ergueu a mão e deu uma olhada superficial no anel de crocodilo. Não precisava aproximá-lo para ver que o ouro tinha se espalhado para além da quarta marca e estava a um terço do caminho em direção da quinta.





Capítulo 27

No alto das ameias do Forte Estrela, era mais fácil enxergar os problemas que a Cidadela e todos os abrigados atrás de suas paredes enfrentavam. Havia um espaço intermediário escurecido e chamuscado que se estendia por cerca de 300 metros além dos bastiões do oeste. Depois disso, havia várias trincheiras em diagonal cavadas em uma disposição complexa que ia por vários quilômetros para o oeste, para o norte e para o sul. Essas trincheiras estavam fortemente ocupadas por Novos Nadicas e seus equipamentos, incluindo escadas para assalto a fortalezas, feixes de ramos para encher trincheiras, bate-estacas e muitos manteletes, que eram como telhados portáteis usados para se proteger de flechas e tiros de mosquete.

— Então é essa a aparência de 75 mil Novos Nadicas — disse Artur.

Ele tentou parecer indiferente, mas os inimigos eram muitos, e tudo em relação a sua posição parecia extremamente organizado, das trincheiras ao modo como cada unidade estava formada nos aterros, cada qual com uma bandeira colorida, estendida pela brisa e bravamente iluminada pelo sol da tarde.

— Parecem mais com 90 mil — afirmou Anoitecer, olhando uma tira de papel na mão. — Os Guardas da Fronteira informaram que outra coluna acabou de chegar. Ali... pode-se ver a poeira ao longe.

Artur olhou para onde o marechal Anoitecer estava apontando.

— Eles estão muito longe?

— Uns seis quilômetros — Anoitecer informou. — Além dos ladrilhos fixos. Normalmente eles seriam movidos para bem longe ao pôr do sol.

Artur não disse nada, mas todos olharam para o sol que descia. Havia uma nota de desapontamento mudo pelo fato de a missão para destruir o espigão ter falhado.

— Eles estão se preparando para outro ataque — disse um coronel ao lado de Anoitecer.

— Isso é incomum — Anoitecer ajuntou. — Eles acabaram de fracassar na última tentativa. Normalmente eles esperariam um dia ou dois até realmente

formar um grupo consistente. Por que será que estão com essa pressa agora?

— Eles chegaram perto de conquistar o bastião do canto sudoeste — o coronel respondeu. — Talvez eles pensem que um ataque rápido conclua essa missão.

— É melhor eu ir cuidar das defesas, senhor — Anoitecer anunciou. — Se me permite, senhor, sugiro que seria sensato enviar o marechal Meio-Dia para lá também. Ele é um tremendo lutador e sempre consegue animar as tropas.

— Vamos todos — decidiu Artur. Ele lambeu os lábios, que tinham ficado ressecados de repente.

"É só o vento", pensou.

— Vou sair com a bandeira de trégua — ele disse. — Não acho que o Tocador de Gaita esteja lá... apesar de acreditar que ele também possa usar a Escada Improvável... então, talvez ele esteja...

Artur parou por um momento e pensou antes de continuar.

— Vou perguntar por ele. Se ele não estiver lá e eles estiverem preparados para conversar, vamos ganhar algum tempo. Se ele estiver, tentarei arrastar as coisas pelo tempo que puder, para dar tempo à Primeira Dama para trazer os reforços até aqui.

"Só rezo para que ela não seja tão lenta e presa à burocracia quanto é normalmente", Artur pensou. E desejou que suas dúvidas não estivessem visíveis em sua expressão.

— Eles podem simplesmente tentar matá-lo — disse o marechal Anoitecer. — A Chave vai protegê-lo até certo ponto, mas não sabemos até onde chegam os poderes e a feitiçaria dela baseada em Nada. E o Tocador de Gaita... sei pouco a respeito dele, mas dizem que é um feiticeiro poderoso e incomum.

— Quando ouviu falar dele pela última vez? — Artur quis saber.

— Não prestamos muita atenção no que acontece em outros lugares da Casa ou nos Reinos Secundários — Anoitecer explicou. — Mas é claro que novos Recrutas espalham boatos e recebem cartas de suas casas civis. Agora, pensando a respeito, acho que não ouço nada sobre as explorações do Tocador de Gaita há algumas centenas de anos.

— Agora o Tocador de Gaita voltou, aparentemente vindo do Nada, com um exército de Novos Nadicas.

— Com sua permissão, vou escolher pessoalmente e chefiar seu guarda-costas — Anoitecer pediu.

Artur balançou a cabeça e apontou para baixo.

— Eu vou sozinho. Para o meio daquela zona queimada pelo lava-fogo, entre aqueles dois bastiões. Você pode me dar cobertura. Se um número muito grande vier em minha direção, vou recuar. Mas espero que, quando virem a bandeira branca, enviem só um mensageiro. Eles têm uma atitude muito militar... acho que vão fazer a coisa certa.

— Eles são bons soldados — Anoitecer concordou devagar, como se fosse difícil para ele afirmar isso em voz alta. — Talvez enviem um mensageiro. Mas no caso de isso não acontecer... temos uma tropa da Horda aqui, senhor. Assim, novamente com sua permissão, vou ordenar que fiquem preparados perto da porta falsa sudoeste. No caso de um resgate ser necessário.

— Claro — Artur concordou. — Mas ninguém deve fazer nada, a menos que eu dê um sinal claro ou que esteja sendo literalmente arrastado para longe ou atacado.

Ele hesitou e depois falou novamente.

— É melhor designar soldados para vigiar as crianças do Tocador de Gaita também. Ele é capaz de obrigá-las a fazer coisas. Não quero que nenhuma seja ferida, presa ou qualquer coisa parecida. Elas devem poder realizar suas tarefas. Apenas as vigie e, se agitem de modo estranho, impeça-as. Mas não machuque ninguém, certo?

— Sim, senhor — Anoitecer concordou. — Aqui está marechal Meio-Dia com a bandeira de trégua.

Meio-Dia entrou ruidosamente na ameia com uma bandeira branca enrolada na mão.

— Obrigado, marechal — Artur disse, sentindo-se um pouco culpado por mandar o marechal buscar a bandeira.

O Habitante o tinha aborrecido e ele se sentiu mal por ter se comportado dessa forma. Seus pais teriam ficado horrorizados diante de seu mau uso do poder. Se não tomasse cuidado, não só se transformaria em um Habitante, mas em alguém como o Furioso Quinta-Feira.

— Eu deveria ter enviado um oficial de menor patente — Artur continuou. — Peço desculpas.

— Sim, senhor — Meio-Dia respondeu pouco à vontade. — Tem outras ordens, senhor?

— Quero que assuma pessoalmente a defesa dos bastiões externos — Artur disse. — Vou tentar conversar e ganhar tempo, mas talvez isso não

funcione e parece que os Novos Nadicas estão se preparando para atacar novamente.

Meio-Dia olhou para as paredes cobertas de ameias.

— Dentro de uma hora, eu diria — ele afirmou. — Ao pôr do sol.

— Acho que deveria me trocar e usar uma roupa mais impressionante — Artur falou e olhou para a sua couraça empoeirada e o uniforme rasgado e enlameado que estava por baixo.

— O senhor está com a Chave, e a Parte 4 do Testamento da Arquiteta viaja em seu braço — disse o Testamento. — O senhor não precisa de adornos para exibir sua autoridade. Agora, lorde Artur, acho que o senhor pode dedicar dez minutos para reunir um tribunal e julgar o Furioso Quinta-Feira...

— Por favor, pare de falar num julgamento ou seja lá o que for para Quinta-Feira! — Artur exclamou. — Já tenho muito com que me preocupar!

— Minha experiência diz que, se a justiça deve ser feita, ela deve ser feita rápida e claramente — o Testamento protestou.

Artur não estava escutando. Um dos oficiais perto dele tinha apanhado uma bala de chumbo ou uma pequena pedra e a estava jogando distraidamente no muro. Algo no arco que descreveu o fez perguntar se tinha jogado o bolso do Garoto sem Pele com força suficiente para cair no Nada. Se tivesse errado o alvo, como agora parecia totalmente provável, teria que tentar recuperá-lo do Tocador de Gaita para destruí-lo.

— O Furioso Quinta-Feira vai ser julgado — ele garantiu, tentando se concentrar. — Ele assassinou Bomantigo e Jazebeth. Mas agora não temos tempo. Vamos descer até os bastiões externos. Marechal Meio-Dia, pode ir na frente, por favor?

Como tinha ocorrido na chegada à Cidadela, Artur foi conduzido por uma desconcertante distribuição de túneis, portões, caminhos e casas de guarda. Mas desta vez foi diferente. Ele foi constantemente saudado e seu braço ficou cansado de erguer o bastão em resposta. Os marechais falavam com os soldados, encorajando-os, chamando-os pelo nome e cumprimentando-os por suas proezas até o momento. Mas Artur não podia fazer o mesmo. Sempre que ia dizer algo para estimular os soldados, achava que as palavras que estava pensando soariam falsas. Assim, permaneceu em silêncio, caminhando em meio à multidão de marechais e outros oficiais, mas estranhamente sozinho, sempre com espaço em volta, não importava o quanto estivessem confinados.

Ele se sentiu ainda mais solitário quando uma pequena porta falsa foi aberta e um sargento lhe entregou a haste com a bandeira desenrolada. Ela era imensa, do tamanho de um lençol de casal, mas Artur constatou que poderia carregá-la como uma lança equilibrada no ombro.

— Boa sorte, senhor — desejou o sargento ao ajudar Artur a levar a bandeira através da porta que dava para o terreno devastado à sua frente.

— Boa sorte, senhor — repetiu o marechal Anoitecer e os 12 oficiais do estado-maior que pareciam não fazer nada além de servir aos oficiais mais categorizados de um lado a outro.

Artur avançou com a bandeira erguida e a porta falsa se fechou. Ele deu mais alguns passos e olhou para trás. As ameias do bastião estavam a 12 metros acima, e os soldados o espiavam pelas canhoneiras.

Artur se virou para observar as linhas inimigas e caminhou para a frente, para o meio do solo seco assolado pelo lava-fogo entre o bastião e as trincheiras do inimigo.

— Espero que isso funcione — o Testamento sussurrou. — Você está sendo um tanto imprudente, lorde Artur. Desconfio que as minhas três primeiras partes não foram tão boas conselheiras quanto deveriam ter sido. Acho que elas estão desequilibradas, já que são apenas três partes de sete. Comigo, seremos quatro, e a balança vai ficar mais bem ajustada.

— Quero que você fique quieta se conseguirmos uma reunião com os Novos Nadicas — Artur mandou. — Não quero nenhuma interrupção. E não ataque ninguém também. A última coisa de que precisamos é de um mensageiro envenenado.

— Posso decidir ser venenosa ou não — o Testamento contou. — Conforme a necessidade da ocasião. Posso até escolher meu veneno.

— Bom, só use o seu veneno se eu pedir — Artur se viu obrigado a dizer. Ele olhou para a bandeira e viu que estava totalmente desfraldada. Não havia nenhum galho de oliveira disponível, mas Artur imaginou que a bandeira branca deveria ser um pedido inconfundível para uma trégua ou negociação.

Ele tinha se preocupado um pouco com o fato de que a área atingida pelos lança-chamas tivesse se tornado um horrível depósito de Nadicas mortos, mas não havia corpos, tampouco manchas de sangue no chão. Apenas uma camada de três centímetros de cinzas finas e claras sobre a terra, levantava-se sob os pés dele à medida que avançava na direção das trincheiras.

Quando Artur calculou estar no meio do caminho, encontrou um torrão de terra solto, provavelmente onde uma bala de canhão tinha caído durante o cerco. Ele prendeu a haste no chão, colocou-se debaixo da bandeira e esperou.

Ele podia ver a frente das trincheiras muito claramente e as cabeças dos Novos Nadicas que o observavam. Até onde sabia, eles não usavam mosquetes ou outra arma para tiros a distância, mas mesmo assim sentiu um arrepio de tensão percorrer sua pele, como se de repente fosse haver um tiro ou uma flecha fosse cair do céu.

Durante um bom tempo, nada aconteceu. O sol mergulhou mais fundo no céu. Artur começou a ficar entediado, o que o surpreendeu. Os Novos Nadicas continuaram a se movimentar pelas trincheiras, carregando escadas e outros equipamentos e empurrando máquinas maiores que seriam usadas no cerco para mais longe. Mas não saíram das trincheiras para se aproximar.

Artur quase não notou quando algo começou a acontecer. O padrão de movimento dos Nadicas mudou e todo o trabalho com os grandes equipamentos parou. E o silêncio também ficou maior.

Uma figura alta saiu da primeira trincheira e caminhou na direção de Artur. Ele era alto como um Habitante e vestia um pesado sobretudo amarelo que escondia seu corpo, encimado pelo chapéu de Napoleão e uma máscara de aço. Não havia armas visíveis, mas o casaco podia esconder quase qualquer coisa e ele provavelmente levava sua gaita.

Ele andou até dois metros de Artur, parou e prestou uma meia continência superficial. Artur, sem pensar, retribuiu instintivamente com uma continência viva e ficou em posição de sentido.

— Você é cortês — disse o Tocador de Gaita.

Sua voz era leve e um tanto estranha e fez Artur se sentir como se estivesse em um sonho, sem realmente compreender o que estava acontecendo, mas também sentindo uma intensa necessidade de concordar com ele. O garoto balançou a cabeça para clareá-la e agarrou a Quarta Chave com mais força.

— Percebo que está protegido — o Tocador de Gaita declarou. Sua voz parecia a mesma, mas não exerceu o mesmo efeito. — Suponho que era de se esperar.

— Por que está aqui? — Artur perguntou sério. Depois do tom melodioso do Tocador de Gaita, a voz do garoto soava como o grasnado de um corvo. — Quer dizer, por que está atacando o nosso exército?

— Vamos nos apresentar primeiro — retrucou o Tocador de Gaita. — Embora já tenham me dito quem você alega ser. Eu me chamo Tocador de Gaita e sou o filho da Arquiteta e do Velho. Eu sou o Legítimo Herdeiro da Casa.





Capítulo 28

— Ah — murmurou Artur. — Ahn, isso é meio... complicado. Veja bem, eu sou Artur Penhaligon e, embora não queira, sou o Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas, Duque do Mar Fronteiriço e Comandante-Chefe e Senhor do Grande Labirinto. E tudo porque o Testamento de sua mãe, da Arquiteta, me escolheu para ser o Legítimo Herdeiro.

— O Testamento o escolheu porque eu não estava disponível na época — o Tocador de Gaita replicou. — Isso é lamentável, mas pode ser facilmente corrigido.

— Certo — respondeu Artur. — Onde você estava?

— Eu estava em Nada — contou o Tocador de Gaita com amargura na voz. — Onde fui jogado por meu irmão traidor, lorde Domingo, setecentos anos atrás.

— Em Nada? Você não deveria ter sido...

— Dissolvido? — completou o Tocador de Gaita. — Muito pouco de minha carne física permanece debaixo deste casaco e desta máscara. Mas sou o filho da Arquiteta. Mesmo enquanto o Nada consumia minha carne e meus ossos, eu moldava o Nada. Construí um lugar para mim, um pequeno mundo onde pude me recuperar e ali fiquei durante os primeiros cem anos, recobrando minhas forças. No meu segundo século, aumentei o pequeno mundo. Criei servos para me atender e comecei a criar ligações com a Casa. No terceiro século, comecei a formar um exército, não de Nadicas irracionais, mas com os meus Novos Nadicas. Melhores do que os feitos por minha mãe. Mais parecidos com mortais. Mais espertos e capazes de mudar. Mais dispostos a manter o sonho de meu pai. No quarto século, fiz o espigão e, no quinto, comecei a planejar como entrar novamente na Casa pelo Grande Labirinto...

Ele parou e respirou fundo.

— Só que não estamos aqui para falar do meu passado, mas do meu futuro. Só recentemente acreditei que a parte que me cabe do Testamento de minha mãe tinha sido libertada, Artur, quando meus ratos confirmaram as notícias.

Mas não estou insatisfeito com o seu progresso. Você precisa apenas entregar as Chaves para mim e vou continuar a campanha contra meu irmão traidor e seu laçao Sábado. Você poderá voltar para o seu mundo nos Reinos Secundários e viver a vida que deveria ter tido, como acredito que quer fazer.

Artur abriu a boca e a fechou em seguida. Ele não sabia o que dizer ou pensar. Ele estava recebendo a possibilidade de se libertar das aterradoras e terríveis responsabilidades que tinham sido jogadas sobre ele.

— Não é tão simples assim — sussurrou uma voz perto do cotovelo dele.

— E o que, diga-me, por favor, você tem a ver com isso? — o Tocador de Gaita perguntou, inclinando-se de modo que sua máscara de metal ficasse perto da cabeça da serpente o bastante para que pudesse ver as linhas de letras que giravam a fim de criar a ilusão de pele de cobra.

— Eu sou a Parte 4 do Testamento da Arquiteta, como sabe muito bem — disse a cobra. — E Artur é o Legítimo Herdeiro. Ele não pode simplesmente lhe dar as Chaves porque você não é o Legítimo Herdeiro.

— Sou o Herdeiro por direito de sangue e hereditariedade!

— Se isso fosse tudo o que importa, *Domingo* seria o herdeiro — afirmou o Testamento. — Ele é o mais velho.

— Provei que sou o sucessor — o Tocador de Gaita afirmou. Ele estendeu os braços para abranger todo o exército de Novos Nadicas. — Vejam o que criei a partir do Nada!

— Muito impressionante, mas não faz diferença — tornou a cobra. — Artur é o Legítimo Herdeiro. Agora que ele tem a Quarta Chave e é o Comandante-Chefe, você não está se rebelando contra o traidor Domingo, mas contra a legítima autoridade da Casa. O que o transforma em um traidor também. Não que a sua lealdade alguma vez tivesse sido tão clara quanto se poderia desejar.

— O tom que está usando é mais do que conhecido — retrucou o Tocador. Ele não parecia zangado, mas confuso. — Quem é você para questionar minha lealdade?

— Você é filho tanto de seu pai quanto de sua mãe — respondeu a serpente. Ela se desenrodilhou e se esticou acima da cabeça de Artur. — Você nunca procurou libertar o Testamento até discutir com seu irmão recentemente, conforme o tempo da Casa. Estou errado em pensar que Domingo o jogou no Nada porque você tentou mais uma vez libertar o Velho contra a vontade dele?

— Isso não é importante — disse o Tocador de Gaita. — Artur, ou você me dá as Chaves, a começar com a Quarta que está com você agora, ou vou tomá-las de você ou de quem as estiver guardando.

— O que você vai fazer depois... *se* as conseguir? — Artur indagou.

— Vou governar a Casa.

— Quer dizer, você vai deixar tudo em boas condições, restabelecer a ordem a fim de que a Casa simplesmente observe e preserve os Reinos Secundários e não interfira?

— Não é interferência cuidar de algo que se desviou do curso — o Tocador de Gaita justificou. — Minha mãe ficou confusa nessa questão. Na verdade, ela não queria que outros se intrometessem no que tinha feito, mas ela “interferia” nos Reinos se assim decidisse. E eu farei o mesmo.

Artur balançou a cabeça.

— Você não se importa com a vida que existe lá, se importa? A de todos os mortais. Nós somos apenas o produto final do grande experimento da Arquiteta.

— Não — o Tocador de Gaita respondeu. — Isso se aplica ao meu irmão Domingo, mas não a mim. Amo os mortais, as crianças que eu trouxe para fazer da Casa um lugar mais interessante e os ratos que atuam como meus espiões. Tentei de tudo para fazer meus Novos Habitantes parecidos com eles. Talvez meus resultados tivessem sido bons demais, pois eles preferem trabalhar no campo e fazer coisas, apesar de serem excelentes soldados e desejarem me servir bem. Agora, já falamos bastante. O que decide, Artur? Devo lhe dizer que, se você recusar minha oferta generosa, vamos atacar assim que deixarmos este campo coberto de cinzas.

— O que aconteceu com as crianças que estavam comigo no ataque ao espigão? — Artur quis saber.

— Duas foram assassinadas pelo Furioso Quinta-Feira, embora eu tivesse tentado salvá-las. As outras trabalham para mim agora, como é certo e apropriado.

— De livre e espontânea vontade?

— Elas existem para me servir — o Tocador de Gaita replicou. — É a razão de viver delas.

Artur olhou para o bastão em sua mão. Ele sentia o poder da Quarta Chave como uma vibração baixa e constante e uma deliciosa sensação de calor em sua pele.

“Será que estou ficando viciado nas Chaves? ”, ele pensou. “Será que estou cometendo um erro realmente grande? Um erro de consequências incalculáveis para todos os seres vivos aqui na Casa e para todos os bilhões de humanos, alienígenas e sabe-se o que mais nos Reinos Secundários...”

— Eu ficaria feliz em trabalhar com você contra lorde Domingo — Artur declarou devagar. — E tenho certeza de que poderíamos dar ao seu exército parte do Grande Labirinto para ser cultivado. Existem até mesmo vilas já construídas para eles morarem. Mas não posso lhe dar as Chaves. Goste ou não, sou o Legítimo Herdeiro e acho que devo continuar a tentar colocar tudo em ordem. Deixar que o universo continue a existir por si mesmo, sem... sem sua gentil... sem você brincar com as nossas vidas.

— Então é isso — o Tocador de Gaita retrucou. — Vou tocar no seu funeral, Artur. Você não merece menos, por toda a sua falta de sabedoria. E receio que não demore, pois a Cidadela não vai suportar muito tempo o poder que trago...

Artur nunca soube bem o que aconteceu em seguida. Ou o Testamento cuspiu veneno na abertura da boca da máscara do Tocador de Gaita, ou atacou sua boca tão rapidamente que sua passagem pareceu como um jato de veneno.

Fosse o que fosse, o Tocador de Gaita cambaleou para trás e soltou um grito de dor e raiva que queimou no interior dos ouvidos de Artur, mesmo depois de conseguir colocar as mãos na cabeça. O garoto se virou e disparou de volta para o bastião. Atrás dele, os grandes timbales do inimigo iniciaram um toque ritmado de alarme e dezenas de milhares de Novos Nadicas gritaram furiosos pela traição do inimigo, um ruído que era algo como trovão e muito mais assustador.

Artur pulou a porta falsa e entrou. Assim que passou, ela foi trancada com seis enormes ferrolhos e, depois que ele avançou mais alguns metros na passagem, uma enorme pedra foi jogada contra ela e presa ao chão.

— Eu lhe disse para não fazer nada! — Artur gritou para o Testamento, que tinha se enrodilhado em seu braço de cabeça baixa. — Foi um gesto desonroso e estúpido. Os Novos Nadicas vão ficar loucos de raiva.

— Você me disse que não picasse ninguém com meu veneno — o Testamento replicou. — Não fiz isso. Era um ácido. Infelizmente, o Tocador de Gaita só vai ficar incapacitado por cerca de um dia, na melhor das hipóteses. Se eu atingi a boca dele. Se ele ainda tiver uma boca.

Um barulho de passos e armaduras anunciou a chegada do marechal Anoitecer e seu séquito.

— O que aconteceu, senhor Artur? — Anoitecer indagou. — Não vimos bem, mas o ataque começou!

— O Testamento cuspiu ácido no Tocador de Gaita — Artur contou com amargura. — Por algum motivo desonroso que só ele conhece.

— O Tocador de Gaita é um traidor do Legítimo Herdeiro — a cobra disse. — E um inimigo muito poderoso que agora não vai se colocar contra nós por um dia ou mais. Além disso, a negociação tinha terminado.

— Saia do meu braço — Artur ordenou com frieza. — E suma da minha vista.

— Como desejar — o Testamento respondeu. Ele deslizou do braço de Artur e atravessou sinuosamente o chão, desaparecendo em uma fenda entre as pedras.

— Chegou alguma ajuda da Casa Inferior? — Artur quis saber quando foi levado de volta pelas defesas externas. Mesmo através das muitas grossas paredes de pedra que os separavam do inimigo, ele ouvia os tambores e os gritos.

— Ainda não, senhor — marechal Anoitecer respondeu. — De onde vai dirigir a batalha, Senhor Artur? Eu sugiro o Forte Estrela.

— Não — Artur falou. — Algum lugar na segunda linha de bastiões, onde vou poder estar mais perto do que está acontecendo.

— O bastião central do oeste é o mais alto na segunda linha — Anoitecer informou. — Geralmente é muito barulhento e coberto de fumaça, pois há dois canhões montados ali. Mas sem pó-de-nada...

— Sim, eu sei — Artur falou. — Aquele telefone funciona aqui?

— Acho que funciona em qualquer lugar do Labirinto — Anoitecer declarou quando saíram no ar fresco sobre uma passarela que ligava dois dos bastiões da segunda linha. — Contanto que a manivela seja girada na velocidade correta. Felizmente o capitão Drury é um especialista.

— Vou ligar novamente para a Primeira Dama e apressar...

Suas palavras foram perdidas em uma colossal explosão e em um forte deslocamento de ar, um tremor debaixo dos pés sacudiu a passarela e fez vários oficiais perder o equilíbrio.

— O que foi isso? — Artur perguntou.

— Uma mina — Anoitecer respondeu sombrio.

Ele olhou para trás para a linha externa de bastiões. O bastião a sudeste não estava mais visível, escondido sob uma nuvem de poeira e fumaça que subia em espiral a várias dezenas de metros e também se espalhava horizontalmente.

— Eles devem ter aberto um túnel nos últimos dias... e eles têm pó-de-nada.

Além da nuvem gigantesca e escura, o som dos tambores aumentou em ritmo e volume.

— Eles estão atacando pela abertura! — Anoitecer constatou. — Precisamos correr.

Ele correu pelo caminho seguido de perto por Artur. A nuvem de fumaça e poeira rapidamente os envolveu, escondendo-os em sua massa sufocante quando foram recebidos na segunda linha de defesa.

Atrás deles, os bastiões que sobreviveram na primeira linha desceram suas pontes, fecharam todas as portas e portões de ligação e se prepararam para a investida violenta de 75 mil soldados Novos Nadicas.





Capítulo 29

— Ninguém atende, senhor — disse a Telefonista. — Não conseguimos falar com ninguém na Sala de Estar da Casa Inferior.

Artur devolveu o telefone ao capitão Drury e balançou a cabeça.

— Não atendem! Não entendo o que está acontecendo. Deveria haver alguém lá. E a ajuda já deveria ter chegado aqui!

O marechal Anoitecer não disse nada. Naquele momento, eles se encontravam na terceira linha do bastião centro-oeste. Ainda havia bastiões firmes na primeira e na segunda linhas, mas as defesas tinham sido rompidas em vários lugares, tudo no espaço de uma hora.

— A situação vai piorar à noite? — Artur perguntou com um olhar para o sol que se punha. — Ou melhorar?

— Receio que não faça diferença — Anoitecer respondeu. — A Lua vai estar brilhante e há muitas fogueiras para iluminar o caminho deles.

Havia várias fogueiras queimando abaixo deles. Os Novos Nadicas tinham trazido uma nova arma, um tubo que espirrava um jato forte de algo parecido com um lava-fogo superconcentrado. Eles tinham usado essa “lança incandescente”, como foi rapidamente apelidada, para romper as grossas pedras dos muros e também portões. A terceira linha de defesa não tinha caído até aquele momento porque, aparentemente, o inimigo tinha gasto todo o suprimento desses tubos, que podiam ser usados apenas uma vez.

— O mensageiro voltou do Forte Estrela? — Artur perguntou.

— Não, senhor — respondeu um dos oficiais.

A cabeça dele estava envolta em ataduras, resultado da última tentativa de escalada contra o bastião central por parte dos Nadicas.

As escadas pareciam curtas demais até o último momento, mas, quando foram encostadas ao muro, um mecanismo ampliou as duas extremidades por vários metros. Artur também lutou para repelir o ataque no que foram minutos intensos e terríveis, em que os Novos Nadicas pareciam cair por sobre os muros como água.

Os soldados de Artur tinham contido o ataque, mas os Novos Nadicas estavam se aglomerando lá embaixo mais uma vez. Eles vinham aos milhares, enchendo todos os espaços entre as linhas de defesa, agora seguras porque os defensores tinham ficado sem lava-fogo, e até conseguiam facilmente entulho para jogar neles.

— Eles estão se reunindo! — Anoitecer advertiu. — Preparem-se!

Sua ordem foi transmitida para todos os muros do bastião e por todos os lados do forte, ouvida e repetida por oficiais e ONCs.

— É melhor ir para o Forte Estrela agora, senhor — disse Anoitecer. Ele falou em voz muito baixa perto do ouvido de Artur. — Acho que não vamos contê-los desta vez.

— Eu não vou — Artur retrucou. Ele olhou para o anel de crocodilo no dedo e pensou em sua casa e na família. Todos pareciam muito distantes e inatingíveis. Ele nem conseguia mais se lembrar de seus rostos ou vozes com facilidade. — Vou usar a Chave contra eles. Vamos vencer.

Ele ergueu o bastão que captou os últimos raios de sol, transformando-se não na espada desajeitada do Furioso Quinta-Feira, mas sim em um florete fino e afiado, como uma agulha que recebeu a luz do sol e a refletiu de volta em um lampejo de raios que iluminaram todos os bastiões com um brilho forte que atravessou a fumaça e a poeira.

— O Exército e o senhor Artur! — gritou Anoitecer. Mais uma vez, seu grito foi ouvido em todos os bastiões, apenas mais alto e sincero desta vez.

— Senhor Artur! Senhor Artur!

Os Habitantes abaixo respondiam com tambores e gritos. Uma fileira depois da outra começou a marchar na direção dos bastiões, todos cobertos com escadas, cordões com ganchos e potes de fogo para serem jogados sobre o inimigo.

— Senhor Artur!

Não era um grito de guerra. O capitão Drury estava puxando o cotovelo de Artur, mas não estava segurando o telefone. Ele estava apontando para o extremo oeste onde o disco do sol tinha finalmente desaparecido, embora um pouco de luz ainda permanecesse no alto do céu.

— Senhor! Olhe!

Artur piscou repetidas vezes. Por causa da fumaça em movimento e da luz fraca do crepúsculo, no início ele não conseguiu enxergar o que Anoitecer

estava apontando. Então ele viu. O horizonte tinha mudado. Havia uma cadeia de montanhas imediatamente a oeste, talvez a cinco quilômetros de distância.

Vivas se ergueram em meio aos gritos de “Senhor Artur”, os vivos entusiasmados da esperança imprevista.

— O espigão — disse o marechal Anoitecer. — O Furioso Quinta-Feira mentiu. Ele o *destruiu*.

— Não — Artur retrucou. — Acho que talvez tenha sido eu... Eu joguei um bolso enfeitiçado nele.

— Um o quê?

— Deixe para lá — Artur replicou.

Por um momento, ele saboreou uma intensa sensação de alívio. O bolso tinha sido destruído e, com ele, o Garoto sem Pele. Sua família estava em segurança. Mas o alívio foi muito breve. Artur olhou pela canhoneira e, embora não tivesse tido muita esperança, não ficou surpreso ao ver que os Novos Nadicas, apesar de ter perdido alguns reforços devido à estratégia tectônica quando os ladrilhos se moveram, não estavam perturbados.

“Eu me pergunto o que posso fazer com a Chave”, Artur pensou enquanto olhava para a sólida onda de Novos Nadicas. “Acho que posso usá-la para me tornar mais forte, mais rápido e resistente do que qualquer Nadica ou habitante. Mas eles são tantos que, no final, não vai fazer diferença. Eles simplesmente continuam vindo... é como estar em meio a um desastre da natureza. Simplesmente não há nada que se possa fazer... e esses Novos Nadicas apenas querem ser fazendeiros... isso é tudo muito louco...”

De repente, alguém puxou Artur para trás do merlão.

— Desculpe-me — disse uma voz conhecida, seguida logo depois pela visão de um barril voando sobre as ameias, dois estopins acesos espalhando faíscas enquanto passavam. Alguns segundos mais tarde, houve uma grande explosão perto da base do muro.

— Uma bomba — constatou Sol Quente, Meio-Dia de Quarta-Feira, com um sorriso largo. — A maior que conseguimos fazer. E têm muitas outras de onde esta veio.

— Sol Quente! — Artur exclamou. — Você veio!

— Vim, sim, eu e mais alguns outros — Sol Quente respondeu.

Artur se levantou quando mais explosões ressoaram além dos muros. De repente, o bastião ficou tomado por Habitantes. Havia marinheiros de casacos azuis acendendo estopins em barris de pó-de-nada e atirando-os com

morteiros de madeira que tinham instalado nos fundos. Havia Sargentos Comissionários e Comissionários de Metal se reunindo em fileiras ao lado dos soldados. Visitantes da Meia-Noite voavam acima deles, disparando longos dardos de metal sobre os Novos Nadicas.

Uma multidão de artilheiros de casaco de couro passava correndo, empurrando carrinhos de mão com pequenos barris de pólvora e pilhas de caixas de balas de metralhadora, discutindo o quanto poderiam abaixar os canhões do bastião, entusiasmados por poderem usar suas armas novamente.

— A Primeira Dama está se preparando para atacar embaixo Sol Quente avisou. — Ela vai usar as Chaves e está com os Habitantes superiores de Segunda-Feira, Crepúsculo de Quarta-Feira, o velho Scamandros e todos os que pudemos trazer que já lutaram contra um Nadica ou, pelo menos, disseram que lutaram. São cerca de cinco mil no total, embora eles ainda estejam chegando.

Sol Quente fez uma pausa para olhar sobre o muro.

— Esse grupo não se parece muito com Nadicas para mim.

— Eles são Novos Nadicas — Artur contou. — Quase Habitantes

— Você não parece muito feliz, Artur. Quer dizer, lorde Artur.

— Chame-me de Artur — o garoto pediu. Ele olhou para a espada que tinha na mão e ela lentamente voltou a ser um bastão, que o garoto guardou no cinto. Em seguida, ele se levantou e olhou pela canhoneira.

Organizados, os Novos Nadicas estavam batendo em retirada. Embora a Primeira Dama ainda não tivesse atacado, ela tinha saído pela porta falsa com suas tropas heterogêneas abrindo-se em leque atrás dela.

Não foi a presença dos seguidores da Primeira Dama que fez os Nadicas se retirarem, mas a própria. Com 2,40 metros de altura e vestida com um sobretudo de cores e corte surpreendentemente parecidos com o do Tocador de Gaita, ela estava envolta em um nimbo de faíscas rodopiantes azuis e verdes que atacavam os Nadicas em intervalos de poucos segundos a até 20 metros de distância. E isso acontecia apenas enquanto ela ficava parada, imóvel. Quando ela erguia os punhos munidos com a Segunda Chave e os batia um contra o outro, todo um grupo de pelo menos cem Nadicas era repentinamente levantado no ar e esmagado contra o muro do bastião da segunda linha mais próxima.

Pela primeira vez, Artur viu o que realmente significava manejar as Chaves. Ele gritou quando a Primeira Dama pegou o tridente da Terceira Chave do

cinto e o agitou negligentemente, todo o fluído dos corpos de várias centenas de Nadicas deixando-os num espirro assustador e caindo sobre um caminho em chamas nas proximidades, quase extinguindo o fogo.

— Deixe-os bater em retirada! — gritou Artur. — Deixe-os ir!

Ninguém conseguia ouvi-lo. Até mesmo Sol Quente, apenas a alguns metros de distância, estava ocupado gritando às equipes nos morteiros, ordenando-lhes que atirassem mais longe.

Artur tirou o bastão da Quarta Chave do cinto e o levantou.

— Aumente minha voz — ele disse. — E jogue luz sobre o campo.

O bastão cumpriu a segunda ordem em primeiro lugar. Ele simplesmente se iluminou, e em segundos a recém-nascida Lua ficou brilhante o bastante para criar sombra.

— Deixe que os Novos Nadicas recuem para as trincheiras! — Artur disse no tom de voz normal. Mas, quando as palavras deixaram sua boca, elas se tornaram muito mais altas, até mais do que a explosão dos morteiros e dos canhões. — Cesse fogo e os deixe ir!

Sua voz era tão alta que a nova cadeia de montanhas que tinha chegado com o pôr do sol devolveu o seu eco.

— Ir... ir... ir... ir...

A Lua brilhante escureceu e houve um silêncio repentino.

— Eles estão partindo — disse o marechal Anoitecer com alívio na voz. — Será que eles vão voltar?

— Tudo depende do Tocador de Gaita — disse Artur com a voz grave e lenta por causa da enorme exaustão. — Mas, com a presença da Primeira Dama e a minha, todas as quatro Chaves e as novas tropas... acho que ele vai querer ficar em paz ou recuar para o lugar de onde veio e se preparar para outro ataque.

— Mas com os ladrilhos se movendo...

— Ele tem uma Efeméride — Artur contou. — Eu vi a ponta aparecendo no bolso do sobretudo. E não estamos em condições de persegui-lo, estamos?

Transformando palavras em ação, Artur escorregou para baixo com as costas contra as ameias. Muitos seguiram seu exemplo, enquanto o marechal Anoitecer permaneceu em pé, e Sol Quente se ocupava em mandar as equipes responsáveis pelos morteiros recolher e limpar os grandes barris de madeira.

— Apenas um momento de paz — Artur murmurou. — Antes que a Primeira Dama chegue até aqui. Apenas um momento de paz, é tudo o que

quero...

Sua voz diminuiu e sua cabeça tombou para a frente, dominada pelo sono.

Em seu dedo, o anel de crocodilo cintilava na luz da Lua.

Naquele momento, ele era metade de puro ouro.





Capítulo 30

Folha acordou sufocada, em pânico. Antes que pudesse descobrir onde se encontrava e por que estava sufocando, um jato de líquido transparente espirrou do nariz dela para dentro de um balde que estava diante dela enquanto alguém lhe sustentava a cabeça.

— Não se mexa — recomendou uma voz feminina e calma. — Isso vai levar uns cinco minutos.

— Argh, eca, aii — Folha cuspiu enquanto o líquido continuava a vir, escorrendo rápido o bastante para que parte dele voltasse pela garganta. Era isso o que a fazia tossir.

— Você acabou de acordar da sedação — a voz continuou. — Esse líquido transparente é a mistura de um agente que usamos para expulsar um... bem, um fungo estranho de dentro de você. Assim que ele sair, você vai ficar bem.

— Arh, isho é tchão horrígle — Folha murmurou com dificuldade. Ela se sentia fraca, trêmula, muito atordoada e suas cavidades nasais realmente doíam. Ela se encontrava em uma cama, isso era evidente, mas o teto era verde e muito baixo, meio afundado e havia paredes de plástico por todos os lados.

Ela virou a cabeça e viu que era uma enfermeira que segurava sua cabeça e o balde. Uma enfermeira em um traje de biossegurança, com o rosto indefinido atrás de um visor duplo.

— Você está em um hospital de campanha instalado no oval do que eu imagino ser sua escola — a enfermeira explicou. — Vai ficar tudo bem.

— Quanto tempo eshto qui?

— Quanto tempo você está aqui?

Folha assentiu.

— Acho que faz uma semana. Tem sido uma correria, mas agora está tudo entrando nos eixos. Pelo menos eles pegaram os terroristas que estavam espalhando essa coisa.

— Xoquê?

— Bem, não pegaram, exatamente, já que foram todos mortos durante o ataque ao quartel-general deles.

Folha balançou a cabeça, sem acreditar, até que o movimento foi impedido pela mão firme da mulher

— Por favor, não faça isso. Fique com o tubo no lugar.

“Uma semana”, ela pensou surpresa. “Fiquei sedada por uma semana. Mas Suzy deve ter levado o bolso para Artur ou eu não estaria aqui...”

— Com shan meus pais?

— Como estão seus pais?

Folha queria dizer “Onde estão meus pais?”, mas concordou mesmo assim, atenta para não impedir a cascata de líquido.

— Vou ter que verificar. É claro que aqui não se pode receber visitas. Acho que eles estão em casa, imagino eu.

— Els tavam no Hopital Ona Este.

— Eles estavam no Hospital da Zona Leste?

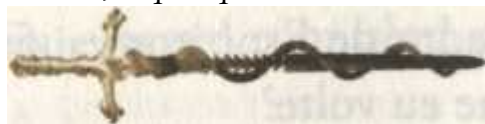
Folha assentiu devagar.

— Vou pedir que o médico verifique para você — a enfermeira disse com cuidado. — Tenho certeza de que eles estão bem, mas houve várias vítimas na Zona Leste. Depois da queda do helicóptero e da tentativa de fuga, o Exército... a maioria das pessoas do interior... a maioria estava bem.

— Que dia é oze? — Folha indagou, com duas lágrimas escorrendo por seu rosto para dentro do balde.

— Que dia é hoje? Sexta-Feira, querida. Sexta-Feira de manhã. Ah, ali está a médica entrando, ela vai querer examiná-la. Sabe, o engraçado é que o nome dela é Sexta-Feira, também, e ela só trabalha nesse dia! Doutora Sexta-Feira, imagine só! Nós a chamamos de Madame Sexta-Feira nos corredores, porque ela é muito... muito maravilhosa e refinada...

Ah, fique quieta!



E no primeiro dia, havia mistério.

No segundo dia, havia escuridão.

No terceiro dia, havia piratas.

No quarto dia, havia guerra.